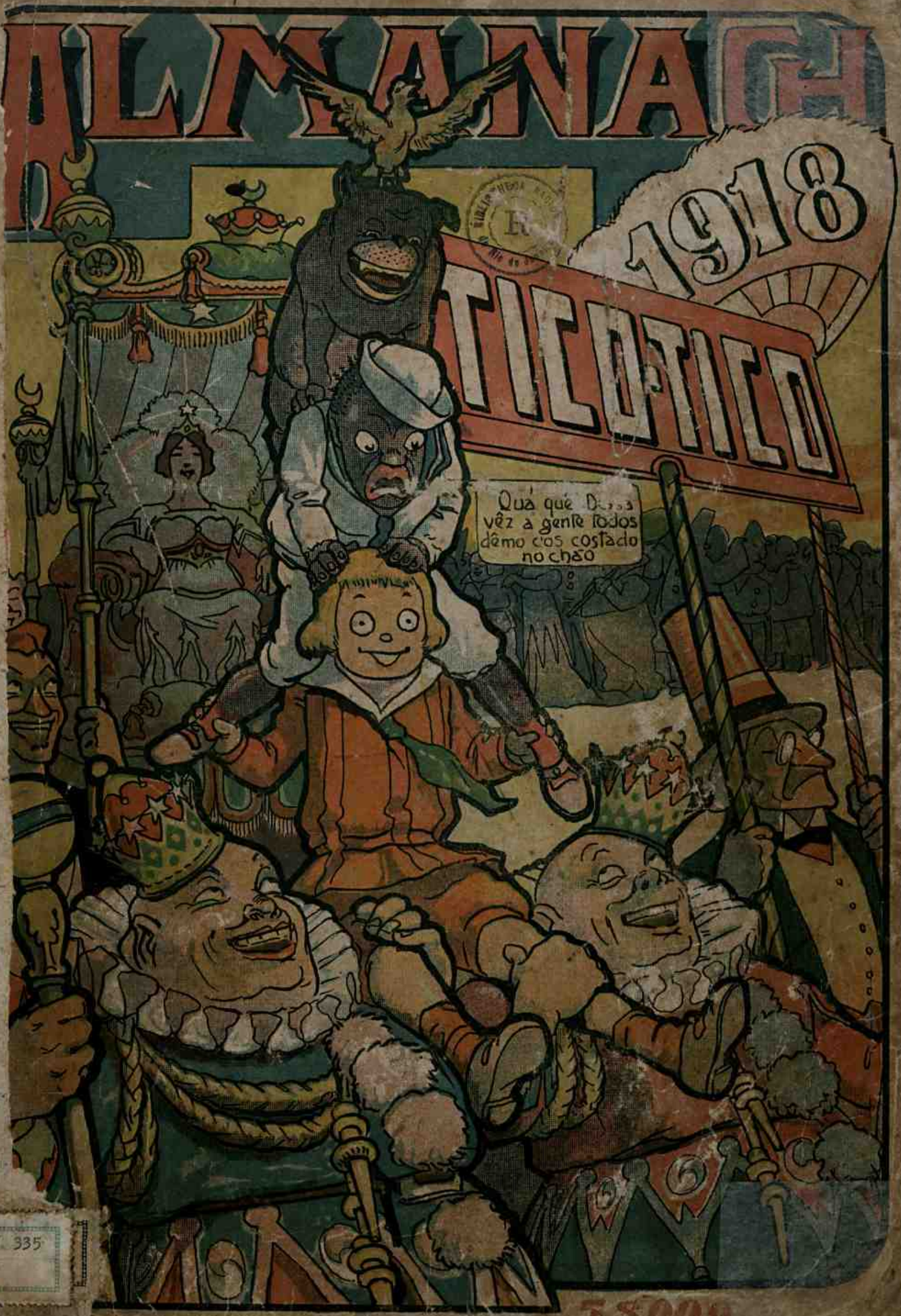

ALMANACH
1918
TICO-TICO
Quá qué D...
vêz a gente todos
dêmo dos costado
no chão

IV. 335
1

BIBLIOTHECA NACIONAL
R
Rio de Janeiro

Almanach d'«O TICO-TICO»

PARA

1918

A Torre Eiffel

97, RUA DO OUVIDOR, 99

38, Rua Sachet, 38

RIO DE JANEIRO

Roupas para meninos de todas as idades

Vestuarios

Roupas

brancas

Chapéus

Gorros

Bonets

Não comprem roupas para meninos sem visitar os armazens da

Torre Eiffel

e comparar os preços e as qualidades

O Contratosse

dá um PREMIO a quem der a melhor decifração da gravura e de todo este annuncio. E' um cheque de 500$000 para o Banco N. Ultramarino, o qual será exposto opportunamente ao publico. As decifrações virão para a Rua Frei Caneca, 153 -- Rio de Janeiro. Attendendo a pedidos do interior este concurso será definitivamente encerrado em 31 de Março de 1918.

Lutou, mas foi vencida. Gloria ao Vencedor!...

Não acceiteis outro: **O CONTRATOSSE**

CURA qualquer tosse
CURA Bronchites chronicas
CURA as pessoas fracas do peito
CURA a Coqueluche ao cabo de 1 a 2 semanas de uso persistente
CURA Dores no peito e nas costas
CURA constipações com 1 a 2 vidros
CURA affecções broncho-pulmonares tomando-o regularmente
CURA Rouquidões e aclara a voz
CURA Insomnias
CURA Inflamações da garganta, etc.

EFFICACISSIMO na Tuberculose e hemoptises, usando-o convenientemente

O autor do CONTRATOSSE recebeu em pouco tempo 282 attestados de pessôas de todas as camadas sociaes. Aqui vão mais 2. Lede-os

Recebemos este significativo attestado do desembargador e actual deputado federal, pelo Pará, Sr. Dr. Hosanah de Oliveira:

Exmo. Sr.—Não quero deixar de agradecer a V. Ex. a cura quasi miraculosa, que operou com o seu admiravel "CONTRATOSSE" em minha pessoa. Atacado de uma violenta bronchite, bastou-me um vidro do remedio para ver-me inteiramente curado, sentindo allivio desde as primeiras colheres. Si me fosse possivel eu recommendaria a todas as pessoas atacadas de tosse que experimentassem uma vez ao menos o "CONTRATOSSE" e estou certo, que não quereriam nunca mais outro. Obrigado pela cura.

Rio, 20 de Setembro de 1917. Rua Bambina, 59 -- Att. Vndr. e Obgd. *Hosanah de Oliveira*, Deputado Federal.

O illustre tenente Lafayette Tavares, intrepido alumno de aviação, do Aero-Club Brazileiro, dirige-se a nos nos termos que se seguem.

Presado Sr.—Com immenso prazer venho dizer-lhe que estou extraordinariamente agradecido pelo beneficio que me vem de prestar. Aquella tosse e a dor nas costas, de que tanto lhe tenho fallado, que ultimamente tanto me perseguiam, desappareceram como por encanto ante a efficacia do seu humanitario preparado, que, francamente, me deixou maravilhado. Por este motivo envio-lhe as minhas mais sinceras felicitações pela esplendida fórmula que soube condensar no seu agradavel "CONTRATOSSE" — *Lafayete Tavares.*—A' venda em todas as pharmacias e drogarias.

Depositos em todas as drogarias e á venda em todas as pharmacias do Brazil --- Preço 2$500

Depositos Centraes: Drogaria Hubor--R. 7 de Setembro, 61 e no Laborato rio do CONTRATOSSE -- R. Frei Caneca, 153--Rio de Janeiro

Calçados de todas as qualidades a preços populares, para Homens, Senhoras e Creanças

Casa Lord
MARCA REGISTRADA

Esta casa attende a pedidos pelo correio

Tel. C. 1799

Calçado especial para collegiaes

Rua da Carioca, 30

DROGARIA E PHARMACIA HOMŒOPATHA

COELHO BARBOSA & C.

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

RUA DA QUITANDA, 106--RUA DOS OURIVES, 38

RIO DE JANEIRO

MORRHUINA Oleo de figado de bacalhau em homœopathia. — Sem gosto, sem cheiro e sem dieta

Curasthma Cura as bronchites asthmaticas e asthma, por mais antiga que seja.

Flouresina Remedio heroico para flores brancas, cura certa e radical.

Variolino Preservativo contra as bexigas.

Homœobromium (Tonico reconstituinte homœopatha) para debilidade, fastio, falta de crescimento

Chenopodium *Anthelminticum*. Para expellir os vermes das creanças sem causar irritação intestina.

Cura-febre Substitue o sulphato de quinino em qualquer febre.

Capillol Impede a queda do cabello, fazendo desapparecer a caspa.

ESPECIFICO CONTRA A COQUELUCHE

Parturina Medicamento desunado a accelerar, sem inconvenientes, e portanto sem perigo o trabalho do parto.

Liga-osso Poderoso remedio que liga immediatamente os córtes e estanca as hemorrhagias.

Palustrina Contra impaludismo, prisão de ventre, molestias do figado e insomnias.

Venusinium Heroico remedio destinado a curar as manifestações syphiliticas.

Essencia odontalgica Remedio instantaneo contra a dor de dentes.

Arsenobenzol "606" Especifico contra syphilis preparado homœopathicamente.

Dyspeptinum Efficaz na dyspepsia, perturbações do estomago, azia, sonnolencia e tonteira.

Possue este antigo estabelecimento o sortimento completo de todos os medicamentos homœopathicos, mesmo os modernamente empregados e que lhes são fornecidos por casas as mais importantes da Europa e da America do Norte.

BALSAMO APPARECIDA

O *Balsamo Apparecida*, medicamento inoffensivo e de facil applicação, reunindo em sua composição exclusivamente vegetal, elementos de comprovada acção curativa no tratamento das molestias pulmonares, sedativa e analgesica nas nevralgias e no rheumatismo, hemostatico e cicatrisante nas cortaduras (golpes), queimaduras, frieiras e ulceras antigas e recentes, tem sobre os seus similares a dupla vantagem -- a de ser administrado interna e externamente.

O *Balsamo Apparecida* não deverá faltar em nenhuma casa, officina, collegio, fazenda ou sitio, pois a todo o momento e ao menor descuido, é muito natural uma pessoa se cortar, facil de se queimar ou cahir, commum mesmo apanhar-se um resfriado que por sua vez podera desdobrar-se em fortes accessos de asthma e de tosse pelo lado pulmonar, e em dôres nevralgicas e rheumaticas pelo lado das articulações.

Portanto, é de todo util (e não occupa logar) ter sempre a um canto e a mão, um vidrinho d'este milagroso *Balsamo*, cujos effeitos são tão maravilhosos, que nos leva a crer que elle tem, de facto, sobre si, além das virtudes curativas de seus elementos componentes, a protecção da Santa de que tirou o Nome.

O uso do *Balsamo Apparecida*, é util no tratamento das seguintes molestias: *Asthma, Emphyzema pulmonar, Bronchites agudas e chronicas, e Tosses rebeldes.*

EXTERNAMENTE — Como hemostatico nas: Cortaduras ou golpes — Como seccativo nas: Frieiras, darthros humidos e Erysipelas — Como cicatrizante nas Ulceras de toda especie e chagas antigas — Como sedativo e analgesico no: Rheumatismo, Pontadas no peito, Dores sciaticas e Nevralgias.

MODO DE USAR — USO INTERNO: Tosses rebeldes e Asthmas: — Tomar 20 a 30 gottas em um pouco de agua, por occasião dos accessos. Para as creanças: — Dar de 10 a 15 gottas em meia colherinha de chá ou leite, 2 a 3 vezes ao dia.

USO EXTERNO: — Golpes ou cortaduras: — Applicar o *Balsamo* puro, com um pincel e na falta, uma pena de gallinha previamente desinfectada e repetir o tratamento diariamente, até completa cura.

Feridas, ulceras, etc. — Applicar diariamente, 3 vezes, uma colherinha do *Balsamo* diluida em um pouco d'agua, sobre a parte doente e ir diminuindo a quantidade d'agua até applicar o *Balsamo* puro, á medida que a ferida for cicatrizando.

N. B. — O *Balsamo* não deve ser applicado puro, nas feridas que tiverem puz. No rheumatismo, nevralgias e pontadas, friccionar o sitio dolente, 2 a 3 vezes por dia, com um pedaço de flanella molhada no Balsamo.

A' venda em todas as Pharmacias e Drogarias. Deposito: PHARMACIA e DROGARIA BASTOS

Preço, 1$500 — Pelo correio, 2$000

RUA SETE DE SETEMBRO, 99--- Rio de Janeiro (S. Paulo: Casa Baruel)

Nordskog & C.

CASA NORUEGUEZA

Fornecedora do papel para a maioria dos jornaes d'esta cidade. Recommenda o seu papel em bobinas e folhas, sendo a sua especialidade em papel para jornal, de que tem sempre grande stock

NORDSKOG & C.

50-Rua de S. Pedro-50

SOBRADO

Telephone n. 3.985---Endereço telegraphico «Nordskogs»

CAIXA DO CORREIO, 236

RIO DE JANEIRO

Casa Cirio

GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS DENTARIOS

Perfumarias e Cutelaria fina

Em nossa casa os **BEBÉS** encontram **SABONETES, TALCO, ESCOVAS PARA DENTES E DENTIFRICIOS APROPRIADOS A SUA EDADE**

Importação directa dos Estados Unidos e Europa

JULIO BERTO CIRIO

Telephone N. 3117---Norte — Caixa Postal N. 15

RUA DO OUVIDOR, 183

Endereço Teleg. CIRIO — *RIO DE JANEIRO*

E' de todos sabido!

As creanças, os moços e os velhos de ambos os sexos, affirmam pela voz da experiencia que o leite fornecido pela **Leiteria Palmyra** *é um producto de primeira qualidade, convenientemente, hygienisado e por excellencia nutritivo. Acceita assignaturas para entrega a domicilio.*

NÃO TEM FILIAES. 149, Rua do Ouvidor, 149---Telephone, Norte 1806.

PILULAS VIRTUOSAS

Curam em poucos dias a molestia do estomago, figado ou intestino. Estas pilulas, alem de tonicas, são indicadas nas dyspepsias, prisões de ventre, molestias do figado, bexiga, rins, nauseas, flatulencias, máu estar, etc. São um poderoso digestivo e regularizador das secreções gastro-intestinaes. A' venda em todas as pharmacias.

Deposito: Drogaria RODOLPHO HESS & C., Rua Sete de Setembro, 61. — RIO DE JANEIRO.

Vidro 1$500, pelo Correio mais 200 réis.

No palco do café concerto a linda rapariga de cabellos negros, ardentes sorrisos, olhos de fogo, braços divinos e pés adoravelmente pequenos, requebra-se ao som de uma velha guitarra tocada por um velho de mãos tremulas e cara faminta. Num desmancho de graça envolve entre rosas o lenço de seda em que espumam finissimas franjas. De repente eleva-se no ar uma canção cheia de requebros, canção que é um hymno de flôres e beijos.

Diz assim a linda copla chorando e rindo:

Louvado seja e bendito
Qem te fez tão bella assim;
Cabellos e olhos tão negros,
Labios de puro carmim!

Tens a pelle alva e rosada
— Mixto de rosa e jasmim—
Bem se vê que tu te lavas
Com Reuter, meu cherubim!

Ao brilho de teus cabellos
Egual, por Deus, nunca vi;
Usarás constantemente
Tricofero de Barry?

Mas nestes olhos tão rutilos
Que é que tu botas, Mimi?
Será sabão ou Tricofero?
Será Reuter ou Barry?

CALENDARIO PARA O ANNO DE 1918

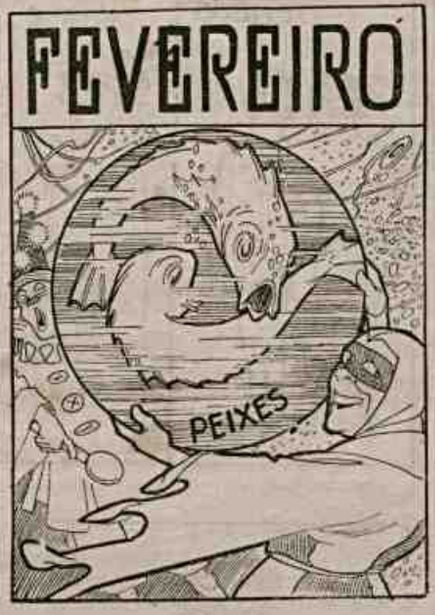
1º mez — 31 dias — Signo do Zodiaco AQUARIO

JANEIRO

1—Terça-feira — Circums. do Senhor. *Confraternidade Universal* (Festa nacional).
2—Quarta-feira — S. Isidro.
3—Quinta-feira — S. Antero.
4—Sexta-feira — S. Gregorio.
5—Sabbado — S. Simeão.
6—Domingo—Santos Reis. S. Frederico.
7—Segunda-feira — S. Theodoro.
8—Terça-feira — S. Lourenço.
9—Quarta-feira — S. Julião.
10—Quinta-feira—S. Gonçalo.
11—Sexta-feira—S. Hygino.
12—Sabbado—S. Satyro.
13—Domingo—N. S. de Jesus.
14—Segunda-feira—S. Felix de Nola.
15—Terça-feira—S. Amaro.
16—Quarta-feira—S. Marcello.
17—Quinta-feira—S. Antão.
18—Sexta-feira—S. Prisca.
19—Sabbado—S. Canuto.
20—Domingo—S. Sebastião. *Fundação da cidade do Rio de Janeiro.*
21—Segunda-feira—S. Ignez.
22—Terça-feira—S. Vicente.
23—Quarta-feira—Desp. de N. Sra.
24—Quinta-feira—N. S. da Paz.
25—Sexta-feira—Conv. de S. Paulo.
26—Sabbado—S. Polycarpo.
27—Domingo—Septuagesima. S. João Chrisostomo.
28—Segunda-feira—S. Cyrillo.
29—Terça-feira—Oração de N. S.
30—Quarta-feira—S. Martina.
31—Quinta-feira—S. Pedro Nolasco.

2º mez — 28 dias — Signo do Zodiaco PEIXES

FEVEREIRO



1—Sexta-feira—S. Brigida.
2—Sabbado—Purif. de N. Senhora.
3—Domingo—Sexagesima. S. Anatolio.
4—Segunda-feira—S. André Cord.
5—Terça-feira—Paixão de N. S.
6—Quarta-feira—Chagas de Christo.
7—Quinta-feira—S. Romualdo.
8—Sexta-feira—S. Juvencio.
9—Sabbado—S. Apollonia.
10—Domingo—Carnaval. S. Guilherme.
11—Segunda-feira—Carnaval. S. Adolpho.
12—Terça-feira—Carnaval. S. Gaudencio.
13—Quarta-feira—Cinzas.
14—Quinta-feira—S. Valentim.
15—Sexta-feira—S. Faustino.
16—Sabbado—S. Porphyrio.
17—Domingo — Quadragesima. S. Auxencio.
18—Segunda-feira—S. Theotonio.
19—Terça-feira—S. Gabino.
20—Quarta-feira—S. Leão B. C.
21—Quinta-feira—S. Severiano.
22—Sexta-feira—S. Margarida.
23—Sabbado — S. Martha.
24—Domingo—S. Pretextato. *Anniversario da assignatura da Constituição da Republica.* (Festa nacional).
25—Segunda-feira—S. Victorino.
26—Terça-feira—S. Nestor.
27—Quarta-feira—S. Julião.
28—Quinta-feira—S. Rufino.

3º mez — 31 dias — Signo do Zodiaco CARNEIRO

MARÇO

1—Sexta-feira—SS. Sudario de N. S.
2—Sabbado—S. Simplicio.
3—Domingo—S. Hemeterio.
4—Segunda-feira—S. Lucio.
5—Terça-feira— S. Theophilo.
6—Quarta-feira—S. Olegario.
7—Quinta-feira—S. Thomaz de Aquino.
8—Sexta-feira—SS. Chagas de N. S.
9—Sabbado—S. Francisca.
10—Domingo—S. Militão.
11—Segunda-feira—S. Constantino.
12—Terça-feira—S. Bernardo.
13—Quarta-feira—S. Sabino.
14—Quinta-feira—S. Mathilde.
15—Sexta-feira—S. Sangue de N. S.
16—Sabbado—S. Abrahão.
17—Domingo—S. Agricola.
18—Segunda-feira—S. Gabriel Arch.
19—Terça-feira—S. José.
20—Quarta-feira—S. Ambrosio.
21—Quinta-feira—S. Bento.
22—Sexta-feira—Sete Dôres de N. S.
23—Sabbado—S. Felix.
24—Domingo—Ramos.
25—Segunda-feira—S. Quirino.
26—Terça-feira—S. Braulio.
27—Quarta-feira—Trévas.
28—Quinta-feira—Endoenças.
29—Sexta-feira—Paixão.
30—Sabbado—Alleluia.
31—Domingo—Paschoa.

O patriotismo infantil

— Ora papae... Estamos arranjando um brinquedo tão bonito de guerra e não pudemos fazel-o.

— Porque...

— Tinhamos já posto de um lado os grupos fingindo os exercitos alliados. Mas depois...

— Que houve ?

— Não pudemos fazer nada porque ninguem quiz ser allemão...

Regina, de 2 annos e 10 mezes de edade, galante filhinha do Sr. José Alberto Pires e D. Maria Magalhães Pires. E' sobrinha da constante leitora d'"O Tico-Tico", Luzia Ferreira Pires e reside nesta capital.

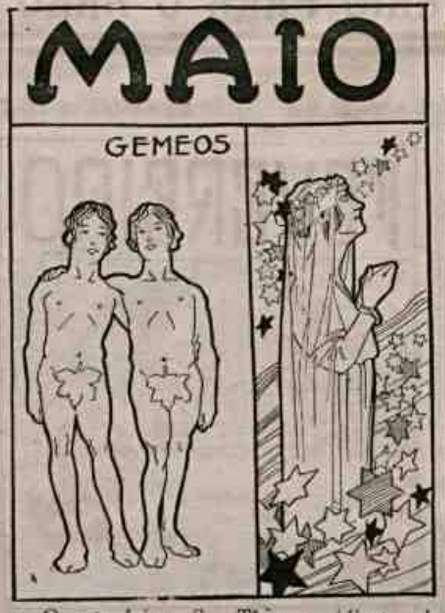
Calçados finos
Casa Lord
Tel. 1799
R. da Carioca, 30

4º mez—30 dias | Signo do Zodiaco TOURO | 5º mez - 31 dias | Signo do Zodiaco GEMEOS | 6º mez—30 dias | Signo do Zodiaco CARANGUEJO

ABRIL

1—Segunda-feira—S. Theodora.
2—Terça-feira—S. Francisco de Paula.
3—Quarta-feira—S. Ricardo.
4—Quinta-feira—S. Isidoro.
5—Sexta-feira—S. Vicente Ferrer.
6—Sabbado—S. Xisto.
7—Domingo—Paschoela.
8—Segunda-feira—Annunc. de N. S.ª
9—Terça-feira—S. Accacio.
10—Quarta-feira—S. Ezequiel.
11—Quinta-feira—S. Isaac.
12—Sexta-feira—S. Victor.
13—Sabbado—S. Hermenegildo.
14—Domingo—Bom Pastor.
15—Segunda-feira—S. Eutychio.
16—Terça-feira—S. Engracia.
17—Quarta-feira—S. Aniceto.
18—Quinta-feira—S. Galdino.
19—Sexta-feira—S. Hermogenes.
20—Sabbado—S. Ignez.
21—Domingo—S. Anselmo. *Anniversario do supplicio de Tiradentes.* (Festa nacional).
22—Segunda-feira—S. Caio.
23—Terça-feira—S. Jorge.
24—Quarta-feira—S. Honorio.
25—Quinta-feira—S. Marcos.
26—Sexta-feira—S. Cleto.
27—Sabbado—S. Tertuliano.
28—Domingo—S. Vital.
29—Segunda-feira—S. Hugo.
30—Terça-feira—S. Catharina.

MAIO



1—Quarta-feira—S. Thiago. (*Festa do Trabalho*).
2—Quinta-feira—S. Mafalda.
3—Sexta-feira—S. Alexandre. *Descobrimento do Brazil* (Festa nacional).
4—Sabbado—S. Floriano.
5—Domingo—S. Hilario.
6—Segunda-feira—S. João Damasc.
7—Terça-feira—S. Estanisláu.
8—Quarta-feira—S. Helladio.
9—Quinta-feira—Asc. do Senhor.
10—Sexta-feira—S. Job.
11—Sabbado—S. Florencio.
12—Domingo—S. Modoaldo.
13—Segunda-feira—S. Mucio. *Abolição da Escravatura.* (Festa nacional).
14—Terça-feira—S. Henedina.
15—Quarta-feira—S. Mauricio.
16—Quinta-feira—S. Ubaldo.
17—Sexta-feira—S. Paschoal.
18—Sabbado—S. Venancio.
19—Domingo—Espirito Santo.
20—Segunda-feira—S. Plantilla.
21—Terça-feira—S. Manços.
22—Quarta-feira—S. Rita de Cassia.
23—Quinta-feira—S. Basileu.
24—Sexta-feira—N. Sra. Auxiliadora.
25—Sabbado—S. Urbano.
26—Domingo—SS. Trindade.
27—Segunda-feira—S. Ranulpho.
28—Terça-feira—S. Germano.
29—Quarta-feira—S. Maximo.
30—Quinta-feira—Corpo de Deus.
31—Sexta—S. Cancio.

JUNHO

1—Sabbado—S. Firmo.
2—Domingo—S. Erasmo.
3—Segunda-feira—S. Ovidio.
4—Terça-feira—S. Daciano.
5—Quarta-feira—S. Marciano.
6—Quinta-feira—S. Norberto.
7—Sexta-feira—S. Coração de J. C.
8—Sabbado—S. Calypsa.
9—Domingo—S. Felciano.
10—Segunda-feira—S. Getulio.
11—Terça-feira—S. Barnabé.
12—Quarta-feira—S. Onofre.
13—Quinta-feira—Santo Antonio.
14—Sexta-feira—S. Eliseu.
15—Sabbado—S. Modesto.
16—Domingo—S. Aureliano.
17—Segunda-feira—S. Ismael.
18—Terçafeira—S. Leoncio.
19—Quarta-feira—S. Protasio.
20—Quinta-feira—S. Florentina.
21—Sexta-feira—S. Luiz Gonzaga.
22—Sabbado—S. Paulino.
23—Domingo—N. S. do Perp. Soccorro.
24—Segunda-feira—S. João Baptista.
25—Terça-feira—S. Lucia.
26—Quarta-feira—S. Virgilio.
27—Quinta-feira—S. Ladisláu.
28—Sexta-feira—S. Argymiro.
29—Sabbado—S. Pedro, S. Paulo.
30—Domingo—S. Marçal.

CREANÇAS!

CONHECEIS OS BELLOS BRINQUEDOS DA FABRICA ECLAIR?

Pedi aos vossos pais que examinem e comprem o artigo mais perfeito da industria nacional que é o da **FABRICA ECLAIR.** Bonecos, soldados carrinhos, navios, quarteis, mobilias, canhões, arcos e centenas de outros brinquedos os mais lindos e interessantes. Preferi sempre os brinquedos da marca registrada "ECLAIR".

PORQUE: são os mais perfeitos, são os mais lindos, são os mais graciosos, são baratissimos.

A CAIXA DE CONSTRUCÇÕES ARTISTICAS é um thezouro de curiosidades e de diversão

"BÉBÉ SABE CONTAR"

E' um bonito brinquedo por meio do qual qualquer creança de 4 a 6 annos aprende rapida e intuitivamente acontar, subtrahir, etc.

Comprae os brinquedos da "FABRICA ECLAIR"

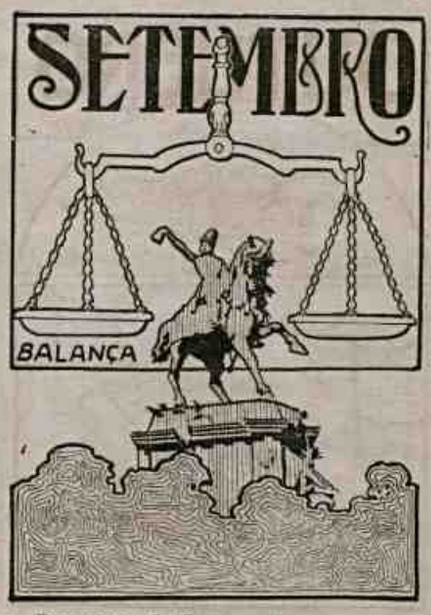
7º mez — 31 dias — Signo do Zodiaco LEAO

1—Segunda-feira—S. Martinho.
2—Terça-feira—Visitação de N. S.
3—Quarta-feira—S. Anatolio.
4—Quinta-feira—S. Lauriano.
5—Sexta-feira—S. Athanasio.
6—Sabbado—S. Romulo.
7—Domingo—P. Sang. de N. S. J. C.
8—Segunda-feira—S. Isabel.
9—Terça-feira—N. S. dos Prodigios.
10—Quarta-feira—S. Januario.
11—Quinta-feira — S. Sidronia.
12—Sexta-feira—S. João Gualberto.
13—Sabbado—S. Anacleto.
14—Domingo—S. Boaventura. *Liberdade dos Povos* (Festa nacional).
15—Segunda-feira—S. Camillo.
16—Terça-feira—N. S. do Carmo.
17—Quarta-feira—S. Aleixo.
18—Quinta-feira—S. Symphorosa.
19—Sexta-feira—S. Vicente de Paula.
20—Sabbado—S. Jeronymo.
21—Domingo—Anjo Custodio.
22—Segunda-feira—S. Maria Magdalena.
23—Terça-feira—S. Liborio.
24—Quarta-feira—S. Christina.
25—Quinta-feira—S. Thiago Maior.
26—Sexta-feira—S. Olympio.
27—Sabbado—S. Pantaleão.
28—Domingo—Sant'Anna.
29—Segunda-feira—S. Olavo.
30—Terça-feira—S. Rufino.
31—Quarta-feira—S. Ignacio de Loyola.

8º mez — 31 dias — Signo do Zodiaco VIRGEM

1—Quinta-feira—S. Aquila.
2—Sexta-faeira—N. S. dos Anjos.
3—Sabbado—S. Estevão.
4—Domingo—S. Domingos.
5—Segunda-feira—N. S. das Neves.
6—Terça-feira—Transf. de Jesus.
7—Quarta-feira—S. Alberto.
8—Quinta-feira—S. Cyriaco.
9—Sexta-feira—S. Romão.
10—Sabbado—S. Lourenço.
11—Domingo—S. Suzana.
12—Segunda-feira—S. Clara.
13—Terça-feira—S. Cassiano.
14—Quarta-feira—N. S. da Bôa Morte.
15—Quinta-feira—Assumpção de N. S.
16—Sexta-feira—S. Roque.
17—Sabbado—S. Juliano.
18—Domingo—S. Joaquim, Pai de N. S.
19—Segunda-feira—S. Magno.
20—Terça-feira—S. Samuel.
21—Quarta-feira—S. Umbelina.
22—Quinta-feira—S. Timotheo.
23—Sexta-feira—S. Donato.
24—Sabbado—S. Bartholomeu.
25—Domingo—SS. Coração de Maria.
26—Segunda-feira—S. Zephyrino.
27—Terça-feira—S. José de Calazans.
28—Quarta-feira—S. Agostinho.
29—Quinta-feira—Deg. de S. João Baptista.
30—Sexta-feira—S. Fiacrio.
31—Sabbado—S. Cecidio.

9º mez — 30 dias — Signo do Zodiaco BALANÇA



1—Domingo—S. Constancio.
2—Segunda-feira—N. S. da Penha.
3—Terça-feira—S. Dorothéa.
4—Quarta-feira—S. Rosalia.
5—Quinta-feira—S. Bertino.
6—Sexta-feira—S. Zacharias.
7—Sabbado—S. Anastacio. *Independencia do Brasil* (Festa nacional).
8—Domingo—Natividade de N. S.
9—Segunda-feira—S. Sergio.
10—Terça-feira—S. Pulcheria.
11—Quarta-feira—S. Didimo.
12—Quinta-feira—S. Juvencio.
13—Sexta-feira—S. Amado.
14—Sabbado—Exaltação da S. Cruz.
15—Domingo—N. S. das Dôres.
16—Segunda-feira—S. Edith.
17—Terça-feira—S. Flocello.
18—Quarta-feira—S. José Cupertino.
19—Quinta-feira—S. Pomposa.
20—Sexta-feira—S. Eustachio. *Lei organico do Districto Federal.*
21—Sabbado—S. Matheus.
22—Domingo—S. Thomaz.
23—Segunda-feira—S. Lino.
24—Terça-feira—N. S. das Mercês
25—Quarta-feira—S. Herculano.
26—Quinta-feira—S. Cypriano.
27—Sexta-feira—S. Terencio.
28—Sabbado—S. Wenceslau.
29—Domingo—S. Miguel Archanjo.
30—Segunda-feira—S. Leopardo.

Grupo de galantes amiguinhos d'"O Tico-Tico", filhos do Sr. Fernando Parodi, residente nesta Capital.

Nas festas de S. João

— Não consinto, Manéquinho, que brinques com fogos. E' perigoso.

— Mas papae, eu sou patriota...

— Patriota ? Ora essa ! E que tem isso ?

— Assim, quando eu crescer e fôr para a guerra já estou acostumado ao cheiro da polvora...

— Estás doido, Lulú ? Queres quebrar a nóz com os dentes ? Olhe que depois ficas desdentado.

— Não fico. Mamãi não perdeu os dentes d'ella e não botou outros novos ?

O elogio que mais saboreamos é de ordinario o que menos merecemos.

Ruth, graciosa menina, filha do conhecido industrial Antonio B. Antunes, proprietario da Fabrica de Calçado Colombina e nossa constante leitora.

10º mez—31 dias Signo do Zodiaco SCORPIAO

OUTUBRO

1—Terça-feira—S. Anjo da Guarda.
2—Quarta-feira—S. Eleuterio. (*Festa da Creança*).
3—Quinta-feira—S. Maximiano.
4—Sexta-feira—S. Francisco de Assis.
5—Sabbado—S. Placido.
6—Domingo—N. S. do Rosario.
7—Segunda-feira—S. Julia.
8—Terça-feira—S. Brigida.
9—Quarta-feira—S. Andronico.
10—Quinta-feira—S. Eulampia.
11—Sexta-feira—S. Firmino.
12—Sabbado—S. Serafim. *Descoberta da America* (Festa nacional)
13—Domingo—Mater de N. S.
14—Segunda-feira—S. Calixto.
15—Terça-feira—S. Thereza de Jesus.
16—Quarta-feira—S. Martiniano.
17—Quinta-feira—S. Edwiges.
18—Sexta-feira—S. Lucas.
19—Sabbado—S. Pedro de Alcantara.
20—Domingo—Pureza de N. Sra.
21—Segunda-feira—S. Ursula.
22—Terça-feira—S. Maria Salomé.
23—Quarta-feira—S. Domicio.
24—Quinta-feira—S. Raphael Archanjo.
25—Sexta-feira—S. Chrispim.
26—Sabbado—S. Evaristo.
27—Domingo—S. Frumencio.
28—Segunda-fera—S. Simão.
29—Terça-feira—S. Valentim.
30—Quarta-feira—S. Serapião.
31—Quinta-feira—S. Lucila.

11º mez—30 dias Signo do Zodiaco SAGITARIO

NOVEMBRO

1—Sexta-feira—Todos os Santos.
2—Sabbado—S. Nectario. *Finados*. (Feriado nacional).
3—Domingo—S. Sylvia.
4—Segunda-feira—S. Carlos Borromeu.
5—Terça-feira—S. Zacharias.
6—Quarta-feira—S. Leonardo.
7—Quinta-feira—S. Willibrodo.
8—Sexta-feira—S. Godofredo.
9—Sabbado—S. Theodoro.
10—Domingo—Patroc. de N. Senhora.
11—Segunda-feira—S. Mennas.
12—Terça-feira—S. Aurelio.
13—Quarta-feira—S. Eugenio.
14—Quinta-feira—S. Clementino.
15—Sexta-feira—S. Eugenio. *Proclamação da Republica*. (Festa nacional).
16—Sabbado—S. Edmundo.
17—Domingo—N. Sra. do Amparo.
18—Segunda-feira—S. Romão.
19—Terça-feira—S. Isabel. *Festa da Bandeira*. (Feriado).
20—Quarta-feira—S. Simplicio.
21—Quinta-feira—Apres. de N. Sra.
22—Sexta-feira—S. Cecilia.
23—Sabbado—S. Clemente
24—Domingo—S. João da Cruz.
25—Segunda-feira—S. Catharina.
26—Terça-feira—S. Victorina.
27—Quarta-feira—S. Severino.
28—Quinta-feira—S. Gregorio III.
29—Sexta-feira—S. Saturnino.
30—Sabbado—S. André.

12º mez—31 dias Signo do Zodiaco CAPRICORNIO

DEZEMBRO

1—Domingo—S. Cassiano.
2—Segunda-feira—S. Bibiana.
3—Terça-feira—S. Francisco Xavier.
4—Quarta-feira—S. Barbara.
5—Quinta-feira—S. Dalmacio.
6—Sexta-feira—S. Nicoláu.
7—Sabbado—S .Ambrosio.
8—Domingo—Conceição de Nossa Senhora.
9—Segunda-feira—S. Leocadia.
10—Terça-feira—S. Melchiades.
11—Quarta-feira—S. Damaso.
12—Quinta-feira—S. Justino.
13—Sexta-feira—S. Luzia.
14—Sabbado—Agnello.
15—Domingo—S. Valeriano.
16—Segunda-feira—S. Albina.
17—Terça-feira—S. Vivina.
18—Quarta-feira—N Sra. do Parto.
19—Quinta-feira—S. Nemezio.
20—Sexta-feira—S. Eugenio.
21—Sabbado—S. Thomé.
22—Domingo—S. Honorato.
23—Segunda-feira—S. Servulo.
24—Terça-feira—S. Irminia.
25—Quarta-feira—Natal. (Feriado por tradição).
26—Quinta-feira—S. Estevão.
27—Sexta-feira—S. João Evangelista.
28—Sabbado—Os Santos Innocencios.
29—Domingo—S. Thomaz.
30—Segunda-feira—S. Anyzio.
31—Terça-feira—S. Silvestre.

FERIADOS REGIONAES

Além dos feriados nacionaes, marcados neste calendario, e que, para todos os effeitos, são respeitados em todo o Brazil, ha tambem os seguintes feriados regionaes, que sómente são validos nos Estados:

AMAZONAS — 10 de Junho, 1 de Julho, 17 de Agosto, 5 de Setembro e 21 de Novembro.

PARA' — 22 de Junho, 15 de Agosto e 16 de Novembro.

MARANHÃO — 28 de Julho e 18 de Novembro.

PIAUHY — 24 de Janeiro, 13 de Junho e 16 de Novembro.

CEARA' — 25 de Março, 12 de Julho e 16 e 24 de Novembro.

RIO GRANDE DO NORTE — 19 de Março, 7 de Abril e 12 de Junho.

PARAHYBA DO NORTE — 30 de Julho e 5 de Agosto.

PERNAMBUCO — 27 de Janeiro, 6 de Março, 17 de Junho e 10 de Novembro.

ALAGOAS — 11 de Junho e 16 de Setembro.

SERGIPE — 18 de Maio, 11 e 24 de Outubro.

BAHIA — 2 de Julho e 7 de Novembro.

ESPIRITO SANTO — 2 de Maio.

RIO DE JANEIRO — 9 de Abril.

DISTRICTO FEDERAL — 20 de Janeiro e 20 de Setembro.

S. PAULO — 25 de Janeiro, 8 de Julho e 15 de Dezembro.

PARANA' — 7 de Abril e 19 de Dezembro.

SANTA CATHARINA — 11 de Junho e 17 de Novembro.

RIO GRANDE DO SUL — 20 de Setembro.

MINAS GERAES — 15 de Junho e 15 de Julho.

GOYAZ — 1 de Julho e 16 de Dezembro.

MATTO GROSSO — 22 de Janeiro, 13 de Junho, 15 de Agosto e 9 de Dezembro.

— Mamãi, o vizinho d'aqui do lado disse á mulher d'elle que se tivesse fortuna offerecia cem contos pelo teu piano.

— Acha que é tão bom assim o meu piano? Vejo que é um homem de gosto.

— Disse que dava cem contos com a condição da senhora não comprar outro, para elle poder trabalhar em casa descançado.

A ROMAN ENCANTADA

Abotoavam no ceu as primeiras estrellas quando o pobresinho, atravessando a floresta, a tiritar de frio e cançado, porque caminhára todo o dia, achou-se diante da negra caverna. Dando graças a Deus por lhe haver deparado abrigo já se dispunha a aproveital-o quando um pensamento sombrio o deteve á entrada: E se, em vez de resguardo, elle ali encontrasse uma das feras que erravam em tal espessura ? ! Tanto, porém, vinha elle soffrendo dos homens e tão amargurada lhe corria a sina, ainda em começo, que se dispoz a affrontar a morte, certo de que não poderia ser peior do que a vida que levava. Assim pensando entrou resolutamente.

O sólo da caverna, como se o forrasse um tapete, tinha uma alfombra de musgo macio que acariciava os pés.

O pobresinho deitou-se, muito encolhido, e, como a fome apertasse com elle, tirou d'um taleigo umas raizes e poz-se a roel-as, chorando.

E, na sua miseria, pensava que, áquella hora, nas casas mais ricas como nas cabanas mais humildes as creanças rondavam o leito para que, adormecendo cêdo, depressa atravessassem a noite e chegassem á manhan do dia de Natal encontrando nos sapatinhos ou nos tamancos os presentes do Menino Jesus.

Elle nunca os tivera ! Orfão, sem lar, pedindo esmola ou implorando serviço nas granjas, onde o aceitavam á tarde despedindo-o na manhan seguinte, por ser muito pequenino e fraco, vivia vida errante, comendo frutos verdes e raizes, dormindo, como os animaes, nos vallos, nos algáres ou debaixo das pontes, sempre a tremer de frio e com fome, conhecendo da vida apenas o que ella tem de amargo. Se alguma coisa invejava essa era a ternura das mãis, felicidade que até os brutos possuiam e que elle jámais tivera.

A MARCHA DO TEMPO

O vento gemia nas franças das arvores e, por vezes, uma voz de ave agoureira chirriava no escuro. E o pobresinho cerrou as palpebras sobre lagrimas, adormecendo em somno triste. E sonhou.

Um formoso menino, que se adiantava sereno, sem tocar o solo e envolto em uma nevoa de luz, chegou-se a elle e, sorrindo, assim lhe falou docemente:

— Não te queixes de abandono porque ainda para o mais desgraçado ha sempre um instante de ventura. Aqui me tens e trazendo-te um presente do ceu. E' o mais rico que distribuo este anno e, se o souberes aproveitar, serás o mais feliz dos homens. E' uma roman encantada. Toma-a e, sempre que tiveres um desejo, seja elle qual fôr, tira-lhe do alvéolo um bago e pede-lhe o que quizeres e logo que elle se te sumir na mão cumprir-se-á a tua vontade. Mas vê bem como applicas o dom que te offereço. Assim como fizeres, assim acharás.

Disse e, como se apaga uma chamma ao vento, assim se desvaneceu na sombra a visão radiosa.

O pobresinho acordou em sobresalto, sentou-se no musgo macio esfregando os olhos, depois, passeiando a mão em volta de si, achou um fruto, tomou-o, levantou-se ás pressas, correu com elle para fóra e, examinando-o á luz da madrugada, que começava a dourar as arvores viçosas, reconheceu uma roman.

— Não foi sonho! exclamou deslumbrado. Jesus veiu a mim! Era elle o menino que me appareceu. Jesus veiu a mim e eis o presente que elle me trouxe do ceu! Resta agora saber se são verdadeiras as palavras que elle disse.

Para experimentar partiu o pobresinho a roman em duas metades e, tomando, de uma d'ellas, um bago rubicundo como tremia de frio, clamou:

— Bago da roman encantada, veste-me bem agasalhado. Logo lhe sumiu da mão o bago sanguineo e elle achou-se instantaneamente vestido de lan, calçado de botas de couro fino, com um manto de velludo aos hombros e um gorro de pelles á cabeço.

— Que riqueza! exclamou, mirando-se contente. Nem o filho do rei tem assim trajo tão lindo. E tudo terei, segundo a minha vontade, e a roman está cheia de bagos e em cada um delles posso eu pôr um desejo. E, de alegria, entrou a dançar, a pular entre as arvores douradas pelo sol. Vamos agora correr mundo. Antes, porem, de sahir bom será que me regale á farta com um almoço opiparo. E fez o pedido como cumpria. No mesmo instante foi servido.

Nunca, em mesa de rei, rebrilhou baixella tão rica como a que appareceu na alva e florida toalha da mesa estendida no bosque, carregada de iguarias que rescendiam, de filagranadas corbelhas acogueladas de frutos, de amphoras de crystal reluzentes de vinhos e licores.

O pobresinho atirou-se aos pratos com gana, provando de todos e aos vinhos deliciando-se com elles e tanto comeu e bebeu que desandou a fazer loucuras. Quantos desejos teve! todos insanos, e, para satisfazel-os, debulhava, sem conta, o talisman.

— Bago da roman encantada, muda em rosal aquelle espinheiro. E o espinheiro cobriu-se de rosas. Bago da roman encantada faze com que aquellas pedras do arroio se transformem em pombos e logo, aladamente, alvas, as pedras, levantaram-se do arroio em vôo columbano. E o pobresinho, ainda bem não via realizado um desejo, já formulava outro e la se lhe ia o condão em ninharias.

Na pressa com que procedia muitos bagos cahiram pelo chão e foram comidos pelos passarinhos. Mas elles eram tantos, premidos nos alveolos! E o desvairado continuou a pedir, a pedir, até que se achou com a casca do fruto sem um só dos rubis que o ensanguentavam.

Só então considerou na loucura que fizera e, já arrependido, cahindo em si, exclamou:

— Que fiz eu!? Pois é possivel que, de tamanha riqueza só me restem nas mãos, por lembrança, estas cascas! Que pedi eu? ridicularias e bem pudéra haver pedido thesouros, terras fartas, minas, searas e rebanhos. Pensei que nunca se acabasse o que eu tinha em meu poder e eis-me tão miseravel como dantes. Se eu ainda encontrasse um bago da roman tanto me bastaria para minha fortuna, porque saberia sobre elle pedir.

Rebuscou nos bolsos, procurou na terra, em volta. Nada! Então lembrou-se de tornar á caverna. Talvez que no momento de partir a roman, algum bago houvesse cahido e se o encontrasse estaria salvo porque, com elle, saberia enriquecer-se.

Lá chegando poz-se a buscar, buscou debalde, e a noite achou-o chorando.

A fadiga prostrou-o. Adormeceu e sonhou. No sonho reappareceu-lhe o menino Jesus, não mais sorrindo, mas de rosto severo, que assim lhe falou:

— Queixavas-te da sorte, queixa-te agora de ti. Tiveste, neste natal, o mais rico presente do céu e não o soubeste aproveitar. Que pediste aos bagos da roman? prazeres aphemeros. Se houvesses applicado com prudencia a tua fortuna serias o mais feliz entre os felizes. Para tanto bastaria que houvesses plantado um só dos bagos do fruto, dizendo ao deixal-o na terra: "Bago da roman encantada, médra, abrolha, desenvolve-te em romanzeira e produz". E terias multiplicado por milhares de milhões a tua fortuna. Dissipaste em frivolidades um bem precioso, queixa-te de ti. Eis-te, de novo, em miseria e, como eu visito uma só vez na vida cada uma creança — e ellas são tantas e eu a todas tenho que attender, porque todas me esperam — não tornarás a ver-me. Tiveste a felicidade na mão e não a soubeste aproveitar. Não te queixes de Deus, queixa-te de ti.

Disse e desappareceu como uma luz que se apaga.

E o pobresinho acordou a tremer de frio e com fome, tão miseravel como adormecera na vespera.

Coelho Netto.

Fernandinho

(SONHO DE NATAL)

Todo o dia grita e súa
De bonde em bonde saltando,
Magro e pallido, Fernando
Vendendo balas na rua.

A mãi, que a febre devora,
Sem ter marido que a attenda,
Alugou-o para a venda
Dos doces de uma senhora.

E ei-lo, coitado ! a voz fina,
Emquanto o asphalto flammeja,
Levando aquella bandeja
Na mão suja e pequenina.

—"Bala ! bala !", e, em gritos novos,
De banco em banco resvala,
Annunciando: "Bala ! bala !
"Guaco ! Hortelã ! Bala d'ovos !"

Nessa doida actividade,
A fazer acrobacia
Pelos bondes, passa o dia
Sem descanço, na cidade.

E quantas vezes arruma
As balas, morto de fome,
E olha a bocca de quem come
Sem comer ao menos uma !...

Ora, um dia, num remanso
De uma rua, com o seu doce,
Fernando, triste, sentou-se
Para um pouco de descanço.

Era á tarde. Anoitecia.
E o claro som que transborda
De um sino, é que lhe recorda
Que é de Natal o outro dia.

Fernando faz uma prece
E enxuga, tremulo, o pranto.
E, a chorar, nesse recanto,
Junto á bandeja, adormece.

Dorme. E sonha. E' um sonho lindo.
Vê-se no céu, sem demora,
Diante de Nossa Senhora
Que lhe abre os braços, sorrindo.

E a Virgem, terna, lhe falla
Com o seu materno carinho :
— "Chega-te a mim, Fernandinho,
"Come um doce ; quéres bala ?

"São de hortelã, de canella ;
"Não comas d'essa ; não presta ;
"Queres guaco ? prova d'esta;
"Queres d'aquella ? ou d'aquella ?"

E ás mãos da Santa irradia
Bandeja de prata pura,
Que treme tanto, e fulgura
Como o sol do meio-dia.

E elle, ouvindo essa meiguice
O manto da Virgem beija ;
E mette as mãos na bandeja
Enchendo-as de gulodice.

E come... Como são bellos
Aquelles doces dourados !
Que divinos rebuçados !
Que encanto de caramellos !

E a bandeja quanto brilho !
E, mal vai elle acabando,
Lhe diz a Virgem : "Fernando,
"Não queres agua, meu filho ?"

E, olhos brandos, mas sem magoa,
Naquelle suave mysterio,
Dá-lhe a Santa o refrigerio
Gostoso de um copo d'agua.

E é nesse instante que espouca,
Longe, um foguete ; o sereno
Cai nas folhas... E o pequeno
Acorda, limpando a bocca.

E' madrugada ; boceja...
Mata um insecto importuno.
Busca os doces... Um gatuno
Tinha furtado a bandeja !

Humberto de Campos

A LIÇÃO DAS FABULAS

E' muito conhecida a interessante fabula — *A Raposa e o Corvo* — que se póde resumir assim : Um dia uma raposa viu um corvo pousado num galho de arvore e segurando um grande queijo no bico.

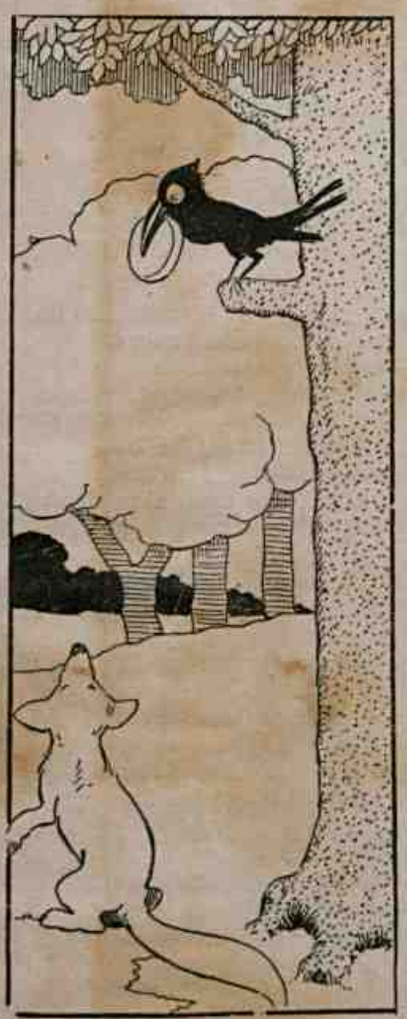
Não podendo trepar á arvore, o esperto animal começou cá de baixo a elogiar muito o passaro e a lamentar que o canto d'elle talvez não correspondesse á belleza de suas pennas...

Mettido em brios e cheio de vaidade, o corvo quiz mostrar que tambem cantava muito bem; abriu o bico e... deixou cahir o queijo que a raposa abocanhou e fugiu com elle...

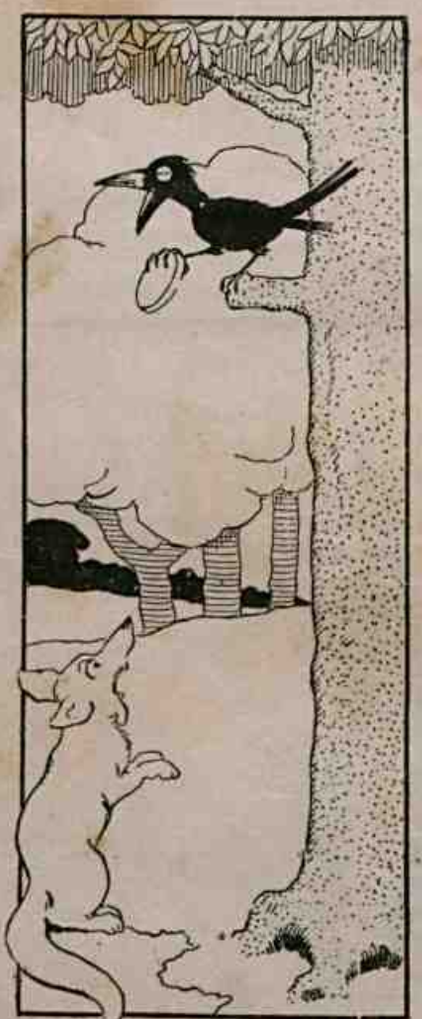
A fabula castiga assim a estulta vaidade d'aquelles que se não conhecem e cuidam reunir em si todos os predicados.

Vejamos agora como aproveitou a Ição d'essa fabula de La Fontaine :

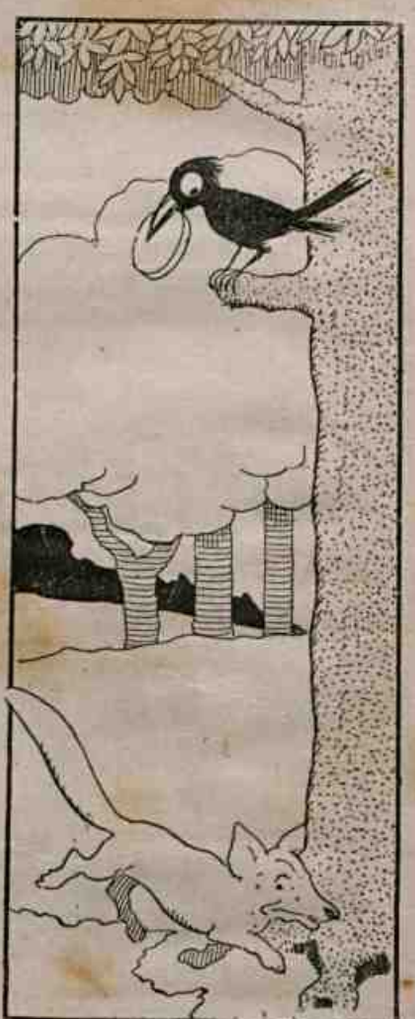
A RAPOSA E O CORVO



I) — *Bom dia, mestre Corvo ! Se a sua voz é tão linda como as suas pennas...*



II) *(O corvo abre o bico, põe-se a cantar — mas... não larga o queijo).*



III) *A RAPOSA : — Ora, bolas ! O patife já leu o La Fontaine...*

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA MASCOTTE

OFFICINAS DE ENCADERNAÇÃO E RISCAÇÃO

Especialidade em livros de contabilidade, cartões de visita e felicitações; objectos para escriptorio, desenho e presentes

CARTÕES POSTAES E ARTIGOS ESCOLARES

ANTONIO BRUNO IMPORTAÇÃO DIRECTA

Rua do Ouvidor, 165

(ENTRE GONÇALVES DIAS E URUGUAYANA)

TELEPHONE NORTE 1004 RIO DE JANEIRO

1) A *Festa dos Papagaios* é um delirio no Japão. Não ha uma creança que não prepare o seu brinquedo de papel.

4) outros correm e, com facas, espadas e pequenas foices, tratam de cortar os fios e caçar os papagaios que ficam pertencendo a quem os apanha e são muitos de grande valor.

5) As
as vezes
veis en
quenos.

7) Encontrou-a uma joven e rica japoneza que trazia um riquissimo papagaio de seda e ouro.—«Porque choras?—perguntou-lhe.» —Porque queria um papagaio para vendel-o e dar o dinheiro a mamãi ..»

8) «A festa ainda
E soltou o fio do pap
lhe escapára da mão

A VARINHA DE CONDÃO (Conclusão)

ean-
po-
rre-
que
des-

13) Tirou do bolso a varinha e o infeliz teve logo uma porção de saccos cheios de moedas de ouro.

14) O pobre diabo sahiu apressado com o dinheiro. Mas ficára feio de doer, e vendo-o os homens riam, as crianças fugiam e os cachorros se enfureciam.

15) Quando apanhou um espelho foi ás nuvens, ao verificar com que carão estava. E achou que melhor lhe fôra não ter tido o ouro.

ue se encontrasse
ctimas de Rada-
que pegavam fo-
monstros.

17) Combinaram dar uma sóva no causador de seus males. E desancaram-n'o a pau.

18) Appareceu, então, a rainha das fadas: —Deixem-no que vou reparar o que elle fez, servindo-se de uma varinha que não conhecia. Voltem para suas casas e...

m o que Deus lhes
Radamastor: — E
vou-o para o seu

20) O ambicioso e infiel foi amarrado a uma arvore e surrado por gigantes. Conformou-se com a vida e viveu depois tranquillo bebendo leite...

21)... nos lagos, vinho moscatel nas fontes e comendo *marrons glacés* nas arvores.

QUINCAS E A SERPENTE

JOAQUIM, o filho do lavrador Polycarpo, era um menino que já frequentava a escola, e que, pelo seu espirito folgazão, angariava muitos amigos. A escola de Joaquim, Quincas, como o chamavam, ficava perto do mar, por isso, quando terminavam as aulas, a pequenada ia quasi sempre para a praia brincar na areia e pescar. E que bellas pescarias faziam elles!

Certo dia, um dos rapazes pescou um lindo gatinho, com um pello como jámais outro gato possuia.

"Dá-me o gatinho!" pediu o Quincas.

— "Não", respondeu seu companheiro; esse gatinho vale muito dinheiro e tu estás *prompto*."

"Quem é que está *prompto ?!*", exclamou o Quincas. "Olaa! tenho aqui dous tostões."

O outro não esperou mais; tomou o dinheiro e passou o gatinho ao Quincas, que muito contente disparou para casa. Quando alli, seu pai e sua mãi ficaram encantados e deram-lhe em recompensa trezentos réis.

"Agora, finalmente", disseram os paes do menino, vamos ficar livres dos camondongos da dispensa."

No dia seguinte, quando os meninos foram pescar de novo, um d'elles apanhou um cachorrinho que era uma lindeza. "Este vale mais do que o gato", disse o rapaz. "Quem quer compral-o por trez tostões ?"

"Eu quero", gritou o Quincas, tirando as suas trez moedas do bolso.

O cachorro foi-lhe entregue e elle o carregou para casa. Seus paes não couberam em si de satisfação.

"Este cachorro caçará os ratos", disseram elles, e deram quatro tostões ao Quincas, como recompensa por haver trazido o cão.

No terceiro dia um outro companheiro arranchou no anzol, de dentro do mar, uma cobrinha lindamente rajada. Muito contente, o Quincas quiz tambem esse animal e comprou-o aos outros com as suas 4 moedinhas. D'essa vez, comtudo, seu pai e sua mãi não se mostraram nada satisfeitos, e ralharam com elle por ter trazido para casa tão horripilante bicho.

"Muito bem", disse o Quincas; "já que vocês não gostam da minha serpente, eu a levo commigo."

E dizendo isso pôz a cobra no bolso e tomou o caminho da cidade. Ao passar defronte do palacio do Rei, a Princeza, que estava na janella, o avistou, e voltando-se para o Rei, disse:

"Olha, meu pai, que bonito rapazinho está passando. Toma-o para nosso empregado."

O Rei, que sempre satisfazia os desejos de sua filha, immediatamente chamou o rapaz e perguntou-lhe que especie de trabalho gostaria elle de fazer.

O Quincas que, a dizer a verdade, não tinha especialidade alguma, respondeu que faria com prazer tudo quanto lhe déssem. Foi, pois, tomado como ajudante de jardineiro, e tão habil se mostrou, e tão bem se houve, que cahiu no agrado de todos.

Quincas guardava sempre a cobrinha escondida no seu seio, tirando-a á noite e, de vez em quando, de dia, quando estava sósinho. Um dia a cobra pela primeira vez fallou a Quincas, a sós:

"Quincas", disse ella, "trabalhaes de mais aqui... vae ao Rei, agradece a bondade com que elle te tem tratado, e vamos embora d'este logar."

A principio, Quincas recusou seguir esse conselho, porque elle gostava do bom Rei e da sua encantadora filha, e não desejava abandonal-os.. Mas, a serpente não deixou em socego, emquanto elle não foi ao Rei pedir uma licença do serviço.

"Pois não", disse o Rei. "Tu o mereces. Mas não deixes de voltar, porque de nenhum modo podemos dispensar-te."

"Meu caro amo e amigo"; fallou a serpente, desenrolando-se para fóra do bolso de Quincas, quando já elles haviam deixado o palacio e a cidade muito para traz. "Já faz muito tempo que tendes cuidado de mim, mas agora deixareis que eu faça alguma cousa por vós. Montae nas minhas costas."

A SERPENTE RESPIROU, RESPIROU, ATÉ FICAR MUITO GROSSA E TÃO GRANDE QUE OS PÉS DO MENINO NÃO ALCANÇAVAM O CHÃO.

"Como poderei fazer isso?", perguntou Quincas, admirado. "Eu te esborracharia, pobre creaturinha!"

"Não custa experimentar", disse a serpentesinha.

Quincas, então, fez como ella ordenou, e a serpente, respirou, respirou, até ficar muito grossa e tão grande que os pés do menino não alcançavam o chão.

Depois a serpente penetrou num pequeno bosque e parou deante do buraco de uma arvore, e d'ella tirou um apito, entregando-o a Quincas.

O rapaz estava muito contente por ter descido da montaria, cujo movimento retorcido quasi o fizera enjoar, como se estivesse num navio. poz-se a olhar para

"Mas que hei de com isso?", pergun

"Soprae", disse te, e meu pai appa Elle é um dragão cabeças, mas não te do. Peça-lhe o an elle traz no dedo."

Nesse momento, dragão vindo em di

ENTÃO A SERPENTE E O

Depois o apito, eu fazer tou elle, a serpen- recerá, com doze nhaes menel que viram o recção a

elles. Com as suas doze medonhas cabeças era horrivel o seu aspecto; mas, com effeito, o bravo Quincas não teve o minimo receio.

"Então!" exclamou o monstro para sua filha onde andaste todo esse tempo?"

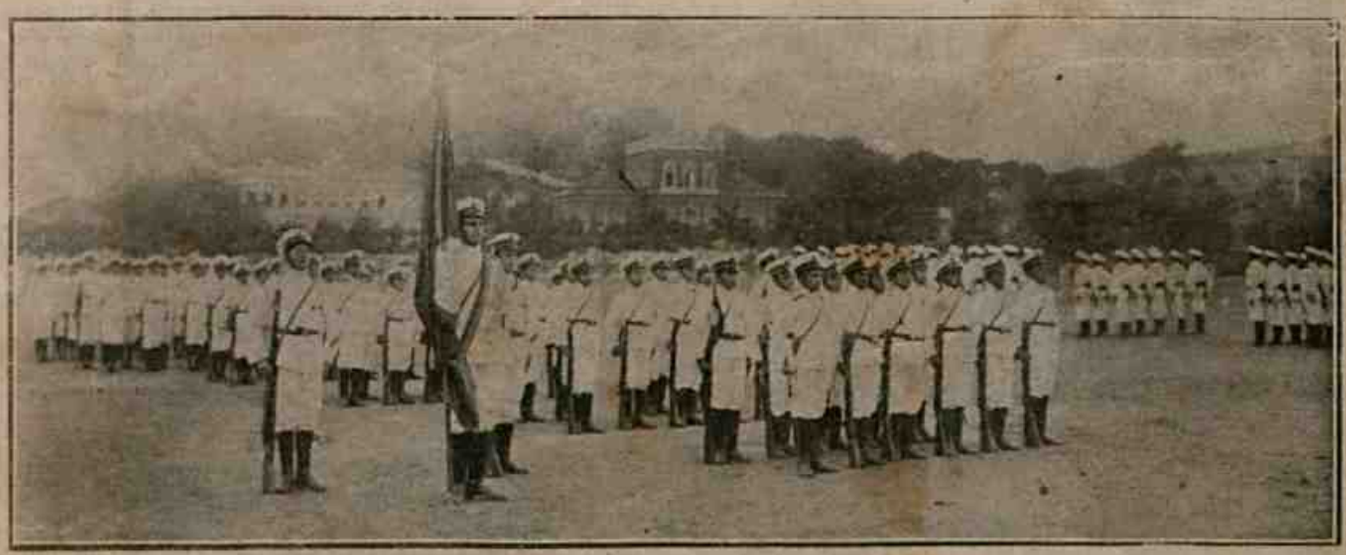
"Uma aguia me arrebatou aos ares e deixou-me cahir dentro do mar", replicou a serpente. "Alguns meninos que estavam pescando, me puxaram para fóra e, então, este bom, este excellente amigo me comprou por 400 réis".

"Oh! é verdade?" perguntou o dragão carinhosamente, olhando o Quincas. "Que pedis em troca do bem que fizestes a minha filha?"

"Nada, senão esse annel de ouro que trazeis no dedo".

"Isso não vos posso dar, disse o dragão. "Pedi-me outra cousa qualquer".

"Não, não, não!", exclamou a serpente; dai-lhe o



O batalhão infantil do Collegio Salesiano de Campinas, em exercicio de evoluções no Campo de S. Christovão, por occasião das festas da Independencia, no Rio de Janeiro

DRAGÃO ENTRARAM A LUTAR

annel, meu pai. Elle quer o annel !"

"Elle não o terá !" grunhiu o dragão.

Então a serpente e o dragão entraram a lutar. Ambos eram valentes, mas a serpente, muito embora não parecesse, era mais forte, e o dragão teve de dar o annel de ouro.

"Ponha-o no dedo", disse ella ao Quincas, e sempre que estiverdes em perigo dá trez voltas com elle no dedo; trez gigantes saltarão d'elle e obedecerão vossas ordens. Si souberdes aproveitar-vos bem dos serviços d'esses servos, depressa sereis o homem mais rico da terra. Agora, tenho pezar de dizer-vos, devo ficar aqui com meu pai, mas nunca vos esquecerei e espero que nunca me esquecereis totalmente".

"Nunca !", retrucou o rapaz. E sentiu-se bastante triste de ter de se separar da sua amiga serpente, mas como ia para casa, seu espirito se animou e, ainda que não precisasse de alguma cousa, teve curiosidade de ver o que aconteceria se torcesse o annel. E tendo, com effeito, dado as trez voltas ensinadas ao annel, immediatamente, trez gigantes saltaram da joia á sua frente.

"Que ordena nosso amo ?" perguntaram elles com solicitude, fallando os trez ao mesmo tempo.

"Quero que dous de vós ides á minha frente e transformeis a casa de meu pai num esplendido castello. O terceiro ficará commigo para me transportar até lá."

As ordens de Quincas foram immediatamente obedecidas: dous dos gigantes partiram e o outro o levou á casa. Alli chegando, Quincas encontrou seu pai e sua mãi, installados num grande castello, sem saber como o haviam adquirido. O gato e o cão estavam deitados num magnifico tapete chinez.

felpudo perto da

Quincas contou, então, suas aventuras a seus pais e disse-lhes que seu maior desejo era casar-se com uma bella Princeza. Logo no dia seguinte, a mãi de Quincas foi procurar o Rei, a quem ella fez saber que seu filho, o antigo jardineirito, tendo se

Formatura dos meninos escoteiros de Guaratinguetá, que vieram á Capital da Republica para tomar parte nas festas do "7 de Setembro"

tornado um personagem extraordinariamente grande e poderoso, desejava casar-se com a filha de Sua Magestade.

"Está bem" disse o Rei, "elle terá minha filha, se pudér fazer duas cousas."

"Quaes são ellas ?", perguntou a mulher.

"Trataremos de uma cada vez", replicou o monarcha. "A primeira é que entre meu palacio e vosso castello, sejam postados esta noite doze regimentos de soldados, com todas as suas bandas de musica executando peças, cada qual mais bella."

A mãi de Quincas regressou á casa e narrou-lhe o que o Rei havia exigido.

"Está direito !", disse o mancebo, contente, "farei o que elle pede."

A' meia noite, sahiu do castello e deu trez voltas ao annel. Os trez gigantes appareceram.

"Que ordenaes vós, senhor ?", perguntaram elles.

"Que esta noite, entre meu castello e o palacio do Rei, sejam postados doze regimentos de soldados com todas suas fanfarras a tocar cada qual a mais linda musica."

"Tudo será feito, senhor !", disseram os gigantes.

E pela madrugada o Rei foi despertado do seu somno pelos sons da musica. Logo que clareou o dia, Sua Magestade chegou á janella e viu os doze regimentos de soldados com todas as bandas tocando, bem afinadas.

"Maravilhoso !", exclamou o Rei.

Depois d'isso, elle mandou dizer a Quincas a segunda condição exigida para lhe dar sua filha em casamento.

Foi a seguinte a mensagem :

"Perto do meu palacio ha uma montanha completamente sem vegetação Transformae-a, até amanhã, numa plantação de vinha, e faça de maneira que dous quartilhos de vinho nella produzido estejam amanhã mesmo á minha mesa, no almoço."

Com effeito, os trez gigantes executaram esse pequeno trabalho e os dous quartilhos de vinho appareceram ao almoço do Rei, no dia seguinte.

Quincas teve, então, permissão para se casar com a bella Princeza, que o amou muito, tanto quanto elle á ella. Pouco depois do casamento, o velho Rei morreu e a Princeza tornou-se a "Rainha Joaquininha".

Seu esposo, o Rei Joaquim (que já então não usava mais o appellido), muitas vezes lhe emprestou seu annel magico.

Um dia ella fez uma surpresa ao marido, mandando os gigantes buscar sua velha amiga serpente.

Como o dragão já havia tambem fallecido, a serpente deixou-se persuadir em fazer do palacio sua casa.

E nessa casa a serpente foi muito feliz, tendo todos os salões á sua disposição, e um quarto particular para si, que o Rei Joaquim mandou preparar convenientemente.

Fez construir no meio do aposento, que era bastante espaçoso, uma arvore artificial, cujo tronco era perfurado por um grande buraco egual ao óco da arvore gigantesca em que a serpente morava com o dragão seu pai, na floresta.

E o Rei Joaquim fez forrar aquelle buraco de macio arminho, dando assim á sua bôa amiga todo o conforto de que elle mesmo gosava naquelle riquissimo palacio, graças á bondade da serpente bemfazeja.

E assim todos viveram muito felizes.

"COM TODAS AS BANDAS TOCANDO, BEM AFINADAS"

A PACIENCIA

Se tu, ó leitorzinho deste almanach, não tens em grande dóse a virtude da paciencia, aprende a exercital-a deante destes interessantes exemplos:

Um francez offereceu á Academia de Sciencias de Pariz um grão de trigo. — vejam bem : um grãozinho de trigo — no qual conseguiu escrever uma phrase com 221 palavras.

Mas isso nada foi, comparado com o trabalho de um monge polaco do seculo XIII, copiando toda a *Illiada*, pel que cabia dentro de uma casca de noz. Um ferreiro chamado Mark, que viveu no seculo XVI, entregou á rainha Izabel, da Inglaterra, uma cadeia de ouro, composta de 50 anneis, tão leve que uma mosca a carregava, voando desembaraçadamente.

José Taba, hespanhol, fez uma miniatura de carroça do tamanho de um grão de trigo. A carrocinha era perfeita. E só podia ser vista com uma forte lente.

O jesuita italiano Ferranio fez um canhão de marfim que não era maior que um grão de pimenta do reino.

Outro pachorrento, o sueco Norongeons, fabricou 1.200 pratos de marfim, tão pequeninos que empilhados não formavam volume maior que um grão de milho.

Pois o papa Paulo V mostrou que era tambem rico de paciencia: contou um por um todos esses pratinhos microscopicos !

Mira-te nesses espelhos, ó leitorzinho, quando te sentires sem paciencia para estudar um problema qualquer no collegio...

— Aquella Dona Bibiana é bem velha.

— E ainda mamãi diz que é uma senhora de meia edade. Imagino quando ella tiver a edade inteira !

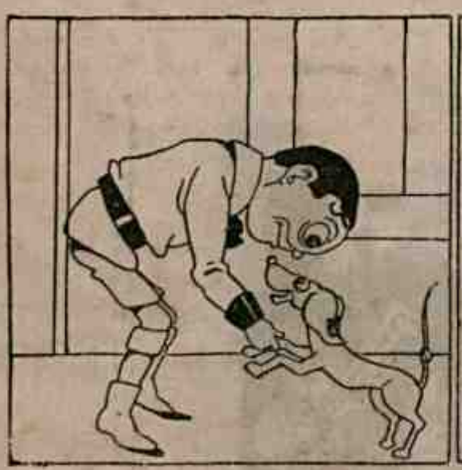
A CABELLEIRA DA SENHORA CARRAPATOSO

POR EDMIR

1) — A Sra. Carrapatoso móra aqui ?
— Sim, senhor, mas sahiu
— Não faz mal; isto é uma caixa de cabellos postiços, que eu trago. Sou o seu cabellereiro...

2) ...—Sim, senhor, entregarei a caixa á patrôa.
Philomena, a criada, carrega a volumosa caixa para o quarto da Sra. Carrapatoso, emquanto Lulu' espreita, anciôso por vêr o que ella continha.

3) Mal Philomena sahiu do quarto, Lulu' abre a caixa e com espanto vê uma quantidade enorme de cabellos... Lulu', traquinas como éra, teve logo uma ideia diabolica...



4) O cachorrinho da Sra. Carrapatoso estava brincando no quarto. Lulu' carrega-o delicadamente e mergulha o pobre animal numa...

5) ...lata de colla, de um homem que estava forrando a casa. "Sultão", acostumado a tomar banho a todo instante, ficou quieto e encantado, quando Lulu' o...

6) ...deitou na caixa da cabelleira da Sra. Carrapatoso... Nunca a sua dona t'-nha preparado um leito tão macio ! Lulu' fechou a caixa e sahiu do quarto...

7) Poucos minutos depois, a Sra. Carrapatoso chega e, sem que ella a abrisse, a tampa da caixa salta e um animal de que não se vê nem a cabeça nem as patas...

8) ...pula fóra, aos saltos, transformado em gato Angorá e gemendo de um modo que fazia pena. A Sra. Carrapatoso comprehendeu tudo e como Lulu'...

9) ...fugia, dando-lhe as costas, ella, furiosa, fez da lata de colla um capacete e o endiabrado gury pagou na mesma moéda o mal que havia feito.

HISTORIA DO IRMÃO DE JOÃO RATÃO

Chico Ratão era irmão, por parte de mãi, do João, o famoso noivo da Baratinha. Era o mais novo, e o unico vivo, dos cento e cincoenta e dous filhos que tivera a respeitavel rata: as primeiras ninhadas haviam sido destruidas a agua a ferver por uma cozinheira cruel que as encontrára atraz de um caixão de batatas, na dispensa; e varias dezenas de outros seus companheiros de nascimento foram todos devorados, pouco a pouco, por um casal de gatos terrivelmente caçadores.

Quando Chico Ratão chegou á edade de casar tinha uns olhos muito bonitos, muito intelligentes e muito espertos, e uns bigodes vistosos que faziam o encanto das ratinhas mais formosas das casas proximas, bigodes que elle tratava com grande cuidado, amaciando-os com manteiga, á falta de pomada, e perfumando-os com cravo da India, para lhes tirar o cheiro de queijo que, por vezes, apresentavam.

Mas Chico Ratão não fazia caso das ratinhas. Por uma barata é que se apaixonou, como o mano. E como o mano resolveu casar com a eleita de seu coração.

Houve um amigo de infancia, tido em conta de bom conselheiro, que lhe disse estas palavras, sabendo da novidade:

— Chico, olha o que aconteceu com o João. Essa historia de rato casar com barata não dá certo. Ainda é tempo. A vida está cheia de ratoeiras, peiores, ás vezes, que as

— Chico, olha o que aconteceu com o João...

dentadas ou de alçapão que os homens nos armam. Reflecte. A barata te póde sahir cara!

Mas torceu o focinho e não fez caso.

* * *

Na pretoria, no dia do casamento, o escrivão pediu aos noivos, aos padrinhos e aos convidados que tivessem paciencia e esperassem, que o juiz estava adoentado e só dentro de uma hora poderia chegar.

Sentaram-se todos, aborrecidos. De repente, Baratinha ficou pallida, deixou a cadeira e foi á janella.

— Que tens? —perguntou-lhe inquieto o quasi esposo.

— Um esquecimentto muito sério! deixei aberto o meu cofre, e não confio na criada, que está commigo ha poucos dias.

— Não te incommodes. Como o pretor ainda demora, vou ligeiro á casa.

E foi. Tomou uma "baratinha" (era doido pelas "baratinhas") e mandou que o *chauffeur* tocasse á toda.

Em dous momentos entrou no quarto da noiva, fechou o cofre, e guardou-o por cautela em um armario.

Ia para sahir quando sentiu um cheirinho muito agradavel que vinha da cozinha. E foi até lá.

— Parece-me que é toucinho, e do bom...

— E' sim senhor, disse-lhe a cozinheira, uma barata velha, e mestra em quitutes. Estou a pôr toucinho na feijoada.

— Ah! Temos feijoada?

— De certo! Não sabe que é prato que não falta no casamento das baratinhas?

Chico, de focinho para o ar, com os bigodes tremulos, avançou para a panella do feijão. Mas lembrou-se, a tempo, do desastre do irmão fallecido e dos conselhos do amigo de infancia.

O casamento de João Ratão, na Pretoria

— Nada! Eu cá não faço como o João, disse com os seus botões.

E apanhando um prato, pediu á cozinheira que lhe désse um pedaço de carne secca e outro de toucinho.

Foi servido. Quiz mais. E, mais ainda. Comeu a valer, e ás pressas, e voltou para a Pretoria.

* * *

Quando acabou o baile, e os convidados todos já se haviam retirado, Chico Ratão sentiu uma tonteira e

O Dr. Rato de casaca

cahiu, esparramado, á porta do quarto nupcial.

Baratinha não conseguiu levantal-o, é claro, porque não podia com

tanto peso. Começou a sacudir as azas, como em dia de trovoada, a ver se o reanimava. Mas nada. O marido continuava sem se mexer.

Desesperada, gritou. Veiu a cozinheira. Accudiram os vizinhos. Houve grande confusão, e andavam todos como baratas tontas, quando appareceu um medico, o Dr. Rato de Casaca, que era uma notabilidade no bairro — e usava oculos.

Chico foi levado para a cama. O doutor assustou-se a principio, pen-

João Ratão e o amigo moralista

sando que fosse peste bubonica. Mas, depois de melhor exame, verificou que se tratava de uma forte indigestão. E receitou-lhe dous purgantes e varios remedios amargosos, mandando que o deixassem a agua mineral dous dias, a chá simples quinze e a caldo ralo de frango um mez.

Chico Ratão deu aos diabos a doença — e principalmente a cura. Quando Baratinha ia jantar, e vinha-lhe ao leito o cheiro da feijoada — ella gostava muito de feijoada e comia-a todos os dias — e pobre noivo caipora ia ás nuvens, com agua na bocca e o estomago a dar horas. Fazia uns *cuhi cuhi! cuhi!* que eram de enternecer um gato.

O amigo de infancia, que veiu um dia visital-o, disse-lhe :

— Ahi tens Chico ..

— Não me falles ! Tanto cuidado foi o meu para que não me succedesse mal... Lembrei-me da sorte do João e do teu conselho. Não cahi na panella do feijão — mas cahi alli á porta, e depois na cama. E estou *queimado* devéras. O supplicio que soffro, com estes remedios e especialmente com esta dieta, é mais atroz, sem duvida, que o do meu querido e sempre chorado João...

O amigo, sempre calmo e judicioso, respondeu-lhe com meiguice:

— Não ha recursos que valham contra as consequencias da gula. A gula é feio peccado. Que aprendas com o soffrimento a evital-a. E que o caso do João, como o teu, sirvam de exemplo para os noivos futuros: os noivos no dia do casamento não devem pensar em toucinho nem em carne secca.

J. REPORTER

NÃO DORMIR UMA SEMANA

Nos Estados Unidos foi realisado um concurso muito original.

Os concorrentes deveriam ficar acordados, sem o menor cochilo, durante uma semana inteira.

Inscreveram-se seis candidatos : um andarilho, um estudante, um carpinteiro, um criado de hotel, um pintor e um viuvo.

O criado de hotel foi o primeiro a ser vencido pelo somno, apezar de beliscar a perna,para evital-o, espetar o braço com alfinetes, dar soccos na cabeça.

Os outros resistiram mais tempo. Mas nenhum conseguiu ficar acordado durante o prazo exigido.

Somno não é brinquedo. Mas forte do que elle só a sêde.

Os meninos mentirosos :

— Meu irmão mais velho sabe imitar como ninguem todos os animaes.

— Como ninguem ? Papai ainda imita os bichos melhor.

— Seu pai é capaz de cantar de gallo como meu irmão? Não é capaz! Quando elle canta todo gallinheiro fica alvoroçado.

— Ora ! Papai, quando canta de gallo seja qual for a hora da noite, o dia amanhece logo.

— Eu gosto muito de perfumes, Mariquinhas.

—E eu, Lili! Se pudesse morava dentro de uma loja de perfumarias.

— Eu, se pudesse, morava na Russia.

— Na Russia ? Porque ?

— Porque é uma terra em que até os bois são cheirosos.

— Ora essa ! Quem te disse isso ?

— Ninguem. Eu é que sei. Pois o couro da Russia não é um perfume tão bom ?

BARRIGUDOS

Não se riam vocês, meninos, dos homens barrigudos.

Barrigudos tem havido, muitissimos notaveis.

Por exemplo :

Guilherme, o conquistador;

Carlos, o gordo;

Humberto II, Conde Maurienne;

Henrique I, rei de Navarra;

Henrique III, Conde de Champagne;

Conan III, Duque da Bretanha;

Sancho 1, rei da Bretanha;

Brune, poeta italiano;

Vivenne, general do reinado de Luiz XIV;

D'illenio, botanico allemão;

Hollen Frederico I, rei de Wutemberg;

Luiz XVIII;

D. Affonso II e D. Luiz I, reis de Portugal.

A lista é enorme.

Aqui no Brazil não poucos homens illustres tiveram o abdomem desenvolvido. Entre os que já morreram: o grande medico Torres Homem. Entre os vivos: o Sr. Oliveira Lima, o distincto publicista.

E na edade media a barriga crescida era considerada uma graça divina.

Tico foi ao Palacio da Somnolandia

Ah! Uma carta do nosso rei!

«Caro Filho—Si trouxeres *Tico* esta noite, farte-hei principe Crystalette. Não permitto que lhe faças mal porque então te reduzirei a pó.—*Morpheu.*

Já passava de meia noite quando *Tico* sentio tanta séde que foi obrigado a levantar-se para beber um gole d'agua. E no momento em que bebia, ficou espantadissimo porque...

... vio certa coisa na casa que até então elle nunca tinha visto. No logar em que estava o seu quarto de brinquedos, uma caverna toda de crystal agora apparecia cheia de luzes azul, vermelha, amarella, verde, etc. Parecia-lhe...

Eu nunca tinha visto! Que lindeza!

... uma cascata illuminada! Sua curiosidade levou-o áquelle sitio, onde elle emmudeceu diante de tanta maravilha! Havia uma escadaria toda de crystal azul! Parecia feita de gelo!

E' um palacio de crystal. Queres vir commigo?

E *Tico* que era muito curioso desceu. Nesse momento surgiu um palhaço lindo que confundiu *Tico* com a sua gentileza e por dizer-lhe que tudo quanto existia naquelle palacio, inclusive as pessoas, tudo era de vidro!

E' o guarda da rainha. O visitante aqui tem todas as honras

A's armas! *Tico* chegou!

Ai! *Tico* quiz vir a vossa presença.

Não se curve tanto minha rainha. Podeis vos quebrar.

Não! Não! Não a toques nunca!

Acompanha-nos e o rei Morpheu te dará a rainha em casamento...

OS PREJUIZOS DA CURIOSIDADE

1) A uma antiga e pacata villa chegou certo dia a noticia de que o rei viria visitar o seu povo. O povo então cheio de alegria, resolveu enfeitar a sua *cidade* para receber condignamente o soberano.

2) O Sr. Caça-moscas, pasteleiro do logar e reconhecido bisbilhoteiro, resolveu abandonar a sua casa de negocio e ir ver a festa. Mas antes de sahir disse a sua filha:
— Guilhermina toma conta dos pudins, emquanto eu vou ver o cortejo real. E sahiu...

3) Assim que o pasteleiro partiu, Guilhermina que, como seu pai, padecia da molestia da curiosidade, resolveu ir tambem ver o rei. Chamou seu irmão e disse-lhe :— «Eu vou ver o cortejo real e você fica de guarda aos pudins.» E sahiu...

4) Veiu gente de todas as classes. Sahiram para a rua ricos e pobres, aquelles todos enfeitados e cheios de joias e estes cheios só de boa vontade de se divertirem. E lá se foram todos contentes, em passeio. O pasteleiro, Sr. Caça moscas, lá estava tambem, para ver e depois contar.

5) Nicolau ficou a pensar : Pois então eu tambem não vou a festa? Isso é que não.» E tinha razão, porque sendo irmão de Guilhermina e filho de Caça-moscas tambem soffria do mesmo mal. E chamou o Trez-comtigo (o cachorrinho), e disse-lhe : Fica ahi e não deixa ninguem roubar os pudins. «Eu tambem vou ver o cortejo real» — «Uau, Uau !» latiu o cachorro, e Nicolau sahiu...

6) Mas, qual! A tal curiosidade foi com que a pastelaria do Sr. Caça-moscas ficasse mesmo ás moscas, porque Trez-comtigo tambem já fazia parte da familia e tambem quiz ir ver o cortejo real. O resultado foi um gatuno ter visto a casa abandonada, entrar e roubar todos os pasteis, pudins e tudo quanto lá havia.

(Continúa)

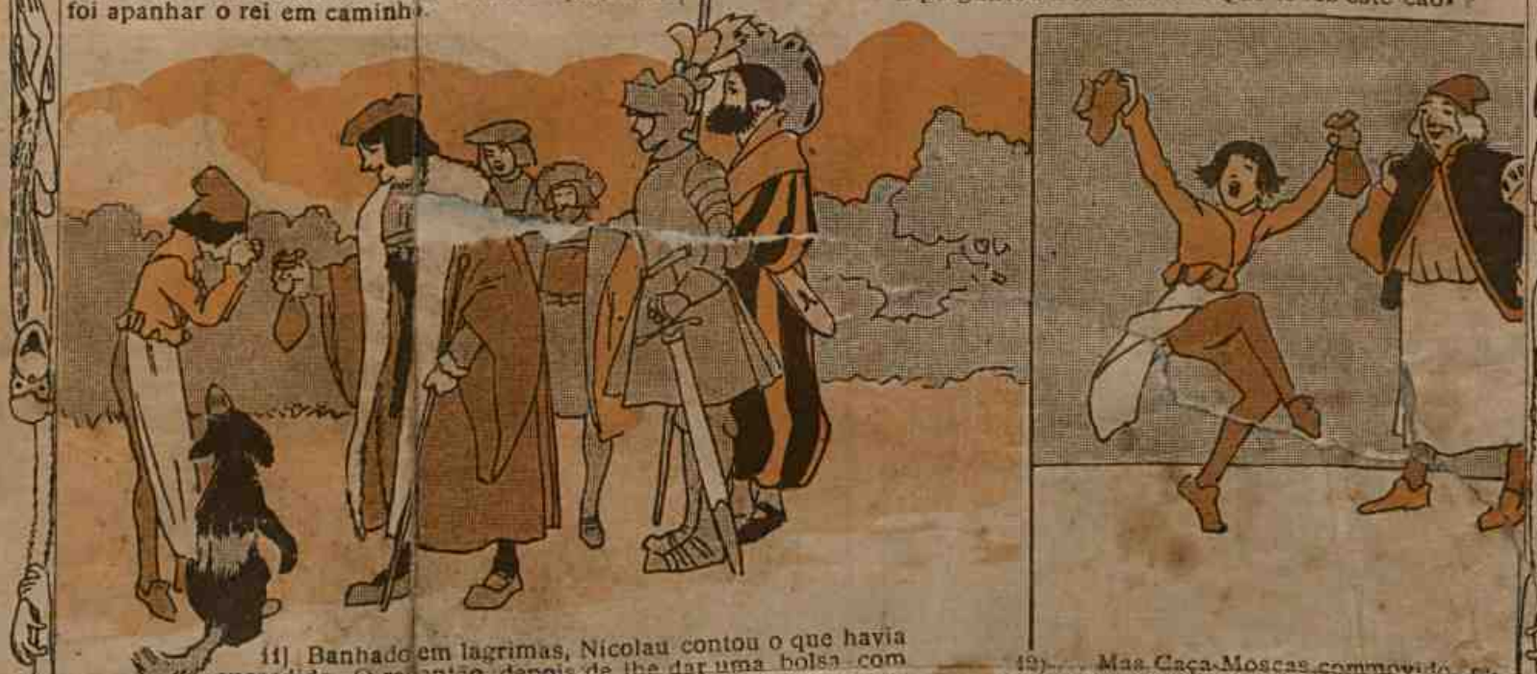
OS PREJUIZOS DA CURIOSIDADE (Conclusão)

7) Quando mestre Caça-moscas voltou e não viu os pudins e tudo quanto lhe pertencia, ficou furioso e apanhando uma bengala reprehendeu a filha e lhe deu muita pancada por ter ella abandonado a casa.

8) Guilhermina indignada por ter apanhado, agarrou o irmão e deu-lhe pancada de criar bicho, por ter elle sahido tambem. O Nicolau chorou que parecia você quando faz manha; e para se vingar ..

9)... correu atraz do pobre Trez-comtigo:
— Andá cá, *seu* curioso! Vaes apanhar para não seres desobediente!
Mas o cão corria cada vez mais, e tanto que, ainda foi apanhar o rei em caminho.

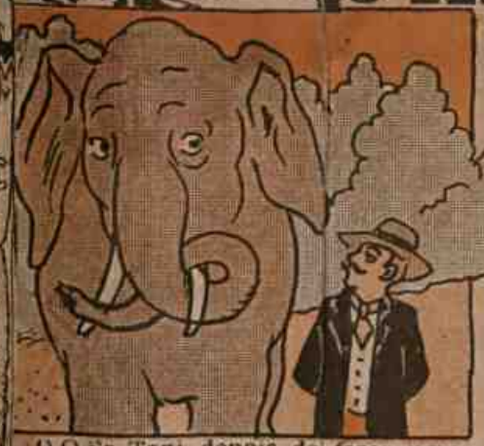
10) Cançado de correr o pobre caosinho parou sem querer aos pés do rei. Parecia reclamar justiça. O rei, vendo os dous cançados, comprehendeu que o animal estava sendo perseguido.
E perguntou a Nicolau :— «Que te fez este cão» ?



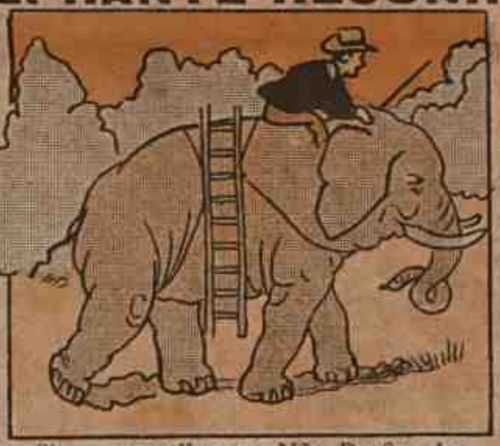
11) Banhado em lagrimas, Nicolau contou o que havia succedido. O rei então, depois de lhe dar uma bolsa com dinheiro disse-lhe: —«Aqui tens este presente para seccar as tuas lagrimas; mas d'ora avante não te vingue das tuas faltas... sobre os outros!» E o filho do pasteleiro, numa carreira só, chegou á casa de seu pai e cheio de alegria, entregou-lhe o dinheiro dado pelo rei ..

12)... Mas Caça-Moscas commovido reflectiu: Todos somos culpados, mas eu sou ainda mais do que vocês, porque não devia dar o exemplo. Agora, façamos uma casa para o cão e compremos roupas para todos. E o Nicolau gritou: «—Viva o Trez-comtigo!»

O ELEPHANTE RECONHECIDO



1) O Sr. Toni, depois de fazer uma grande fortuna em um circo, resolveu gosar a vida viajando, mas:—«Que fazer do meu elephante?—Tirar-lhe os bellos dentes de marfim como me...



2)... aconselharam. Não. Prefiro dar-lhe a liberdade. Lévo-o para uma floresta e solto-o. Ir-se-á embora; senão, voltará commigo e eu o guardarei.» E o Sr. Toni levou...

3)... o seu elephante para uma floresta. Lá Colosso (como se chamava o elephante) hesitou mas o amor da floresta natal era maior e mais forte. E Colosso partiu. Toni, ficou feliz, por ter praticado uma...

4)... boa acção... De volta, o Sr. Toni tomou um trem e encontrou-se com os amigos que lhe aconselharam aproveitar os dentes do elephante e contou-lhes o que...

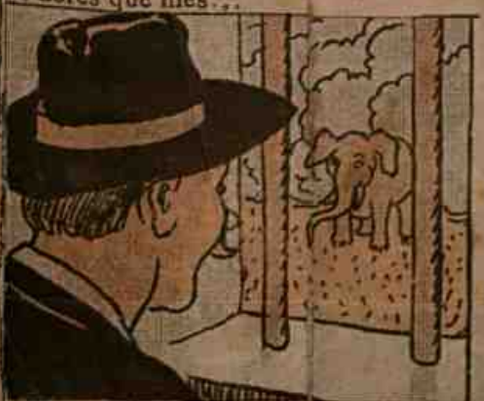
5)... havia feito; e assim, seguiram viagem. No deserto, o trem descarrilhou e os vagons tombaram. Houve muitos feridos, mas o Sr. Toni só teve um grande susto.

6) O comboio ficou em pleno centro de antropophagos. Não tardou que os naturaes do logar apparecessem com as suas intenções cannibalescas. Os selvagens imaginaram fornecer o seu grande...

7)... guarda-comidas com os infelizes viajantes. E fizeram a todos prisioneiros. Os cannibaes trataram de juntar todos os passageiros, sem se importar com as dores que lhes...

8)... causavam os ferimentos; e depois de reunidos em um grupo partiram! Foram todos para uma especie de aldeia, muito longe da cidade. Lá chegados os prisioneiros foram...

9)... fechados nas casas dos antropophagos. Em uma delias o Sr. Toni ficou só. Era uma casa que não tinha senão uma janella estreita e guarnecida de duas barras de ferro, para...



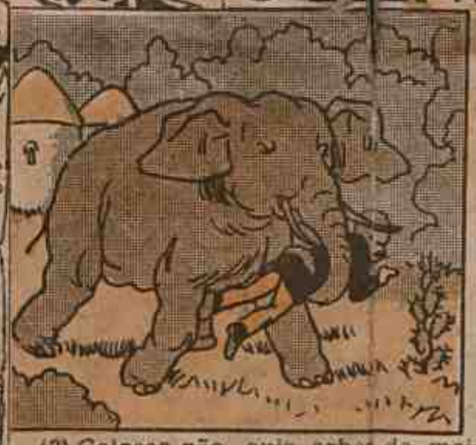
10)... evitar as fugas. Um pouco [illegible] calma o Sr. Toni [illegible] ver para [illegible] viu que dava [illegible] Ah! Que bom [illegible] Toni alegrou-[illegible] tempo... Mas agora [illegible] um elephan-

11)... surprehendente— o elephante era o Colosso! O Sr. Toni não teve mais medo. Chamou o seu velho amigo e ordenou-lhe que tirasse as duas barras de ferro da janella... E o Colosso obedeceu e com a tromba, fez isso que vocês...

12)...estão vendo! Um instante depois o Sr. Toni estava livre. Ordenou ainda ao seu amigo elephante que o apanhasse com a sua tromba e fugisse com elle.

(Continúa)

O ELEPHANTE RECONHECIDO (Conclusão)



13) Colosso não quiz saber de mais nada. Deitou a correr, mas, com seus grandes berros de alegria despertou a vigilancia dos selvagens. Estes não tardaram a perceber que um prisioneiro...

14)... fugia e — cousa extraordinaria — com um elephante! Começaram então a atirar flechas em direcção aos fugitivos, mas o elephante poz o seu antigo dono num logar em que elles o não podiam ver

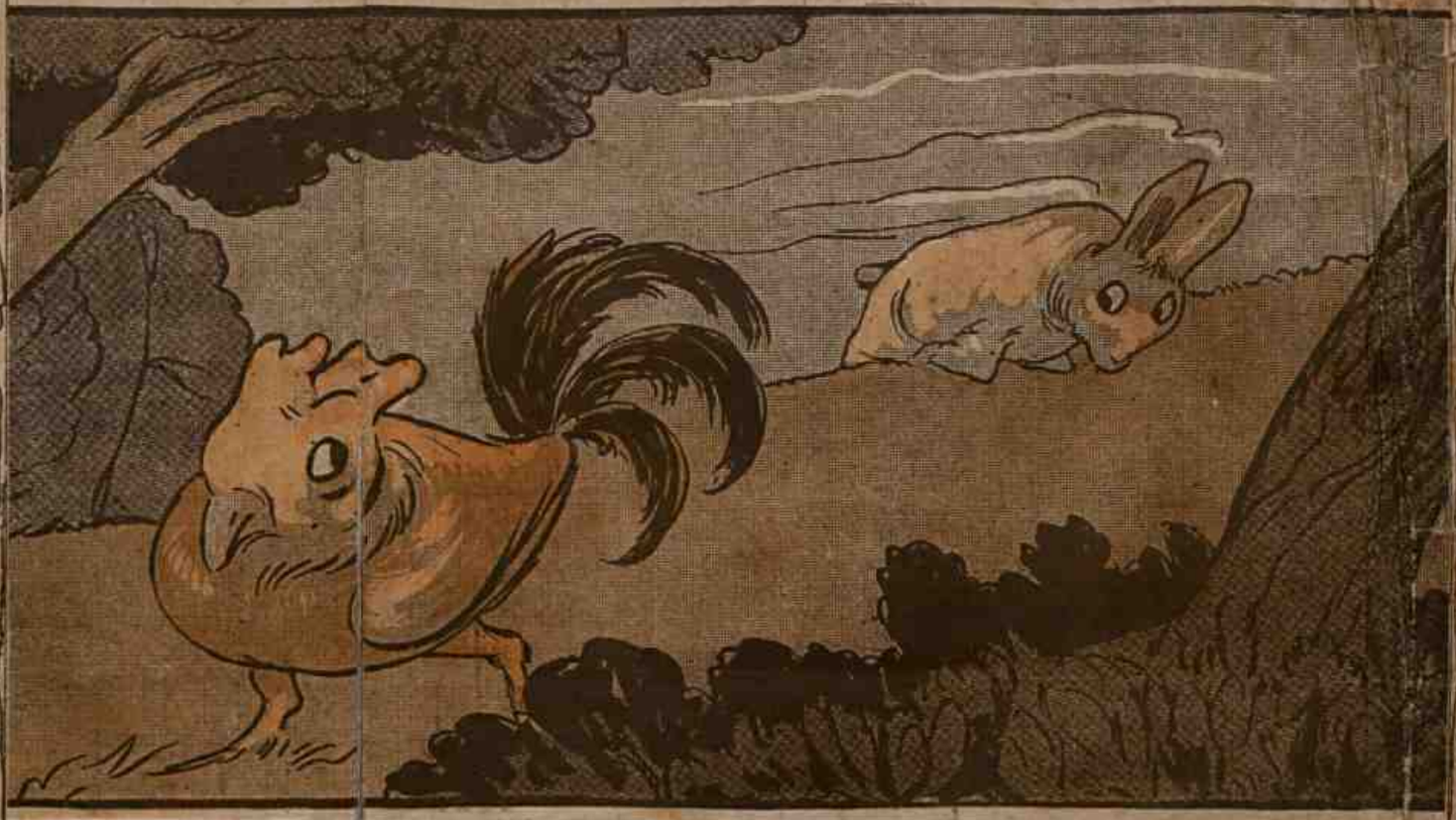
15) O Sr. Toni sabia que a pouca distancia d'alli havia um posto de guarda. Com seu Colosso poderia caminhar depressa. De facto algumas horas depois elle chegava ao posto...

16) Contou o succedido ao commandante, e, num instante os guardas foram transportados da maneira mais pittoresca—como vocês estão vendo. Logo que os soldados chegaram prenderam...

17)... os malvados cannibaes amarraram-n'os de mãos e pés e soltaram os presos. Quando os amigos do Sr. Toni souberam como tinham sido salvos, agradeceram-lhe muito, e mais ainda...

18)... ao valente Colosso. E é por isso que eu lhes garanto que os amigos do Sr. Toni não lhe dirão mais: «Tire os dentes do Colosso e venda-os». Desde então em diante o Sr. Toni nunca mais se separou do seu grande salvador

E' BICO OU CABEÇA?!



Será possivel? Não estará errado?! — Disseram-me que neste quadro estava pintada D. Quiteria, querendo apanhar um marreco, e eu só vejo um gallo fugindo de um coelho... Como é essa historia? Será virando a pagina de pernas para o ar que ella fica de cabeça para cima?

...admirar aquelle maravilhoso palacio!

...qualquer descuido quebral-a-ia...

com facilidade.

...Tico investiu e os guardas gritaram. «Não. Tu a quebraras e a nós tambem»! Mas *Tico* não quiz obedecer o que lhe prevenira e deu um pulo e... foi um dia a rainha Chrystalette!!— Quebrou-se em milhões de pedaços! O palhaço, o guarda-mór e todos os gigantes de guarda ao palacio quizeram, possuidos de raiva, avançar para *Tico*, porém a sua rainha se havia partido!

Vendo o seu destino, o guarda-mór que a escoltava desmaiou e cahiu sobre o palhaço e os dois sobre a guarda de gigantes esmagando-os. O barulho que fizeram todos aquelles pedaços de vidro chocalhando e se partindo...

...foi terrivel! *Tico* ficou aterrado! O que pouco antes era a linda rainha Chrystalette e seu brilhante e reluzente sequito, era agora um montão de cacos, uma montanha de fragmentos coloridos!

...teve medo. Fugiu apavorado! Parecia-lhe ver o guarda-mór irado de indignação correr atraz d'elle para matal-o como castigo do que fizera... Tico corria... corria...

...e quanto mais corria maior era seu medo e suppoz vér um dos gigantes da guarda a perseguil-o de braço estendido para agarral-o e punil-o por sua desobediencia...

...desgraçada vez tinha mais medo. E deu tantas voltas pelo palacio que se perdeu. Por fim elle viu lá longe a escadaria de crystal. Ganhou mais coragem e correu mais...

...e por todas as avenidas do palacio elle ouvia gritos contra a sua desobediencia! Eram gritos de dores, de raiva...

Tico começou a chorar e gritar por todos da casa e arrependido de ter feito tanto mal, galgou a escadaria pedindo soccorro! ... E com os gemidos e...

...gritos dos habitantes do a morrer elle acordou chora cama... *Tico* estava sonhando

NO TEMPO EM QUE JESUS ANDAVA PELO MUNDO

"No tempo em que Jesus andava pelo mundo...

Era assim que começavam diversas historias que Carlinhos ouvia sempre, com muito gosto.

Carlinhos era pobre. Sua mãi, coitada, trabalhava dia e noite, a cozer na machina, para pagar a casa humilde em que moravam, para comprar os generos que ella mesma cozinhava e para ter as roupas grosseiras que vestiam.

Os meninos ricos não pensam como os pobrezinhos. Não têm tempo. Durante o dia, entretidos com os brinquedos, só os deixam para ir á mesa comer cousas bôas, e á noite dormem logo, nos seus colchões macios, com as suas cobertas bordadas. Mas os pobrezinhos não: sós, sem criados, e obrigados a inventar brinquedos porque não têm quem lh'os compre, pensam muito durante o dia, choram á hora do almoço ou do jantar porque o prato que lhes dão não chega, e á noite, sem ter quem os amime na cama, porque a mamãi está a dar conta do serviço, pensam ainda, e como homens grandes. Pensam mais, a essa hora, recordando-se do que viram durante o dia, e imaginando como seriam felizes se tivessem os carrinhos ou os bonecos ou as roupas bonitas ou os doces saborosos que não faltam ás creanças ricas.

Carlinhos, deitado, emquanto a mãi cozia, lembrava-se do começo de uma das historias:

"No tempo em que Jesus andava pelo mundo..."

Entrou a pensar:

— Ah! Que bom se fosse ainda esse tempo... Mas agora Jesus está lá em cima no céu, e não vem mais passear pela terra.

E pensando assim, adormeceu, embalado pelo tic-tic-tic-tic da machina de costura que a mãisinha movia depressa, para apromptar no dia marcado a encommenda.

* * *

Adormeceu. E sonhou.

Sonhou que estava a fazer subir um papagaio de fio muito comprido, á porta da casa. O fio enredou-se num alto poste da rua, e não poude mais desembaraçal-o. Appareceu então um homem e vendo-o chorar, perguntou-lhe porque. Chorava porque era o unico brinquedo que tinha e ia perdel-o. O homem estendeu o braço, apanhou o fio, desembaraçou-o e restituiu-lhe o papagaio.

Tudo isso se tinha dado de verdade, um mez antes. Mas no sonho o homem depois de lhe fazer aquelle beneficio não foi embora. Olhou para elle com muita ternura, sorriu, e pouco a pouco se transformou em Jesus, com a sua tunica, com os seus cabellos longos e sua linda barba castanha.

— Jesus!

— Sou Jesus, Carlinhos. Era eu o homem que te salvou o papagaio. Não me conheceste. Jesus anda ainda pelo mundo, meu filho, e andará sempre, e será sempre o amigo dos bons meninos.

Carlinhos, que sentia o coração aos pulos, ajoelhou-se, e beijou-lhe a alpercata.

Jesús ergueu-o brandamente, afagou-lhe a cabeça, deu-lhe um beijo, e desappareceu.

Carlinhos, deitado, emquanto a mãi cozia, lembrou-se do começo de uma das historias.

Carlinhos viu entrar em casa um carregador com um cesto de fructas. Era o mesmo que ha tempos lá chegara com aquelle presente, sem dizer quem o tinha mandado, o que deixara muito intrigada a mãisinha. Lembrou-se então do espanto e da alegria que sentira, ao ver que as fructas eram das que mais desejava, sem nunca poder tel-as, porque custavam muito caro.

O carregador deixou o cesto e em seguida veiu em sua direcção :

— Sabes, perguntou-lhe, quem foi que me mandou levar a tua mãi aquellas fructas tão bôas ?

— Não sei...

— Foi Jesus...

Mal tinha ouvido essas palavras, viu chegar a baroneza, a bella senhora do palacete da esquina, que uma vez lhe fizera presente de umas botinas de cano alto, muito caras, eguaes ás que os filhos usavam.

E a baroneza, fazendo-lhe uma festa no queixo, com a mão enluvada, disse-lhe, carinhosamente :

— Sabes, quem foi que me deu a idéia de te mandar aquellas botinas?

— Não senhora.

— Foi Jesus.

Passou então o medico, o paciente doutor que o tratou com tanto desvelo de uma doença, de que todos pensavam que morresse, e que foi tão bom que além de ir vel-o varias vezes ao dia, mandava preparar a sua custa os remedios na pharmacia.

Carlinhos foi ao encontro do doutor. Mas quando ia falar-lhe, recuou, admirado. Não era o doutor. Era Jesus outra vez.

Comprehendeu então que Jesus é que tinha tomado a figura do doutor e que o havia curado, e que lhe tinha dado os remedios de graça.

Ajoelhou-se de novo, e de novo beijou-lhe a alpercata.

O homem sorriu e, pouco a pouco se transformou em Jesus.

De novo Jesus o ergueu, mansamente, e beijou-lhe o cabello.

— Não acredites mais, Carlinhos, que vivo sómente no céu, que não

Não era o doutor. Era Jesus outra vez!

ando mais pela terra, como antigamente. Aqui estou sempre. E não abandono jamais os bons meninos nem os pobres e os humildes que precisam de mim.

— Mas eu não o posso ver, quando estou acordado.

— Pensa em mim, e teu coração me verá.

— Desejava falar-lhe, quando acordado, mas não sei onde está...

— Estou a teu lado, bem pertinho de ti. Fala-me, que te ouvirei. E quando quizeres alguma cousa justa, pede-m'a que a terás. Não te entristeças nunca porque estou longe. Perto de ti estarei sempre, e cuidando de ti, como um paizinho que sou...

Nunca mais Carlinhos deixou que lhe dissessem :

" No tempo em que Jesus andava pelo mundo... "

E nunca mais lamentou que tivesse acabado esse tempo.

CONDE DE SANTA MARIA

A ESMERALDA

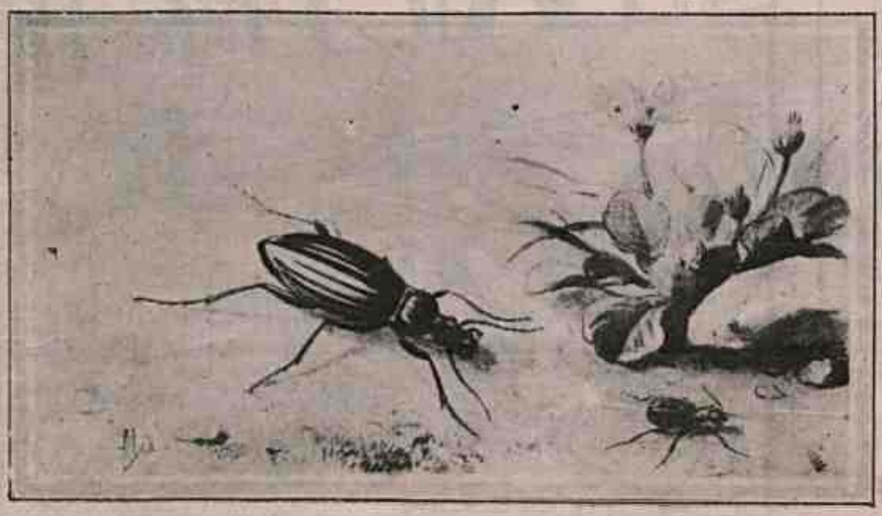
Casa importadora de joias, relogios, objectos de arte e metaes finos

8 E 10, TRAVESSA S. FRANCISCO DE PAULA, 8 E 10

VISITEM A CASA MAIS IMPORTANTE DO BRAZIL

A ARTILHARIA ENTRE OS ANIMAES

Agora que estamos em tempo de guerra, em que só se falla em canhão, granada, obuz, "skrapnell", minas subterraneas e todo esse arsenal de morte e destruição, concebido pelo espirito do homem civilisado, para "progresso" da humanidade, é justo que se falle tambem na artilharia dos animaes, para que muita gente não pense que o homem é o unico "civilisado" dos animaes.



Gravura n. 1

Na verdade, a artilharia entre estes não é tão mortifera como a nossa; elles não têm o 420 allemão, nem o 400 francez, nem o canhão 75 tambem francez, e, se fossemos comparar o seu poder com o das armas humanas, deveriamos dizer que os seus projectis egualam em capacidade offensiva aos jactos de liquidos inflammaveis ou de gazes asphyxiantes adoptados na guerra actual e que são lançados sobre os soldados inimigos por meio de apparelhos especiaes.

E' o caso, por exemplo, das abelhas e de uma especie de formiga tambem conhecida pelo nome de "formiga-leão", que, segundo mostram as nossas gravuras, possuem uma interessante arma de defesa contra os adversarios.

Quando um d'estes animaes se vê atacado, volta a parte posterior do corpo para o inimigo e lhe descarrega jactos de vapores venenosos e que produzem o mesmo effeito que o famoso gaz asphyxiante inventado pelos allemães.

Na gravura n. 1 vemos uma "abelha-bombardeira", (*Brachinus stygiocornis* — nome scientifico) descarregando sua nuvem venenosa contra uma outra abelha que a ataca. A abelha atacante é a maior, a pequena é a atacada. Como se vê, ella deu as costas á aggressora e fez sahir o jacto de vapor.

O projectil não é solido como a bala do canhão, mas sua descarga é acompanhada de um som distincto, tal como um ligeiro tiro de peça.

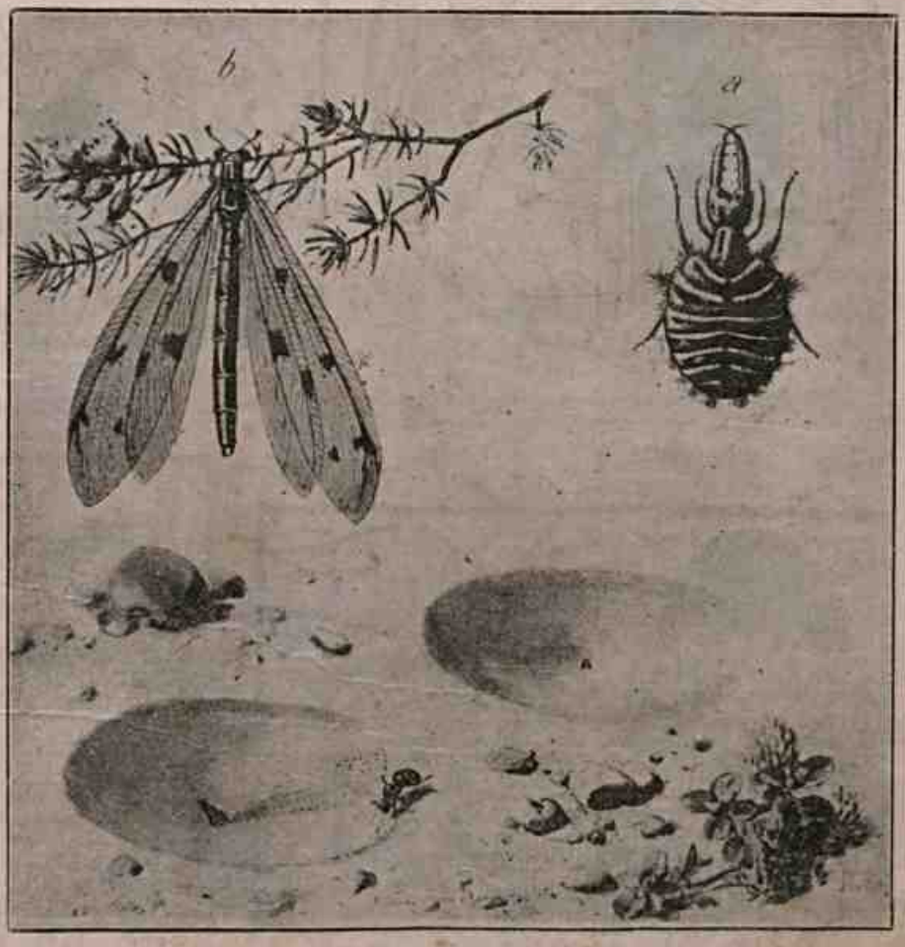
Na gravura n. 2 temos o exemplo da artilharia usada pela especie de "formiga-leão" a que acima nos referimos, e usada, aliás, sómente quando esse insecto ainda se conserva em estado de larva.

E o processo é simples. A larva da "formiga-leão" (*Myrmeleon formicarius*) cava na areia um buraco em fórma de funil e se enterra ella propria no fundo, deixando apenas de fóra as mandibulas. Quando uma formiga ou outro insecto qualquer entra nesse buraco, a larva joga areia sobre elle, obrigando-o d'essa maneira a escorregar para o fundo, onde o apanha e o devora.

Não é aqui o caso da abelha: aquella serve-se de um projectil que ella mesma fabrica, ou por outra, que se fabrica no seu organismo, esta, a formiga, arranja esses projectis fóra de si, pois é da areia que ella se serve.

A gravura 2 mostra ainda uma larva augmentada (figura *a*) e a formiga que d'ella se origina, já depois de completamente desenvolvida (figura *b*).

Não é pois privilegio do homem o uso da artilharia; os animaes tambem a possuem, muito embora com intuitos mais humanos".



Gravura n. 2

O GENERAL TRAVESSURA LEVA UMA LIÇÃO

(Por IVAN)

1) O general Travessura — como o chamavam — era o menino mais *levado* da cidade. Máu a valer, tinha a mania de pregar sustos pelo telephone...

2) ...e de maltratar os animaes — o que é signal de pessimo caracter.

3) Um dia, seu pai resolveu matricul-o num collegio, e o fazia sempre acompanhar de Giby.

4) Mas alli mesmo Travessura praticava as maiores perversidades contra os outros meninos! Até que, uma vez, dous...

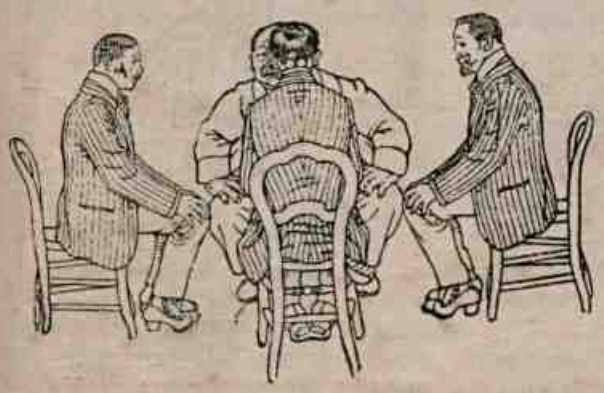
5) ...de seus collegas convidaram-n'o para brincar de carniça. Travessura aproveitou logo a occasião para fazer *picadinhos*, bater fortes palmadas nas costas dos camaradas.

6) Era de mais! Por isso, quando num salto, se preparava para dar um sôcco bem forte, o collega deitou-se e o general Travessura foi fazer um *picadinho* com o seu proprio nariz, para castigo de sua maldade. Uma lição em pleno recreio!

Os trez pretendentes a uma noiva

(Traducção de Oswaldo Silva)

HAVIA um pai muito extremoso, que amava sua filha tão gentil e tão bella que todos quanto a viam d'ella se enamoravam. Sua belleza era tal, que deixou apaixonados trez jovens, egualmente elegantes e bem dispostos. A todos ella dava esperanças, promessas de casamento.



O pai e os trez pretendentes

Certo dia, seu pai veiu a saber da paixão dos trez rapazes. Dirigiu-se, então, á filha e disse-lhe:

—Minha filha, isso não pode ser: tu não podes casar com os trez jovens de uma vez; é preciso que te decidas a preferir um; não posso consentir que continues a dar esperanças a todos.

E a filha respondeu:

—Tanto amo o primeiro como os outros dous; sendo assim, não me é possivel dizer a este ou áquelle que o não prefiro, que o não amo.

—Mas, minha filha, é impossivel o que dizes; pondera um pouco. Vamos a ver: não ha entre elles alguma differença?

—Nenhuma, meu pai. Conversae com elles e haveis de convencer-vos de que os trez são semelhantes em merito e distincção. Tirae d'isso a prova; se vos aprouver, chamae-os todos. Escolhereis, finalmente, aquelle que deve ser o meu marido, e de tudo me darei por satisfeita.

—Sim, sim, eu os chamarei.

E o pai, chamou então, separadamente, cada um dos trez pretendentes á mão de sua filha. Ao primeiro perguntou:

—Quaes são os teus desejos á respeito da minha filha, tão formosa e gentil?

O primeiro pretendente respondeu:

—Se consentirdes, eu a tomarei por esposa e viveremos na paz e na graça de Deus, assim como Deus manda.

—Agrada-me: pensarei nisso. Saberás mais tarde a minha decisão.

—No dia seguinte chamou o segundo e lhe disse:

—Quaes são os teus desejos a respeito da minha filha, tão formosa e gentil?

O segundo respondeu:

—Se consentirdes, eu a tomarei por esposa e viveremos na paz e na graça de Deus, assim como Deus manda.

—Agrada-me a tua resposta; tomarei uma resolução, sobre teus propositos e t'a communicarei depois.

No outro dia chamou o terceiro e perguntou-lhe:

—Que desejos tens sobre minha filha tão gentil?

E o terceiro respondeu como os outros dous.

—Agradam-me os teus desejos; meditarei sobre elles e saberás depois o resultado.

Após isso, o pai meditou sete dias e sete noites, e disse:

—Todos os trez são egualmente honrados e bons; todos a querem para esposa; não posso dar-lhes resposta negativa. Como resolver sem melindral-os? Chamal-os-ei e lhes proporei uma prova.

E o velho chamou os trez pretendentes á sua presença, dizendo-lhes:

—Tomei a minha resolução. Vós me haveis fallado de vossos propositos. E' impossivel satisfazer a todos. Quereis vos submetter a uma prova, sem melindre de ninguem?

—Acceito, — disse o primeiro — porque serei o vencedor.

—E eu, porque a disputarei como nenhum outro — disse o segundo.

—E mais eu, porque nenhum delles se sahirá tão airosamente — replicou o ultimo.

—Fico satisfeito com tamanha galhardia — respondeu o pai ao ouvir semelhantes respostas. A prova será a seguinte: Cada um escolherá um officio que mais lhe apraz, e o que mais pratica tiver e for o melhor official, casar-se-á com minha filha, tão formosa e gentil.

—Está bem! Escolheremos o officio e voltaremos quando cumprida a prova.

Um aprendeu o officio de barbeiro, outro o de ferrador, o ultimo quiz aprender a esgrima; e tomada essa resolução, começaram a trabalhar e a aprender, cada um o seu officio, para obter como premio, a moça educada e gentil.

E como havia promettido, o ferrador cumpriu...

Muito tempo depois, reuniram-se os trez e fallaram ao pai:

—Temos concluido a aprendizagem do officio. E' preciso, pois, que escolhaes o preferido á mão de vossa filha.

—Veremos agora, disse o pai; o merito de cada qual no seu officio.

Adeanta-se o que tinha aprendido o officio de ferrador e diz:

—Sou ferrador.

—Quaes as suas habilidades nesse officio?

—Tenha a bondade de trazer-me um burro, o mais couceiro que houver e alguem que o chicoteie bem; no momento em que o burro, fustigado, der o primeiro couce, eu lhe arrancarei as ferraduras, limarei os cascos e collocarei novas ferraduras.

Todos os que o ouviam, retrucam.

—Veremos se cumpre: aqui estão o burro, o homem e o chicote.

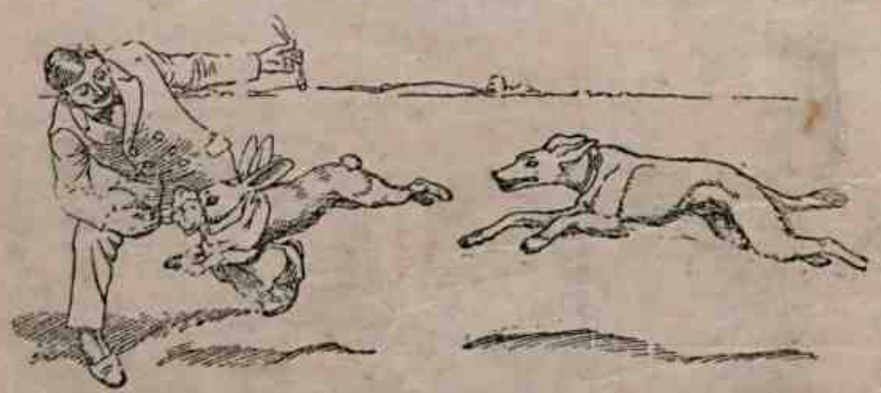
E como havia promettido, assim cumpriu: quando o burro deu o primeiro couce, o ferrador arrancou-lhe as ferraduras, limou-lhe os cascos e collocou-lhe as ferraduras novas.

Caminhavam já satisfeitos, o homem, com seu chicote e o burro com suas ferraduras novas, quando se adeanta o segundo pretendente e diz:

—E' muita habilidade, porém, a minha é maior.

—E qual é seu officio?

—Aprendi a ser barbeiro e minha habilidade é esta: traga-me uma lebre e um cão, o mais corredor possivel, mais ligeiro que todos os cães. Soltem depois o cão a correr atraz da lebre. E assim se fez. Quando a lebre passou correndo do cão que a perseguia, o barbeiro, com grande agilidade, põe-lhe a toalha ao pescoço, passa-lhe sabão no focinho e faz-lhe o



Com grande presteza o barbeiro faz-lhe o bigode...

bigode...

E o pai da pretendida, disse-lhe:

—E's de facto, muito habil; vejamos o terceiro.

O terceiro, porém, respondeu que não podia mostrar a sua habilidade, emquanto não lhe fosse feita uma roupa de papel.

Fez-se a roupa de papel e o candidato accrescentou:

—Não posso, ainda fazer a prova; esperarei que chova.

E todos esperaram a chuva.

Choveu e choveu muito. E a chuva que cahia inutilisou-lhe a roupagem de papel.

Nesse ponto, o esgrimista disse:

—Meu officio é este: a esgrima é a minha habilidade. E tirando o seu espadim, começou a giral-o de um lado para outro, de maneira tão espantosamente rapida, que em derredor, não cahia nem um pingo de chuva.

—E' de facto, muita habilidade — disse o pai, e como os trez hajam cumprido a prova com muita perfeição, não posso decidir-me a escolher um, sem melindrar os demais; assim, pois, não é possivel que desposeis minha filha tão gentil.

E os trez exclamaram:

—Sim, queremos casar, queremos casar.

Passam-se dias e nenhum dá solução a tão ardua tarefa. Todos estavam tristes.

O pai não ficou menos triste e um dia apresenta-se aos trez candidatos e lhes propõe:

—Ides fazer outra cousa: percorrei o mundo e aquelle que trouxer o presente de maior merito será o esposo de minha filha.

—Pois bem, vamos dar a volta ao mundo.

E foram-se.

Sahem a percorrer o mundo e chegam á China; um, foi pelo caminho da direita; outro pelo da esquerda e o terceiro, pelo do meio.

O primeiro andou trez dias e cinco horas e, no fim d'esse tempo, encontrou um homem em uma barraca onde vendia flores, mas, flores exquisitas, formosissimas.

— Qual o preço d'essas flores, afim de comprar uma e leval-a como mimo á minha sonhada noiva?

O homem respondeu:

—Trezentos mil réis... E' o preço de cada flor...

—Não é possivel! Trezentos mil reis por uma flor, é um exaggero.

E tirando o seu espadim, começou a giral-o de um lado para outro de maneira espantosamente rapida.

— Se conhecesses o merito, a qualidade de semelhante flor, não a julgarias cara — contesta o florista.

—Mas o seu merito?

—Esta flor, collocada junto de um morto, ou dada a cheirar, cinco minutos depois da morte, occasionará de novo a vida, a resurreição.

—Se assim é, eu fico com uma; e pagou os trezentos mil réis.

O primeiro candidato voltou com a sua flor, afim de conquistar a sua amada.

O que ia pela esquerda andou chegou a uma cidade onde havia uma tenda e ahi eram vendidos oculos de grande alcance.

—Quanto custa um telescopio?

—Setecentos mil réis.

—Não quero. Não quero gastar todo o dinheiro que possúo.

—Se conhecesses o merito d'este telescopio, comprarias todos — respondeu o vendeiro.

—E qual esse merito?

—Com este telescopio hão só verás todas as partes do mundo, como tambem através da alma das pessoas que amas.

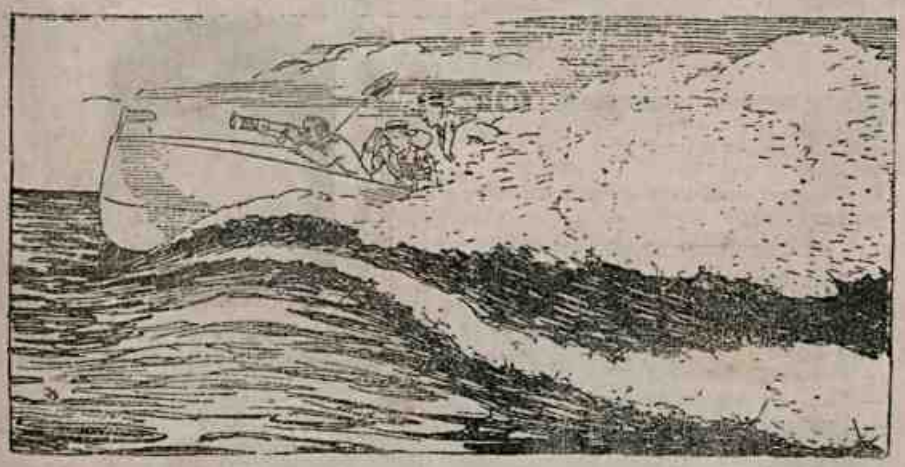
—Pois bem. Compro um.

E o segundo candidato toma o objecto comprado e volta pelo caminho percorrido.

O terceiro chega á beira do mar e

ahi encontra marinheiros que pintavam um barco.

—Marinheiros, bons marinheiros,



Todos, ao ouvir isto, embarcaram ao mesmo tempo

tão bom é esse barco que é preciso pintal-o com tanto cuidado?

—Este barco vale novecentos mil réis — responde um dos marujos.

—Como? si é tão pequeno?

—E' porque tem merito e qualidades nunca vistos. Apenas nelle se embarque, está-se em qualquer parte do mundo, em quatro minutos.

—Eu compro o barco. E pagou os novecentos mil réis, pensando levar o melhor presente á sua amada.

Este, o da flôr e do telescopio, reuniram-se para tirar a prova dos seus presentes.

O possuidor do telescopio collocou-o em posição e poz-se a ver a casa da sua amada:

—Jesus! Jesus nos valha!

—Que é?

—Este telescopio é tão perfeito, que de qualquer parte do mundo se vê a casa da pessoa que se ama: vejo agora a casa do pai da dama tão gentil por quem lutamos e vejo o pranto em todos os olhos.

E' que a moça gentil que disputamos acaba de fallecer.

—Não importa: disse o possuidor da flor. Comprei esta maravilha e é tão util, tão grande o seu merito, que, se morre alguem e se lh'a dá a cheirar, passados cinco minutos a pessoa resuscita!

—Como fazermos se estamos tão distantes; se estamos na China?

E o terceiro accrescentou:

—Não importa; eu comprei este barco e é tão raro no seu genero, que todos quantos nelle embarquem, chegam em quatro minutos a qualquer parte do mundo onde se queira ir.

Todos, ao ouvir isto, embarcaram ao mesmo tempo. Dentro de quatro minutos justos, chegam á casa da preferida.

(Faz-se mister saber que o pai vinha com sua filha, á beira do mar.)

Chegaram. Nenhum quiz saber noticias do que havia occorrido. O da flor acerca-se do leito mortuario. Afasta os cirios e dá a cheirar a flor á moça morta. Não haviam passados os cinco minutos, eis que se levanta a moça tão educada e gentil, alegre e saltitante.

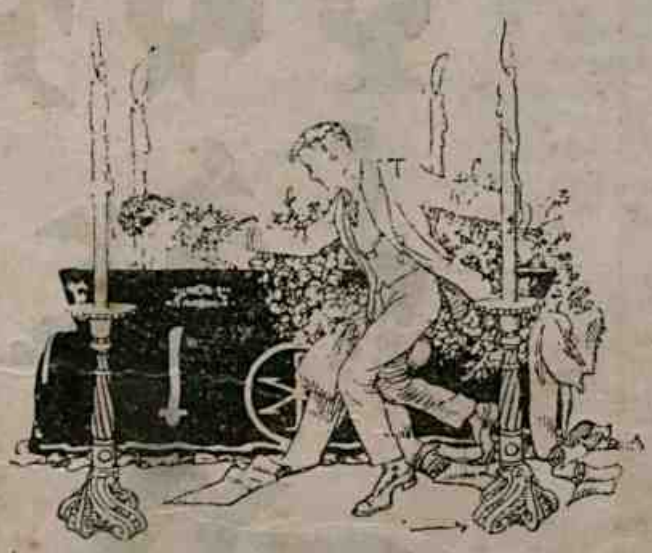
Haverá maior ventura?

—Quem te fez voltar á vida, minha filha?

O que trouxe a flor, levantou-se, dizendo:

—Eu, que a fiz resuscitar com esta flor. E' o presente que trazia para ella.

O pai, vendo então o grande merito do presente, ia já dizendo: — Tu serás o esposo escolhido, quando se adeanta o que havia comprado o barco:



Afasta os cirios e dá a cheirar a flor á moça morta

—Vêde antes se não tem maior merito o meu presente: estavamos todos na China e não poderia vossa filha tão gentil aspirar esta flor, se este barco não nos tivesse trazido á vossa casa, em quatro minutos justos.

—Tens razão, disse o pai.

O outro pretendente se adeantou:

—Mais razão tenho eu, porque meu presente tem maior merito: meu presente é este telescopio.

—Que merito tem?

—E' certo que vossa filha vive porque poude respirar o aroma d'essa flor, porque o barco nos conduziu aqui em quatro minutos. E se tudo isso se fez, foi porque com este telescopio vi que vossa filha havia morrido. E eu os avisei.

Os presentes de todos tinham, portanto, egual merito. E o pai que não podia escolher um sem melindrar os outros dous, disse:

—Não posso escolher um, em vista do que se passa. Como resolver, então? Discuti, pois, entre vós e depois de decidirdes qual deve ser o preferido, procurae-me.

Os trez partem a informar-se qual o que possuia mais direitos á mão da donzella tão gentil. O destino fel-os encontrar-se perante o mesmo juiz.

O juiz, deante de tanta disputa, foi ao pai da moça tão gentil e lhe fallou:

—Esta questão assáz porfiada e difficil, parece uma historia que não se acaba. Meu parecer seria: casardes vossa filha com meu filho, rapaz guapo e honrado. Ambos viverão como bons esposos, na paz e na graça de Deus, e diremos aos trez pretendentes que todos perderam o pleito.

—Satisfaz-me essa resolução.

A filha casou-se com o filho do juiz. O casamento foi celebrado com pompa. Mas, a disputa continuou, até que um dia, o pai chegou-se aos trez candidatos e lhes disse:

—Basta de disputa!

—Por que? perguntaram os trez.

—Porque todos perderam a questão: minha filha já está casada.

Os trez pretendentes ficaram muito tristes ao ouvir essa noticia. Passado um momento, disse um:

—Ora, elles viverão como bons esposos, na paz e na graça de Deus, como Deus manda; não nos devemos

entristecer por causa da felicidade dos outros.

—Obtivemos vantagens — disse o outro — porque acabámos o pleito.

E o terceiro accrescentou:

—E vantagem maior, porque ficamos perfeitos nos nossos officios por toda a vida.

Começaram, então, os trez a trabalhar no seu officio e todos vendo a habilidade d'elles, commentavam:

—Estes, sim, é que são optimos officiaes!

E os trez tiveram com o tempo, grande fortuna, emquanto que a recem-casada adoeceu com variola e ficou com o rosto salpicado, cheio de manchas; e todos quantos a viam, chamavam bruxa — áquella que foi tão bella e tão gentil.

CONTA DE SAPO

Cazuza logo que entrou para o collegio teve a alcunha de *Sapo*.

Porque? Era um menino de olhos vivos e intelligentes, cabellos annellados, muito sympathico — e muito bonito mesmo. De onde viera a lembrança, aos collegas, de lhe darem o nome de tão feio bicho?

Do seguinte:

Cazuza não estudava. Não estudando, fazia triste figura na aula, todos os dias. Uma vez, perguntou-lhe o professor:

— Quatro vezes quatro?

O vadio ficou atrapalhado. Não sabia que resposta dar.

E sahiu-se com esta:

— Quatro vezes quatro... Quatro...

— Como?

— Quatro vezes quatro... Quatro!

A pequenada desatou a rir.

Quando chegou a hora do recreio um dos companheiros mais alegres poz-se a commentar o caso, e disse:

— O Cazuza é sapo.

— Sapo?

— Sim. Não sabem vocês que é de sapo a sua taboada de multiplicação? Os sapos levam todo o tempo a gritar quatro... vezes quatro... quatro. Erram sempre, e d'ahi não passam.

O travesso imitava com perfeição os sapos. E o Cazuza ficou com a alcunha.

PRINCE

— Voce não tem irmãos?
— Não.
— Que massada! Com quem então voce briga em casa?

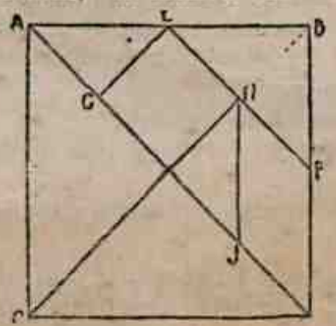
— Noto que já não és mais o excellente estudante que eras.
— Porque? Porque não tenho sabido as minhas lições de geographia.
— Decerto!
— Não vale a pena estudar isso.
— Ora essa!
— Sim senhor. Pois não se diz que depois da guerra a geographia vae ser toda alterada? Não vale a pena perder tempo.
Deixo o estudo para depois.

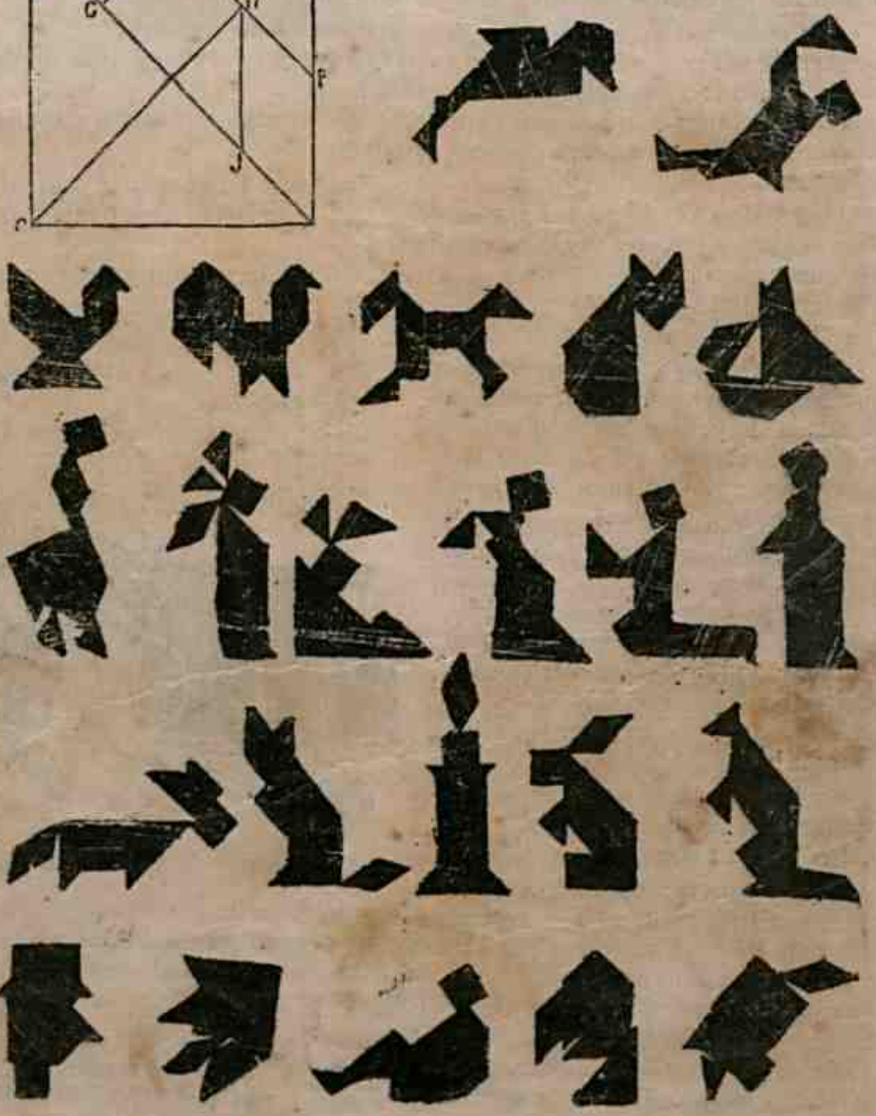
O ENCANTO DOS LARES

A interessante Inah, idolatrada filhinha do reservista do Exercito, Sr. Vital Ferreira, pharmaceutico-chimico, residente Divisa, Rio Preto — Estado do Espirito Santo.

QUEBRA CABEÇAS JAPONEZ

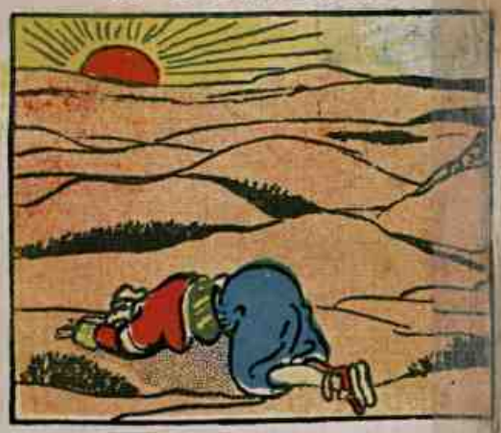
Cortando um quadrado de papelão ou cartão, preto ou escuro, de preferencia, de accordo com as linhas traçadas acima, terá o leitorzinho oito peças geometricas com as quaes poderá fazer todas as combinações que se seguem, e ainda outras, ajustando de modos diversos os fragmentos.





A SOMBRA

1) Ali, rapaz ambicioso, resolveu partir para longes terras, em busca da fortuna. Andou muito e teve que atravessar um grande deserto.



2) Mas quando se viu no meio daquella immensidade de areia, sentiu-se sem forças para continuar sósinho a viagem e, prostrando-se pediu a Allah que lhe desse um companheiro.

3) Percebeu de repente que alguem estava a seu lado. Voltou-se e viu com surpreza um arabe na mesma posição que a sua.

4) Levantou-se. Ergueu-se tambem o desconhecido. Verificou então que, apezar de tudo escuro, era extraordinariamente semelhante a sua pessoa. Parecia a sua propria sombra. Perguntou-lhe quem era.

5) Fez-lhe o arabe comprehender que era mudo. Deu-lhe ainda a comprehender que era o desejado companheiro e que o seguiria sempre como escravo. E por meio de signaes provava penetrar no pensamento de Ali. Tirando um sacco...

6) ...de moedas, mostrou saber que o ouro o preoccupava. — Adivinhaste, disse-lhe Ali. Quero, acima de tudo uma fortuna. Já que tão bem nos entendemos, emprehendamos juntos a sua conquista!

7) Caminharam legoas. Pararam em certo logar, vendo uma mulher musulmana, que se defendia de salteadores. Procuravam estes apoderar-se de um cofre de diamantes que lhe pertencia.

8) Ali sacou do punhal, o companheiro de outro, e puzeram em fuga os assaltantes, perturbados com o apparecimento daquellas duas imprevistas figuras. A musulmana tirando o véu...

9)... começou a agradecer a Ali, emquanto o escravo contemplava as ricas pedras «Salvaste-me, disse ella. Offereço-te minha mão de esposa...» Alli ficou desapontado porque a noiva era horrivel. Mas os seus diamantes...

10)... obrigaram-no a ajoelhar-se. Disse-lhe que se sentia feliz não pela sua riqueza, mas por sua formosura. A dama sorriu, com ironia. O escravo ajoelhara-se tambem, mas deante do cofre...

11) E a sua physionomia parecia dizer: A senhora não acredite nisso. Elle o que quer é a sua fortuna... A dama respondeu a Ali: «Creio no seu desinteresse, porque aquelle cofre não contem diamantes, mas simples seixos...

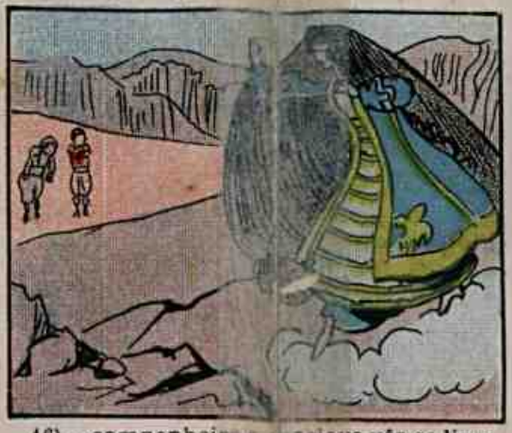
12)... que ao brilho do sol faiscavam.» Ali lançou um olhar para o cofre e viu que era verdade. O escravo fazia gestos de desespero. — «Dê-me licença, que vou castigar este insolente!» exclamou o

Continúa.

13) E apanhando um páo, avançou contra o mudo. Este porem tomou outro páo e investiu contra Ali. A dama ria-se. E virando o cofre—que tinha o fundo duplo — atirou fóra as pedras sem valor...

14)... e Ali viu de novo luminosos, os cobiçados diamantes. Riu-se muito a musulmana, e tirando a mascara que trazia e não fôra percebida, deixou ver seu verdadeiro rosto, que era lindo...

15) Fez um cumprimento gaiato, collocou o cofre no dorso do camello, saltou para o sellim e zás! não tardou a sumir-se, deixando Ali e o escravo desolados... Ali aborrreceu-se do...



16) ...companheiro e desejava vêr-se livre delle. Começaram os dois a andar sem destino. Horas depois viu uma estranha figura de mulher que o convidava a approximar-se. Era a rainha das Trevas.

17) A Rainha das Trevas envolveu com um grande véu negro o mudo. Este lançou um olhar enternecido a Ali e desappareceu. O ambicioso rapaz teve um movimento de compaixão...

18) Mas a Rainha das Trevas era bella e estava vestida com grande riqueza Não protestou. «— Amigo! disse-lhe ella, és o homem que sonhei ter por marido. Reinarás commigo.» Ali, delirante, seguiu-a.

19) Foi levado para um palacio magnifico, mas às escuras. A rainha dizia —Aqui está o rei! E muitas vozes gritavam «Viva o rei!» Mas Ali nada enxergava. No meio daquellas trevas era como se estivesse só.

20) Sentiu-se mais só que no deserto. Que falta lhe fazia o mudo! A's vezes parecia ouvir-lhe os passos, atrás de seus pés. Estendia a mão... Nada! Em certo momento, desesperado levou a mão á cabeça.

21) Tocando o crescente de prata que ornava o seu turbante, arrancou-o. O crescente transformou-se numa forte lampada. Viu então a sua frente o mudo que se tornara um gigante, emquanto elle parecia um anão.

22) Fez-lhe o mudo comprehender que elle é que diminuira. O palacio era uma caverna e dava para um precipicio. A rainha, com a [illegible] um ef[illegible]

23) Sahindo, verificou que voltára a est[illegible] Grato, abraçou o companheiro graças er os proprios defeitos. [illegible] ser ambicioso.

24) Tornou-se um homem á[illegible] teve a felicidade de encontr[illegible] musulmana dos diamantes. E te[illegible]os, nã[illegible] esc[illegible]

A ESCOLA DOS PASSA

1) —Acorda, Luiza ! São horas !
— E' tão cedo...
— E a escola ?
— A escola... Que maçada ! Escola todo o dia...

2) Lá foi Luiza, caminho da escola.
Como fazia frio! A tremer com as mãos encolhidas, pensava cousas ruins do Destino que obrigava as meninas ao estudo.

3) Passando perto de uma arvore, ouviu de repente o sacudir de azas de um passarinho que a olhava com insistencia.

4) —Como tu és feliz ! — disse-lhe ella. Não tens que ir á escola..
— Cuic ! Cuic !
O passarinho, tomando a fórma de gente, saltou do galho e cumprimentou-a.

5) —Vem commigo ! convidou-a. Vem fazer um passeio...

6) Logo que entraram no matto, elle cantou, chamando os companheiros.

7) Accudiram immediatamente diversos passarinhos, voando e saltando.

8) A um dado momento o maior dos passarinhos vôou para um galho e começou a abrir o bico e a soltar uns sons, como se fallasse. Os outros, fazendo roda, no chão, em baixo, ouviram-no attentos.

9) —Que vem a ser isso ?
— E' a escola dos passarinhos.
— Como ? Pois os passarinhos tambem têm escola ?
— Naturalmente.

10) —E explicou :
— Precisam aprender a cantar, a procurar alimento...
Ouviram-se dous tiros.
Era um caçador.

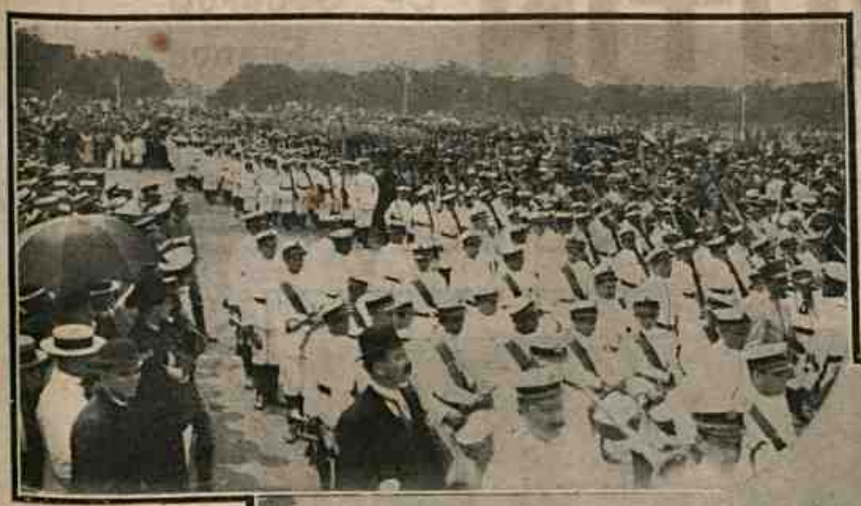
11) Os passarinhos, aterrados, voaram, quasi todos. Dous outros, cahiram mortos. O passarinho que acompanhava Luiza escondeu-se em sua capa.

12) Acabado o perigo, voltaram todos e a aula recomeçou. Mas appareceu uma raposa, e tiveram que fugir outra vez.
— Coitadinhos ! — exclamou Luiza. Antes a minha escola...

13) Cuic ! Cuic !
Era um passarinho que pousara na janella do quarto de Luiza. A preguiçosa havia continuado a dormir, depois que a mãi a chamara. E agora acordara.

14) Mas, depois d'esse dia, nunca mais disse mal da escola.
E alegremente é que sahiu de casa para ir ás aulas.

O civismo da infancia – Recordação patriotica



Nunca mais se apagará da memoria publica o brilho excepcional com que foi commemorado no Rio de Janeiro o ultimo anniversario da Independencia do Brazil — o 7 de Setembro de 1917.

Foi uma festa patriotica, que nos encheu de orgulho, d'esse orgulho que honra, porque não se confunde com a vaidade pessoal : é o orgulho de ser brazileiro.

Vinte mil homens — do Exercito, da Marinha nacional e norte-americana, da Brigada Policial, do Corpo de Bombeiros, e das Linhas de Tiro da capital da Republica e dos Estados, formaram e desfilaram em continencia ao chefe da Nação, como o representante maximo do Brazil Independente — alvo das homenagens d'esse dia glorioso.

Mas ao lado e hombreando com esses milhares de homens, sobresahiu admiravelmente a Brigada Infantil, formada por meninos escoteiros e por batalhões collegiaes.

Era de vêr-se a disciplina, a firmeza, o garbo, a precisão de movimentos com que esses meninos marchavam e executavam as evoluções da ordenança !

Encantava os olhos e a alma contemplar-se as unidades infantis em movimento pelo campo de parada, mostrando que alli estavam promptos e adextrados os futuros garantidores da soberania do Brazil, os pequeninos soldados da Patria, grandes no seu civismo, gigantescos no seu enthusiasmo !

Enternecia e confortava essa revelação da infancia brazileira ! Não pela simples exterioridade marcial, mas porque debaixo de cada blusa de escoteiro, debaixo de cada "dolman" collegial sentia-se a existencia de corações patrioticos, palpitando pela felicidade do Brazil, fremindo pela honra da Nação !

Em verdade, era um espectaculo soberbo ! Commovia e enthusiasmava ! Despertava as energias moraes porventura adormecidas e produzia o "frisson" que irreprimivelmente humedece os olhos, em discretas lagrimas da mais intensa e profunda alegria.

Um — bravo ! — da redacção d'este Almanach aos glorjosos meninos que, formando a Brigada Infantil, na parada commemorativa do ultimo 7 de Setembro, deram a melhor nota d'essa data nacional : a certeza de que a Independencia do Brazil despertará sempre o enthusiasmo e terá sempre a garantia dos homens do futuro, succedendo aos homens do presente.

E essa garantia é um grande consolo neste momento historico em que, mais do que nunca, o Brazil precisa da cooperação de todos os seus filhos na defeza de sua soberania.

Nunca se precisou tanto como agora do civismo de todos os brazileiros, sem distincção de edades.

Tendo sido obrigado a acceitar o estado de guerra com uma potencia da Europa, é preciso que o Brazil possa contar com o patriotismo de todos; e tanto melhor, se esse sentimento estiver escudado no preparo militar defensivo de todos os cidadãos, ou pelo menos na obediencia, na disciplina, na calma e na intrepidez que são as principaes qualidades do militar, do cidadão fardado, e as quaes tambem devem ser as de todos os civis, para gloria e tranquillidade da Patria.

Eis porque estampamos estes quadros de estimulo e gloria ao patriotismo da infancia brazileira.

1) *Escoteiros de Guaratinguetá*. 2) *Collegio Salesiano de Lorena*. 3) *Collegio Salesiano de S. Paulo*. 4) *Collegio Salesiano de Nictheroy*.

VERMUTIN

Dr. Eduardo França

Se quereis digerir bem: se quereis obter excellente paladar e appetite; se quereis fortificar os nervos; se quereis, emfim, rejuvenescer adquirindo o bem estar do corpo e do espirito: bebei todos os dias 3 ou 4 calices do radio apperitivo indiano:

VERMUTIN

Peçam **VERMUTIN**, a bebida da moda

VERMUTIN póde ser bebido por todas as pessoas, principalmente as fracas e as que soffrem do estomago

Encontra-se em todos os hoteis, restaurantes, cafés, confeitarias, bars, botequins e armazens

Unicos depositarios: Mourão & C., rua do Rosario, 133—Concessionarios: Coutinho Neves & C., rua Buenos Aires, 96-sobrado

Duas Crianças

— Eh, Chico !

— Olha o Antonio ! Ha quanto tempo !

— Você sumiu... Por onde anda você ?

— Por ahi... E você ?

— Virei jornaleiro. Não está vendo ? O meu ponto é d'aqui até a esquina.

— E dá muito, isso ?

— Conforme... Olhe, hoje, com a chuva, só vendi quatro folhas. E tenho a roupa toda pegada ao corpo... Assim, é o diabo !

— Entre aqui um pouco, nesta porta. Queria conversar com você.

— Tambem queria, mas...

— Você mesmo não diz que faz pouco negocio ? Então, não vale a pena.

— Sempre vale mais pouco do que nada. E lá em casa, mamãi... você sabe !

— Ainda moram na mesma estalagem ?

— Pois então ? Sempre !

— A chuva está apertando. Deixe lá isso. Entre.

— Você me desencaminha e depois...

— Depois, se fôr questão de uns nickeis, socegue... Eu tenho.

— Muitos ?

— Bastantes.

— Oh ! Então, virou filho de rico ?

— Que asneira ! Mas escute : E o Carlindo ? E o Zézéco ? Tambem ainda lá estão ?

— Ohé ! pois não soube ? Não lhe contaram ?

— Nada. Diga, diga !

— Morreu o pai delles.

— Oh !

— No botequim. Lembra-se aquelle, botequim do largo ? Deram-lhe uma facada.

— Nossa Senhora !

— E parece que não era nada com elle. Metteu-se a apartar uma briga... Elle, ao domingo ficava sempre, *assim* ...

— Cada uma !

— Nem soube que morreu. Depois, o Carlindo e o Zézéco, sem respeito pela Velha, cahiram na vagabundagem. E o resto... você calcula.

— Mas já foram presos, heim ? presos ?

— Ouça, não passe isto a ninguem. Ao menos, não diga que ouviu de mim porque eu, com elles, não quero historia ...

— Pode confiar. Nem vejo mais essa gente ...

— Não, ainda não foram presos. Mas pouco ha de tardar. Vêm quasi sempre, para casa, de madrugada. Já tambem bebem, como o pai e não só aos domingos ... E outro dia, se não fogem tão depressa, pelos fundos, eram apanhados dentro d'uma casa !

— Que horror ! Coitado, do Carlindo, coitado do Zézéco !

— Quem havia de dizer, naquelle tempo ...

— O que nós pintavamos !

— Você, sempre o peior.

— Porque minha mãi era tambem a peior.

— Nunca vi apanhar tanto como você !

— E a mim, cada vez me doia menos. Era ella a acabar de dar e eu a pensar em fazer outra.

— Ah, a gente perdendo a vergonha ...

— Com certeza !

— E agora, que faz você ? Anda tão ruim de roupa ...

—Cht ! Cale a bocca ! Isto é preciso assim mesmo. Mas, ao domingo, se você me vir, nem me conhece. Só olhando para os meus sapatos novos, você fica maluco.

—Não de inveja. Foi coisa que nunca tive. E graças a Deus, ao domingo, tambem me visto !

— Mas isto não foi para você se offender ...

— Bem sei. Eu, tambem, fallei por fallar ...

— E como veiu você para essa coisa dos jornaes ?

CAÇANDO PORCO DO MATTO

(Como os cagadores mentirosos contam a historia e como ella foi)

— Porcos do matto ? Tenho morto muitos...

Ainda ha dous mezes, no interior de Minas, estava caçando quando um enorme, veiu feito sobre mim.

Em dous tempos peguei da espingarda e...

(Continúa)

—Aconselharam a Velha. Meu padrinho arranjou com seu Nicola ... Conhece ? O engraxate, alli adeante...

— E presta ? E' bom ?

— Ao principio, era uma pandega. Pensava eu que não havia nada melhor no mundo do que isto de trepar nos bondes, correr pelo estribo, saltar para trás, tomar o bonde contrario... E gritava : *Noticia ! Tribuna ! Commercio* da tarde ! com uma alegria que nem lhe posso explicar. E os nickeis ... Quanto nickel ! A's vezes, enchia o bolso. Mas, para mim, do que eu mais gostava, era de gritar. E não sei o que tinha a minha voz, ás vezes, até os passageiros se assustavam ; mas, depois, achavam graça, acabavam rindo e comprando a folha. Hoje, já não grito tanto. Quero dizer : puxo pela voz, mas já não é aquella voz...

— E continúa a pular nos bondes?

— Que remedio !

— Emfim, se vende bastante ...

— Já lhe disse que é conforme. Ha tardes em que as folhas acabam duas trez vezes; ha outras... Veja hoje. E esta chuva que não passa nem a cacete !

— Mas quanto, mais ou menos ?

—Não ha mais ou menos. Cincoenta folhas, cem, duzentas... A gente logo vê pelo que seu Nicola manda "cantar" . Sim, porque, ao dar as folhas, seu Nicola vae ensinando a cada um a "cantiga" do dia. Olhe, negocio de bordo, não vale nada. Pode você, se cançar : *Grande incendio a bordo !*... Ninguem faz caso.

— Por que ?

— Isso agora ... Mas desconfio que por ser no mar. Não se póde ir ver ... Quer saber o que, dantes, pegava sempre ? *Grande desastre na estrada de ferro !*

— Embora fosse longe ?

— Fosse onde fosse. Augmentava a venda pela certa. Mas, depois, seu Nicola abusou ...

MAIS FELIZ QUE UM REI...
(*Quadro do pintor inglez Appleby*)

— Abusou, como ?

— Você disto não entende mesmo nada. Porque, quando não havia desastre, seu Nicola inventava da cabeça delle ! Ahi, o freguez procurava na folha e não encontrava nada ou encontrava uma coisa á tôa e naturalmente, ficava safado !

— Com razão.

— Com toda a razão. E o resultado é que ninguem acredita mais nessa historia de estrada de ferro ... Olhe, com o *Grande escandalo na Camara dos Deputados* está acontecendo a mesma coisa ...

— Mas, assim, daqui a pouco, não se vendem mais jornaes.

— Qual ! Anda para baixo e para cima, mas vae andando sempre. *Elles*, nos bondes, não tem outra cousa a fazer, hão de ter por força.

— Ah, lá isso...

— Mas nós só fallamos de mim, de mim... E você ? Tambem gosto de saber !

— Eu...

— De aprendiz, você não anda... porque, a esta hora, estava na officina.

— Não. Eu...

— Hom'essa ! Só se tem vergonha !

— Que bobagem ! Por que ? Eu até ia contar antes de você... Escute : Eu... peço esmola.

— Não diga ! Caçoada !

— Sério. Você ficou com uma cara... E então ? Que tem ?

— Nada, mas...

— Mas quê ?

— Bom, cada um... Parece que diminuiu a chuva.

— Venha cá. Agora é' que ella está cahindo, de verdade.

— Acha ? Mas, afinal, preciso de ver se empurro algumas folhas...

— Espere... Você ficou esquesito... Não disfarce que, a mim, não me engana : Você é que está enganado. Pedir esmola, que diabo, não é... Não é fazer como Carlindo e o Zézéco !

— Oh, de certo ! Não faltava mais nada senão você...

— Nem é fazer mal nenhum. A quem ? Faz favor de me dizer ? Eu não obrigo. Vou pedindo, se dão, dão ; se não dão...

— Se não dão logo, vocês começam a choramingar, que têm a mãi doente, que estão com fome... Ora, isso, francamente : Isso é fingir !

— E depois ? Mas, tambem, levo todos os dias para casa trez, quatro cinco mil réis.

— Oh !

— E não é só. A bôa vida ! Porque você, afinal, com isso de saltar dum bonde para o outro e gritar a tarde inteira... e

— De manhã, tambem.

— Mais me ajuda ! Você, afinal, trabalha p'ra burro !

CAÇANDO PORCO DO MATTO

(Como os cagadores mentirosos contam a historia e como ella foi)

CONCLUSÃO

...quando o bicho já me ia passar o dente...

...pum ! metti-lhe uma bala entre os dous olhos. O meu cão, coitado, quasi fôra morto pela féra...

Enxuguei o suor do rosto e tranquillamente voltei para casa, com o Fiel, que gania de dôres.

— E' verdade.

— E para que ? Quanto ganha você por dia ?

— Homem, você, desde o principio, me está só perguntando quanto é que eu ganho, quanto é que eu ganho... E que lhe importa ?

— Ganha uma miseria, diga logo !

— Miseria !... Homem, eu não quero discussão... Mas, se você me vem com as suas grandezas, com os seus desaforos... bom, temos conversado.

— Não, senhor. Desembuche ! Você, o que lhe falta, é resposta para dar. Queimou-se, mas tem que confessar mesmo : Miseria e mais miseria.

— Olhe, eu brigo, hein ?

— Não vale a pena...

— Quer brigar ? Quer mesmo ?

— Já disse...

— Tem medo ?

— De você, talvez ?

— Então... Ah, agora percebo ! não tem medo de mim, mas da policia. Vocês, com a policia evitam o mais que podem, vão andando, vão pedindo, não fazem mal a ninguem, mas, quando vêm a policia, abaixam a cabeça e tratam de se pôr ao fresco !

— Que cousas você vai buscar...

— Não é verdade ? Ao passo que eu ando com a cara sempre levantada Grito, berro, olho assim para *elles !* Por estar alli perto o guarda-civil, não deixo de cantar o que seu Nicola manda, nem que seja a *Demissão do chefe de policia !* E o guarda ouve... e não faz nada. Nem póde fazer ! E por que ? Ah, você acha que eu trabalho p'ra burro ? Pois é por isso fique sabendo : porque trabalho !

— Está direito... Mas deixemos isso. Eu prometti-lhe, a você...

— Já sei, obrigado.

— Mas ouça. Você não vendeu nada. E justamente quando chove é que, essa gente tem mais pena de nós e dá mais alguma cousa...

— Não, meu velho. Dinheiro de esmolas...

— E' dinheiro !

— Para os céguinhos para os aleijados. Para mim, não. E depois, não se incommode. Hoje, realmente, foi ruim. Mas talvez amanhã, haja algum *Grande escandalo e assassinato em Botafogo*... E é á fórra.

— Pois sim... Mas, se não houver, nem amanhã, nem depois ?

— Paciencia. Antes, isso que pedir esmola... Ou ter medo da policia ! Adeus, heim ? Qual é, freguez ? *Noticia, Tribuna, Commercio da tarde*...

JOÃO LUSO

— Com que é que estás lavando esse vestido de boneca, Ritinha ?

— Com cognac.

— Com cognac ! Ora esta !

— Quero tingir o vestido de vermelho.

— Pois com cognac pódes fazer isso, tola ? !

— Posso, sim senhora. Papai não disse que o nariz de *seu* Ernesto é vermelho por causa do cognac ?

ALBUM DE ALÉM MAR

Maria Arminda M. Machado e seu irmão João Augusto M. Machado, constantes leitores d'"O Tico-Tico", vestidos de "camponeza" e "pescador", á moda de Famalicão—Portugal, de onde nos enviaram estas photographias.

VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral :

PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.º de Março, 17 Rio de Janeiro

PILOCIDA

MATA CABELLO

Para destruir os cabellos e pellos do buço, do rosto, das axilas e de qualquer parte do corpo.

Encontra-se nas pharmacias, drogarias, perfumarias e no Deposito Geral, Pharmacia e Drogaria de Francisco Giffoni & C. Rua 1º de Março, 17 RIO DE JANEIRO

COSTUMES JAPONEZES

Com a marcha da civilisação moderna, o Japão vai dia a dia se descartando dos seus pittorescos usos e costumes antigos. Entre outras cousas já não se vê mais d'quelles curiosos palanquins d'outr'ora, o "kajo" e o "norimono", hoje substituidos pelo "jinriksha", o carrinho puxado por um homem A gravura aqui reproduzida representa um d'esses carrinhos.

— Os musulmanos é que são felizes.

— Por que ?

— O anno bom da terra d'elles é antes do nosso. Ganham presentes mais depressa...

PEDRINHO : — Lili, quantos annos tem essa boneca ?

LILI : — Não sei. Quando o papai a comprou esqueceu-se de perguntar ao homem da loja.

O DIA DA CREANÇA

PRIMEIRO CONCURSO DE ROBUSTEZ, *realizado pelo Patronato de Menores, para estimular o desenvolvimento da robustez physica nas creancinhas pertencentes ás classes desfavorecidas da fortuna. As creanças que obtiveram os trez primeiros premios : 1° — Yolanda, com 8 mezes de edade e 10.200 grammas de peso; 2° — Eliza, com 6 mezes de edade; 3° — João Baptista, com 4 mezes. Esse concurso foi uma das partes mais interessantes da primeira Festa da Creança realisada no Rio de Janeiro. Os vinte premios instituidos foram entregues pelo Sr. presidente da Republica ás mães das premiadas..*

Casa Colombo

O maior stock de roupas para creanças na America do Sul

Sempre novos e bonitos modelos.

Departamento especial em uniformes e enxovaes para Collegios

Pedro II (Internato
Pedro II (Externato)
Militar
Aldridge
Anglo Brazileiro
Anchieta (Friburgo)
Atheneo Brazileiro
Monteiro Pessôa
Escola Americana
Baptista
Brazil (Nictheroy)
Caraça (Minas)
Deocesano S. José
Escola Carmelita
Escolas Parochiaes
Grambery (Juiz de Fora)
Gymnasio Federal
Grupo Escolar Lloyd Brazileiro
Instituto La-Fayette
Icarahy (Nictheroy)
Luzo Brazileiro (Petropolis)
Lyceu Francez
Maia
Pio Americano
Paula Freitas
S. Bento
Sylvio Leite
Salesiano (Nictheroy)
S. Vicente de Paula
St. A. M. Zacharias
St.o. Ignacio
S. Carlos (Nictheroy)

Nas officinas da **CASA COLOMBO** *trabalham diariamente 400 operarios, esta perfeita organisação facilita-lhe vender pelos* **MENORES PREÇOS**

CASA COLOMBO

AVENIDA RIO BRANCO E OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

Desejaes ver vossos filhos

trajando com gosto e elegancia

Vesti-os

NA

CASA RAUNIER

Lá encontrareis uma secção exclusivamente de artigos para meninos, desde o costume de fina casemira ingleza aos de brim, por preços de alto reclame.

ARTIGOS PARA TODOS OS PREÇOS

172, RUA DO OUVIDOR, 172---1º andar

O Chiquinho leva ao conhecimento de seus innumeros e gentis camaradinhas e a suas Exmas. familias que a casa

A' NOBREZA

87, RUA DA URUGUAYANA, 87

é a que melhor e maior sortimento tem em tudo que é

ROUPA BRANCA

para homem, senhora e creança

Enxovaes para Baptisado | Toucas para creança

Colletes para senhora | Roupa para cama e meza

Especialidade em ARMARINHO

ROUPAS PARA BANHO

A' NOBREZA

87, RUA DA URUGUAYANA, 87

(ENTRE ALFANDEGA E HOSPICIO)

JOGO DA «REVOLTA»

(Original de Kalixto)

EXPLICAÇÃO

Começa-se por cortar as figuras á margem e collal-as [illegible] um pedaço de madeira na base para ficarem [illegible]. Servem [illegible] marcação do jogo, tantas quantos forem os que jogam. [illegible] que representam logo que os que jogam [illegible] no jogo. Esse jogo é facil porque começando [illegible] um [illegible] impar ou par conforme o partido a [illegible] principiar o jogo, para haver plena [illegible] cada um o dado uma vez. Se o numero [illegible] e então, formados os dois partidos, começa-se [illegible]

[illegible] — Numero impar. [illegible] — Numero par. | Começa-se com um dado.

INFANTARIA—Se cahir de sentinella [illegible] seu partido. Quando estiver occupada pelo adversario recúa para a outra. Se esta estiver [illegible] que estava segue o jogo. Estando todas occupadas pelo seu adversario volta ao principio do jogo.

CAVALLARIA — Para quatro casas [illegible] dados. (Ex.: 51 vae para 57, etc.) Se onde parar tiver adversario volta quatro casas atras [illegible] artilharia ou sentinella fica e perde o cavallo seguindo depois o jogo [illegible] no, volta fica prisioneiro e perde as armas.

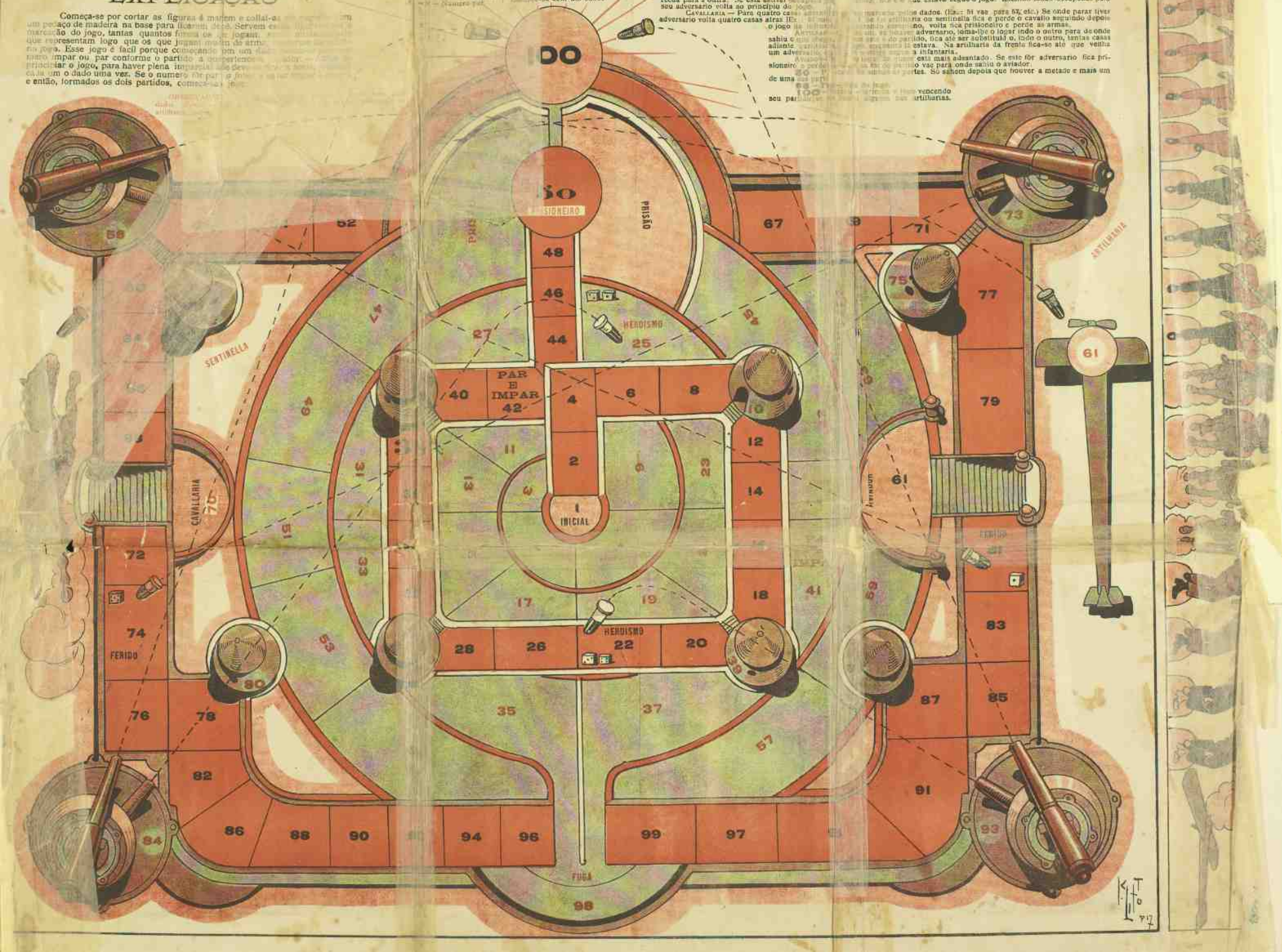
ARTILHARIA [illegible] adversario, toma-lhe o logar indo o outro para de onde sahiu [illegible] do partido, fica até ser substituido, indo o outro, tantas casas adiante [illegible] estava. Na artilharia da frente fica-se até que venha um adversario [illegible] a infantaria.

AVIADOR [illegible] está mais adeantado. Se este fôr adversario fica prisioneiro [illegible] vae para onde sahiu o aviador.

50 — [illegible] partes. Só sahem depois que houver a metade e mais um de uma [illegible]

68 — [illegible] do jogo.

100 — [illegible] vencendo seu partido [illegible] artilharias.



A SCIENCIA A SERVIÇO DA MAGIA

O TUBO ACUSTICO — AS ONDAS SONORAS, SUA TRANSMISSÃO E AMPLIAÇÃO E COMO OS MAGICOS AS APROVEITAM NOS SEUS «TRUCS».

MUITAS pessôas têm ouvido fallar ou mesmo visto um tubo acustico sem possuirem, entretanto, uma explicação clara do motivo por que a voz, um murmurio apenas, é levado através esse mesmo tubo de um a outro compartimento de uma grande casa.

A explicação, no emtanto, é facil. Um corpo sonoro — (a corda de um violino, de uma harpa ou mesmo as cordas vocaes) — é aquelle que, vibrando rapidamente, transmitte ao ar ondas de sons que se propagam em todas as direcções.

Quando atiramos uma pedra a um lago, vemos formar-se na agua uma série de ondas que se alargam e se tornam cada vez mais vagarosas em sua ampliação, á medida que se approximam das margens. Si sobre a agua estiverem fluctuando alguns pedaços de cortiça, veremos que os que estão perto do logar onde cahiu a pedra são impellidos pelas ondas com muito maior velocidade que os que se encontram proximos das margens.

Cousa semelhante acontece com os corpos vibrantes, ou corpos sonoros. As ondas formadas no ar espalham-se por todas as direcções e, circulares como as formadas na agua, vão se tornando mais fracas á medida que se afastam do ponto de irradiação — o corpo vibrante.

Quando ouvimos um som é porque as ondas sonoras, chegando aos nossos ouvidos, fizeram vibrar os nervos auditivos. Estes só vibram quando as ondas sonoras têm força bastante, e é por isso que, ao longe, a nossa voz não pode ser ouvida — as ondas tornam-se tão fracas que não podem ser percebidas pelos nervos auditivos.

Si encaminharmos as ondas sonoras produzidas pela nossa voz para um espaço limitado — um tubo, por exemplo — veremos que a sua energia não se dissipará tão depressa como no ar e o som percorrerá grande distancia.

O scientista francez Biot descobriu em suas experiencias que o menor ruido era nitidamente ouvido a mais de meia milha através os encanamentos de agua da cidade de Pariz. As ondas de ar formadas pela detonação de uma pistola na extremidade de um tubo apagavam uma vela collocada na outra extremidade.

A sensação do som era levada a grande distancia através o tubo acustico e esse facto já era conhecido pelos padres e magicos de tempos idos, que delle se utilisavam numa variedade de modos para explorar os credulos e ignorantes.

Na Grecia consultavam-se os oraculos, cujas respostas eram tidas como divinas, mas é claro que elles não possuiam a divindade que lhes attribuiam os credulos. Um padre ou um magico, occulto no interior delles, respondia por um tubo acustico ás perguntas feitas. E isso foi descoberto num boneco de páo que um Thomaz Isson exhibiu na Inglaterra.

Nos principios do seculo passado, a "Mulher Invisivel" causou sensação na Inglaterra. Não era uma "cabeça fallante" como a que ha pouco tempo foi exhibida nesta capital, mas um globo oco, de onde sahiam quatro cornetas, globo este suspenso por quatro fios de arame, á cupola, tambem de arame, de uma caixa engradada (fig. 1).

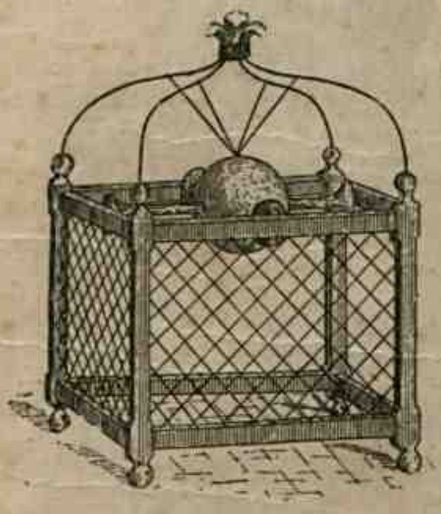


Fig. 1

Uma pergunta feita numa das cornetas era immediatamente respondida por uma voz debil, que parecia vir do interior do globo. Isso causava a estupefacção geral dos espectadores, que podiam examinar detidamente o globo de onde vinha a voz.

O processo de mystificação era, no emtanto, simples, como podemos verificar na fig. 2. Uma das pilastras

Fig. 2

do engradado era oca e continha um tubo acustico que ia, da frente de cada corneta e através o assoalho, a uma sala vizinha, onde se achava a pessoa que respondia ás perguntas dos credulos.

Um truc quasi igual praticaram num mosteiro de capuchinhos em Pariz. Em vez do globo, era usada uma caixa de vidro e os espectadores, embora ouvissem a voz sahir de dentro da caixa, podiam constatar que esta estava de todo vazia. Qualquer objecto collocado deante da caixa era immediatamente reconhecido pela voz, que lhe dizia o nome. A caixa estava suspensa do tecto por quatro correntes finas e collocada deante de uma janella, nada deixando perceber da mystificação, que fez éco, até que foi, por fim, descoberto o truc. Era através de uma abertura (ponto D, fig. 3), habilmente escondida por uma lampada, que, de uma camara escura, uma mulher observava os objectos e pessoas e, por um tubo acustico, lhes dava os nomes.

Outro truc, que se pratica ainda hoje nos theatros com o auxilio do tubo acustico, é o da "visão dupla": uma pessoa, geralmente uma mulher, senta-se, com um lenço atado aos olhos, numa cadeira collocada bem á frente do palco. Num quadro negro,

collocado atraz e bem distante da cadeira, uma pessoa escreve uma série de numeros que qualquer espectador quizer. A mulher que está sentada na cadeira começa então a mencionar os numeros escriptos, pra-

Fig. 3

ticando com elles varios calculos mathematicos. Isso, sem duvida, embasbaca os credulos, que não sabem como é feito o "prodigio". A fig. 3 mostra-nos o "segredo" do "phenomeno", que é obtido com um tubo acustico que, vindo do que nós chamamos *caixa de ponto*, nos palcos, vai ás costas da cadeira onde se encontra a "mulher que adivinha".

* * *

As ondas sonoras atravessam com muito mais facilidade os corpos solidos do que o ar ou o gaz, e isso está provado por milhares de factos que observamos diariamente; como o tropel de um cavallo numa estrada ser ouvido a grande distancia por uma pessoa que encosta o ouvido ao chão. Outro facto: num dos galhos de uma arvore derrubada collocamos o nosso relogio de algibeira; depois, encostando o ouvido a qualquer parte do tronco da arvore, escutaremos perfeitamente o tic-tac do relogio. A madeira, sobretudo, é um bom conductor do som, motivo por que a maior parte dos instrumentos musicaes é construida de madeira. Quando tocamos qualquer instrumento de cordas, fazemos vibrar as cordas. Estas, vibrando, produzem ondas de ar, mas tão fracas que por si sós não podem despertar a sensação do som. As cordas, como se sabe, estão fortemente esticadas sobre uma caixa sonora, que é o corpo do instrumento (a caixa, o bojo do violino) e é esta que, vibrando com as cordas, produz as ondas sonoras que tornam a musica audivel.

Si, em vez do cavallete ou braço commum que transmitte as vibrações das cordas ao bojo do violino, o instrumento fosse construido de modo que as cordas estivessem esticadas ao longo de um grande cavallete que, passando através as paredes de uma sala, fossem ter a uma caixa sonora collocada numa outra sala, o som musical não seria ouvido no compartimento onde estivesse o executante mas sim naquelle onde se achasse a caixa sonora.

Por meio de quatro cavalletes assim construidos, Wheatstone fez com que os sons de varios instrumentos passassem de uma a outra sala do Instituto Polytechnico de Londres, e os espectadores, maravilhados, tiveram o ensejo de ouvir os sons de um piano, de um violino, de um violoncello e de uma harpa.

* * *

O que nós conhecemos como "vibração sympathica" serviu de base para uma descoberta feita no instituto de que fallámos acima: — Um individuo, possuidor de uma voz de tenor, deu um forte grito na bocca de um copo de vidro fino e este fez-se em pedaços. As ondas sonoras produzidas no ar pelo grito dado

Fig. 4

fizeram vibrar tão fortemente o copo que este se partiu em pedaços.

Outra experiencia interessante, tambem feita no Instituto: — Um quartetto vocal approximou-se tanto quanto possivel da caixa sonora de um piano e começou a cantar. As ondas sonoras produzidas pelas vozes faziam vibrar sympathicamente as cordas do piano e essas vibrações eram transmittidas, por um longo cavallete, ao bojo de uma harpa collocada numa sala proxima. Os espectadores estupefactos ouviam se

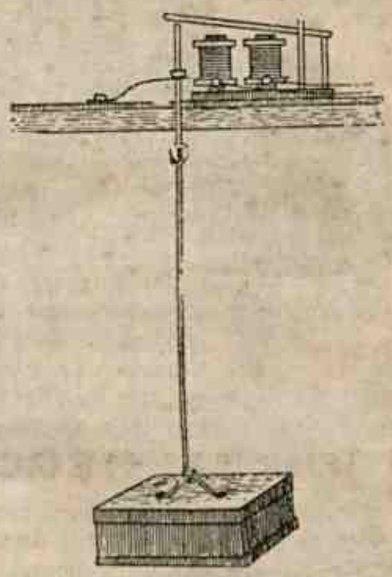


Fig. 5

desprenderem da harpa os sons de um piano.

Konig, physico abalisado, realisou uma experiencia semelhante com uma caixa de musica encerrada numa outra forrada de couro, ou outra substanica má conductora, para abafar o som. Uma vara de madeira, em contacto com a caixa de musica, atravessava a caixa forrada e ia ter a uma caixa sonora. Esta ampliava os sons da caixa de musica tão nitidamente que parecia possuir em seu interior o apparelho musical.

Houdin levou esta experiencia para o theatro num acto de illusionismo chamado: "O espirito que falla por meio de pancadas". Consistia esse illusionismo no seguinte: — Um pedaço de arame em fórma de gancho e que sustinha uma caixa de madeira estava dependurado numa argola presa ao tecto. A caixa estava perto de uma mesa em redor da qual varias pessoas de mãos dadas formavam o chamado "circulo magnetico". Feito silencio, Houdin fallava ao "espirito", que, segundo elle affirmava aos presentes, estava encerrado na caixa.

— Espirito, estás ahi?

Algumas pancadas davam a resposta — Sim — que convencia os credulos. E o invisivel occupante da caixa começava a responder ás perguntas que lhe fazia o "circulo magnetico" por meio de pancadas, que

Se V. Ex.

precisa

collocar

DENTES ARTIFICIAES

e deseja ter em sua bocca um TRABALHO PERFEITO, procure um ESPECIALISTA que possa apresentar provas reaes e incontestaveis da sua competencia. Não é necessario para isso abandonar o dentista de sua confiança, que poderá, entretanto, continuar a prestar-lhe os bons serviços da sua especialidade.

CLINICA NOCTURNA — Dás 5 ás 10 horas. Para as pessoas que não dispõem de tempo, durante o dia. Preços modicos.

DR. SA' REGO RUA JULIO CESAR 71 Canto da rua do Ouvidor—Rio de Janeiro

representavam as lettras do alphabeto. Todos percebiam que as palavras vinham da caixa e ficavam boquiabertos quando Houdin abriu a caixa e passou-a aos presentes para se certificarem de estar ella vazia.

A explicação é simples: — A argola do tecto formava a extremidade de uma varinha de metal que passava através do soalho, onde estava ligada a uma pequena e delgada taboa de pinho (fig. 5) fixada a uma camada de borracha, que impedia a transmissão das vibrações no sobrado. Em cima da pranchazinha de pinho estava collocado um electro-magnetico, de modo que a sua extremidade tinha de tocar a ponta da varinha de metal. Assim, o som das pancadas transmittido á varinha quando num compartimento proximo calcavam um botão electrico, era levado ao interior da caixa que o ampliava.

E assim, a sciencia, os phenomenos scientificos, têm servido para vehiculo de trucs de magia, que, infelizmente, tanto empolgam os crédulos e os ignorantes.

— Se fosses Adão, Juquinha, terias comido a maçã offerecida por Eva?

— Não senhor.

— Muito bem. Não desobedecerias a Deus, não é assim? Mereces um beijo, meu filho.

Juquinha, depois de dar o beijo

— Eu não gosto de maçã. Se Eva me désse um cambucá, sim...

O salgado assucarado,
O assucarado salgado

Trez calices, todos com agua. Num põe-se sal, noutro assucar, no terceiro sal e assucar misturados.

Tomando-se um gole do 1°, da agua salgada, e em seguida outro gole do 3°, da mistura de sal e assucar, parecer-nos-á que a agua d'este é doce. Mas bastará um gole da agua assucarada para dar-nos a impressão de que é salgada.

No aquario:

— Este peixe é como papai.

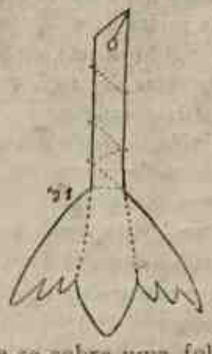
— Ora essa! E' um peixe electrico.

— E então? Mamãi quando briga com papai diz sempre que elle é um bacharel electrico.

OS SETE PIERROTS

São trez cabeças e seis pernas de pierrots. Quantos são portanto os pierrots? Trez... Pois observem com attenção e hão de ver que são sete...

O CYSNE DE PAPEL



Desenhe-se sobre uma folha de papel uma figura assim:

Recorte-se. Dobrem-se depois as linhas pontuadas, e ponha-se nagua o cysnezinho armado. Mover-se-ha este em todas as direcções.

OS GUARDAS

O beijo do papai

(MONOLOGO)

Foi no tempo da guerra entre a Russia potente
E os heroicos Nippões calmos filhos do Oriente.
Em torno a Porto Arthur o cerco se apertava
Como um cinto de ferro e fogo que fechava
As portas da cidade a quem, valente, ousasse
Por alli penetrar, ou por alli passasse.
Da bocca dos canhões a morte, a rir, traiçoeira,
Partia a cada instante e, na veloz carreira,
A vida ia ceifando aos miseros soldados,
Tão deshumanamente assim sacrificados,
Quando uma tarde, em que cessara de momento
O canhoneio, como a cobrar novo alento,
Junto á linha de fogo, uma adoravel creança,
Sem mostras de temor e cheia de confiança,
Appareceu correndo. O olhar de quem procura,
Anciosa, descobrir naquella massa escura
De uniformes e fumo, um rosto conhecido,
— O risonho perfil de um semblante querido,
Ao ver a pequenita, um japonez, — um bravo, —
Que, como a lingua patria, entendia a do slavo,
Perguntou-lhe, tomando em suas mãos callosas
As mãosinhas da creança, alvas e setinosas:
— Que desejas, pequena, e procuras em meio
Da tropa que aqui vês exposta ao bombardeio?
Quem és tu? De onde vens? Que nome tens, menina?
— Meu nome, ella responde, eu lhe direi: é Lina;
Procuro meu papai que ha muito foi embora
Ha muito que o não vejo, e desejava agora
Vêl-o outra vez...
— P'ra quê? Pergunta novamente
O filho do Japão, dizendo *inconsciente*:
— Elle aqui já não está; seguiu mais para deante;
Porém, se algum recado ou cousa semelhante
Quizeres que eu lhe dê, breve irei encontral-o,
Descreve-me os signaes d'aquelle de quem fallo,
E eu prometto cumprir teu desejo innocente.
—E' facil conhecel-o, informa ella contente:
E' alto o meu papai e forte e musculoso;
Tem, como eu tenho, azues os olhos e é formoso
O seu rosto barbado. E' louro seu cabello
Tambem da côr do meu,como bem póde vêl-o
E, do seio tirando um pequeno retrato,
Accrescenta a sorrir: Façamos um contracto:
Eu dou-lhe este "papai" para que não se esqueça

E vendo o verdadeiro, em breve, o reconheça
Chama-se Yvan.
— Pois bem, disse o nobre soldado,
Que o retrato guardou. Dá-me, agora, o recado,
Que eu hei de procurar o teu papai e, em breve...
— Mas, não é um recado o que eu peço que leve,
Replica-lhe a pequena.
— Então dize o que queres
E eu prometto fazer o que tu me disseres.
—Pois sim, Lina responde; é este o meu desejo:
Chegue junto ao papai... e entregue-lhe este beijo!...
Assim dizendo, salta ao collo do soldado
E beija-lhe o semblante em lagrimas banhado!
(Um bravo que não chora ante a horrivel matança,
Chorou ao receber o beijo de uma creança!...)
E como dos canhões ouvisse a voz bramindo,
Lina poz-se a correr por onde tinha vindo.

. . . . . .

Durante a noite inteira o fogo não cessára,
A tropa do Mikado, aos poucos, avançára
Num assalto feroz ao inimigo em frente.
Cada qual mais revél, cada qual mais valente,
Até que da Victoria as trombetas echoaram
E as bandeiras do Sol Vermelho tremularam
Sobre a trincheira russa, á força conquistada.

. . . . . .

Todo o céu se aclarava á rosea madrugada,
E, pelo campo em fóra, os mortos e os feridos
Eram, sem distincção, por todos recolhidos,
Quando, ao ver de um soldado a face descorada,
Pendida sobre o peito, a blusa ensanguentada,
Lembrou-se o japonez das feições da creança;
Olha o retrato e vê, perfeita a semelhança.
Era um russo o ferido e o japonez o chama:
— Yvan!...
— Que me quereis?! O moribundo exclama,
Surprezo por ouvir seu nome proferido
Por labios de inimigo.
— Eu te trago escondido,
O bravo continúa, um beijo que te envia
Tua filhinha Lina; ella mesma o daria
Se pudesse vir cá; não podendo, guardei-o
Para agora o depôr da tua fronte em meio...
E ao dizer isto, calmo, o filho do Nascente
Beija a fronte do russo e o abraça ternamente...

Recife — IX — 1917.

EUSTORGIO WANDERLEY

A SCIENCIA E A GUERRA

Com esta grande guerra que já roubou ao mundo milhões de vidas, é enorme tambem a multidão de pessoas que ficam privadas do uso das pernas e dos braços, perdidos nos combates. Para remediar esse desastre, descobriu a sciencia os apparelhos mais delicados e engenhosos, os quaes substituem mecanicamente os membros perdidos e permittem, assim, que as victimas se entreguem ás profissões que desempenhavam ou possam, emfim, trabalhar, para ganharem a vida.

Nesta pagina verão os nossos leitoresinhos como são esses apparelhos que substituem artificialmente os braços, as mãos, as pernas e os pés. E notarão tambem trez d'esses apparelhos já applicados ás victimas, que, com elles, fazem todos os movimentos naturaes, ainda os mais delicados.

HISTORIA DO SAPATEIRO POBRE

EM certa cidade, onde os sapateiros e outros operarios realizavam solida união por meio de sociedades e gremios, residia um sapateiro muito pobre que vivia muito atordoado, não devido á sua situação precaria, mas por causa de um outro sapateiro rico a quem devia determinada quantia.

O sapateiro rico perseguia-o dia e noite, para que a conta fosse paga.

Como arranjar-se o pobre do sapateiro ? Teve então uma ideia.

Como não possuisse um vintem para pagar suas dividas dirigiu-se a um companheiro e lhe disse :

— Olha ! Vaes mandar tocar a defuntos.

Quando o sino tocar, e perguntando-te alguem por quem o sino toca, dirás que o morto sou eu.

No alto da torre da egreja o sino começou a dobrar tristemente. Tudo foi realizado, exactamente, como o sapateiro tinha dito.

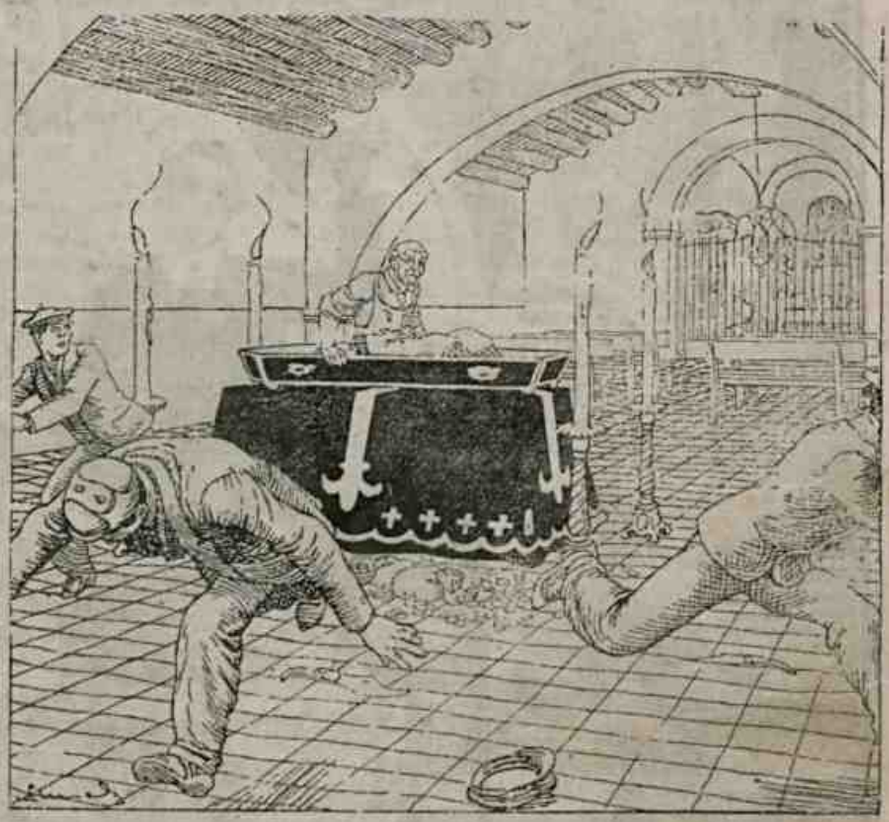
E o sino dobrava...

—Dlin, dlon, dlin, dlon, dlin, dlon...

O boato começou logo a correr pela cidade: — O pobre do sapateiro havia morrido... E todos diziam:

O sapateiro rico perseguia- dia e noite para que a conta fosse paga

Que Deus o perdôe, pois, eu perdôo-lhe tudo quanto me devia.



Quando iam accrescentar "trez" o morto se levanta

— Eu tambem, dizia o outro.

— E mais eu, accrescentava um terceiro.

Entretanto o sapateiro rico, cheio de aborrecimento, resmungava :

— Eu não o perdôo.

Eu não perdôo o que me deve, nem neste mundo nem no outro.

Passava-se esta conversa quando estavam reunidos os sapateiros e fazedores de guardas-chuva.

Veiu a noite e coube ao sapateiro rico velar o cadaver do seu collega pobre. Todas as sociedades operarias designaram membros para fazer quarto ao sapateiro morto...

E o rico, designado para esse fim caridoso, não se póde esquivar, pois que lhe havia tocado isso por sorte.

Disse, então, o rico sapateiro submettendo-se á designação:

— Eu o velarei, porem, não lhe perdôo á divida...

— Perdôa-o, homem! diziam-lhe os demais sapateiros.

E o collega rico obstinava-se em não perdoar o seu companheiro mal afortunado.

Na igreja, á meia-noite, estando ao centro estendido no caixão o corpo do sapateiro morto, velado pelo seu companheiro rico, entraram varios ladrões que acabavam de roubar um grande thesouro.

Um delles fallou:

— Aqui podemos tranquillamente repartir o thesouro, porque ha luz.

(Era a luz dos cirios do morto).

Respondeu outro ladrão :

— Sim; este cadaver será a testemunha da partilha.

E todos riram da phrase.

O que velava, ao ver entrar no templo os ladrões, escondeu-se atraz

do altar, emquanto o "morto" se deixava ficar no caixão, mudo, quieto dissimulando.

Os ladrões abriram os saccos e derramaram na lage as moedas de ouro e prata.

Depois, separaram-n'as em dous montes.

Mas no momento da partilha começaram a discutir :

Este é para mim dizia um, querendo levar o monte de moedas de ouro :

— E' para mim, — dizia o outro, nenhum concordava.

Afinal de contas, todos queriam o monte maior.

O capitão-chefe da quadrilha—desejando apaziguar os animos, fallou :

Valentes ! — cada um dos ladrões desejava ser o mais valente—valentes ! Desembainhae os vossos punhaes, e aquelle que der a punhalada mais terrivel neste defunto, terá o monte maior.

Imagine-se agora o terror com que ficou o pobre sapateiro, quando ouviu a "historia" da punhalada mais terrivel !

E os ladrões avançaram para o morto :

— Um, dous... Quando iam accrescentar *tres* o morto levantou-se !

Então o chefe dos ladrões gritou :

— Morram todos os defuntos !

E o outro sapateiro que estava escondido atraz do altar respondeu : aos berros :

— Aqui estamos todos !

Ao ouvir essa exclamação, os ladrões aterrorisados, trataram de fugir : e fugiram tão apressadamente que deixaram os saccos e os montes do thesouro roubado.

O pobre do sapateiro levantou-se do caixão, e, avido, correu ao monte de ouro e prata e começou a encher os bolsos.

Com o tilintar das moedas, o outro sahiu detraz do altar, disposto a tirar o seu proveito.

— Ah ! eras tú o sapateiro rico que me perseguias ?

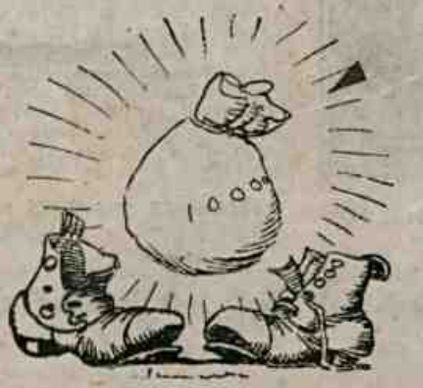
Pois toma lá as trez moedas e vae-te com Deus.

Os ladrões que fugiram ouviram as ultimas phrases e consideraram :

— Quantos defuntos estão lá dentro, que apenas cabe a cada um trez moedas !

E fugiram mais depressa ainda...

E foi assim que o pobre sapateiro poude pagar as suas dividas, ficando rico para todo o resto de sua vida.



Entre dous pequenos

— Tudo vai mudando e melhorando. Muitas cousas que agora temos, que não prestam, não existirão mais quando crescermos.

— Que bom ! Tomara que eu cresça logo. Com certeza não ha de haver mais arithmetica !

—Ha uma terra no mundo em que os dias são de seis mezes. Dizem que é perto do pólo.

— De seis mezes ? Crédo ! Imagine a gente lá indo á escola. Nunca mais chega a hora de se voltar para casa...

NEM SÓ AS MENINAS BRINCAM COM BONECAS

Pensam todos que só as meninas gostam de bonecas. E' um engano. O Museu de Cluny, em França, tem magnificas collecções de bonecas que pertenceram a senhoras de edade respeitavel.

Uma d'essas collecções foi de Catharina de Medicis. Esta rainha brincava com bonecas, fazendo para ellas vestidos e mais vestidos. Quando morreu o marido, que era Henrique II, cortou e coseu com o maior capricho vestuarios de luto para todas...

A rainah Victoria, da Inglaterra, tambem tinha muitas bonecas, que vestia segundo o uso das diversas provincias. E num livro registrava a data em que havia recebido de presente ou comprado cada uma. Reuniu nada menos de 132.

— Eu acho que a guerra é uma cousa horrivel.

— Decerto.

— Acho que se devia acabar com as guerras.

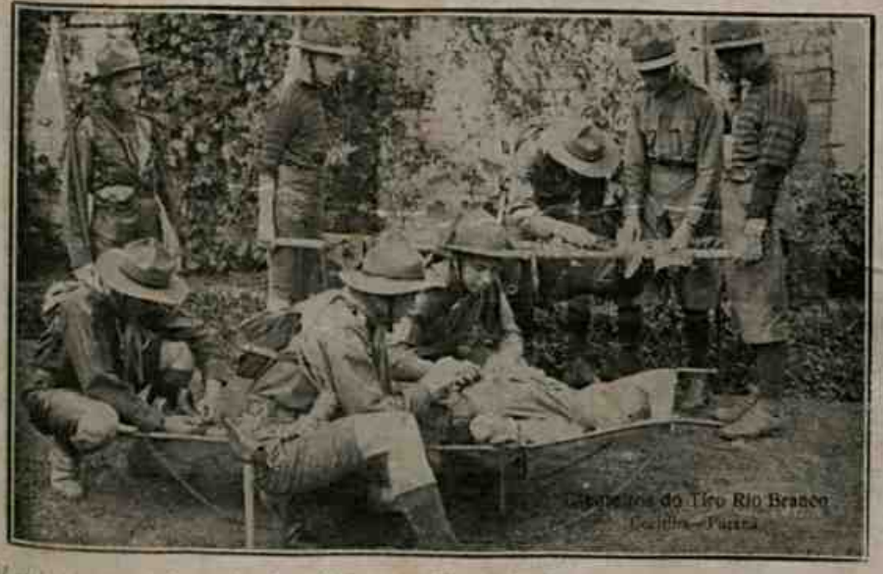
— Muito bem !

— Acho que as nações amigas da paz deviam sempre declarar guerra ás nações guerreiras.

—Que vem a ser uma barca, Sinhô ?

— Você é uma boba ! Pois então não sabe ? A barca é a mulher do barco.

OS NOSSOS "BOYS-SCOUT"



Meninos escoteiros do batalhão do Tiro Rio Branco, do Paraná, em exercicio do serviço da Cruz Vermelha. (Soccorros a feridos.)

AMELIA DE CARVALHO BRANCO --- 2 ANNOS DE IDADE

ELIXIR

— DE —

NOGUEIRA

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

Bahia, 29 de Agosto de 1917.

Illms. Srs. Viuva Silveira & Filho. – Rio de Janeiro.

Amos e Srs.

Venho por meio d'esta agradecer-vos a cura que o vosso efficaz ELIXIR DE NOGUEIRA, do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, operou em *um mez*, na minha filhinha *Amelia*, de *dous annos de edade*, a qual tinha um padecimento de *coceiras e tumores em todo o corpinho*. Vendo pelos jornaes as curas prodigiosas que o vosso ELIXIR DE NOGUEIRA tem feito, comprei um vidro e vi logo em poucos dias o resultado desejado e hoje dou graças a Deus, por ver minha filhinha radicalmente curada d'este mal. Aconselho a toda mãi que tiver os seus filhos no estado em que eu tive a minha, a usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, como um grande purificador do sangue, para adultos e creanças. Junto remetto a photographia de minha filhinha Amelia de Carvalho Branco, podendo publical-a.—De V.V. S.S. Atta. Cra. Obr. —Judith de Carvalho—Residente á rua do Pillar N. 77.

O «ELIXIR DE NOGUEIRA» vende-se em todo o Brazil e Republicas Sul Americanas

LIVROS E HISTORIAS

Para meninos e meninas

NA

Livraria Botelho

Grande variedade de romances e obras litterarias dos principaes autores

65. RUA DO OUVIDOR. 65

ESQUINA DA RUA DO CARMO

Para o interior, remettemos catalogos gratis a quem pedir

A ROSA DA PERSIA

1) Ali-Ben-Bouzouf, poderoso monarcha da Asia Menor, tinha uma filha chamada Nadjé que era o seu encanto. Linda e graciosa, dansava admiravelmente.

2) Ali-Ben-Bouzouf fazia cultivar em seus jardins magnificas rosas da Persia, de grande raridade, que só Nadjé podia colher.

3) Um dia Nadjé, muito faceira, quiz apresentar-se com certas joias que estavam guardadas num cofre, na mesquita. Pediu-as ao pai. Mas disse-lhe este que não.

4) As joias desejadas eram antigas e de extraordinario valor. Dois guardas fieis e severos guardavam aquelle thesouro. Quem delle se approximasse seria logo mettido no fundo de uma prisão.

5) Ali-Ben-Bouzouf foi obrigado de repente a partir para um paiz vizinho. A demora seria curta. Preparou-se para a viagem, e confiou a princeza ás altas damas da côrte.

6) Nadjé, que era muito curiosa, assim que o pai se foi correu á mesquita para admirar as joias. E illudindo a vigilancia dos guardas, penetrou no logar sagrado.

7) Abrindo o cofre, ficou maravilhada deante da belleza e da riqueza daquellas preciosidades e apanhou-as para usal-as nas suas dansas.

8) Momentos depois voltaram os guardas e estremeceram, dando por falta das joias. No chão, sobre o mosaico, viram uma folha de rosa da Persia.

9) Era a prova de que alli estivera Nadjé. Trataram logo de procural-a por todos os recantos do parque.

10) Encontraram-n'a, muito contente, com as joias, a mirar-se na agua crystalina de um tanque de marmore...

11) Obedecendo as ordens do soberano, não hesitaram: tomaram-lhe o thesouro, levaram-n'a para a mesquita e lá a deixaram presa numa cella, até que o pai chegasse...

12) Chorou muito a princezinha, lamentou-se, não sabendo que fazer para libertar-se. Veio-lhe de repente uma ideia...

13) Tirou do cabello a rosa da Persia com que sempre se enfeitava, e indo á janella, desfolhou-a. O vento levou as perfumadas petalas pelas alamedas do parque, até a casa das altas damas.

14) As damas, que estavam inquietas com a ausencia de Nadjé, foram seguindo a linha das petalas espalhadas e chegaram á janella da mesquita. Chamaram. Respondeu-lhes a encarcerada.

15) Com uma pequena escada fizeram descer Nadjé que lhes contou o infortunio, promettendo-lhes não ser mais curiosa nem faceira.

16) As damas procuraram os guardas, pedindo-lhes que nada dissessem ao monarcha.

17) Eram bons homens. Prometteram nada revelar. Regressou Ali-Ben-Bouzouf. Abraçou carinhosamente a filha..

18) ...e muito gostou de a ver com vestuario simples e modos despretenciosos. Nunca soube o motivo de tão bella transformação.

PARA O QUE DAVA O ERNE

1)— Quero ser amolador, disse Ernestinho ao papai, que lhe perguntara que profissão desejava ter.

2) Ernestinho, que não era apenas preguiçoso, mas um distrahido de marca, fez a sua estréa amolando uma grande faca...

3) ...de açougueiro. Cabeça de vento, pensando em tudo menos no que estava a fazer, tocou a roda e deixou que a pedra girasse. Quando foi levar...

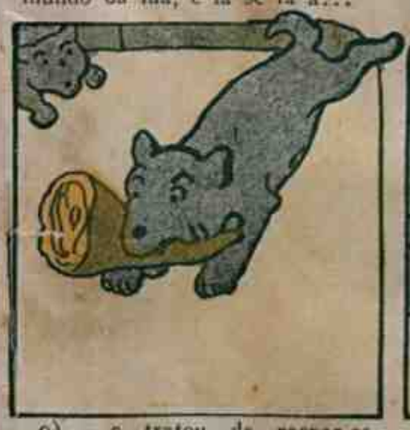
4) ...a faca ao dono, o homem arregalou os olhos espantado e indignado: a lamina estava d'este tamanhinho assim...

5) A' vista do insucesso, mudou de officio. Fez-se pedreiro. Mas, volta e meia estava no mundo da lua, e lá se ia a...

6) ...massa... Empregou-se num açougue. Indo um dia levar uma perna de carneiro a certo freguez, um cachorro foi-lhe á perna — d'elle — com quantos...

7) ...dentes tinha. Luiz quiz bater no cão, mas este deitou a correr. Não achando uma pedra á mão, agarrou a perna de carneiro e...

8) ...zás, atirou-lh'a. O bicho, quando sentiu o que era não esteve com uma nem duas: de uma só boccada apanhou o petisco...



9) ...e tratou de raspar-se com elle, deixando Ernestinho sem carneiro e sem emprego, porque o patrão mandou-o para o olho da rua. Foi para uma...

10) ...officina de carpinteiro. Um dia, trazendo pela rua um pé de serra, de 10 metros, lia ao mesmo tempo um jornal. O...

11) ...resultado foi fazer em cacos uma vitrine. Como cocheiro não teve melhor sorte. Certa vez, com o carro a andar, foi...

12) ...accender o cachimbo. E lá se foi o desastrado Ernestinho com carro e tudo num grande buraco.

13) Arranjou um logar na Companhia. Mas quando qualquer pessoa lhe fazia uma pergunta, elle, sempre respondia: — Estou longe no mundo da

14) E tão distrahido era sempre, que, uma vez, estando numa esquina e vendo um pequeno com um cavallinho de páu, comprado em qualquer bazar, ergueu

15) ...que era um [illegible] de verdade. Para mal [illegible] to o Ernestinho. Estava [illegible] demnado a morrer de fome, mais achar quem lhe [illegible]

16) ...deixando-lhe a fortuna. Rico, póde viver sem fazer cousa alguma. Conseguiu assim ter a unica profissão para a qual tinha

TODOS CORCUNDAS

1) A filha do marquez de Trompe e Rasga era muito bella e rica; por isso todos os fidalgos da vizinhança queriam desposal-a.

2] —Ella porém, tinha uma alma muito doce e poetica E como havia perdido, dois annos antes, um irmão corcunda, declarára a uma sua prima :

3) —Não desposarei senão um corcunda. Essa singular promessa, foi conhecida e commentada em todos os castellos vizinhos. Para distrahir sua filha o marquez...

4) ... deu uma bella soirée em seu castello. Houve cem convites. E, a noite da festa, os porteiros encarregados da entrada viram chegar um corcunda, saudaram-n'o. Depois veiu um outro, mais dois, trez, dez, outros! Que significaria essa avalanche de corcundas? Emfim quando todos os corcundas estavam reunidos na grande sala, os convidados comprehenderam, porque a filha do governador ria...

6)... a mais não poder Cada um dos fidalgos, querendo ser escolhido por ella, tinha...

6)... posto uma corcunda falsa! Ora, no fundo do salão timido e envergonhado, estava um corcunda, o unico daquella região. Ousava apenas mostrar-se, mas a joven castellã, dirigiu-se a elle :—Eu vos conheço senhor, disse ella; sei...

7)... que é poeta e que tem uma alma admiravel. — Senhorita — balbuciou o poeta confuso—Espere-me!—disse a marquezinha e voltando ao salão declarou em voz alta a uma amiga :—Não, decididamente, não...

8]... desposarei um corcunda. Eu quero um marido bem feito e elegante! Immediatamente, todos os falsos corcundas, despojaram-se das *marrecas*!

9) Voltaram a ser os senhores elégantes, insolentes e pretenciosos procurando, a todo o custo, seduzir a bella herdeira. Esta uniu todos esses convidados, [illegible]ou...

10) ... e por fim declarou : — Não decididamente volto a minha primeira opinião, escolho o meu primeiro gosto! Toma a mão do poeta e diz-lhe deante de todos :—E' o senhor quem eu escolho... E estendeu sua mão, ao corcunda cheio de contentamento. Houve para o matrimonio d'essas...

11) ... duas creaturas meigas e tão bem casadas uma grande festa, como nunca se vira. Durou oito dias. Durante esse tempo os convidados não cessavam de comer, senão para beber e dançar!...

QUADRO HISTORICO

Sabem já os nossos leitoresinhos que o Brazil se acha em estado de guerra com a Allemanha, pelo motivo de não mais ter podido supportar as affrontas á sua soberania de nação livre, offensas praticadas com o torpedeamento de navios mercantes brazileiros que navegavam nos mares da Europa. Primeiro foi o vapor *Paraná*, tendo havido perdas de vida. Depois, foram o *Lapa* e o *Tijuca*. Mais tarde foi o *Macáu*, cujo commandante foi aprisionado pelos allemães. Era de mais ! E o governo brazileiro, que a cada offensa, ia respondendo com represalhas, que desaffrontavam a nossa honra, houve por bem resolver, á vista d'essa nova affronta, declarar-se em estado de guerra iniciado pela Allemanha. Foi isso a 26 de Outubro, data do decreto n. 3.361, que foi assignado ás 18 horas e 26 minutos. E' o acto de tal assignatura que a nossa gravura representa.

O Sr. Dr. Wencesláu Braz, presidente da Republica, assignando o decreto que "reconheceu e proclamou o estado de guerra iniciado pelo Imperio Allemão contra o Brazil". De pé, a seu lado, o chanceller brazileiro, Dr. Nilo Peçanha.

Trata-se, pois, de um facto historico de rara importancia; e por isso, aqui o deixamos registrado para ensinamento de todos.

AS ABELHAS

As abelhas merecem a nossa attenção. A sua alimentação é o mel que retiram dos succos das flores aromaticas. Como nós, têm ellas a sua sociedade, constituida pela abelha mestra — que é a unica reproductora—por mais ou menos mil zangões e mais de 10.000 *operarias* que se encarregam dos trabalhos da colmeia.

Para a fabricação do mel operam da seguinte maneira : tapam todos os buracos da colmeia e depois fazem os favos. Na parte superior d'estes depositam o mel e na parte inferior depositam os ovulos, em numero superior a 20.000 por anno.

Desde que o numero d'esses insectos se torne muito grande, as *operarias* alimentam uma larva, de modo que em tempo proprio possa substituir a abelha mestra, indo com um grande enxame, para bem longe, formar uma colmeia.

Entre o Zizinho e o moleque da casa, preto como azeviche :

— Se a Allemanha vencesse o Brazil...

— Qual historias ! A Allemanha nunca poderia vencer o Brazil.

— Mas se vencesse, teriamos que virar allemães ?

— Parece...

— Imagine quanta pancada você levaria até ficar louro e com os olhos azues !

René e Darcy, galantes amigos d'"O Tico-Tico", residentes nesta Capital. São filhos do Sr. Henrique Pereira Alves e netos do general Silva Faro.

Observações sobre a visibilidade das côres

A côr violeta deixa de ser visivel, distinctamente, á distancia de 150 metros.

A verde desapparece muito mais depressa, desde que se apresente em um fundo de verdura; deixando de ser visivel, em outras condições, a 180 metros.

A azul-celeste, desde a distancia de 150 metros, vae tendendo a confundir-se com a preta e deixa de ser visivel a 200 metros.

A côr preta, quando sobre fundo claro, distingue-se até á distancia de mil metros; mas a partir de 700 metros, póde-se confundir com outras côres carregadas.

A encarnada mantém-se visivel até a maior distancia a que possa ser observada — o que tambem succede com a côr branca, em tempo claro.

— Para que é que as ambulancias da Cruz Vermelha levam tantos pacotes de algodão ?

— Para curar os feridos.

— Ah ! Pensei que era para tapar os ouvidos dos soldados, para não terem medo do barulho dos tiros...

Nem todos os homens podem ser grandes, mas todos podem ser bons.

— Que é que queres ser quando cresceres, Antenor ?

— O homem que faz as folhinhas.

— Para que ?

— Para pôr dous domingos em cada semana.

Confessar que nos enganamos, é confessar que temos um erro de menos.

O gracioso menino Luiz Corrêa de Barros, assignante d'"O Tico-Tico", em Uberaba (Triangulo Mineiro).

Bromil cura tosse

Creanças, moços e velhos precisam tomar Bromil

Os homens, em qualquer idade, em qualquer phase da vida, estão sempre na iminencia de vir a precisar do Bromil.

As doenças pulmonares não respeitam as edades. Não se apiedam da infancia, parece que se regosijam quando vencem um organismo em plena mocidade, a velhice não as commove.

O Bromil é a garantia dos pulmões, porque é o flagello das tosses. Creanças, moços e velhos encontram nelle a defeza infallivel contra as doenças do peito.

As tosses das creanças, as bronchites, a coqueluche encontram no Bromil o remedio ideal. O Bromil não contem substancias nocivas e isso permitte o seu emprego salutar contra as tosses das creanças.

Eis um caso de cura communicado pelo Sr. Herculano José de Barros, 1º juiz de Paz em Dóres de Gonçalves, Minas.

"Estando meu filho Heitor, de 8 annos de edade, atacado de forte bronchite aguda, fil-o tomar o Bromil. Logo em seguida, o menino apresentou melhoras e, ao terminar o frasco, estava completamente restabelecido. — Herculano José de Barros."

Segue-se outro attestado, que demonstra a efficacia do Bromil na Coqueluche :

"Srs. Daudt & Oliveira: — Com os meus melhores agradecimentos, attesto que meus filhos Noir, Haydée, José, Ibsem e Berthilde, que se achavam atacados de coqueluche, ficaram radicalmente curados com o Bromil. — Manuel Ferreira Vianna (Pelotas, Rio Grande do Sul)."

Bromil cura tosse

Creanças, moços e velhos precisam tomar Bromil

(Continuação)

Já é bem conhecido o valor do Bromil para as tosses em geral. Nas pessoas moças, as tosses não têm a gravidade que apresentam, quando atacam creanças ou velhos. A tenra edade e a edade avançada emprestam ao organismo uma fraqueza de resistencia muito perigosa, quando se manifestam os phenomenos da tosse.

Tanto para as creanças, conforme ficou dito da pagina anterior, como para os moços e principalmente para os velhos o Bromil offerece vantagens indiscutiveis na cura da tosse.

Entre varios casos de curas operadas pelo Bromil em pessaôs de edade adiantada, contamos um que merece referencia especial.

Trata-se de um velhinho de quasi cem annos, residente em Viamão, Rio Grande do Sul e que se curou com o Bromil. Chama-se elle Manuel Baptista, mais conhecido por *Velho Farrapo*, alcunha que lhe vem do facto de ter sido contemporaneo da *Guerra dos Farrapos*. De sua preciosa carta em nosso poder, destacamos o seguinte trecho:

"... Soffrendo da incommoda doença, denominada "tosse dos velhos", natural na minha edade, veio uma terrivel bronchite augmentar os meus padecimentos. A cura que então O Bromil operou em mim foi duplamente admiravel. Além de livrar-me da bronchite aguda, trouxe grandes melhoras para a minha "tosse de velho." — Manuel Baptista."

O PROGRAMMA DA FESTA

(COMEDIA EM UM ACTO)

PERSONAGENS :

O presidente.
O vice_presidente.
O 1º secretario.
O 2º secretario.
O thesoureiro.
O orador.
O procurador.
O Sr. Director.

} Alumnos de um collegio

A acção passa-se nas vesperas de uma festa escolar em um estabelecimento de ensino.

Scenario : — Uma sala, ou um pateo, ou um jardim. A' vontade. E' dia.

(*Estão reunidos todos os personagens, menos o Sr. Director; o 1º secretario, tendo nas mãos uma tira de papel, vai ler*):

1º SECRETARIO — Attenção, meus senhores ! Vou começar a leitura do resultado da eleição a que se procedeu, segundo a nova lei eleitoral, para escolha dos membros da grande commissão encarregada da festa de encerramento dos trabalhos escolares, este anno !

PROCURADOR, *grita* — Muito bem !

PRESIDENTE — Silencio ! Não póde perturbar a ordem dos trabalhos !

PROCURADOR — Mas, eu não estou perturbando cousa alguma ! Estou apoiando, tanto assim que disse: — muito bem !

VICE_PRESIDENTE — Pois, sim ! Mas não póde interromper !

PROCURADOR — Quem disse que eu interrompi ?! Quando exclamei: muito bem ! Já o meu illustre collega tinha acabado de fallar.

1º SECRETARIO — Tinha acabado de fallar, mas ia começar a ler.

PROCURADOR — E por que não começou ?

1º SECRETARIO — Porque o senhor me interrompeu.

PROCURADOR—E esta, agora ! Como é que eu podia interrompel-o, antes do senhor começar ? E' bôa !

2º SECRETARIO — Vamos acabar com isto, minha gente.

THESOUREIRO — Leva-se o tempo a fallar e não se faz cousa alguma.

ORADOR — Peço a palavra !

PRESIDENTE — Chega de discussão ! (*Ao 1º secretario*) Leia o resultado da eleição.

1º SECRETARIO, *lendo* — "Eleição da commissão, effectuada em reunião de ante_hontem para a celebração"...

PROCURADOR, *interrompendo* — Eu acho que tem muito — *ão*.

PRESIDENTE — Silencio !

PROCURADOR — Já estou calado...

PRESIDENTE — Silencio, já disse !

PROCURADOR — Eu estou dizendo alguma cousa ?...

PRESIDENTE — Está, sim senhor.

PROCURADOR — Protesto ! Quem está fallando é o senhor ! Eu só disse que tinha muito — *ão*.

1º SECRETARIO — Vamos ver em que dá isso ! Eu quero ler !

PROCURADOR — Pois leia, que eu ha muito tempo que estou calado.

1º SECRETARIO, *lendo* — ..."para a celebração da festa annual de encerramento de trabalhos escolares".

PROCURADOR — Muito bem.

2º SECRETARIO — Cala a bocca, rapaz !

PROCURADOR — Isso é um pleonasmo. Que é que eu hei de calar senão a bocca ?

THESOUREIRO — Podia *calar* tambem um melão para vêr se estava bom e por isto é que se diz que — "o melhor do melão é o calado".

PROCURADOR — Apezar de não ser melão, vou ficar calado como... um coco.

1º SECRETARIO — Attenção ! (*Lê*): Presidente, José Moreira...

PRESIDENTE — Obrigado.

1º SECRETARIO, *lendo* — Vice_presidente: Arnaldo Pires...

VICE-PRESIDENTE — Muito obrigado.

1º SECRETARIO, *lendo* — 1º secretario, eu...

TODOS — Bem lembrado ! Muito bem...

1º SECRETARIO — Agradecido (*Lendo*) 2º secretario: Jorge de Souza.

2º SECRETARIO — Muitissimo obrigado.

Luiza, José, Chiquinho e Zizi, assiduos leitores do "Malho" e do "Tico-Tico", filhos do pharmaceutico José Cardoso, da cidade de Passos, no sul de Minas.

1º SECRETARIO, *lendo* —Thesoureiro : Guilherme Pinto.

THESOUREIRO — Obrigadissimo...

1º SECRETARIO, *lendo* — Orador: Demosthenes Silva.

ORADOR — *Gracias ! Gracias !* Peço a palavra, Sr. presidente.

PRESIDENTE — Depois da leitura do resultado da eleição o senhor fallará.

ORADOR — Mas eu queria agradecer já. Peço a palavra pela ordem.

PRESIDENTE — E pela ordem eu recuso, pois isso traria a desordem aqui.

ORADOR — Mas, Sr. presidente, eu não sou nenhum desordeiro...

PRESIDENTE — Bem sei; mas póde provocar a desordem... dos trabalhos.

ORADOR — Bem; neste caso, peço a palavra para retirar o pedido da palavra que havia feito. Desisto da palavra...

PROCURADOR — Quanto palavrezdo... Siga o bonde !...

VICE_PRESIDENTE — Protesto contra o termo ! Retire a phrase.

TODOS, *menos o procurador* — Apoiado ! Retire a phrase ! Fóra o termo !

PROCURADOR — Pois, não ! Pois, não ! Eu cá não perco a linha ! Retiro o bonde !... Siga o carro...

TODOS — Como ? !...

PROCURADOR, *continuando* :

"Siga o carro do progresso,
Do nosso culto ao civismo,
Vai de successo em successo
Alertando o patriotismo !"

TODOS, *batendo palmas* — Muito bem ! Bravo ! Bravo !...

PROCURADOR — Obrigado, meu povo !

THESOUREIRO — Cite o auctor...

PROCURADOR — Auctor incognito !

1º SECRETARIO — Vou terminar a leitura, meus senhores !

2º SECRETARIO — Já não é sem tempo.

1º SECRETARIO, *lendo* — Procurador: Armando Guerra...

PROCURADOR — Eu, procurador?!... Mas é uma grande honra para um pobre marquez ! Um logar de tanta responsabilidade ! Ter de lidar com tanto dinheiro dos outros?! Oh!...

TODOS — Não acceita ? !

PROCURADOR — Eu?... Eu acceito com ambas as mãos. Nunca me recusei ao trabalho, por mais penoso e arriscado que fosse, mesmo porque, felizmente, não me confiaram até hoje nenhum trabalho arriscado e penoso. O mais terrivel é esse cargo de procurador, para que fui eleito e que agradeço como a mais alta prova de confiança que me podiam dar.

ORADOR — Eu peço a palavra, Sr. presidente.

PRESIDENTE — Se é para agradecer, todos nós já sabemos que o senhor ficou muito grato...

ORADOR — Gratissimo !

PRESIDENTE — Pela escolha do seu nome.

ORADOR — E da minha pessôa tambem.

PRESIDENTE — Pois é. Vamos agora tratar do programma da festa, e ensaiar desde já qualquer cousa.

PROCURADOR — O programma já está organisado.

TODOS — Quem organisou ?

PROCURADOR — Eu ? (*Tira do bolso um enorme rôlo de papel, que se desenrola*) Ell_o aqui.

TODOS — Mas isso é muito grande...

PROCURADOR — O que ? O programma ou o papel ?

PRESIDENTE, VICE *e* 1º SECRETARIO — O programma.

2º SECRETARIO, ORADOR *e* THESOUREIRO — O papel.

PROCURADOR — Dividem-se as opiniões; mas para tudo ha remedio: se o programma é que é grande, encurta-se; e se grande fôr o papel, corta-se. Ahi está !

PRESIDENTE — Leia lá o seu programma.

Calçados finos
Casa Lord
Tel. 1799
R. da Carioca, 30

LEIA E MEDITE

INTERESSA A TODOS

As pessoas que por descuido ou outras causas independentes da vontade perderam os seus dentes, precisam **quanto antes** substituil-os por outros, collocados de modo que se prestem a **perfeita mastigação dos alimentos e esthetica da bocca.** São duas questões de grande importancia para a saude physica e moral do homem No primeiro caso, porque os alimentos imperfeitamente mastigados difficultam a digestão e são a causa principal da maioria das molestias do estomago e intestinos; no segundo porque a falta dos dentes deforma a physionomia do individuo, tornando-o ridiculo e por vezes antipathico, o que influirá forçosamente na sua vida social. Um commerciante, por exemplo, feio, desdentado e com máu halito, difficilmente fará bons negocios e ahi está como a falta dos dentes póde concorrer poderosamente para a sua infelicidade. Aconselho, pois, os que precisam de dentes artificiaes, a procurarem, de preferencia, o meu consultorio, onde serão attendidos com a maior solicitude e plenamente satisfeitos. — MODICIDADE EM PREÇOS.

CLINICA NOCTURNA — Das 5 ás 10 horas. Para as pessoas que não dispõem de tempo durante o dia — PREÇOS MODICOS

SA' REGO — Especialista

RUA DO CARMO 71, (Esquina de Ouvidor)

Procurador — Começa por um côro cantado por todos os alumnos...

Vice-presidente — Bôa duvida! Havia de ser um côro cantado por um alumno só!...

Procurador — Não; mas podia ser cantado só por nós da commissão.

Orador — Muito bem. Apoiado. Peço a palavra...

1º secretario, *ao orador* — Ora! Você não faz outra cousa senão pedir a palavra?!...

Orador — Cada um faz aquillo que póde, e para que nasceu, meu amigo. Eu nasci para fallar, pedir a palavra, e acabou-se!

Presidente — Pois, acabou-se, mesmo; não se falla mais nisso.

Orador — Mas eu quero fallar...

2º secretario — Pois se quer fallar, vá chamar todos os collegas para ensaiarmos o 1º numero do programma.

Orador — Apoiado! Vou deitar discurso á rapaziada, convidando-a a vir aqui. (Sahe)

Thesoureiro — Safa! Que mania de fallar!...

Presidente — E os collegas já sabem o que vão cantar?

Procurador — Pois não! Já escolhi a musica, e não é este o primeiro ensaio que fazem, não. Já estão seguros...

Vice-presidente — Ahi vêm elles...

Orador, *entra á frente dos collegiaes, fallando em tom declamatorio* — Collegas! E' chegado o momento de mostrardes a força das vossas cordas vocaes!...

Todos — Muito bem! Apoiado!

Orador — Muito obrigado!

Procurador — Vamos ensaiar o programma da festa, cantando o côro de abertura! Attenção!

(*Os collegiaes cantam em côro um hymno ou outro cantico escolar qualquer, findo o qual sahem*).

Presidente — Muito bem. Eu já aprendi tambem e no dia da festa cantarei.

Vice-presidente — E a respeito de convites?

Thesoureiro — Já estão promptos.

Todos — Já?!...

Thesoureiro — Sim. Mandei fazel-os na typographia de um amigo de papai, e sahiram muito bons.

1º secretario — A redacção dos convites foi feita por mim.

2º secretario — E nem nos mostraram depois de promptos!...

Thesoureiro — Esperem ahi, que eu vou buscal-os. (*Sahe*)

Orador — Sr. presidente... eu peço a palavra para dizer que deixemos isso de convites para depois e cuidemos do ensaio.

Procurador — Apoiado!... Passemos ao numero 2, que é um apologo.

Todos — Apologo?!...

Procurador — Sim! Um apologo!...

Vice-presidente — Quem sabe se você não quererá dizer: um monologo?...

Procurador — Não, senhor; quero dizer mesmo um apologo que será monologado por um nosso collega...

Todos — Ah!...

Procurador — Queiram ouvir. (*Um collegial entra e recita*):

O BEM-TE-VI NA GAMELLEIRA

"Entre as mais copadas arvores
Que por estas plagas ha
A gamelleira distingue-se
Pela sombra que nos dá.

Contraste singularissimo!
Na gamelleira eu já vi:
Lá bem no cimo assentar-se-lhe
Pequenino *bem-te-vi*.

E, crendo ter grande merito,
Só porque tanto subiu,
Malsinando os outros passaros,
Elle a todos diz "que viu".

Sem fél de satyra,
Nem prevenção,
Eu faço ingenua
Comparação:

Não se deve pôr em duvida
Que, de frente ou de perfil,
Gamelleira seja, amplissima,
Este espaçoso Brazil.

E algum de nossos politicos,
Que sobranceiro se crê,
No claro espelho do apologo
Reproduzido se vê."

Todos — Bravo! Muito bem! Bravo!

Thesoureiro, *entrando com uma grande caixa de papelão, dentro da qual devem vir enormes enveloppes capeando convites duas vezes maiores que os enveloppes* — Eis os convites.

Todos — Onde?

Thesoureiro — Aqui dentro! (*Abre a caixa e tira um dos enveloppes, de dentro do qual desdobra um "convite para a festa", escripto em lettras garrafaes.*

Presidente — Mais isso é uma enormidade!...

Vice-presidente — São convites descommunaes!

1º secretario — Parecem feitos para o gigante Golias!

2º secretario — Um só basta para convidar a humanidade em peso.

Orador — Sr. presidente, peço a palavra... Isso não é um convite: é um lençol... de papel!

Procurador — Eu proponho que se pregue um convite d'esses na principal esquina da cidade e ter-se-á assim, convidado toda a população para a festa.

Thesoureiro — Acabaram de dizer toliices? Pois se os mandei fazer d'este tamanho, foi porque o nosso presidente recommendava sempre que queria os convites grandes, uma cousa que désse na vista!...

Presidente — Mas d'este tamanho tambem é demais!

Vice-presidente — E quantos mandou imprimir?

Thesoureiro — Por ora mandei imprimir apenas mil...

Todos — Mil convites?!...

Thesoureiro — Sim. Acham pouco?!

2º secretario — Acho muitissimo!

1º secretario — E eu tambem.

Calçados finos

Casa Lord

Tel. 1799

R. da Carioca, 30

CABELLOS BRANCOS

Frisolina — Preparado Ideal — Tonifica os cabellos, restitue a sua côr primitiva, ondula e extingue a caspa completamente, não mancha a pelle, nem é nocivo. Preço 3$000, pelo correio 5$000. Encontra-se em todas as casas de perfumarias. Depositario:

Casa A' NOIVA — **RUA RODRIGO SILVA N. 36** — Tel. 1.027, Central — **Rio de Janeiro**

ORADOR — Peço a palavra, Sr. presidente, para fazer...

PRESIDENTE — ...um discurso?

ORADOR — Não. Apenas uma supposição, ou admittir uma hypothese: Supponhamos que cada convidado traga na média, 5 pessôas da familia, como é costume, e teremos aqui seis mil pessôas!

PROCURADOR — Muito bem... lembrado; e neste caso eu proponho que a nossa festa seja no antigo amphitheatro de Roma, que comporta essa multidão de espectadores!

PRESIDENTE — Não!... E' preciso reduzir o tamanho dos convites e o seu numero. Nem tão grande é a casa, nem a festa.

PROCURADOR — Sim, mas o programma é grande.

1º SECRETARIO — E até agora só se ensaiaram d'elle dous numeros, por que em vez de se cuidar d'isso, estão cuidando de convites.

VICE-PRESIDENTE — Eu tambem acho que o ensaio deve estar em primeiro logar. D'aqui ha pouco termina o recreio.

2º SECRETARIO — Apoiado. Primeiro que tudo o ensaio!...

ORADOR — Neste caso, meus senhores, eu... peço a palavra.

PRESIDENTE — Se é para fazer discurso, não concedo a palavra.

ORADOR — Não, senhor; - para ensaiar...

TODOS — Para ensaiar?!...

ORADOR — Sim, peço a palavra para ensaiar o discurso que terei de fazer no dia da festa! (*Tira do bolso um rôlo de papel maior que o papel do programma*). Eil-o aqui!...

PROCURADOR — Mas isso é maior que o programma! Nem póde caber dentro d'elle...

ORADOR — Está de accordo com o tamanho dos convites... (*Trepando num banco ou cadeira que estiver perto e dispondo-se a fallar*): Peço a palavra!

TODOS — Fóra! Fóra! Não falla!

ORADOR, *gritando* — Fallo, sim! Se não queriam que eu fallasse para que me fizeram orador? Eu já sabia que seria eleito, porque ha dous mezes cabalo para ser orador, e ha dous mezes que escrevo esse pequeno improviso para recitar no dia da festa!

VICE-PRESIDENTE — Pois guarde para o dia da festa!

PROCURADOR — Isso não, pois que os convidados que não se fossem embora, acabariam dormindo.

ORADOR, *grita* — Isso é um desaforo, Sr. presidente! Peço a palavra!

PRESIDENTE, *idem* — Não póde fallar!

ORADOR — Pois hei de fallar, quer queiram quer não!...

VICE-PRESIDENTE — Calma! Calma!...

ORADOR — Se não quizerem que eu falle, retiro-me da commissão!...

PRESIDENTE — Póde retirar-se.

ORADOR, *descendo do banco ou cadeira onde está trepado* — Pois fiquem-se ahi com sua festa, que eu me vou embora!... (*Vai sahir*)

2º SECRETARIO, *segurando-o* — Venha cá! Deixe-se de *fitas*...

ORADOR — Fitas, não! Vou-me embora, sim! (*Vai sahir*).

SR. DIRECTOR, *apparecendo, ou falando mesmo de traz dos espectadores* — Então, que é isso?!... Deixem-se de discussões, que é muito feio!

PRESIDENTE — E' o Demosthenes que teima em falar, Sr. Director.

ORADOR — Teimo em fallar porque me fizeram orador.

SR. DIRECTOR — Vamos! Acabem com isto. Observem o programma da festa!...

TODOS, *menos o orador* — Muito bem, Sr. Director! Siga o programma! Siga!...

PROCURADOR — O numero 3 é uma canconeta cantada por um nosso collega. (*Entra um collegial que canta uma canconeta qualquer, podendo ser o "O naturista", publicada neste Almanach*).

TODOS, *depois da canconeta* — Bravo! Bravo! Muito bem!

ORADOR — Sr. Presidente...

PRESIDENTE — Vai pedir a palavra?!

ORADOR — Ao contrario; vou desistir...

TODOS — Como?!...

ORADOR — Vou desistir da palavra que pedi ha pouco. (*Solemne*): Desisto da palavra, Sr. Presidente.

PRESIDENTE — Está "desistida".

VICE-PRESIDENTE — Que é que se segue, agora, no programma?

PROCURADOR — Segue-se um côro, depois um monologo, depois uma canconeta, depois...

1º SECRETARIO, *interrompendo-o* — Não diga mais nada; já sei: depois da canconeta, outro côro; depois, outro monologo; e depois, outra canconeta; e, assim por deante até morrerem de cançados...

2º SECRETARIO — Os alumnos?

1º SECRETARIO, *muito sério* — Não: os espectadores...

PRESIDENTE — Mas, afinal, como termina esse programma?

1º SECRETARIO — Eu já disse: termina com o sacrificio da vida dos espectadores.

PROCURADOR — Não, senhor! Termina com uma chave de ouro.

TODOS — Com uma chave de ouro?!

PROCURADOR — Sim. Uma vez o nosso presidente disse que o programma da festa devia ser fechado com uma chave de ouro, e eu mandei fazer essa chave.

TODOS — De ouro?!...

PROCURADOR — Macisso! Haverá uma apotheose, como é de praxe, e um cantico patriotico final. Se querem ver, eu vou buscar a chave e dizer ás creanças que tomam parte na apotheose, que se preparem; sim?...

TODOS — Está dito! Vá buscar a chave!... Vá!...

PROCURADOR, *sahindo* — E' um instante! (*Sahe correndo. Ouve-se o toque de uma sineta.*)

PRESIDENTE — Terminou o recreio. Talvez não haja mais tempo...

VICE-PRESIDENTE — Para ensaiar o cantico final sempre se arranjarão dous minutos...

2º SECRETARIO — E' que as creanças que tomam parte na apotheose talvez não estejam promptas...

1º SECRETARIO — Qual! Aquillo é cousa simples.

THESOUREIRO — E' simples, mas o homem da chave de ouro está se demorando...

ORADOR — Eil-o que chega!

PROCURADOR, *entra trazendo nas mãos uma enorme chave dourada, e acompanhado pelos collegiaes que formam duas alas de um lado e outro* — Eis aqui a chave de ouro para fechar o programma da festa. Esta chave encerra o que é mais precioso e caro aos nossos corações, na hora presente. (*De dentro do eixo da chave, que deve ser ôco, retira uma bandeira brazileira, enrolada no mastro, a qual elle desfralda, exclamando*): Saudae-a!...

TODOS, *batendo palmas* — Bravo!... Viva a bandeira do Brazil! Viva a Patria Brazileira!... Viva!...

ORADOR, *dá dous passos á frente* — Peço a palavra!...

TODOS — Tenha a palavra!... Tenha!

PROCURADOR, *baixo, ao orador* — E' cousa muito comprida?

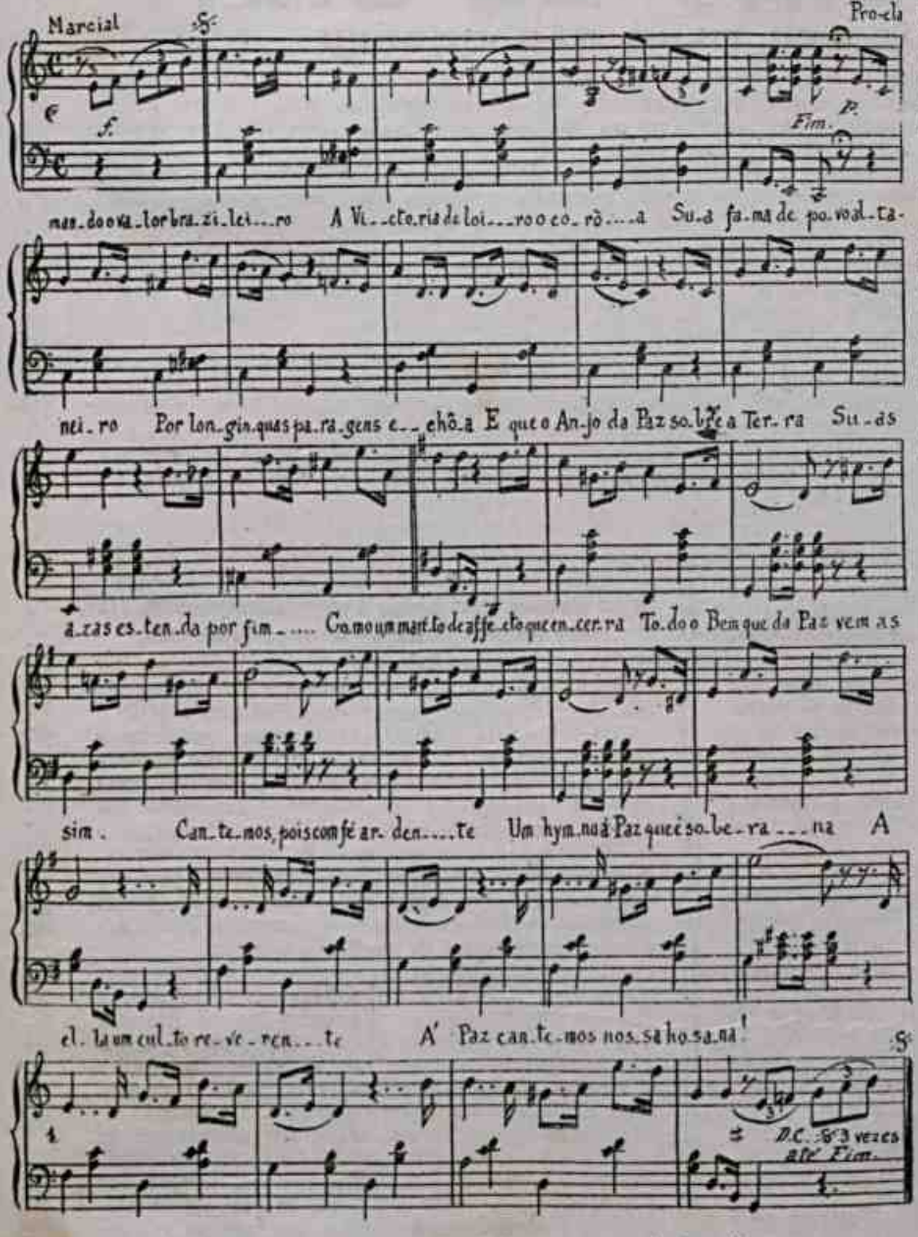
ORADOR, *idem* — Não. Apenas duas palavras...

Calçados finos

Casa Lord

Tel. 1799

R. da Carioca, 30



Sôlo e côro final da comedia "O programma da festa"

PROCURADOR — Então, diga lá!

ORADOR, *recita*:

"O' auri-alvi-ceruleo-verde panno,
Sacro emblema, purissima bandeira,
E's o symbolo amado e soberano
Da grande e livre terra brazileira!

Em tuas côres varias symbolizas
Toda a grandeza do Brazil. E quando,
No alto tremulas ao sabor das brizas,
Ficam vinte milhões de almas pulsando.

Verde — esperança. Verde, a côr que inunda
A selva em banho esmeraldino, encerra
Promessas de fartura. E' a côr fecunda
Com que a seiva alchimista turge a terra.

Amarello — o oiro fulvio, o trigo loiro...
Coloração symbolica que indica
Quanto esta plaga é dadivosa e rica
Na triumphal eclosão de um sonho de oiro.

Azul — serenidade, ceos escampos,
Cravejados de rutilas estrellas...
O' trecho azul, lembras a noite, pelas
Solidões immortaes de nossos campos!

Branco — hosannas á Paz, Concordia... A lista
Branca que sobre o globo azul se encurva,
E' uma faixa de amor que, em suave curva,
Abraça o mundo em fraternal conquista.

O' auri-alvi-ceruleo-verde panno,
Ufanoso das glorias do passado,
Todos te acclamam como soberano
Farrapo do ideal, nobre e sagrado!..."

TODOS, *batendo palmas* — Bravo! Muito bem! Bravo! Bravo!

PROCURADOR — Agora, meus senhores, é preciso fechar com uma apotheose e um hymno á Paz Universal. (*Apparece ao fundo uma creança, symbolisando a Victoria, a corôar de louros uma outra, fardada de atirador brazileiro, com a carabina em descanso, emquanto sobre as duas, num plano mais elevado, outra creança, symbolisando o "Anjo da Paz", abre as azas, ou os braços, protegendo-as. Cantam, todos, então, o côro final*):

SÔLO:

Proclamando o valor brazileiro
A Victoria de loiro o corôa,
Sua fama de povo altaneiro,
Por longinquas paragens echôa.

E que o Anjo da Paz sobre a Terra
Suas azas estenda por fim,
Como um manto de affecto que encerra
Todo o Bem que da Paz veiu assim.

CÔRO:

Cantemos, pois, com fé ardente,
Um hymno á Paz que é soberana;
A' ella um culto reverente;
A' Paz cantemos nossa hosanna!

(*Grande enthusiasmo. Vivas ao Brazil, á bandeira nacional. Muitas palmas dos collegiaes, que atiram flôres sobre as creanças que figuram na apotheose.*)

FIM

Recife, X—917.

EUSTORGIO WANDERLEY

Calçados finos
Casa Lord
Tel. 1799
R. da Carioca, 30

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas

O **JUGLANDINO de GIFFONI** é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderoso tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

E' superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *iodo vegetal* assim intimamente combinado ao *tannino da nogueira* (*Juglans Regia*) e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalisador, sob uma fórma agradavel e inteiramente assimilavel.

E' um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o VINHO IODO-TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e phrarmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

IODOLINO DE ORH

PORQUE MEU FILHO NÃO MORREU

Meu filho Mario, edade actual 8 annos; tendo durante os primeiros annos de sua vida todas as doenças graves proprias da infancia, coqueluche, sarampo, pneumonia, diarrhéa, bronchites e outras, ficou de tal maneira adoentado e fraco, que não podia subir escadas sem ser ajudado; parecia opilado ou tuberculoso, tendo além da grande anemia, tosses e bronchites.

Escusado é dizer que vivia tomando remedios e fortificantes, não tendo conta os frascos de Oleo de Bacalhau que tomou, abandonando este remedio porque o estomago não o suportava mais; assim continuou sempre fraco e doente, até meiados do anno passado, quando devido a comer fructas que não estavam bem maduras, teve diarrhéa de sangue, tão violenta que evacuava varias vezes, por hora; tratado com toda sciencia e carinho pelo Dr. Walther Gomes e por todos da familia, ficou bom da diarrhéa de sangue, mas em tal estado de fraqueza, que quasi não podia levantar a cabeça do travesseiro; nessa occasião estavamos certos que o perderiamos ao menor contratempo que tivesse sua saude, tal era o seu estado de profunda anemia. Entretanto, não morreu e hoje não parece mais aquella creança quasi esqueleto de mezes atraz.

Com o IODOLINO DE ORH, receitado pelo mesmo medico, logo que entrou em convalescença da diarrhéa de sangue obteve tão bom resultado, recuperou rapidamente as forças e appetite, e animo, que duvidamos que tão rapida melhora fosse real; entretanto, ella continuou, ficando Mario cada vez mais forte, comendo muito bem e gosando hoje saude excellente, sem ter mesmo as constipações e tosses de que sempre era perseguido. Pois, pois, devido ao IODOLINO DE ORH, que meu filho não morreu, e como prova de gratidão, faço publica sua cura para que os paes que tenham filhos anemicos, possam, como eu, recorrer a tão poderoso remedio. — *Gustavo Lima Sampaio*.

COMO SALVEI MEU NETO

Magro, fraco, sem fome, repugnando todos os alimentos, muito pallido, grandes olheiras, tristonho, foi como encontrei meu neto a minha volta da Bahia.

O seu estado de anemia era tal que quasi não se levantava, evitando fallar e a companhia de outras crianças. Tinha 12 annos e apparentava apenas ter 8.

Sua mãi, viuva, tinha lançado mão dos recursos medicos, que por infelicidade não produziram resultados. O menino continuava definhando, e tinhamos quasi certeza que estivesse tuberculoso pela tosse constante e dores nas costas e do lado esquerdo.

Resolvemos mudar de medicos, obtive que o Dr. Walther Gomes examinasse meu neto; o illustre medico declarou grave o estado de Eduardo, porém, confiava no poder do medicamento que receitava, e foi assim que o meu neto começou a usar o poderoso fortificante IODOLINO DE HOR.

Voltou mais algumas vezes o Dr. Walther a vêr Eduardo e se bem que estivesse habituado com os rapidos e bons resultados do IODOLINO, declarou que nunca suppuzera effeito tão rapido e seguro. No fim de duas semanas o doente comia com appetite voraz, brincava, corria e nenhum soffrimento accusava: se não fossem a côr pallida e magreza, ninguem diria que poucos dias antes esperavamos que morresse.

Mais algumas semanas de uso do IODOLINO e o menino tendo recuperado a côr e alguns kilos de peso, estava completamente bom, forte e bem disposto, recomeçando os estudos nove semanas depois de ter começado a usar exclusivamente o IODOLINO DE ORH.

Eis como salvei meu neto, considerando um caso de consciencia fazer conhecer de todos e para bem de muitos tão brilhante cura, tão poderoso fortificante e reconstituinte faço publicar esta declaração, cujo original vos envio, para que em outras cidades seja egualmente publicado. — *Coronel Antonio da Silva Machado*. — Fazendeiro em Santa Rita. — S. Paulo.

Menino que aos 8 annos começou a emmagrecer rapidamente. Fastio e repugnancia á comida. Atraso no crescimento.

Como mãi verdadeiramente agradecida por ter conseguido depois de muito tempo e de ter lançado mão de muitos meios, curar meu filho com o IODOLINO DE ORH, venho publicamente agradecer e certificar que meu filho Carlos, que até aos 8 annos tinha sido uma creança forte e sadia, começou nessa edade a emmagrecer rapidamente, recusando alimentos com grande repugnancia á comida a ponto de vomitar muitas vezes depois de comer. O seu estado de anemia e mágreza nos fez temer pela sua vida, pois cada vez ficava mais fraco, pallido, costas abauladas, cahindo o cabello, desarranjos intestinaes e outros symptomas de profunda anemia.

Experimentando sempre novos tratamentos chegamos ao IODOLINO DE ORH, que começamos a dar sem confiança, tal era o numero dos outros remedios que experimentamos sem resultado; porém, d'esta vez tivemos o immenso prazer de presenciar rapidos e seguros effeitos curativos, começando o menino a melhorar desde a primeira semana; animando-se, adquirindo expressão viva no olhar, alimentando-se com menos repugnancia; saiu do estado de abatimento em que estava ha tantos mezes e continuando a tomar o IODOLINO DE ORH durante algum tempo está perfeitamente curado e sem nenhum vestigio da creança magra, doente e feia que por espaço de alguns mezes nos fez temer por sua vida.

Além de bom appetite engordou bastante, estando novamente no collegio do qual o afastára a terrivel anemia.

Autorizando e desejando que se faça d'esta declaração a maxima publicidade confesso-me mais uma vez extremamente grata ao IODOLINO DE ORH. — *Leonor Rodrigues Meirelles*.

S. Paulo.

14 ANNOS---FASTIO E TOSSE

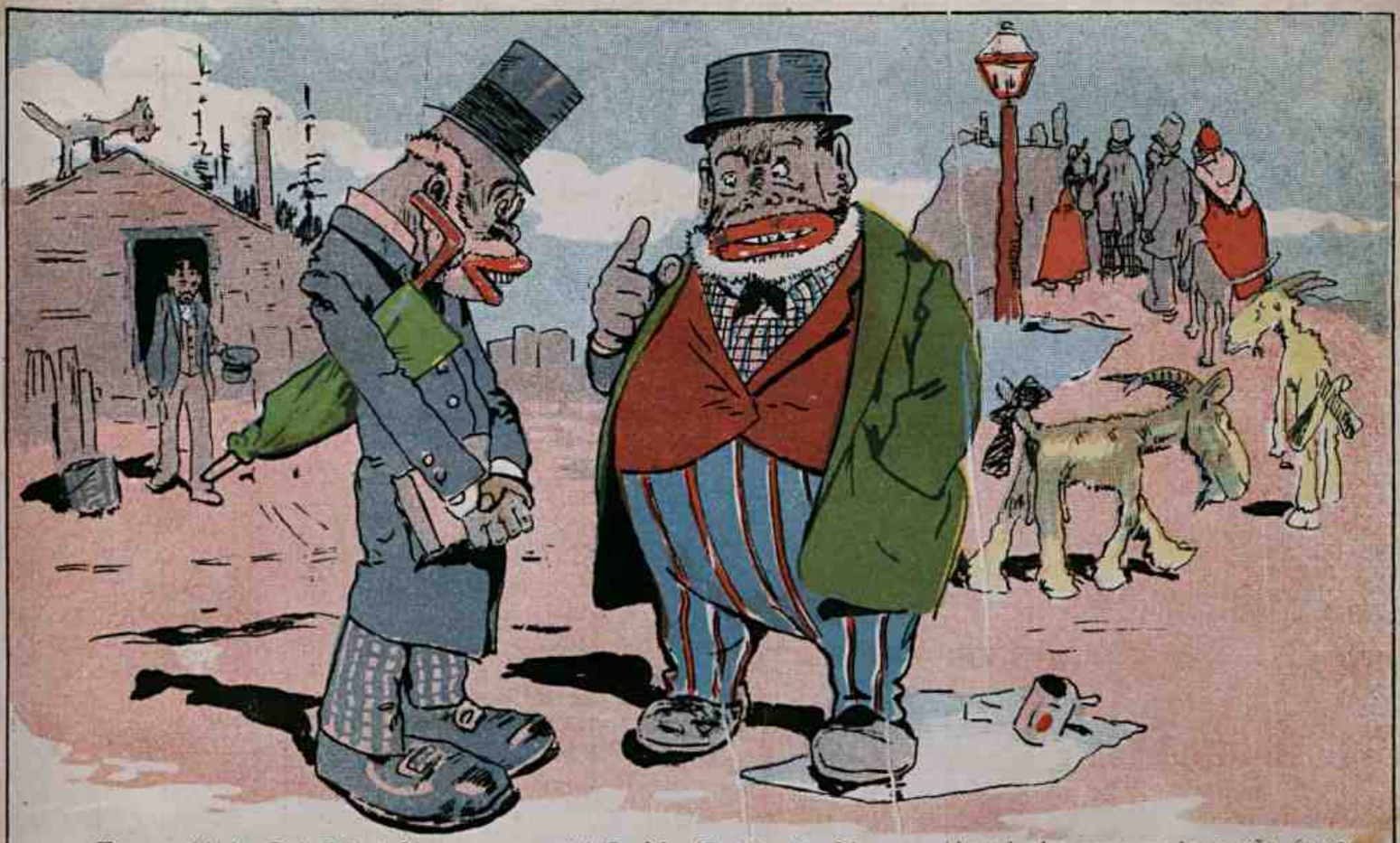
Certifico que minha filha Alina, de 14 annos, foi sempre uma creança fraca e adoentada, extremamente magra, anemica, só comia obrigada, tossia constantemente e tinha muitas dores nas costas. Usou todas as emulsões, oleo de Bacalhau, fortifcantes e todos os remedios indicados, continuando sempre a definhar e soffrer, temendo eu que acabasse tuberculosa; felizmente, tendo experimentado o IODOLINO DE HOR, como experimentara tantos outros remedios, tive a felicidade de em menos de um mez notar que Alina era outra, seu olhar mais expressivo, sua alegria, denotavam as melhoras produzidas pelo poderoso fortificante IODOLINO DE ORH, e assim continuou sempre causando a rapida cura admiração até do nosso medico. — *Dagmar Metzen*, modista. — Rio de Janeiro, 18 de Junho de 1915.

O IODOLINO DE ORH, que reune em si todos os principaes fortificantes do Oleo de Bacalhau e outros necessarios ao organismo, sem os inconvenientes do Oleo de Bacalhau, que o estomago de muitas pessoas não supporta, restitue em pouco tempo as forças perdidas e cura radicalmente a anemia e todas as suas manifestações: Escrofulias, Rachitismo, Flores Brancas, Inapetencia, etc., etc.

Em todas as drogarias e pharmacias da Brazil.--Agentes geraes: Silva Gomes & C.

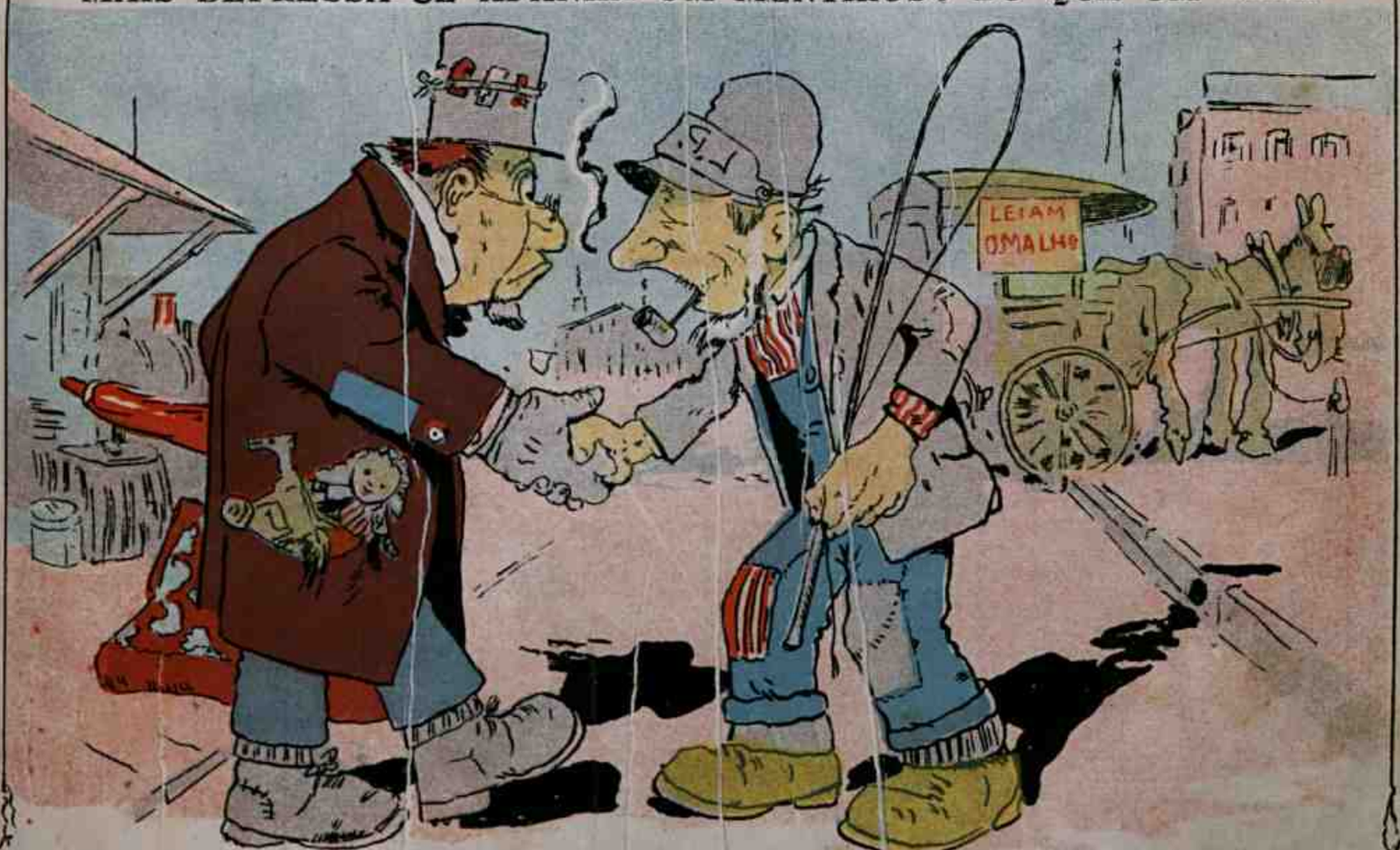
RUA DE S. PEDRO, 40 e 42---*RIO DE JANEIRO*

RI-SE O ROTO DO ESFARRAPADO



— Toma cuidado, Pai, Zuão! Oia que ossuncê é tão feio, tão feio, tão feio, que até os bicho tem medo e vão fugino turo p'ra bem longe de ossuncê!
— Devéras?!!... P'ru isso, p'ru isso é que turo gente tá dizeno que Pai Zuão parece fio de Pai André...
— Non dimitu brincadêra!
— Eh! eh! Pai Zuão non birinca, non sinhô: tá falano sério!

MAIS DEPRESSA SE APANHA UM MENTIROSO DO QUE UM COXO



— Ora, viva lá o senhor meu patrão! Não o esperava tão cedo... Então gostou muito do Rio de Janeiro?
— Nem me falles nisso! Aquillo não é cidade: é um inferno! Logo que cheguei, carregaram commigo para o hotel para o cinema, para o Pão d'Assucar, para Petropolis, para a Copacabana, para o Corcovado, para a Avenida, para a Tijuca para o Mangue...
— Basta, patrão! Pelo que ouço, não teve tempo de comprar a minha encommenda...
— Adivinhaste! Não tive tempo de comprar cousa alguma!
— Então, pelo que vejo o senhor patrão furtou tudo isso para os netinhos.

O MENINO E O DIABO

1) Anacleto era um máu menino, de comportamento pessimo, sempre castigado no collegio. Um dia, tendo que...

2)... copiar uma porção de paginas, lembrou-se de chamar o diabo para o livrar. Com o diabo não se brinca. Viu apparecer uma fumaça amarella, cheirando a enxofre...

3) ...que tomou a fórma do demonio. — "Aqui estou, disse-lhe elle. Guarda este pedacinho do cabo de meu forcado. Toca-o apenas, e terás tudo que desejares.

4) "Mas em troca assigna este pergaminho." Anacleto, espantado, obedeceu á ordem, sem ler o que assignava. Riu-se, e, preguiçoso, adormeceu.

5) Chegando, o professor, viu-o a dormir e verificou que não havia copiado uma só pagina. Chamou-o e perguntou-lhe se havia cumprido o castigo.

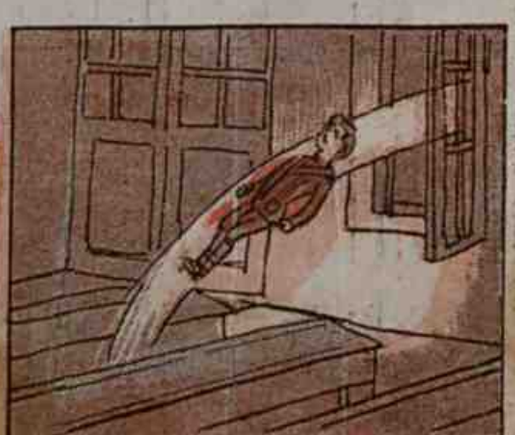
6) —"Sim, senhor. Queira examinar o caderno ?" O professor abriu este outra vez e ficou admirado : a copia estava toda feita.

7) Anacleto, que havia recorrido ao pedacinho do forcado do diabo, desatou a rir, emquanto o professor foi para a sua cadeira, muito intrigado.

8) De repente, um enorme besouro começou a voar. Olharam todos para o alto. Do estranho insecto começou a sahir um fio negro, muito comprido...

9) ...que formou no ar estas palavras : "Fóra o caréca !" O professor era calvo. A meninada não poude conter o riso. Era, bem se vê, uma nova maravilha do talisman.

10) Anacleto mandou que o besouro pousasse na calva do professor, mas não teve esse gosto, porque com uma certeira pancada de régoa, fugiu, entre faiscas, o bicho infernal.



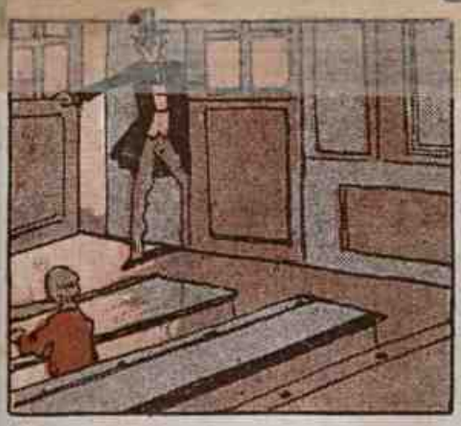
11) Foi o perverso alumno punido com mais quatro horas de prisão na aula. Mas quando chegou o recreio, serviu-se do talisman para ser transportado do primeiro ao segundo andar.

12) O professor, que sahia, encontrou-o. —"Que fazes aqui, Anacleto ?" —"Não sei Anacleto. Anacleto está na aula." E desappareceu. O professor rubiu agressadamente a escada.

(Continua)

O MENINO E O DIABO

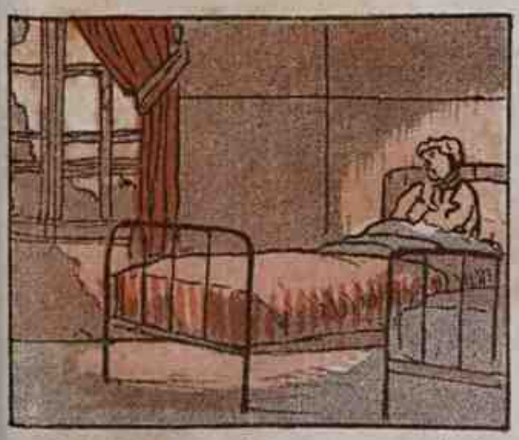
(CONCLUSÃO)



13) Anacleto estava sentado realmente na sala da aula. O professor desceu a dizer com seus botões : —"O menino que vi era elle. Que historia será essa ?

14) Quando ja ser distribuido chocolate aos alumnos, declarou ao incorrigivel : —"Só terás pão duro." Mas dando-lhe um pão da vespera, transformou-se este em chocolate...

15) ...e em maior porção que a recebida pelos collegas. "—Aprendeste prestidigitação ?" perguntou-lhe o professor.



16) Anacleto, contente com os resultados obtidos, custou a dormir, pensando nas novas partidas a pregar ao professor. Ouviu bater meia noite.

17) Mal soaram as doze pancadas do relogio, sentiu-se arrancado da cama e levado pelo ar ao jardim. —"Mas eu nada pedi !" — exclamou. Appareceu-lhe o diabo e disse-lhe que desde aquella hora lhe pertencia.

18) —"O pergaminho que assignaste tornou-te meu escravo." — accrescentou, e pondo-lhe um freio na bocca, cavalgou-o e tocou-o, como se fosse um cavallo.

19) Anacleto foi obrigado a correr pelos campos fóra, até á casa dos pais, que eram lavradores. A um gesto do diabo, as aves e o gado começaram a morrer. Em seguida irrompeu um incendio...

20) Na manhã seguinte, vendo-se no dormitorio do collegio, suppoz que tivesse tido um pesadelo. Mas estremeceu ao chegar o professor, dando-lhe, consternado, a noticia do que tinha acontecido em casa dos pais...

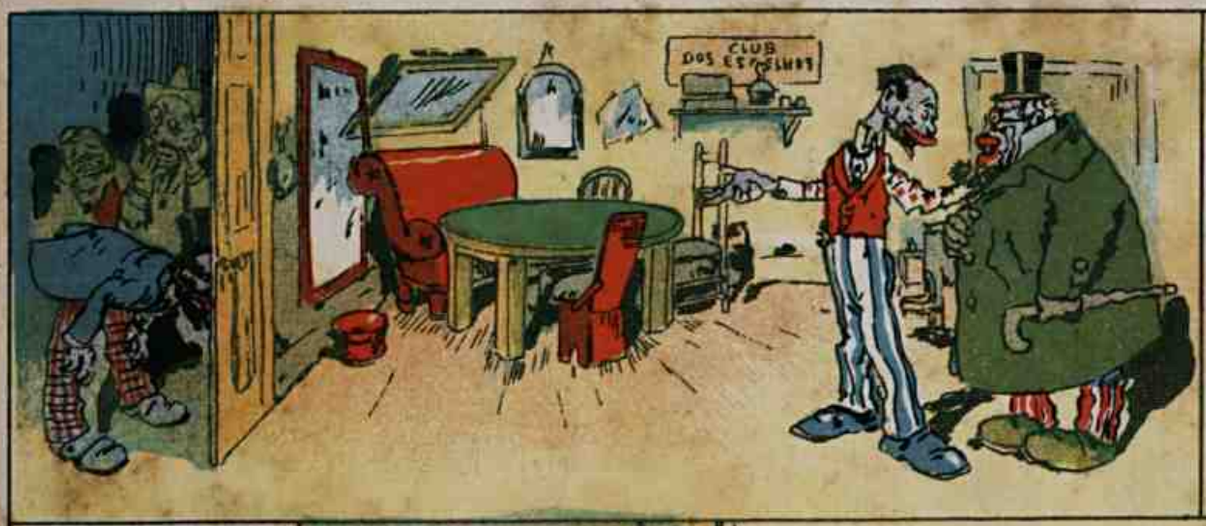
21) Anacleto poz-se a chorar. —"Sou o culpado de tudo, meu professor !" E narrou-lhe o que se passara com o demonio. —"Queime, agora mesmo, esse talisman !" — ordenou-lhe o bom velho.

22) O diabo veiu, furioso. O professor apanhára um martello e um formão que estavam perto. Mas não foi preciso isso. Dirigindo a Deus o pensamento, de seu cerebro sahiu um facto de luz que fez fugir Satanaz, depois de lhe ter entregado o pergaminho.

23) Destruido o compromisso escripto, Anacleto notou que da fronte do professor sahiam gottas, como diamantes. Com uma vassilha, apanhou-as. Eram as gottas salvadoras da Fé e da Virtude.

24) O mau menino converteu-se. Foi, então em companhia do velho amigo, á casa dos pais, e, elevando o pensamento a Deus, conseguiu tambem que de seu cerebro partisse uma força luminosa, que fez com que o predio se erguesse reconstruido e os animaes mortos resuscitassem.

COMO O DOUTOR PROCOPIO CASTIGOU SEU FEIO VICIO



1) *Moyses*—Bons olhos o vejam doutor! Faça de conta que está na sua casa.

Procopio — Eh! mestre Moysés. Está bonita sua casa. Parece mesmo um palacio de chrystal.

Moysés — Qual palacio doutor... E' um club de espelhos p'ra gente se divertir. Todo socio tem de entrar com um espelho p'ra pendurar atráz da cadeira do convidado de consideração. E' nessa cadeira de honra que o doutor tem de se sentar

2) *Moysés (aos convidados Pai Joaquim, João Barriga e Zé Bambu)* — Cavalheiros permittam que eu lhes apresente o illustre hosped e da noite, o doutor Procopio, que vai fazer um discurso antes de se inaugurar o salão.

Dr Procopio—Senhor presidente e mais dignos convidados! O discurso fica para logo. Está inaugurado o salão. Vamos jogar a partida!

Convidados—Apoiado! Muito bem!

3) *Doutor Procopio*—Estou caipora, as cartas estão ruins (*Depois desconfiado*) — Está me parecendo cavalheiros que esses espelhos nas minhas costas e esse negocio de estarem torcendo os bigodes tem coisa.. Hum!..

Os parceiros do jogo:—Pode ficar tranquillo doutor! Nós seriamos incapazes de querer enganar um tão illustre cavalheiro, um tão grande orador! As cartas é que ás vezes, ficam mesmo muito ruins, mas de repente viram boas... Vamos continuar! *Doutor Procopio — (continuando e sacando duma navalha para virar tudo de pernas para o ar por ter notado que, pelos espelhos...*

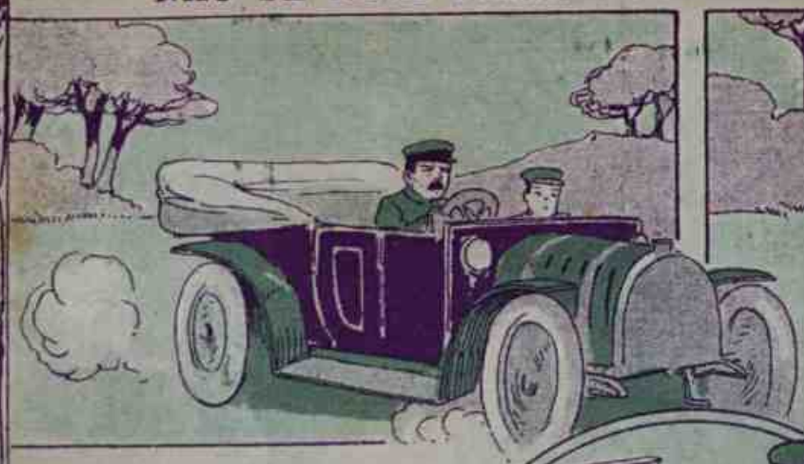
4) .. *os companheiros viam as cartas uns dos outros, e assim o queriam roubar, ganhando a partida pela certa*]— Agora é que eu vou ter a honra de fazer o discurso! Seus patifes. Vou acabar a funcção! Sigam para a policia, *seus* gatunos, eu escangalho tudo! (*E assim o doutor Procopio castigou os que abusam da boa fé dos outros, esquecidos de que o jogo só pode ser um passatempo entre bons amigos.*)

BELLEZAS DO RIO DE JANEIRO

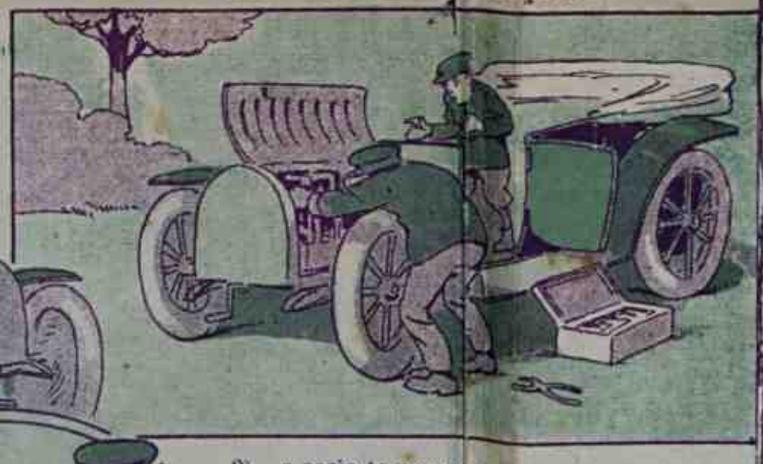
Chacara e Praia do Vidigal, Leblon, Rio de Janeiro, onde funcciona o «Gymnasio Anglo-Brazileiro»

ESTABELECIMENTO MODELO INGLEZ de educação physica, intellectual e moral. Ensino de equitação, natação, gymnastica sueca, etc. Ensino pratico do inglez e do francez, e cursos primarios e secundarios completos. — Director, CHARLES W. ARMSTRONG.

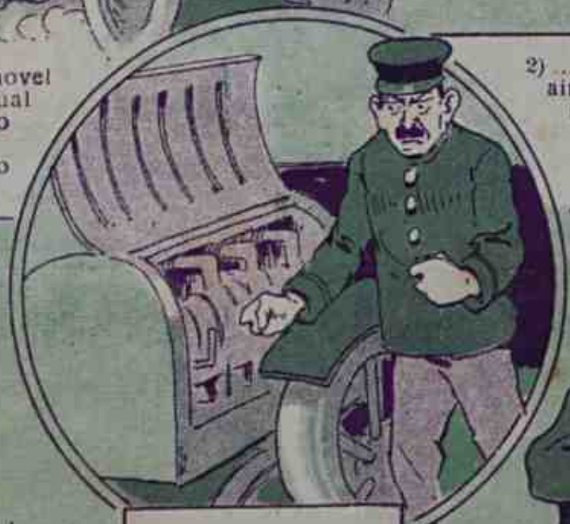
NÃO SE DEVE FAZER POUCO NAS IDEIAS DAS CREANÇAS



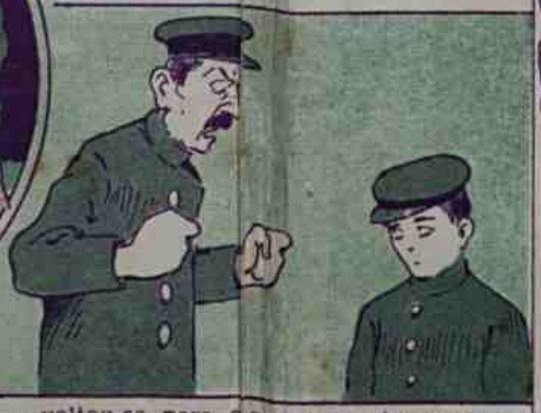
1] Jeronymo tinha um automovel com que ganhava a vida e do qual era "chauffeur", servindo como ajudante seu filho Manuelito. O menino, apezar d'isso, pouco



2) ...a serio tomava o seu officio. A sua idade ainda era para brinquedos e só nelles pensava: Um dia, numa viagem o automovel enguiçou. Uma massada! E Jeronymo apegou-se ao motor para concertal-o.

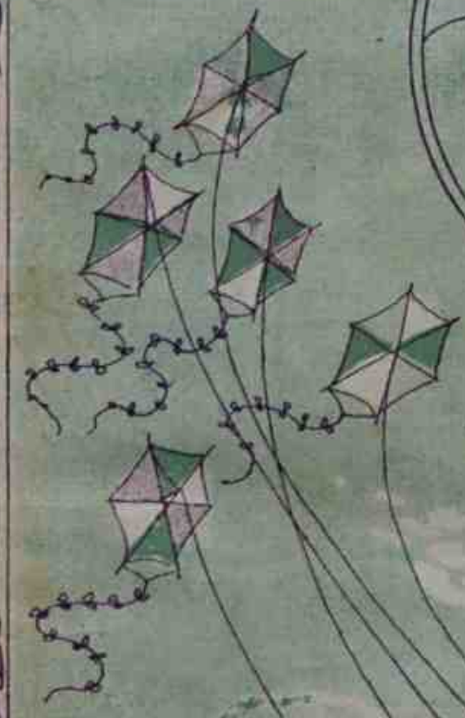


3) Mas depois o «chauffeur» se convenceu de que sósinho não podia fazer o concerto. Desesperado com isso, sem saber que fazer...



4] ...voltou-se para o pequeno, chamando-o de imprestavel, palerma e outras cousas mais, que muito affligiram o Manuelito. Elle porém, lembra-se do seu tempo...

5] ...de liberdade, dos velhos papagaios companheiros de traquinadas...



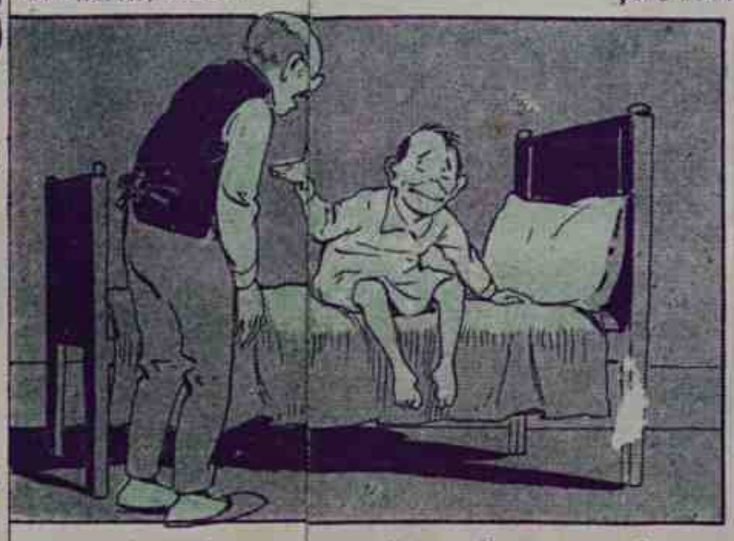
6) Em tres tempos preparou alguns d'esses brinquedos predilectos e com elles constituiu locomoção para o automovel, que foi levado até a garage mais proxima. O pai Jeronymo com certeza ficou convencido de que só ás creanças é dado ter certas ideias que os adultos nem sempre sabem ter para se livrarem de atrapalhações.

SER HOMEM E' O QUE MENOS CUSTA...

1) Papai! eu quero vestir roupa de homem — pediu o Juquinha. Pois sim, meu filho — disse-lhe o Pancracio, e, oxalá tu saibas sempre envergal-a como um verdadeiro homem. E Juquinha foi ao alfaiate, onde...

2) ...vestiu um terno, como elle queria, de calça comprida. Já estava cançado de ser creança!

3) Foi até á Avenida passeiar, como se fôra um perfeito homem, de cartolinha, bengala e cigarrinho no canto da bocca. Era um successo o seu consolo de julgar que ninguem mais diria: «o pequeno»... esse «pequeno!»



4) Ao chegar á casa, pelo anoitecer, disse ao vovô que se approximára, para dormir com elle:—Não vovô; eu agora vou dormir sósinho! Não tenho mais medo; e, de hoje em diante, para todos os effeitos, quero ser um homem!...

5) Mas, nessa noite, succede um imprevisto com que Juquinha não contava: Um gatuno penetra, ás tantas da madrugada, no seu quarto e faz uma colheita completa. Com o barulho produzido, Juquinha acorda, mas fica muito quietinho e...

6) ...vê o larapio retirar-se calmamente, com a trouxa e fazendo até pouco caso delle. Cheio de medo, Juquinha nem se animou a gritar e logo que poude, correu...

7) ...a avisar o pai do roubo soffrido.—Então, você nem coragem teve para pedir soccorro? — perguntou-lhe o pai... E Juquinha rematou dizendo.—Papai não vê que eu sou creança!

Proveis EURYTHMINE DETHAN contra as nevralgias, as enxaquecas, e V. S. ficará muito satisfeito

O ASSADO DO NATAL

1—O cozinheiro do Sr. Comeferro veiu nas vesperas do Natal á chacara do seu patrão, onde havia ganços, patos, gallinhas da Angola e outras aves magnificas ...—E' daqui ha oito dias—disse de si para si (mas, um pouco alto) —o dia de Natal e eu não sei o que hei de pôr...

2—...á mesa. Essas palavras consternaram os habitantes do gallinheiro, porque sabiam que nesses dias de festa eram elles as victimas!—Ah! dizia um marreco a seu amigo pato—comprehendo agora porque aqui estamos e o...

3—...que nos espera... Nisto veiu sentar-se num banco da horta uma velha que diziam ser feiticeira. Um ganço preto, muito interessado perguntou-lhe:—Diga-nos, senhora! Como poderemos escapar ao nosso destino de sermos comidos no Natal? A feiticeira...

4—...consultou os astros abriu um livro e disse—«Amanhã, vira para aqui uma outra ave igual a vós outras, que vos livrará da frigideira. Tocante d'essa noticia os patos, gallos, etc., pularam de contentes e dansaram em roda da feiticeira... E com effeito, na manhã seguinte...

5—appareceu uma especie de ave enorme, toda negra e com um ar de orgulho e vaidade. Tinha uma crista que augmentava e diminuia e era vermelha, assim como o seu pescoço.—Cá esta a nova companheira, disseram as outras aves. E foi muito bem recebida porque...

6—...a feiticeira havia dito que ella seria a salvadora do gallinheiro, evitando que as aves fossem para a panella.—Quem sois vós?—perguntou...

7—...gentilmente a gallinha da Angola—Eu sou filho de uma Republica gloriosa e por isso me chamam Perú. O pavão foi particularmente amavel.—Estou satisfeito de vos ver. Se fôr de vosso agrado emprestar-vos-e as minhas plumas.—Oh! Sois muito gentil...—Absolutamente!

8—Nós somos todos assim. As outras aves abraçaram a nova companheira. Na vespera de Natal, porém, dois vultos se esgueiravam junto ao muro da horta, dizendo:—Se conseguirmos roubar o perú...

9—...poderemos vendel-o por bom preço. E... escalaram o muro. Todas as aves se assustaram muito, porém os ladrões disseram:—Socegae! Não vos faremos mal... Queremos levar só o perú. Houve um grito geral de horror. Tocar no perú!... E mal os ladrões disseram essas palavras, todas as...

10—...aves do gallinheiro se precipitaram sobre os larapios e cahiram-lhes de bicadas na cara, nas pernas, por todo o corpo, enquanto os que isso não podiam fazer, gritavam com todas as suas forças... Aos gritos dos gansos e dos...

11—...patos acudiram o cosinheiro e a mulher armados de páo e torquilha, e puzeram os ladrões em fuga... No dia seguinte (o grande dia), todo o gallinheiro celebrava a victoria em volta do mais bello dos perús, que ficou todo emocionado com taes attenções... E ate chorou o pobre perú! Quanta...

12—...bondade! disse elle... Que bons corações! Como poderei agradecer-vos tanto devotamento?!.. E a feiticeira reappareceu, e um ganço lhe disse: E' hoje! Esta...

13—...noite seremos comidos. Asseguro-vos, disse ella, garanto-vos que jamais no dia de Natal se comeu ganso, pato, marreco, gallo ou gallinha d'Angola... E o pobre perú comprehendeu...

14—...por aquellas palavras, que, então seria elle o comido... E quando o cosinheiro appareceu e o agarrou pelas pernas, foi que elle comprehendeu os..

15—...brilhantes elogios dos patos, o interesse dos gansos em o salvar e a gentileza do pavão Comprehendeu... emfim porque elles se mostravam tão amaveis e gritam...

16—...querendo fugir:—Por isso é que se fingiram tão meus amigos! São todos uns miseraveis! Nas republicas eguaes a minha não se encontra gente tão canalha! Malditos!

17—E foram as ultimas palavras do pobre perú que havia entrado no gallinheiro todo orgulhoso. Acabou os seus dias assado, cosido, ensopado e recheiado com farofa... Verdade seja que em uma bella...

18—...salva de prata para ser trinchado. Em parte, a feiticeira tinha razão. Nesses dias de grande galla é um perigo a gente ser perú ou... orgulhoso...

A porta fechada

CONSTANTINOPLA, capital do Imperio Romano do Oriente, era a cidade mais rica e de maior desenvolvimento de civilisação da Europa, apezar da licença dos costumes e da decadencia de todo o grande Imperio, quando foi conquistada pelos turcos que a occuparam, fazenda d'ella sua capital com o nome de Byzancio.

Agora que, em torno de Constantinopla ou Byzancio, a guerra européa faz surgir uma litteratura inteira, e pelos jornaes e revistas andam repetidos os nomes de Stambul, do Corno-de-Ouro, do Bosphoro; agora, que esta luta sangrenta e deshumana que nos degrada a nossos proprios olhos, e que fez alliados, combatentes nas mesmas trincheiras, povos ainda hontem incompativeis pelas tendencias religiosas, pelas raças, pelos costumes, pelos idéaes sociaes, antagonicos pelos despeitos e humilhações de guerras passadas, a lenda da *porta fechada* da basilica de Santa Sophia lembra a constante aspiração da Grecia pela reconquista de sua bella cidade.

A basilica de Santa Sophia, hoje mesquita mahometana, era um sumptuoso templo da religião christã, cathedral de Constantinopla. Destruida por mais de uma vez, foi reconstruida por Constantino, imperador, que pessoalmente dirigiu as obras da magnifica construcção, fazendo transportar de todas as antigas e famosas cidades do seu grande Imperio marmores, metaes, ebano, ouro e pedrarias, para o embellezamento da egreja. Do templo pagão de Epheso arrancou seis columnas de porphyro, que tinham sido retiradas, por outro imperador, do templo do Sol, Helipolis, no Egypto.

O altar do santuario era todo de ouro cravejado de pedras preciosas. As cerimonias religiosas, que se celebravam á noite, eram illuminadas por seis mil candelabros, que davam um aspecto deslumbrante ao interior da basilica.

No domingo de Paschoa de 1453, celebrava o santo sacrificio da missa o Bispo de Constantinopla, quando, no momento da consagração da hostia, correu a nova da tomada da cidade pelas tropas de Mahomet II. Lá fóra o diaphano azul incomparavel d'esse céu, tão celebrado pelos poetas, cantava a gloria da vida, na suavidade da luz serena, nas tintas vivas das flôres, na sonoridade cantante e dolente das aguas do estreito de Dardanellos, no ruidoso movimento da população cosmopolita, assustada e inquieta.

Quando o piso forte das tropas vencedoras e os gritos de desespero dos vencidos chegaram ás portas da basilica, o bispo compungidamente, com a serenidade dos santos, envolveu, nas vestes luxuosas do ritual grego, o calice e a patena cravejada de pedrarias, onde pousava a hostia ainda não consummida, e sahiu pela pequena porta lateral, trancando-a. Diz a lenda que não houve ainda forças humanas que conseguissem abrir essa porta, que continuará fechada até que o templo volte a ser cathedral do culto christão...

Dizem mais que o bispo, ao sahir, prometteu voltar para terminar a missa interrompida.

Os fieis gregos ainda hoje esperam a terminação da missa como signal da libertação do jugo musulmano a que ficou sujeita, desde seculos, a bella cidade de Constantino...

Tambem, durante longos annos, os portuguezes acreditaram na lenda do Encoberto, isto é, na volta de El-rei D. Sebastião, desapparecido na Africa, combatendo os Mouros infieis, como ainda hoje os Israelistas esperam o Messias, redemptor de sua raça, que reorganizará a nação judia, dando-lhe novo brilho aos feitos e novo esplendor á sua gloria.

Rio, 17 de Outubro de 1917

FABIO LUZ

—Não entendeste bem, Juquinha. Vamos. Outra vez. Eu dou hoje a teu irmão um tostão. Dou amanhã trez. Quantos tostões terá depois de amanhã?

— Nenhum.

— Como nenhum ? !

—Nenhum, sim senhor. Terá gasto todo o dinheiro em doces.

Armazens d "A BRAZILEIRA"

no LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA

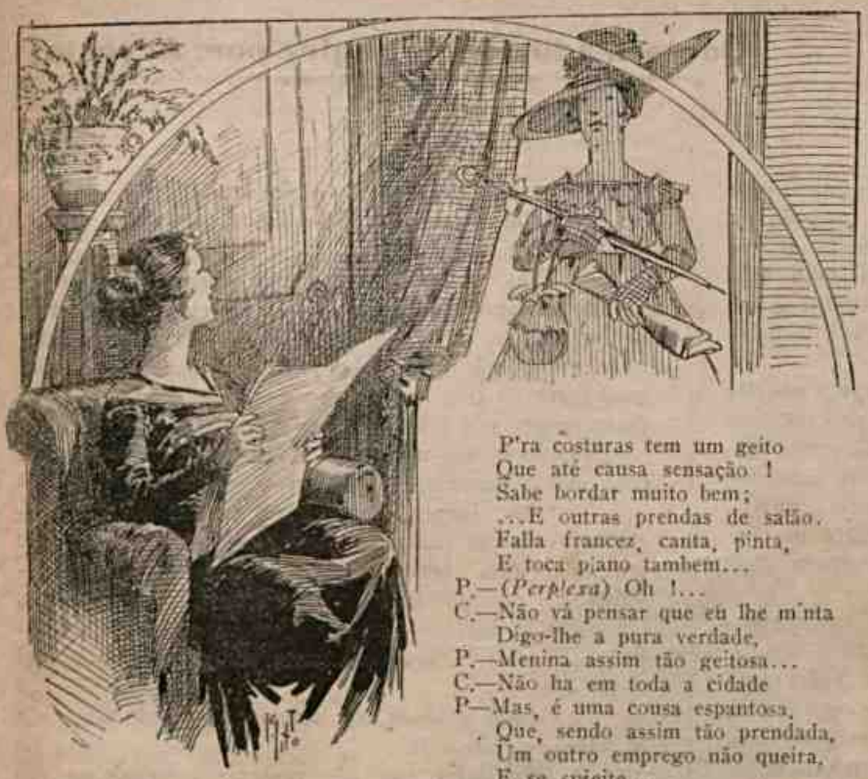
Ha duas grandes vantagens para aquelles que fazem as suas compras nesta casa:

PRIMEIRA — Encontrar sempre os melhores e mais modernos sortimentos de todos os artigos para senhoras e creanças, roupa branca para homens e meninos, tecidos de todas as qualidades, roupa de cama e de meza, vestidos sob medidas, artigos de armarinho etc., de fórma que o gosto mais exigente será plenamente satisfeito.

SEGUNDA — Comprar por preços extraordinariamente reduzidos, como não os terá em outra parte e de modo que em qualquer compra, todo o cliente da "A BRAZILEIRA" pode ter a certeza de fazer uma economia, no minimo, de 20 %.

CRIADAS DE HOJE

DIALOGO



A "patrôa" está sentada na sala, lendo um jornal, quando a criada, vestida com algum exagêro de enfeites, de "mitaines" calçadas, guarda-chuva, bolsa e chapéu extravagante apparece á porta, trazendo tambem um jornal nas mãos.

CRIADA—Dá licença ?
PATRÔA— Póde entrar
C.—Li no jornal que a senhora
Precisava de empregada ? (*Entra*)
P.—E' verdade; estou agora
Precisando de uma criada
Para varrer, arrumar...
C.—(*Sentando-se*) Isso agora está custoso,
E' difficil de encontrar;
O serviço é tão penoso...
P.—Nem tanto...
C. — Sim; ha pessoas
Sensatas, bem educadas,
Mas, ás vezes, ha patrôas
Que são mesmo... umas damnadas.
P—Questão de genio...
C. — Qual, nada !
E' muita má-creação.
Essa gente malcreada
Diz que é nervosa, pois não.
Depois, então, que inventaram
Essa tal neurasthenia,
Os malcreados se acabaram :
E' tudo doença, hoje em dia.
P.—Porém, a criada...
C. — E' verdade;
Eu conheço uma mocinha
Que talvez possa servir...
P.—Se ella fôr socegadinha...
C.—E', Gosta apenas de... r-r.
P.—Se não ri em demasia...
C.—Não; é só por divertir:
Tem natural alegria.
P.—E que é que sabe fazer ?
C.—Ella faz tudo e bem feito :
Sabe lêr, sabe escrever;
P'ra costuras tem um geito
Que até causa sensação !
Sabe bordar muito bem;
...E outras prendas de salão.
Falla francez, canta, pinta,
E toca piano tambem...
P.—(*Perplexa*) Oh !...
C.—Não vá pensar que eu lhe minta
Digo-lhe a pura verdade,
P.—Menina assim tão geitosa...
C.—Não ha em toda a cidade
P—Mas, é uma cousa espantosa,
Que, sendo assim tão prendada,
Um outro emprego não queira,
E se sujeite...
C. — ...A ser criada ?...
Que quer a senhora ?... E' asneira
Outro emprego procurar;
Isso é cousa, francamente,
Tão difficil de encontrar... (*Pausa*)
P.—Mas, pergunto eu, finalmente,
Onde está essa mocinha ?
Quem é ella ?...
C. — Quer saber ?
Pois então não adivinha ?...
Sou eu !
P. — Heim ?!... Não posso crêr !
Que é que sabe de francez ?
C.—Eu ? Já digo o que aprendi :
Hoje a qualquer um freguez
Sei dizer : — *Bon jour e oui*...
P.—Sómente ?!
C. — Acha pouco ?! E' só.
No piano não tenho medo,
Sei tocar ré, fá, si, dó,
Direitinho com este dedo...
P.—(*Rindo*) Com um dedo só ?!
C. — Sim, senhora;
Porém, canto e danso... o tango
E confesso, sem demora :
Pinto o diabo se me zango.
P.—Muito bem; e quanto quer
De ordenado por um mez ?
C.—Oh ! Se a senhora me dér
Uns cem mil réis...
P. — De uma vez ?!
C.—De certo. Acha muito pouco ?
P.—Pois não. P'ra quem sabe tanto,
E' mesmo cousa de louco
Pedir cem mil réis...
C.—(*Contendo-se*) — Portanto...
P.—Não a quero nem de graça...
C.—Mas...
P. — E' como estou dizendo
Que quer você que eu lhe faça ?
Seus serviços não pretendo.
C.—Se vive assim tão *quebrada*,
Sem dinheiro p'ra pagar,
Porque quer ter empregada ?
P'ra que manda annunciar ?
P.—Por nada...
C. — Eu sei o que é isso;
Já me informei muito bem;
Querem gente pr'o serviço,
Mas sem pagar um vintem.
P.—Atrevida !
C. — E' o que lhe digo !
Conheço gente *finória*.
Está enganada commigo !
Eu não sirvo a caloteira !...
P.—Saia já !
C. — Estou como braza !...
Não servia em sua casa
Nem por um conto de réis !...
Passe bem. (*Sahe batendo com os pés*).
P. — Muito obrigada.
Que rapariga tão boa !...
Eis o que é hoje uma criada :
Só falta dar na patrôa !...

Recife, IX — 1917.

MAURICIO MAIA

EM TEMPO DE FÉRIAS

— Vamos laçar o papagaio do Ferrabraz ?

— Qual, não vale a pena ! Para que queremos nós aquelle periquito ?

— Uê !!... Pois você não sabe que papagaio come milho, periquito leva a fama ?...

COMBATENDO O CALOR

ZEQUINHA : — Isto é muito pouco por cem réis.

O SORVETEIRO : — Ora, menino ! Isto dá para você andar com a lingua no pólo mais de cinco minutos...

PAPAI SAHIU...

FERRABRAZ (para o giby) : — Vá lá ao meu guarda-roupa, mette a mão no meu frack e tire o charuto que está... no bolso do collete ?...

O GIBY : — Eu pensei que era no bolso da... cerveja...

A PANELLA MARAVILHOSA

(Conto traduzido do inglez por Aryosto)

JACKES e eu passeavamos pela praia, na baixa-mar, quando vimos uma curiosa panella de cobre, que alli estava atirada. Era muito pesada e, ao levantal-a, notamos que a bocca estava fechada e soldada.

— Não faz lembrar a panella de cobre achada pelo pescador?— disse Jackes olhando-a attentamente — d'aquella historia das "Noites Maravilhosas", em que um pescador pescou um burro morto e, entre outras cousas inuteis, uma velha panella de cobre que tinha dentro um genio, o qual lhe fez conhecer aquellas maravilhas todas ?

Naturalmente, eu me lembrava da historia; e nos abaixamos de novo para olhar a panella.

— Vês ? — gritou Jackes, excitado. Olha aqui uma marca gravada na tampa ! Tenho certeza de que ha dentro qualquer cousa; por que está fechada com tanto cuidado ? Vamos abril-a e vêr o que acontecerá.

— Espera um pouco ! — gritei eu. — Não te lembras de que, quando o pescador abriu a panella, o genio quiz matal-o, para lhe beber o sangue ? Se houver tambem um genio dentro d'esta panella, de que maneira nos havemos de entender com elle ?

— O remedio é facil — respondeu meu companheiro. Affrouxamos a tampa um bocadinho, e, se sahir um fio de fumaça, como na panella do pescador, é que de facto ha dentro um genio... E então tornaremos a apertar a tampa e... não pensaremos mais nisso.

Ajoelhamo-nos na areia e com o auxilio do canivete de Jackes affrouxamos a tampa de chumbo, sellada, sem que nada de estranho succedesse. De repente, uma formidavel columna de fumo sahiu de dentro do póte, deixando-nos cegos por alguns minutos.

— Depressa, Jorge ! — gritou Jackes. Aperta a tampa de novo ! E' um genio mesmo !

Apertei a tampa com toda força.

Quando os nossos olhos puderam reabrir-se, fitamol-os no mysterioso objecto e... que haviamos de vêr ?

Na bocca da panella movia-se uma enorme cabeça, dando voltas rapidissimas. Quatro grossos chifres sahiam de entre os seus medonhos cabellos, e o rosto... nem tão feio se poderia vêr num pesadello !

Pouco a pouco a cabeça ia cessando de rodar, até que, finalmente, parou e começou a fitar-nos.

Olhavamos espantados, pois nunca em nossa vida haviamos visto cousa tão pavorosa.

Por fim a cabeça fallou, com uma voz medonha :

"Eu sou um genio ! Imprudentes mortaes, que ousastes zombar de mim, dar-vos-ei a morte mais pavorosa! Abri de uma vez a panella, para que meu corpo tambem possa sahir !

— Pois, então — disse eu, fazendo o possivel por conservar o sangue frio — pois, então, havemos de te ajudar a matar-nos, soltando o teu corpo ? Pois, então, não tens o bom senso de vêr que podemos fazer de ti o que quizermos e que nada poderás fazer contra nós ? Por que essas vãs ameaças ?

Vendo-se impotente, a cabeça recomeçou a gyrar com maior rapidez, dando urros pavorosos.

— Olha, Jorge — sussurrou Jackes ao meu ouvido — vamos dizer ao genio que, se elle nos proporcionar uma aventura como as das "Noites Maravilhosas", nós libertaremos o seu corpo.

— Bôa ideia — respondi eu. E dirigindo-me ao genio : — Vá ! Pára com essas voltas inuteis e escuta !

A cabeça estacou, de repente, olhando-nos com os olhos esgazeados.

— Bem sabes que não poderás reentrar na panella de cobre, continuei, por causa do sello encantado, nem tão pouco poderás tirar de lá o teu corpo, sem o nosso auxilio; e é certo que ainda não pensaste em que, se te deixarmos aqui, morrerás afogado quando a maré encher e, então, nenhum poder te salvará.

Evidentemente o genio não havia pensado nisso, como foi facil averiguar pela expressão de terror de seus olhos, vendo a maré que crescia.

— No emtanto, se nos quizeres proporcionar uma aventura como as das "Noites Maravilhosas", e jurar que não tentarás fazer-nos mal, dar-te-emos a liberdade — concluí eu.

— Juro por todos os deuses da terra, dos ares e do mar — disse o genio — que tereis a aventura que desejais e que nenhum mal vos succederá.

— Vê lá se cumprirás a palavra á risca —

disse Jackes, retirando a tampa da panella. Immediatamente uma espessa camada de fumaça projectou-se no espaço e, em alguns segundos, transformou-se no corpo do genio.

Era enormissimo! Poderia passar por cima da cabeça do gigante mais alto, e, para o podermos vêr, tinhamos que esticar completamente o nosso pescoço. Mas não levamos muito tempo a admirar sua grandeza, pois fomos arrebatados pelo genio, que nos collocou sobre seus hombros, elevou-se nos ares e vôou rapido acima das nuvens. Sentiamos o vento passar velozmente, e eu, sem querer saber o que Jackes pensava ou fazia, agarrei-me ao chifre mais proximo, á espera do que pudesse acontecer.

Pouco depois o genio começou a descer e, em menos de um minuto, collocou-nos de novo no chão. Estavamos no meio de uma grande floresta.

— Este é o paiz das "Noites Maravilhosas" — disse elle — Fiz-vos retroceder sete seculos na vida e se achardes que isto não é uma grande aventura, a culpa não é minha. Adeus!

E desappareceu nos ares.

Jackes e eu ficamos surprehendidos com essa partida tão brusca; mas quando olhamos um para o outro é que a nossa surpreza foi maior: estavamos vestidos com costumes orientaes, tendo nas cabeças os respectivos turbantes.

— Oh! que é isto, Jorge? — disse Jackes olhando-me muito espantado. De turbante?! — E tu tambem! E com umas roupas que causariam successo se apparecesses assim na escola!

—Ah! bem... comprehendo—tornou Jackes. São os costumes do paiz maravilhoso onde nos achamos. Vejamos se este caminho vai ter áquelle palacio de ouro que reluz, entre as arvores.

De facto, o estreito caminho entre arbustos, que Jackes havia notado, ia acabar no portão de um magestoso palacio construido de marmore côr de rosa, com janellas que irradiavam como arco-iris, e com uma altissima torre toda de ouro, que se elevava ao centro. Muita gente, vestida como nós nos achavamos, entrava e sahia do bello palacio. Tambem nós nos encaminhamos para elle e chegamos junto áos degráus da escadaria. Eram degráus feitos de blócos macissos de crystal, tendo nas extremidades animaes tambem esculpidos no mesmo precioso mineral, com grandes rubis no logar dos olhos.

Quando olhavamos para essas estatuas, appareceu lá no alto, no ultimo degráu da escada, um homem todo vestido com um roupão escarlate:

— "Em nome do Sultão!" — dizia elle por meio de uma grande trombeta acustica e numa lingua differente da que nós fallavamos, mas que podiamos comprehender, pois, tornando-nos habitantes do paiz, dera-nos o genio a faculdade de entender e fallar a mesma lingua. — "Em nome do Sultão, todos aquelles que quizerem tomar parte na procura de seu filho que desappareceu, são convidados a entrar immediatamente!"

Ninguem, porêm, attendia ao convite do arauto.

— Vamos nós — disse eu a Jackes. Eis ahi uma aventura que talvez nos convenha.

— Estou prompto para tudo — respondeu o meu companheiro. E iamos já subindo os degráus de crystal, quando um homem da multidão gritou:

— O' jovens imprudentes! Ides buscar a morte! Aguarda-vos a mesma fatalidade que aconteceu a outros jovens como vós, que tentaram a mesma aventura!

E a multidão rompeu a gritar: — E' a morte! E' a morte!

— Deixal-os fallar... — disse Jackes, e seguiamos rindo, emquanto acompanhavamos o homem de escarlate, á presença do Sultão, a quem saudamos com reverencia.

— Bravos jovens — fallou-nos elle — Ha um mez, meu filho, o principe Casimiro, foi fazer uma caçada na floresta além do palacio. D'esde então não voltou e ninguem póde dizer uma palavra a seu respeito. Estou muito abatido com esta enorme desgraça.

E na verdade o Sultão estava muito acabrunhado, pois nem sequer provava os doces e as fructas de que estava cheia uma meza de prata collocada a seu lado.

— Aquelle de vós que conseguir restituir-me meu filho, receberá como recompensa metade do meu reino e, por esposa, a minha amada filha.

— Oh! Magestade! Muito agradecidos — respondi eu. Mas vamos tentar a aventura, como simples passa-tempo, sem querermos recompensas.

— E não pretendemos casar, por emquanto, embora nos sintamos muitissimo honrados com a offerta que Vossa Magestade faz de sua linda filha — declarou Jackes por sua vez.

— Estou maravilhado com tanta valentia e com tanto desinteresse — confessou o Sultão; e desde já ponho ao vosso serviço todos os meus escravos.

E o Sultão bateu trez palmas. Doze escravos appareceram e nos conduziram a uma sala, cujas paredes eram decoradas a fios de ouro. Sentamo-nos em pilhas de almofadas de pennas de cysnes, segundo o costume do paiz, e os escravos trouxeram, em salvas de ouro, fructas, bolos e limonadas, o que foi uma bella ideia, porque, realmente, estavamos mortos de fome e sêde.

Deixando o palacio, dirigimo-nos para a floresta onde o genio nos havia deixado. Havia uma encruzilhada com duas estradas iguaes, e eu observei:

— Ambas se parecem. Qual d'ellas tomar? Acho que não será máu se formos pela da direita e seguirmos todos os caminhos que da direita partirem. Que te parece?

— Para mim é a mesma cousa — respondeu o meu companheiro.

Caminhamos cerca de uma hora, até que chega-

mos a uma clareira da floresta. Havia ahi um grande palacio todo branco e completamente cercado por um muro muito alto. De dentro vinham os sons de uma musica muito melodiosa.

— Quem habitará aquelle palacio? — disse Jackes. Quem sabe se alli nos poderão informar alguma cousa sobre o principe Casimiro?

— E se fosses perguntar — suggeri eu. Vai, que eu espero.

— Pois sim. Espera um minuto, que eu volto já.

Passou-se, porém, um minuto, dous e trez. Já um quarto de hora se passara, sem que Jackes apparecesse. Eu começava a ficar ancioso. Havia uma grande arvore junto ao muro do palacio. Em poucos segundos galguei os seus galhos mais elevados. A primeira cousa que me impressionou quando olhei para baixo foi uma grande quantidade de cães, todos negros, andando uns, deitados outros, todos, porém, muito silenciosos e com ar de grande tristeza.

Depois, notei que havia uma janella aberta, e por ella eu podia vêr a ampla sala do palacio. E lá, cheio de espanto, eu vi Jackes e uma lindissima moça que lhe sorria, sentada em almofadas, junto a uma meza. A rapariga estava vestida com um maravilhoso roupão de sêda. Ao pescoço, em trez voltas, um collar de perolas do tamanho de ervilhas, tendo ao centro, sobre o collo, uma esmeralda maior do que um ovo de pombo! Jackes parecia estar muito satisfeito com a companhia, quando de repente a feiticeira (pois era uma feiticeira a linda moça), pegando num copo d'agua, exclamou: "Transforma-te em um cão negro!" — E atirou a agua ao rosto de Jackes. No mesmo instante Jackes desappareceu e em seu logar surgiu um cão negro perfeitamente igual aos que estavam no jardim. E a feiticeira com um chicote, enxotou-o da sala, para o logar onde os outros se achavam.

O meu sangue fervia e a custo eu me conservava no alto da arvore. Quando o meu pobre companheiro se juntou aos outros cães, estes formavam um circulo em torno d'elle e com as cabeças erguidas ladravam desesperadamente. Comprehendi então: elles eram os outros infelizes que antes de nós haviam tentado encontrar o principe Casimiro; e d'ahi o passarem por mortos...

Quando os cães cessaram de ladrar, eu, do alto da arvore assobiei. Jackes, vendo-me, approximou-se do muro:

— Tem confiança, meu amigo — disse-lhe eu. Hei de conseguir um meio de te tirar d'este maldito logar. Espera, que não descançarei...

Jackes balançou a cabeça, desconsolado, e eu desci da arvore, imaginando o que iria fazer.

Comecei a caminhar pela floresta pensando no meu pobre amigo, prisioneiro da maldicta feiticeira. Gradualmente a floresta se ia estreitando e por fim eu me achei num planalto, de onde se descortinava o horizonte. Além, vi um derviche sentado numa encruzilhada do caminho.

— "Uma esmola, pelo amôr de Deus" — supplicou elle, quando eu passava. Felizmente o genio nos havia provido de moedas do Oriente e eu pude então collocar na mão do derviche uma moeda de ouro.

— Seja sempre feliz quem tão bom é — agradeceu elle. E accrescentou: — Mas, ó rapaz, tens um ar de tanta tristeza... Aconteceu-te algum mal?

O derviche parecia-me ser um bom velho, e eu, cheio de sympathia e de confiança, sentei-me a seu lado e contei-lhe o que se havia passado com Jackes.

— Ah! pobre rapaz! — disse elle com sincero sentimento. E' na verdade uma historia bem triste. Ha apenas um meio de quebrar o encanto d'aquella feiticeira; mas seria quando alguma cousa conseguisse attrahil-a para fóra do seu palacio...

— E como poderei eu conseguir isso? — perguntei, já ancioso.

O derviche acariciou a longa barba e sorriu.

— Aquella mulher tem um grande orgulho da sua linda voz musical... e apenas existe no mundo uma harpa cujos sons, ultrapassam as doçuras do seu cantar. Só essa harpa seduziria a feiticeira para fóra do seu palacio.

— E onde está essa harpa? — perguntei, levantando-me, impaciente.

O derviche collocou a sua bengala no chão, em pé. Pronunciou umas palavras magicas e, immediatamente, a bengala creou duas pernas finas e longas e começou a mover-se sózinha.

— Acompanha a bengala onde quer que ella vá — disse o derviche — que chegarás ao logar onde está a harpa encantada.

Agradeci muito ao bom velho e sahi acompanhando a bengala, que caminhava como se fosse uma pessôa. Andamos muito por uma estrada que descia do planalto e ia dar num valle cheio de rochas agudas como torres; e depois por um caminho pedregoso muito escuro. De repente, a bengala parou e eu vi então que estavamos deante da entrada de uma caverna. Depois, a bengala penetrou na caverna e eu acompanhei-a. Lá estava a um canto uma linda harpa de ouro...

Sem demora, apossei-me do maravilhoso instrumento e tratei de sahir immediatamente. Quando cheguei fóra, um enorme leão vinha direitinho a mim, com a bocca escancarada. Apavorado, mal podia terme em pé, quando a bengala, saltando, começou a

desferir golpes certeiros e rapidissimos no focinho do leão. A féra, amedrontada, fugiu, e eu, por minha vez, tratei de seguir pelo caminho por onde viera, até encontrar novamente o derviche que me ensinou o que devia fazer para attrahir a feiticeira.

Despedindo-me do bom velho, parti para as immediações do palacio onde o meu amigo estava prisioneiro.

A noite havia escurecido e o palacio estava feericamente illuminado. A luz era tão intensa que clareava a estrada, em grande extensão.

Parei deante do edificio e começei a tocar. Verdade é que nada sei de musica, mas auxilihdo pela harpa encantada, o facto é que eu mesmo estava maravilhado com a encantadora melodia. Mal tinha começado a segunda parte da musica, a feiticeira appareceu á porta do palacio:

— Lindo mancebo — fallou ella para mim — de onde virão estes sons tão maviosos?

— De minha harpa encantada — respondi.

— Quem me déra possuil-a !... — continuou a feiticeira, desejosa.

— Será para mim um grande prazer fazer-vos presente da harpa — disse eu offerecendo-lh'a.

— Então, lindo mancebo, teade a bondade de a trazer para o meu palacio — fallou a feiticeira convidando-me a entrar.

— Sinto muito, minha senhora, mais fiz juramento de não entrar em nenhuma habitação, durante o periodo de um anno...

Presentindo que a feiticeira não estava ainda seduzida de todo, tornei a dedilhar a harpa. A nova musica ultrapassou a outra em belleza. Não foi mais possivel á feiticeira resistir. E ella, então, sahindo da porta do palacio, encaminhou-se para mim. Mal havia dado dous passos na estrada, um formidavel ruido se fez ouvir e uma nuvem de poeira elevou-se a grande altura.

O palacio havia desabado com immenso fragor. Quando a nuvem de poeira passou, vi uma multidão de mancebos caminhando para mim, tendo Jackes á frente. Feitas as apresentações e tendo eu explicado a historia da harpa, elles, com grande alegria e enthusiasmo, começaram a dar vivas a mim e a Jackes. Alli perto estava a feiticeira, morta, e tão feia, depois de desencantada, que ninguem reconheceria nella a linda moça que eu vira.

Como os leitores já adivinharam, os rapazes não eram senão os cães negros que eu tinha visto no quintal do palacio, e, entre elles estava o principe Casimiro, muito satisfeito por ter perdido o encanto que lhe fizera a perversa feiticeira.

Caminhavamos para o palacio do Sultão, dando vivas e cantando, quando, no meio da estrada — que havia de apparecer? O genio da panella de cobre...

Collocando-nos novamente nos seus hombros, elevou-se nos ares, conduziu-nos pelo espaço. Alguns minutos depois, eu e Jackes, estavamos de novo na praia de onde partiramos, na tarde em que andavamos a passeiar.

Começava a romper o dia e a maré ia subindo. Olhando para as aguas vimos alguma cousa reluzir.

Era a panella de cobre que nós tinhamos aberto e que se movia com o vai-vem das ondas...

GRINDELIA

De OLIVEIRA JUNIOR

CURA:

TOSSE

Este maravilhoso xarope tem feito milhares de curas nas enfermidades dos orgãos respiratorios e tem sido empregado com resultados estupendos nas bronchites, catharro, coqueluche, rouquidão, asthma, resfriados constipações, etc.

O XAROPE DE GRINDELIA, de Oliveira Junior, é tonico, calmante e expectorante

Não acceitne outro

PEDIR E EXIGIR SEMPRE

GRINDELIA

OLIVEIRA JUNIOR

A' venda em qualquer pharmacia

Depositos-ARAUJO FREITAS & C.-*Rio*

OS ESTUDIOSOS

O sympathico menino Rubens David Carneiro, residente em Curityba — Paraná — "posando" para este Almanach no seu gabinete de estudo

Lulu', que faz annos no dia 31 de dezembro.

— Não gosto nada de folhinhas novas.

— Gosta das velhas, então ?

— De certo. Nas novas o dia de meus annos fica muito em baixo, e custa muito a chegar.

— O' tolo ! Pois o remedio é facil :

— Qual é ?

— Vira o blóco, que fazes hoje annos.

No collegio :

—"Irmão brazilio"?! Que historia é essa ? Não foi isso que eu ditei. Disse "irmão germano".

— Sim senhor. Mas eu, como o Brazil está em guerra com a Allemanha, achei que devia mudar o nome.

OS ENGENHOS DE GUERRA

O nº vo automovel blindado do exercito dos Estados Unidos da America do Norte. A torre é dobradiça, para servir de observatorio, bem como para servir de estação ambulante de telegraphia sem fios.

AS DOENÇAS PROVENIENTES DA IMPUREZA DO SANGUE

Molestias da pelle, Escrophulas, Dor nos ossos, Boubas, Rheumatismo, Feridas, Ulceras, Darthros, Eczemas, Fistulas, Impureza do Sangue, Empingens

SÃO DEBELADAS PELO

Licor de Tayuyá De S. João da Barra

Este poderoso depurativo, purificando o sangue, tem restituido a saude a milhares de doentes e realizado extraordinarias curas em diversas molestias provenientes da impureza do sangue e de fundo rheumatico.

Deposito---ARAUJO FREITAS & C.---Rio

FILHA DE HERÓES

D'esde então para os dias seguintes Yvone á frente dos homens d'armas de seu pai bateu toda a circumvisinhança interrogando a todos que encontrava em seu caminho, mas ninguem sabia dar a menor informação.

A valente creança não perdeu a coragem e resolveu usar de um estratagema. Cortou os cabellos, vestiu-se de pagem, tomou do seu bandolim e seguida sómente de um velho escudeiro tambem disfarçado...

... sahiu do castello por uma passagem subterranea que dava para um bosque visinho. O escudeiro tambem roubou um instrumento de musica e assim passaram os dous por mendigos...

Acobertados por essa mystificação elles percorreram todos os logares e sondaram todos os habitantes e viviam das esmolas que lhes davam pelas suas musicas e canções.

Assim chegaram aos dominios do barão de Martagnac. Este não os poude conhecer porque jámais tinha visto o escudeiro e raras vezes Yvone. Entretanto, o cruel barão...

...olhou-os com má catadura e tratou-os como se fossem mendigos e vagabundos e mandou pol-os fóra por sua gente: «E' certo que meu pai está aqui», pensou Yvone.

A' primeira revista ao logar, Yvone e seu companheiro viram á margem do castello uma enorme torre elevada a pique sobre um rochedo. Era impossivel de ser escalada.

Nessa torre, Yvone viu uma pequena abertura com barras de ferro e em uma d'ellas achava-se presa uma capa semelhante á tunica que o Sr. Kervor trajava no dia do seu desapparecimento.

«Não é possivel duvidar de que o meu pai esteja preso aqui», disse Yvonne. Mas como sabia atirar bem de arco, apressou-se em fabricar um no bosque, com grande prazer e ajuda do seu escudeiro, que tinha força e destreza nas mãos.

Logo que ella atirou a flécha e esta penetrou pela janella, appareceu entre as barras uma physionomia pallida e Yvone quasi desfalleceu de emoção e de felicidade por ter reconhecido que era seu pai, e fêz-lhe então um signal para ter paciencia.

Em seguida, por ter ouvido um ruido de passos, esconderam-se ella e seu fiel servidor em um fosso e ahi ficaram até o dia seguinte. E na manhã seguinte, a destemida menina...

... lançou nova flécha munida de uma pequena lima afim de que o prisioneiro pudesse serrar as grades. Esse trabalho foi feito pelo prisioneiro durante a noite com todo o cuidado de não fazer barulho.

Pelamanhã, o velho e a creança voltaram. D'esta vez foi o escudeiro, cujos braços eram mais vigorosos que lançou a flécha. Na parte de traz da flécha estava amarrado um fio de barbante ao qual Kervor puxaria até apanhar a corda grossa.

E o prisioneiro atou a corda á uma das barras, deixou-se escorregar por ella até cahir são e salvo nos braços de sua filha. Acompanhados do fiel escudeiro, elles voltaram felizes e apressados para o seu castello. Dois dias ..

... depois o guarda que vigiava do alto da torre de Martagnac, avistou uma tropa de gente armada, que se approximava para se assenhorear da praça. Immediatamente deu alarma.

Prepare EURYTHMINE BETHAN contra as nevralgias, as enxaquecas, e V. S. ficará muito satisfeito

(Continúa na pagina seguinte)

FILHA DE HERÓES

1) No seculo XVI erguia-se na Bretanha um bello castello pertencente ao duque de Kervor, que era viuvo desde muito moço e vivia com sua filha Yvonne, encantadora creança de quatorze annos. Valente e bondoso, o duque de...

2) ...Kervor defendia os pobres opprimidos, por outros fidalgos dos arredores, entre os quaes se destacava por sua ferocidade e ganancia o barão de Martagnac, que se dedicava...

3) ...quasi exclusivamente á salteagem, sustentando homens d'armas e aventureiros que atacavam os viajantes nas estradas, saqueavam as aldeias, roubavam os rebanhos e, muitas vezes, levavam os...

4) ...camponezes como escravos. Um dia, o duque de Kervor, andando á caça com seus servidores, e acompanhado por Yvonne, ouviu gritos e viu uma pequena pastora que os homens d'armas do barão...

5) ...de Martagnac levavam depois de lhe terem roubado seus carneiros. O duque e seus servidores precipitaram-se sobre os miseraveis, puzeram-os em fuga, reuniram os carneiros e conduziram a pobre pastorinha para junto de sua avó, unica pessôa...

6) ...de familia, que lhe restava. O barão de Martagnac, sabendo d'isso, ficou furioso e postou varios bandidos em...

7) ...emboscada nos arredores do castello de Kervor. Poucos dias depois o duque commetteu a imprudencia de sahir a passeio sósinho e foi assaltado por um grande grupo que o immobilisou antes que elle pudesse se defender e levaram-o prisioneiro para o castello de Martagnac. Yvonne esperou seu pai inutilmente durante o dia...

8) ...inteiro e quando cahiu a noite, sem que elle voltasse, teve um atroz presentimento do que se passára.

(Continúa no numero seguinte)

FILHA DE HERÓES (CONCLUSÃO)

1) O barão de Mortagnac subiu aos parapeitos e reconhecendo as cores do castello de Kervor orgulhosamente gritou: — Venham buscar seu senhor, se são capazes. Senão eu mesmo lá o mandarei. Sua...

2)...intenção era a de descer ao cubiculo, assassinar o duque e atirar seu cadaver por cima do parapeito. Mas, uma vóz zombeteira respondeu-lhe:— Não precisa de se incommodar. Eu...

3)... já aqui estou! Reconhecendo o duque de Kervor a frente dos que o vinham atacar o feroz barão não quiz acreditar em seus proprios olhos e ainda correu ao cubiculo mas, encontrando-o vasio, teve que se render á evidencia. Entretanto o assalto já começára e privados de seu chefe, que andava attonito...

4 ...pelos corredores, sem comprehender aquelle prodigio, a guarnição de Mortagnac não soube resistir e o duque penetrou no castello. Então o barão de Morta-...

5) ...gnac atirou-se no mais acceso do combate e cahiu morto. Nessa mesma tarde o duque de Kervor voltou triumphante a seu solar onde a valorosa Yvonne tendo retomado o seu...

6) ...vestuario feminino, esperava-o sorridente. O archeiro que tanto auxiliára a libertação do duque, foi feito governador do castello e a pastorinha, causa innocente de toda a trag ca aventura, viveu desde então com sua avó sobre a protecção de Yvonne.

A HISTORIA DO TELEPHONE

O exito desse invento está intimamente ligado ao nome de D. Pedro II, imperador do Brazil.

O TELEPHONE, esse maravilhoso instrumento do progresso, graças ao qual o homem civilisado já não conhece distancias, e que é hoje tão indispensavel á vida das cidades como a propria luz, nasceu, como toda obra do engenho humano,

O professor Bell, inventor do telephone

de prolongados estudos e mortificantes experiencias. E com esse pequeno e admiravel apparelho, repetiu-se ainda uma vez a historia de todos os inventos, que, apezar de serem considerados verdadeiras maravilhas da sciencia e elementos essenciaes ao conforto, encontraram, no emtanto, ao apparecer, mais do que a incredulidade, a má vontade de todos. Foi assim, com o apparelho de tear, para a fabricação dos tecidos, foi assim com a machina a vapor e com tantas e tantas outras verdades scientificas, que seria fastidioso enumerar aqui.

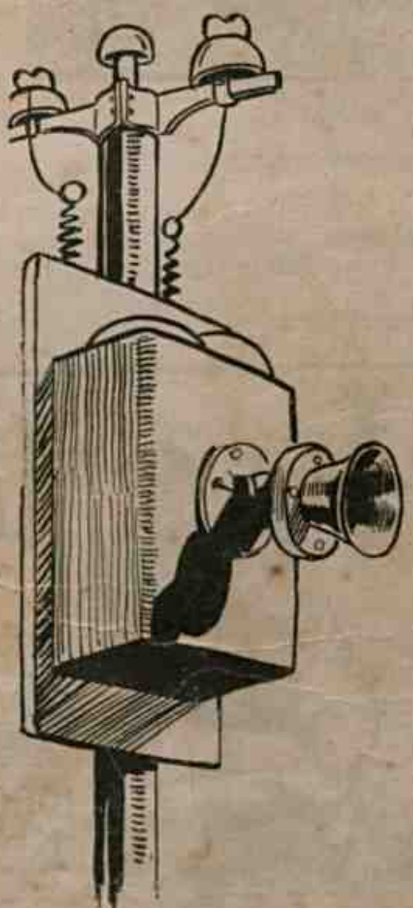
Assim, pois, linhas abaixo veremos que a historia da invenção do telephone é uma luta contra a apathia e a indifferença e de grandes esforços para interessar o publico em um novo artefacto. E neste ponto é particularmente grato a nós brasileiros — e é justamente por esse motivo que nos resolvemos a fallar do telephone — saber que o exito d'esse admiravel invento está intimamente ligado ao espirito brazileiro. Não é que como o aerostato, o dirigivel e o aeroplano, o autor do invento fosse um brazileiro, mas é quasi tanto, porque se não fosse um filho d'este paiz, a invenção podia ter ficado ignorada, pelo menos ter seu desenvolvimento soffrido um atrazo de muitissimos annos. E quem poderia ser esse brazileiro, que de maneira tão honrosa ligou seu nome ao telephone?

Nada mais nada menos, do que D. Pedro II, o imperador do Brazil, espirito de elevada illustração que tão boa fama angariou para sua terra.

O facto assim se passou:

Alexandre Graham Bell, inventor do telephone, era um joven escossez, que havia aprendido, á sua propria custa, um pouco de anatomia, musica, electricidade e telegraphia e, aos 28 annos de edade, em 1871, fazia na Universidade de Boston, Estados Unidos, conferencias sobre a "palavra visivel". Alto e de compleição delgada, de cutis pallida e olhos brilhantes, e barba frisada, tinha muito da apparencia que geralmente se imagina para um inventor. Seu temperamento era o de um bohemio scientifico,com ideias de sabio e disposição de artista: sempre enthusiasta e ardente, quando se embebia num problema, o resto do mundo para elle não existia. Felizmente, visto que não dispunha de outros rendimentos senão o que ganhava para viver, do que, aliás, frequentemente se descuidava para se dedicar á sua aspiração de transmittir a voz por um fio de arame, Bell encontrou dous homens que lhe emprestaram o apoio pecuniario, tão sufficiente apenas para proseguir nas suas experiencias e para prover á sua subsistencia. Durante muitos annos trabalhou em seu atelier, rodeado de apparelhos mysteriosos de toda sorte, seguindo hoje uma idéia e abandonando-a amanhã, para por em pratica uma outra.

D. Pedro II, ex-imperador do Brazil



Na tarde de um calido dia de junho, isto em 1875, quando trabalhava no seu apparelho ouviu neste, um som ligeiramente perceptivel: era isso justamente o que o inventor estivera esperando durante muitos annos. Tratava-se da reproducção de um som produzido num quarto distante e transmittido por um arame. Tanto bastou para que Bell comprehendesse que estava a ponto de conseguir bom resultado. Entretanto, a machina havia produzido apenas um ruido, mas não fallára. Ancioso, como terna mãi que observa os esforços de seu filho que começa a balbuciar, Bell alentava e

HISTORIA SEM PALAVRAS

ERA UM DIA UMA BONECA...

observava o filho de seu cerebro. Não obstante, quasi um anno se passou, sem que elle lograsse transmittir uma phrase perceptivel pelo fio.

Foi então, que a fortuna veiu em seu auxilio. Poucos mezes depois que o telephone fallára pela primeira vez, realisou-se em Philadelphia, uma exposição para commemorar o centenario da Independencia dos Estados Unidos e Bell obteve um pequeno local para exhibir seu telephone. Alli permaneceu o instrumento durante seis desconsoladoras semanas, mal chamando a attenção dos visitantes. Finalmente, um domingo, os membros do jury da exposição, deviam fazer um gyro de inspecção e o inventor os aguardava com anciedade. Soou a hora, mas elles não appareciam, retidos em outros pontos da feira. Quando, por fim, chegaram ao poste do telephone quasi todos se sentiam fatigados e desejosos de se irem embora, e de tal maneira que muitos passaram adeante, sem dar attenção ao trabalho de Bell! Foi então, que occorreu o inesperado acontecimento que devia marcar o triumpho definitivo da obra de Bell.

Do grupo dos espectadores, destacou-se, de barbas louras e aspecto distincto, um que apertou a mão ao professor Bell, cumprimentando-o como a um velho amigo. Era D. Pedro, imperador do Brazil, que alli estava em visita á exposição e que em época anterior, tivera occasião de se interessar por uma conferencia de Bell sobre a "palavra escripta". Estava alli uma opportunidade para o joven inventor, e elle sem vacillações, aproveitou-a. Já agora, muito attentos, os membros do jury se agruparam em torno de Bell, quando este deu o receptor ao imperador, que o levou ao cuvido. Bell dirigiu-se ao transmissor que ficava a certa distancia e nelle pronunciou algumas palavras. Immediatamente viu-se na physionomia de D. Pedro, uma expressão de grande assombro e ouviu-se-lhe exclamar:

—"Meu Deus! Mas isso falla!"

E só com isso ficou garantido o triumpho de Bell. Só restava agora, aperfeiçoar o apparelho.

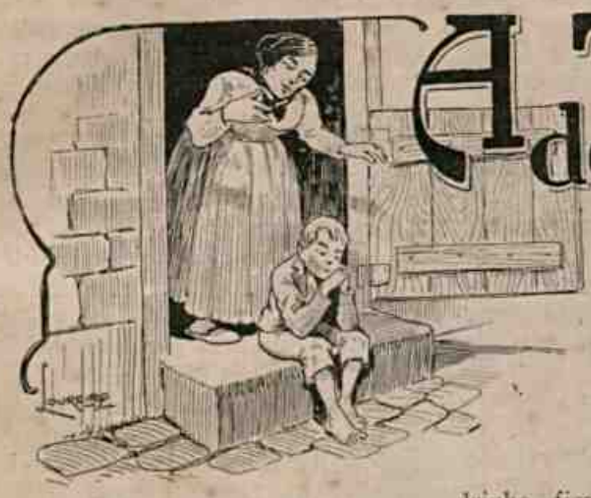
E hoje o telephone é esse instrumento poderoso que não conhece longitudes para transmittir com fidelidade tudo que a voz humana lhe confia.

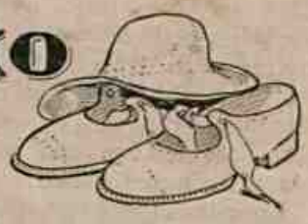
E eis como na historia do telephone, está ligado o nome do Brazil, por intermedio de um dos seus grandes e benemeritos filhos, como o foi D. Pedro II.

— Preste bem attenção. Simplicinho! Boi... Qual é o plural?

— Boiada.

A Tentação do Justino





A FESTA escolar naquelle anno seria imponente; melhor que a dos annos anteriores. Haveria, além dos discursos dos alumnos escolhidos para saudar o professor, mais uma grande representação de comedias, cançonetas, monologos, num theatrinho arranjado no quintal da escola, e exercicios de gymnastica sueca.

O Justino, apezar dos seus oito annos incompletos, era o melhor alumno da escola; havia feito os seus exames com approvações distinctas, sem favor, e era um modelo de bom comportamento.

Nos exercicios de gymnastica elle era o "ponto", e executava os movimentos com uma precisão e certeza absolutas.

Naquelle anno, o delegado de ensino viria assistir á festa escolar, assim como o representante do prefeito do municipio e outras pessoas de alta posição no logar.

O professor queria apresentar a turma de gymnastica uniformisada a capricho.

Os alumnos "deviam vir todos de branco, da cabeça aos pés : chapéo e sapatos brancos"

O Justino, ao ouvir essa ordem, sentiu uma pancada no coração. Sua roupinha branca, embora não fosse nova estava bem conservada; um rasgão que tinha na manga da blusa fora sergido, cuidadosamente, pela madrinha que ea quem o criava.

Faltavam-lhe, porém, os sapatos brancos e o chapéo de panno da mesma côr. Os sapatos que tinha, estavam imprestaveis para um dia de festa

Com quasi um anno de uso (tinha sido da festa do anno passado) a segunda meia-sola que levaram estava gasta, o salto *comido* atraz e a lona furada no logar do dedo minimo.

Como iria elle arranjar uns sapatos brancos, novos, e um chapéu ? Depois da morte do padrinho, ficaram sós, elle e a madrinha, soffrendo algumas privações que não eram maiôres porque a pobre mulher trabalhava em rendas que vendia na feira, e o Justino tambem ganhava algum dinheiro, fazendo recados ou escrevendo cartas a rogo de matutos analphabetos.

Indagou na loja de calçados quanto lhe custaria um par de sapatos brancos e soube que o menor preço era 7$500. Quanto ao chapéu de panno branco elle sabia que custava 1$500.

Eram precisos, portanto, 9$000, e elle, dando balanço num pequeno mealheiro feito de um caixãosinho de charutos, onde guardava alguns nickeis e moedas de cobre, encontrou apenas 640 réis !...

Faltavam só trez dias para a festa, e o Justino sentiu a impossibilidade de ir. Lagrimas quentes vieram-lhe aos olhos e um soluço apertou-lhe a garganta.

Era preciso, porém, avisar o mestre de que não poderia comparecer. Daria parte de doente, pois tinha acanhamento de confessar o verdadeiro motivo porque faltava; mas isso repugnava-lhe porque era um fingimento, uma mentira !

Que fazer ?...

A tia surprehendeu-o sentado na soleira da porta, o queixo apoiado na mão, pensativo, triste, os olhos ainda avermelhados das lagrimas que derramara ha pouco.

— Que tem você, Justino ? Está triste ?... Indagou solicita.

— Eu ?... Respondeu o pequeno num sobresalto. E, para não affligir a bôa creatura com a revelação do motivo de suas maguas, accrescentou, disfarçando :

— Não, senhora; estava aqui sentado, a scismar...

A tia não se conteve e sorriu, incredula :

— Scismando em que, menino ? Nem que fosse um pai de familia que tivesse de dar conta da "obrigação"...

E, mudando de tom, continuou :

— E' verdade; antes que me esqueça : *Seu* Antero da Levada mandou dizer que você fosse lá.

Um raio de esperança brilhou no espirito do Justino.

— Sim, senhora; exclamou elle, erguendo-se rapido; vou já.

E partiu em direcção á casa do Antero.

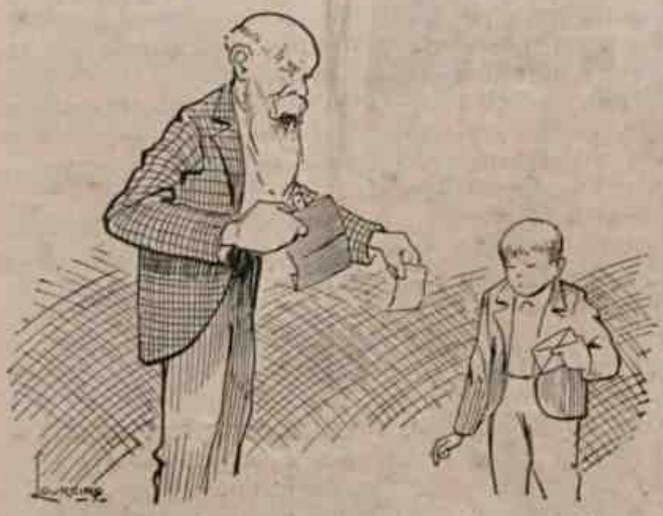
Com certeza era alguma carta que o homem queria que elle escrevesse.

Mas, se assim fosse, o Antero não lhe daria mais de 500 réis, como das outras vezes em que lera e respondera cartas do filho que estava estudando na capital. A's vezes só lhe dava até 100 ou 200 réis, quando era um simples bilhete.

Pedir-lhe-ia emprestados os 9$000, compromettendo-se a pagal-os assim que pudesse e promptificando-se a ler e a escrever de graça quantas cartas o Antero lhe désse, por mais longas e massadoras que fossem.

Mas o homem, somitico como era, não emprestaria "tão grande importancia" a um menino. E talvez não tivesse...

Absorto nessas reflexões, chegou a casa do Antero.



Era um bilhete que elle queria que o Justino escrevesse e levasse ao compadre coronel Fulgencio, pedindo-lhe 100$000 emprestados até o fim do mez.

Um bilhete!... Nem ao menos era uma carta!... E começou a escrever sob o dictado do Antero, que, antes de entrar no assumpto principal do "bilhete", desmanchava-se em desejos de que "aquellas mal traçadas linhas fossem encontrar o compadre gosando a mais perfeita saude, em companhia da comadre, dos meninos, de todo o "resto" da familia e mais a "criação" sem doença nenhuma"... Aquillo já não era um "bilhete"; era uma "senhora" carta, pensava o Justino.

Quando, depois de muitos rodeios, o Antero ditou: "Peço-lhe, portanto, que me mande pelo portador, que é de confiança, a quantia de 100$...", uma ideia má atravessou o cerebro do Justino: escrever em vez de 100, 109$000.

Travou-se, então, uma luta terrivel no seu intimo. A consciencia pura aconselhava-o a que não praticasse semelhante acção, mas o desejo de ir á festa impellia-o para o mal. Hesitou um momento, antes de escrever o numero. Tremia-lhe a mão. Ficou pallido.

—Que é isso? — estranhou o Antero, vendo a sua indecisão. Não sabe escrever "lettra de conta"?

—Sei, sim. E após ainda um segundo de luta interna, entre o bem e o mal, triumphou este: Justino escrevera rapido 109$000...

Sentiu, então, um calor violento subir-lhe ás faces e as fontes começaram a latejar como se tivesse o coração na cabeça.

Tinha nos ouvidos um zumbir de casa de maribondos...

Felizmente o Antero, absorvido em procurar phrases amaveis com que de ante-mão agradecesse o obsequio ao compadre e desejasse felicidade á comadre, aos meninos e mais á *criação*, não reparou na perturbação do menino.

Terminado o "bilhete", deu-lhe o Antero 200 réis e mandou que o levasse ao sitio do coronel, que ficava á uma bôa meia legua do povoado, recommendando-lhe todo o cuidado com a "resposta" que devia trazer, e que voltasse logo.

Justino sahiu. Pelo caminho veiu-lhe a reflexão e viu o mal que tinha praticado. Arrependeu-se. Teve impetos de voltar, contar tudo ao Antero, mas teve vergonha. Nunca mais o homem teria confiança nelle. Aquella phrase: "o portador é de confiança", dansava-lhe deante dos olhos.

Si ao menos tivesse alli com que apagar o numero 109 e escrever 100!... Mas não tinha.

Aquillo era um furto...

Chegou, assim, á casa do coronel que o estimava pela sua vivacidade e bons modos.

Quando este o viu, foi logo exclamando:

—Olá, Justino; meus parabens! Soube que fizeste bons exames. Isso, rapaz; estuda e procura ser homem de bem.

Estas ultimas palavras fizeram corar o Justino, que baixou os olhos, murmurando um "muito obrigado" quasi inintelligivel; e estendeu a mão tremula, apresentando o bilhete ao coronel:

—Está aqui, que "Seu" Antero mandou, dizendo que tem resposta.

O coronel desdobrou o bilhete, leu-o e exclamou:

—Que exquisitice do compadre, mandar pedir 109$000!... Podia ter arredondado a conta e pedido 110!... Quando o encontrar hei de lhe perguntar que ideia foi esta...

E já mettia a mão no bolso da calça para tirar o dinheiro, quando o Justino lhe cahe aos pés, chorando:

—Perdão, "Seu" coronel...

Este recuou, admirado, sem comprehender. E o Justino confessou entre lagrimas:

—"Seu" Antero mandou pedir mesmo 100$000, mas eu escrevi 109$000 porque precisava dos 9$000 para comprar um chapéu e uns sapatos brancos para a festa da escola, depois de amanhã... Mas não tenho coragem de fazer isso, nem nunca mais o farei na minha vida. Antes deixo de ir á festa... E chorava convulsivamente, molhando de lagrimas as botas do coronel.

—Levanta-te, Justino, disse este, por fim. Ias praticar uma acção má, porém, o arrependimento veiu a tempo e salvou-te. Aqui tens 10$000 que eu te dou para comprares os teus sapatos e o chapéu, e procura, para o futuro, ser forte, resistindo contra a tentação que nos leva a praticar o mal.

—Juro, "Seu" coronel!

. . . . . .

No dia da festa escolar, Justino compareceu com os seus sapatos brancos e chapéu igual ao dos outros collegas. Os exercicios de gymnastica foram feitos maravilhosamente, recebendo os meninos, longa salva de palmas.

O coronel Fulgencio estava presente e todos viram que o Justino, ao vel-o, correra a beijar-lhe a mão.

—E' meu padrinho de chrisma, explicava elle depois. Devo-lhe um favor tão grande, que não ha nada no mundo que o pague.

Era grato o Justino. Sabia reconhecer o bem que lhe faziam.

Recife — IX — 1917.

EUSTORGIO WANDERLEY.

Teias de aranhas

Leuwenhock descobriu, por meio de poderosos microscopios, observando o preparo das teias de aranhas, que cada uma d'estas tem no corpo uma infinidade de buraquinhos imperceptiveis; que de cada buraquinho sahe um fio; que esses fios são mais de quatro mil; que todos reunidos é que formam o fio com que é fabricada a teia.

Verificou ainda aranhas do tamanho de um grão de areia, das quaes sahiam fios tão finos que eram precisos quatro mil para formar um fio da grossura de um cabello...

Cada um d'aquelles fios, sendo composto de outros quatro mil, seria necessario reunir dezeseis milhões de fios primitivos para termos a grossura de um cabello commum...

—

Candinho e Dadá vêem passar o Dr. Lopes Trovão.

— Para que elle leva aquelle vidro espetado?

— Aquillo não é vidro, é uma lente.

— Lente?

— Sim. Um vidro de augmento.

— E para que?

— Para que? Se não usasse aquillo, elle que é tão alto, como havia de enchegar a gente cá em baixo?

—

A resistencia do cavallo

Experiencias feitas nos exercitos europeus sobre a resistencia do cavallo provaram:

que um animal d'esses póde passar 25 dias sem alimento solido, desde que tenha boa agua para beber;

que difficilmente póde deixar de beber agua durante 5 dias;

que embora bem alimentado, morre ao cabo de dias, se lhe faltar a agua necessaria.

Um cavallo que leve 3 dias sem agua, bebe no quarto dia 60 litros, em menos de 3 minutos.

O que durante 12 dias tem alimentação escassa, conserva, apezar d'isso, a força necessaria para arrastar um peso de 279 kilos.

—

— Lulu'! E' muito perigoso a gente rir quando está comendo.

— A senhora diga então á cozinheira que ponha bastante pimenta na comida.

— Porque?

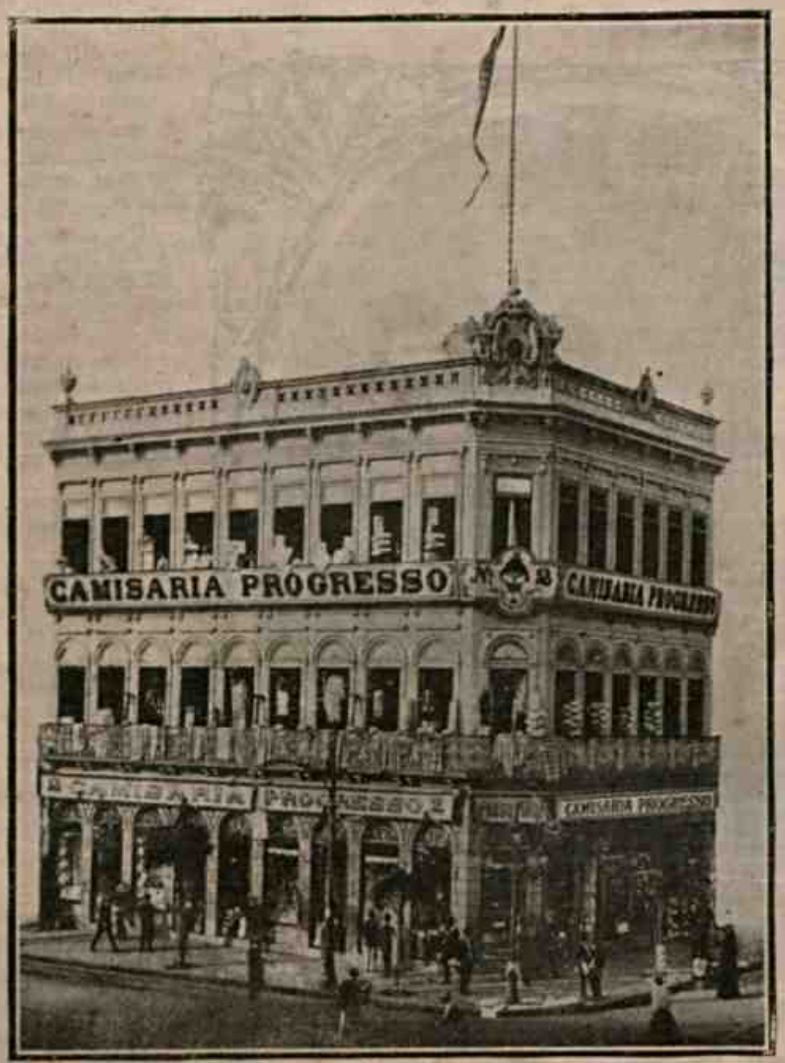
— Porque assim eu terei que chorar, e não corro nenhum risco.

NOSSO ALBUM

Heitor, filho do Sr. Elizeu Linhares de Souza, fadeado por suas priminhas Gilda e Lygia, filhas do 1º tenente da Armada, Nelson de Noronha Carvalho.

Nosso amiguinho Pedro, meio encafifado, "posando" para o Almanach

O galante Pedrinho, carioca da gemma, com um anno de edade



2, PRAÇA TIRADENTES, 4

Tel. Cent. 1880 RIO DE JANEIRO

A

Camisaria Progresso

E'

A PRIMEIRA CASA

DE

ROUPAS BRANCAS

2, PRAÇA TIRADENTES, 4

TELEPHONE CENT. 1880

RIO DE JANEIRO

TROCA-SE OU RESTITUE-SE A IMPORTANCIA PAGA POR QUALQUER MERCADORIA QUE NÃO CORRESPONDA Á ESPECTATIVA DO COMPRADOR. E' POR ESTE MEIO FRANCO E LEAL DE NEGOCIAR QUE SE EXPLICA O PROGRESSO DA

CAMISARIA PROGRESSO

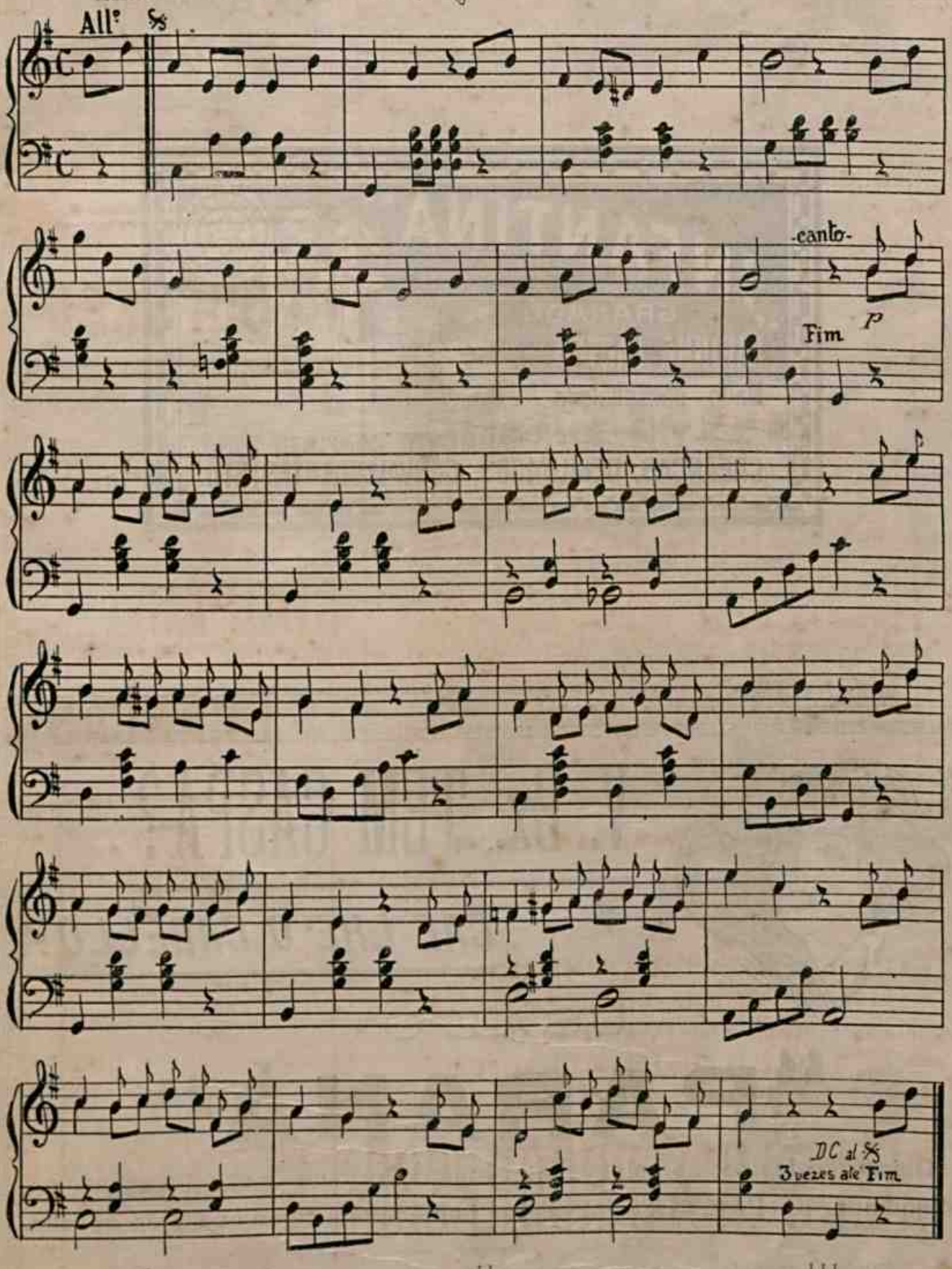
Executa-se, com a maxima perfeição, qualquer encommenda sob medida

O NATURISTA

(CANÇONETA)

Musica e lettra de Eustorgio Wanderley

O personagem deve trajar calça e casaco branco, trazer alpercatas sem meias, vir sem chapéo, usar barba crescida e, si fôr possivel, cabelleira á nazareno. Trará nas mãos uma pequena cesta com fructas, legumes, etc.



I

Eis aqui um perfeito naturista,
As bellezas do methodo explicando,
D'este modo sua vida vai... cavando
Como um grande e sagaz propagandista.
Só de fructos e hervinhas me alimento,
A' carne tenho decidido horror;
Custa pouco, bem pouco, meu sustento,
Nem por isso me sinto sem vigor.

II

Meu processo é deveras surprehendente,
Economico e muito bem achado;
Já não uso botina, o meu calçado
E' singela alpercata tão sómente;
E nem meias que a hygiene não permitte,
Pois é cousa que abafa muito o pé;
Sem chapéu que tambem não se admitte,
Vou fazendo na vida meu *fité*.

III

Collarinhos, gravatas, são tolices,
Como punhos, peitilhos e colletes,
Não nos servem de nada, são enfeites,
São trambolhos, perfeitas macaquices.
Nós devemos voltar á natureza
Que o homem torna robusto, alegre e são.
Aos que me ouvirem posso dar certeza:
P'ra semente no mundo ficarão...

V. Ex. TEM CASPA?

CAE-LHE O CABELLO?

USAE O

"PARANÁ"

Unico que destróe completamente a caspa, tornando o cabello sedoso e abundante. «O PARANA'» faz cessar immediatamente a queda do cabello.

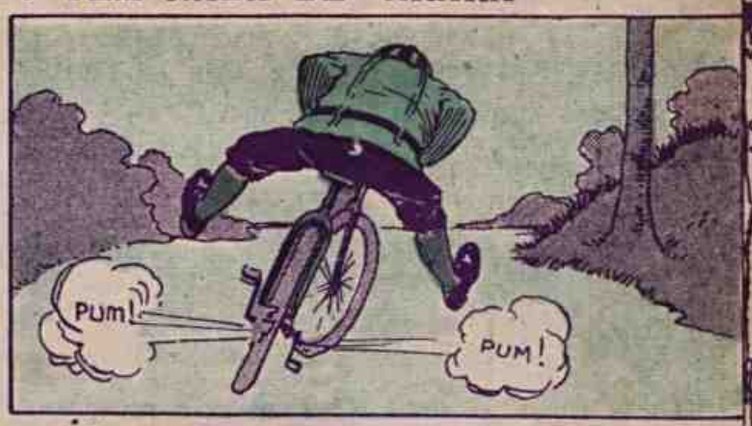
Vende-se em todas as casas de perfumarias, barbearias, pharmacias e drogarias.

DEPOSITOS: Ourives, 70 e Drogaria Araujo Freitas & C.

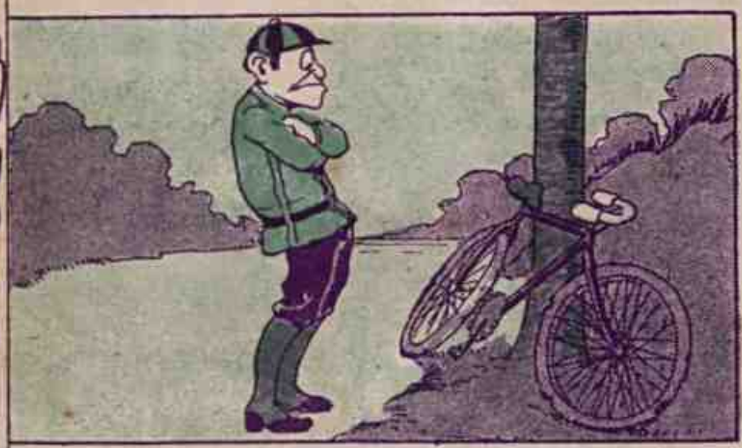
RIO DE JANEIRO

UM CYCLISTA QUE NÃO TEM NADA DE «ARARA»

1) Era um lindo domingo, convidativo para um bom passeio de bicycleta. Zás, traz! Pé no pedal, e o Ramiro montou a machina tomando o caminho de um arrabalde.



2) Mas por um azar qualquer da sorte, uns importunos espetos lembraram-se de furar os pneumaticos da bella machina do Ramiro. Isso já bastante longe da cidade.



3) Ramiro deu o solemne cavaco! Como havia de ser? Não havia por alli proximo recurso de especie alguma, nem mesmo para concertar os rombos. Além d'isso as...

4)... rodas precisavam de novos pneumaticos. Mas a providencia sempre foi mãi dos homens. Duas cobras que se approximavam para atacar o Ramiro fizeram-lhe acudir ao cerebro uma porção de ideias.

5) A primeira foi—matal-as convenientemente com dois tiros de revolver dados com todo o sangue frio do Ramiro. As cobras nem tempo tiveram para fazer testamento.

6) Segunda—dar graças aos céus pela boa sorte de ter escapado a uma morte certa e ter conseguido dous excellentes pneumaticos. Ah!—estava salvo!

7) Mãos á obra! E em pouco tempo o Ramiro tinha conseguido a mais bella Africa que póde conseguir um cyclista que se vê no matto sem cachorro.

8) A terceira ideia foi esta: Não comprar tão cedo outros pneumaticos—agora que os de borracha estão tão caros e não ha melhores, para um cyclista que não é arara!

CASTIGOS DO MEU TEMPO

A VARA DE MARMELO

A CHINÉLA

A PALMATÓRIA

O PUXÃO DE ORELHAS

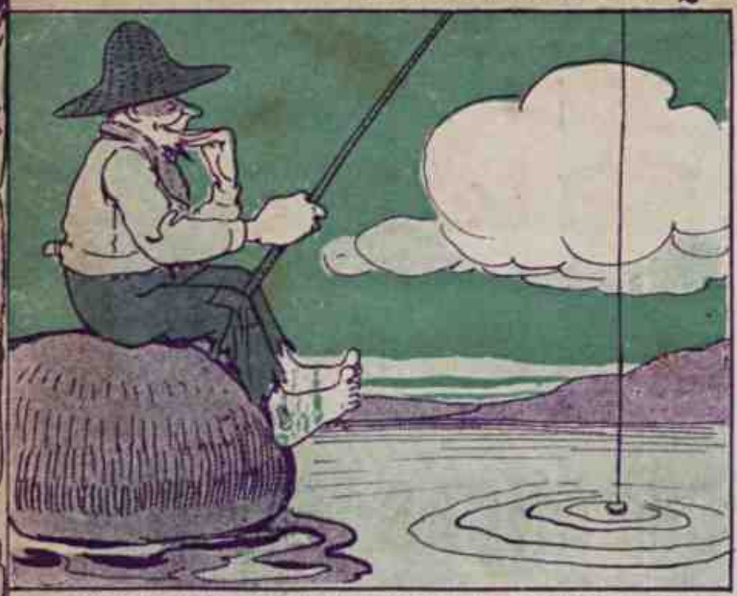
O QUARTO ESCURO

PRISÃO DE CADEIRA

DE PÉ NO BANCO

PEDRO MALAZARTE (Novas historias)

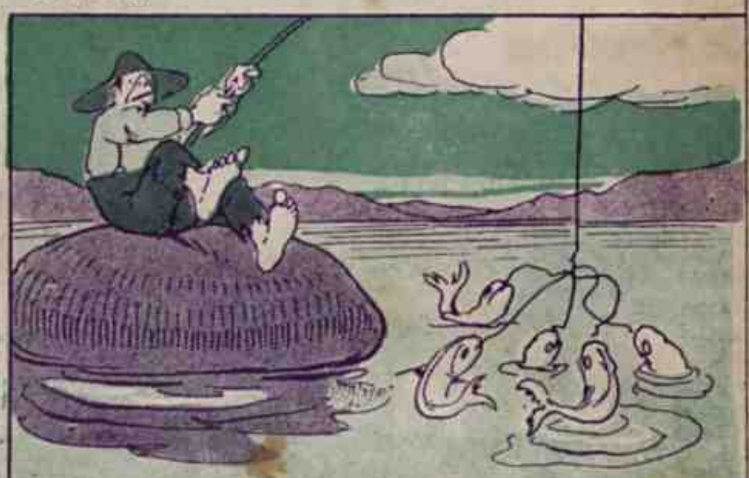
UM PESCADOR QUE QUERIA FICAR RICO



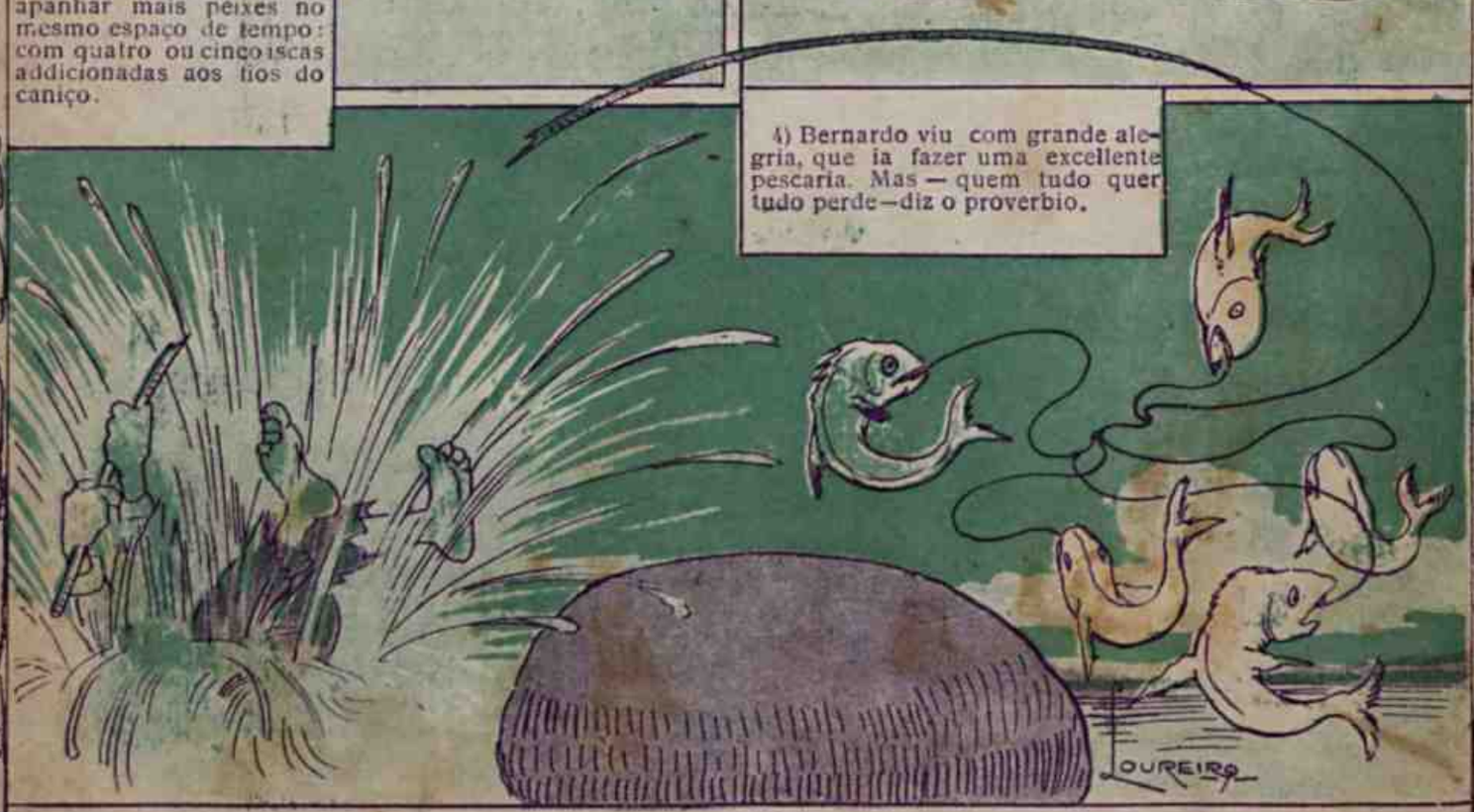
1) Havia uma porção de tempo que Bernardo estava de caniço na mão á espera de peixe.
Durante esse tempo elle reflectia: Ora, se eu levo...

2] ...duas horas e mais para pescar um peixe, nunca conseguirei juntar fortuna. Por isso, reflectiu um pouco mais e...

3] ...descobriu o meio de apanhar mais peixes no mesmo espaço de tempo: com quatro ou cinco iscas addicionadas aos fios do caniço.



4) Bernardo viu com grande alegria, que ia fazer uma excellente pescaria. Mas — quem tudo quer tudo perde — diz o proverbio.



5) O caniço era fraco de mais para aguentar o peso dos cinco peixes. Nisso não tinha reflectido o pobre do Bernardo que ficou mais pobre ainda. Perdeu os peixes, o tempo e escapou de perder o canastro.

Ao 1.º Barateiro

NOVA E IMPORTANTE SECÇÃO

DE

ARTIGOS para CREANÇAS

COSTUME AMERICANO em lindo ottoman mercerizado — côres firmes.
para 3 e 4 annos 14$500

COSTUME CAÇADOR em superior brim rayé fundo mescla
para 5 e 6 annos 8$900

Enxovaes para Recem-nascido

COMPLETO SORTIMENTO

Enxovaes para Baptisado

MINIMOS PREÇOS

MARINHEIRO INGLEZ — em superior brim listado — gola dupla
para 3 e 4 annos..... 14$800

GRACIOSO E ELEGANTE MODELO
VESTIDO DE FILÓ MALINE FORRADO DE SEDA
Para 2 e 3 annos..... 37$000

RICO VESTIDINHO de fino nanzouck, bordado
para 2 e 3 annos... 18$000

Avenida Rio Branco, 100

PREÇO FIXO

A velocidade do som

Experiencias feitas por meio de balões deram o seguinte resultado sobre a velocidade do som:

O apito de uma locomotiva ouve-se a 3.000 metros no ar;

O som de um trem de ferro em movimento a 2.500 metros;

Um tiro de carabina e o latido de um cão a 1.400;

A voz humana a 1.100;

O coaxar do sapo a 900;

O canto do grillo a 800,

Distingue-se perfeitamente uma palavra de baixo para cima a 580 metros. Mas de cima para baixo a 100 metros.

— Quando eu fôr homem e fôr para a guerra quero ficar bem á frente do batalhão...

— E's valente!

— E' para ouvir melhor a banda de musica.

— Na guerra os que morrem mais são os que estão na linha de frente, não é?

— De certo.

— Pois eu se fosse commandante acabava com isso.

— Como?

— Mandava que todos ficassem na rectaguarda.

O NOSSO ALBUM

Margarida de Souza

Americo de Souza

Nair de Souza

Altiva de Souza

Oscar de Souza

Leonilda de Souza

nossos gentis leitores, dilectos filhos do Sr. Julio de Souza, importante negociante d'esta praça (Rio de Janeiro)

ELIXIR DE NOGUEIRA

GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

O menino Fernando, curado com o Elixir de Nogueira

Rio de Janeiro, 20 de Outubro de 1917.

Illms. Srs. VIUVA SILVEIRA & FILHO
Rio de Janeiro

Respeitosas saudações.

Como prova de eterna gratidão, vos envio uma photographia de meu filho Fernando, que soffria de grandes espinhas, as quaes apresentavam feio aspecto, temendo consequencias graves, não sabendo eu explicar a causa.

Usou varios medicamentos, sem, comtudo, obter resultado. Aconselhado por pessoa amiga, o fiz usar o ELIXIR DE NOGUEIRA, formula do Pharmaceutico Chimico Sr. João da Silva Silveira, unico medicamento com que tive a felicidade de vel-o restabelecido.

Tomo a liberdade de vos enviar este meu testemunho, que por ser verdade, firmo.

De VV. SS. Amo. e Cro. Obrd.
Manoel Lopes

Rua de Sant'Anna, 61

Firma reconhecida.

O «Elixir de Nogueira» vende-se em todo o Brazil e Republicas Sul Americanas

Ser homem antes de tempo

Henriquinho queria ser homem. Estava aborrecido de ser menino. E convencia-se de que era menino porque o obrigavam a andar de calças curtas. Só por causa d'aquellas roupas é que não era homem. Vestido como o pai ou como o tio, com uma corrente grossa de relogio, e com um charuto acceso, ninguem mais acreditaria que tinha oito annos, mas sim vinte ou trinta. Faltavam-lhe os bigodes. Mas como com a moda os rapazes e até os velhos andavam de cara raspada, não fazia mal.

— Não ha nada como a gente ser

grande... suspirava elle. Quero já sahir sózinho, trabalhar, fumar, comprar cousas, casar, ter minha casa, ralhar com os meus creados...

Tudo isso — pensou — poderia fazer ou ter, de um momento para outro. Bastaria que se vestisse como os homens. Na rua, no meio dos outros, quem seria capaz de saber que era o Henriquinho? Seria o Sr. Henrique. E teria o cuidado de engrossar a voz, por causa das duvidas, quando désse a alguem boa tarde ou bom dia.

—

Um bello dia, enchendo-se de coragem, metteu-se em um terno de sobrecasaca do pai, calçou as botinas d'este, pôz na cabeça o chapéu alto e deixou ás escondidas a casa, com um bengalão em baixo do braço e um comprido havana preso ao canto da bocca. O collarinho, muito largo, deixava-lhe á vontade o pescoço para os movimentos de equilibrio que a cartola exigia. O que mais o atrapalhava era o peso do calçado, que ficára folgado demais Mas depois havia de se habituar.

E tossindo, com a fumaça do charuto, lá foi, com ares importantes, e como levava no bolso o dinheiro que juntara no cofre, fez parar um bonde e tomou-o, sentando-se á ponta do banco, cruzando a perna.

Os passageiros todos, e o conductor, e o motorneiro, e as pessoas que andavam pelas ruas, ficaram pensando que Henriquinho era mesmo um homem.

—

Com o charuto se deu mal. Teve enjôos, dôr de cabeça, suores frios, e tonto, não pôde sahir do bonde: cahiu para um lado, e tão branco, que foi preciso chamar a Assistencia. Os medicos, suppondo que elle era um homem e que estava habituado a fumar, não descobriram o motivo do seu estado, e declarando ser um caso de envenenamento, mandaram recolhel-o á Santa Casa.

No hospital, melhorando, teve que ficar em diéta uma porção de dias e em uso de remedios terriveis. Quando sahiu estava magro e abatido e mais largas ainda lhe ficavam as roupas do pai e a cartola e mais pesadas as botinas. Jurou então que não fumaria mais. Não era necessario tambem isso, porque muitos homens havia que não faziam uso do fumo, condemnado pela medicina.

E entrou na vida, sem charuto.

Teve a lembrança de ir para a Escola de Medicina ou para uma faculdade de Direito, para ser estudante como o irmão mais velho. Mas desistiu da ideia, ao reflectir que os mestres eram em geral muito espertos e seriam capazes de descobrir um dia que era menino e pol-o á força nalgum collegio de pequenos de calças curtas.

No commercio, sim, iria tudo bem, —e ganharia dinheiro por cima.

Arranjou um emprego de guarda livros, com excellente ordenado. Era um logar magnifico. Qual seria o seu trabalho? Guardar livros. Não custava.

Mas não era. Era preciso escrever nuns livros enormes. E a primeira difficuldade foi tremenda: não sabia escrever. Ainda não tinha apprendido isso.

Henriquinho ficou muito triste. Mas disse com seus botões:

— Um homem deve ser homem e não desanimar diante das difficuldades.

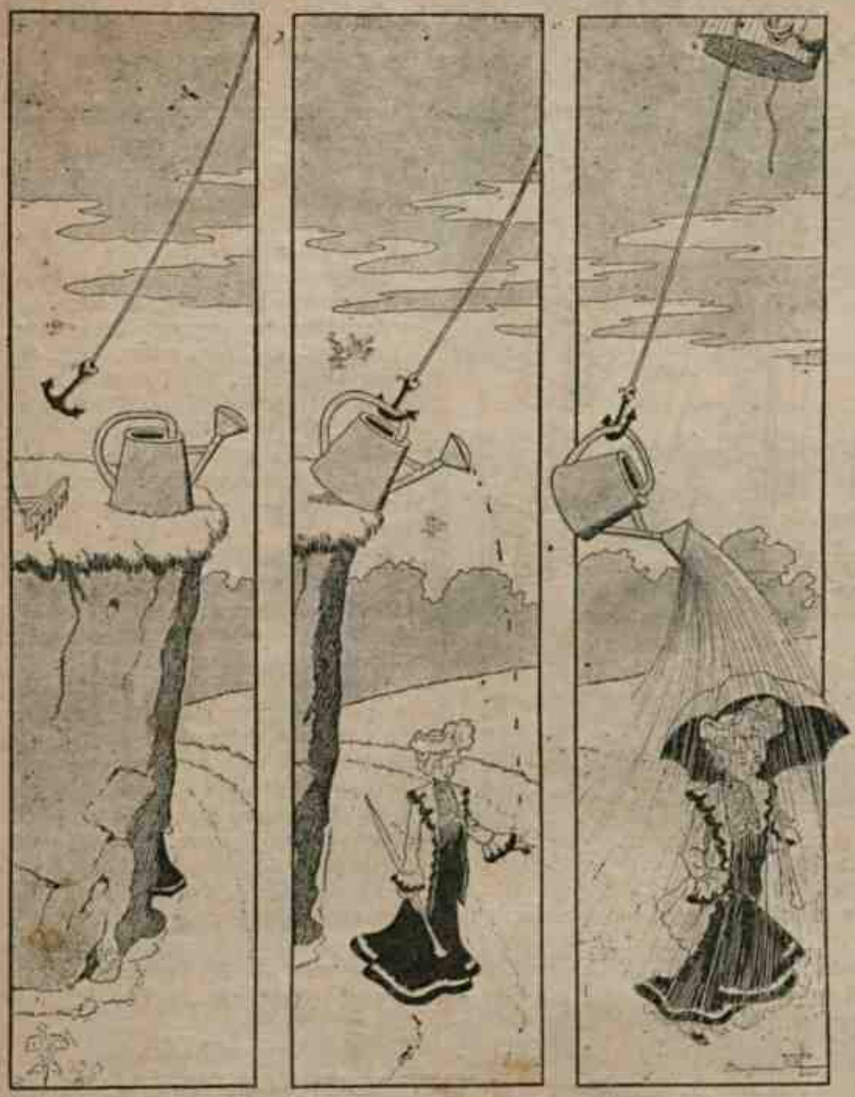
Resolveu então casar.

Uma moça, por signal que bem bonita, pensando que elle rapaz, acceitou-o para noivo. Foi pedil-a ao pai e este vendo-o tão bem vestido, com relogio de ouro, cartola e bengala de castão de prata, pensou que fosse um doutor, e rico, e disse-lhe que sim.

Na hora do casamento, quando chegou a occasião de assignar o auto, Henriquinho ficou arrepiado. Mas não perdeu a calma, e disse ao escrivão que estava com a mão doente. E ninguem desconfiou que elle, doutor, não soubesse escrever o nome.

Houve uma festa muito animada, dançando todos até que rompeu o dia. Mas o noivo, que estava acostumado a dormir cedo, não resistiu ao somno, e quando a noiva deu por sua falta, no fim de uma quadrilha, veiu encontral-o a roncar, num sofá. Começou a cha-

CHUVA' ABORRECIDA E INESPERADA...



1) — ... 2)—*Que tempo incerto! Sol e chuviscos...* 3)—*Ora esta! Um aguaceiro!...*

mal-o e a sacudil-o, mas elle em vez de levantar-se, esquecido de que era homem, começou a chorar a fazer manha, a dizer que queria a mamãi.

A noiva, muito admirada, foi chamar o pai. Este, acudindo, não sabendo que o genro era um menino, imaginou que tivesse bebido vinho de mais — e ficou furioso. Quando o baile acabou, veiu elle mesmo chamar o dorminhoco e como houvesse outra manha, perdeu a paciencia, deu-lhe uma boa sôva e pol-o pela porta fóra.

Henriquinho, esfregando os olhos e o logar em que o terrivel sogro lhe havia batido, começou a andar ao acaso, sem saber onde ia. Um guarda-civil que o observava fel-o parar e depois de varias perguntas levou-o para a delegacia, onde foi tomado por doido.

No dia seguinte, num carro de grades, de lá o levaram para o Hospicio.

No Hospicio, o coitado, tremendo de medo com os loucos que por toda a parte lhe faziam caretas, gritou logo que não estava maluco, e confessou que não era homem, mas sim menino.

Os medicos não acreditaram. Como o julgassem homem, viam nas suas palavras a prova de que estava mesmo ruim da cabeça, de todo. E mandaram mergulhal-o numa banheira, assim mesmo vestido, para lhe acalmar o accesso.

Soffreu horrores, o pobre Henriquinho, até que certa manhã conseguiu fugir.

Fugiu, vestindo as roupas de um guarda e temendo ser preso como vagabundo, e precisando trabalhar para não morrer de fome, foi procurar emprego de carroceiro, porque não sabia ler e não tinha como obter occupação melhor.

Mal porem sahiu com a carroça, o burro começou a andar depressa demais e elle, querendo contel-o, não teve a força indispensavel para isso — e levou um couce que o magoou seriamente.

Foi para o hospital, como da vez do charuto, numa ambulancia da Assistencia.

Padeceu muitas dores. E quando estava quasi bom contou todas as aventuras á irmã de caridade que era sua enfermeira.

Compadecida a santa creatura não só o consolou, dando-lhe doces, como foi á casa dos pais expor-lhes o succedido e pedir-lhes que perdoassem o menino, já tão duramente castigado pelos resultados dos proprios actos.

A mãi e o pai choraram de alegria, deante da certeza de que estava vivo e curado, e responderam que sim á bondosa irmã. Horas depois foi ella acompanhar Henriquinho até á casa paterna onde foi recebido como o filho prodigo do Evangelho. Perdoado porque prometteu não fazer outra, ao cabo de oito dias foi conduzido para um collegio como interno, afim de crear juizo e estudar.

Henriquinho sentiu-se feliz, menino outra vez. Preparava com gosto as lições, tinha magnifico comportamento, queria saber bastante. E nunca mais pensou em ser homem antes de tempo.

RAUL DE FORTON

A verdadeira coragem acha sempre um recurso contra a adversidade.

Calçados finos
Casa Lord
Tel. 1799
R. da Carioca, 30

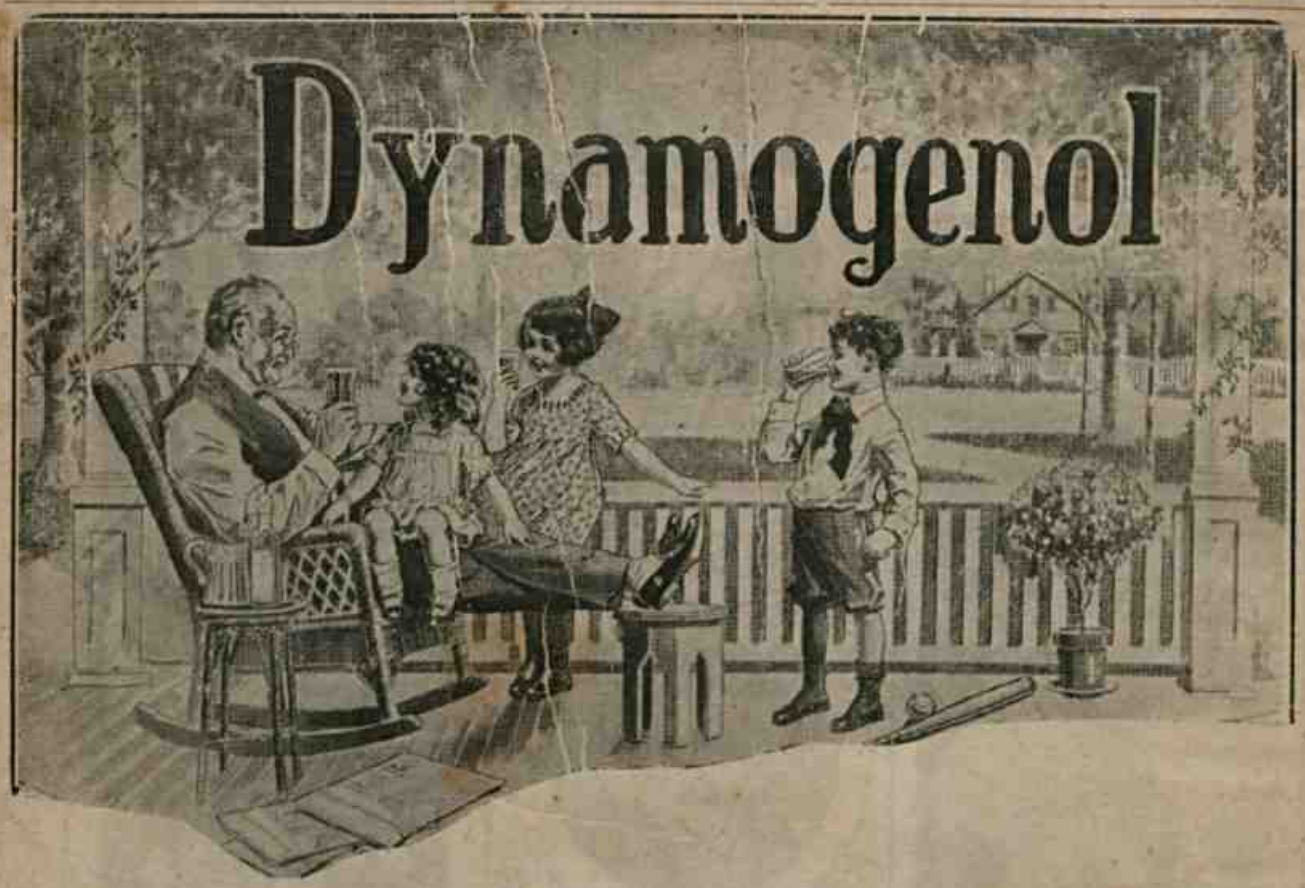
O «PILOGENIO» serve-lhe em qualquer caso

Se já quasi não tem, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabello novo.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabello continue a cahir.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabello.
AINDA PARA A EXTINCÇÃO DA CASPA
Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — O PILOGENIO — Sempre O PILOGENIO; O PILOGENIO SEMPRE
A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

ALBUM DO TICO-TICO

No alto : Maria da Conceição Tré, residente em S. Aleixo e filha do commerciante Bento Tré. Helena Guimarães, residente em Portugal e filha do commerciante d'esta praça, Sr. Joaquim dos Santos Guimarães. Marina e Feliciano Antonio, filhos do Dr. Gastão Affonso de Mesquita. Em baixo, ao centro, Ligia, tambem filhinha do Dr. Gastão Mesquita. Nas extremidades, Hilton e Adolpho, filhinhos do Dr. João de Oliveira Franco, residente no Paraná.

Dynamogenol



O cerebro da creança é uma machina em constante movimento -- na 1°. phase -- a gymnastica a que obrigam o cerebro para se fazerem comprehender e para nos entenderem tambem.

2°. phase -- o collegio e a messe de conhecimentos que precisam para o curso a que aspiram--resultado: enorme enfraquecimento cerebral, magreza, falta de memoria, pallidez, olheiras, irritabilidade, perda d'appetite e muitas outras perturbações.

E' para evitar que vos chamem máus, intrataveis e doentes que fizemos o

DYNAMOGENOL

remedio que vos tonificará o cerebro, que vos dará lindas côres rosadas, que vos fará fortes e robustos.

O **DYNAMOGENOL** não contém alcool, arsenico, strychinina ou qualquer outra droga venenosa, esta preparação contém unicamente phosphoglyceratos em estado assimilavel.

O MACACO QUE QUIZ SER GENTE

I

Depois de uma patuscada,
O Juca Tição se atraza,
E ás tantas da madrugada
E' que volta para casa.

II

Que é da chave? Não se aperta.
Bate, bate — e continúa
A ver se a mulher desperta
E não o deixa na rua.

III

Mas qaul ! Por mais que se estafe
Não consegue despertal-a.
E eis que de repente — paf!
Lá se lhe parte a bengala.

IV

Cançado, senta-se e dorme,
Dorme. Disso se aproveita
Um orangotango enorme
Que estivera a sua espreita.

V

Macaco sempre é macaco:
Imitador, a cartola
Toma-lhe, e mais o casaco
E fica todo pachola.

VI

Bate á porta quanto pode
Com a força de pés e braços.
Como um possesso a sacode,
Quasi que a faz em pedaços.

VII

Deixa a cama num pinote
A mulher, que em furia estoura
Arremessando-lhe um póte
E desancando-o a vassoura.

VIII

Grita-lhe : — "Seu" descarado,
Em pão agora se metta!
E o preto acorda espantado
Com a gritaria da preta.

IX

A surra dada sem pena
Arrepia-lhe o cabello,
Aquella imprevista scena
Pareee-lhe um pesadello.

(Continúa)

O MACACO QUE QUIZ SER GENTE

(CONCLUSÃO)

X

Acorda. E sem mais demora
Mette-se em casa, contente,
Que em vez de dormir cá fóra
Vae poder dormir no quente.

XI

Depois de todo o occorrido
Volta a preta e apanha um susto,
Ao encontrar o marido
A resomnar como um justo.

XII

Ouve Simão em seu meio
A' Simôa que o reprehende:
—Quem toma o logar alheio
Cedo ou tarde se arrepende...

Juquinha ao ver em Petropolis um allemãozinho:

— Que pena me faz essa creança...

— Por que?

— Coitado! Tão pequenino e já é allemão...

O adulador é como o gorgulho, que assim que dá no trigo não o larga senão depois de o deixar vasio e ter-lhe roido toda a substancia.

O que sendo jumento julga ser gamo, quando fôr a saltar conhecerá a differença.

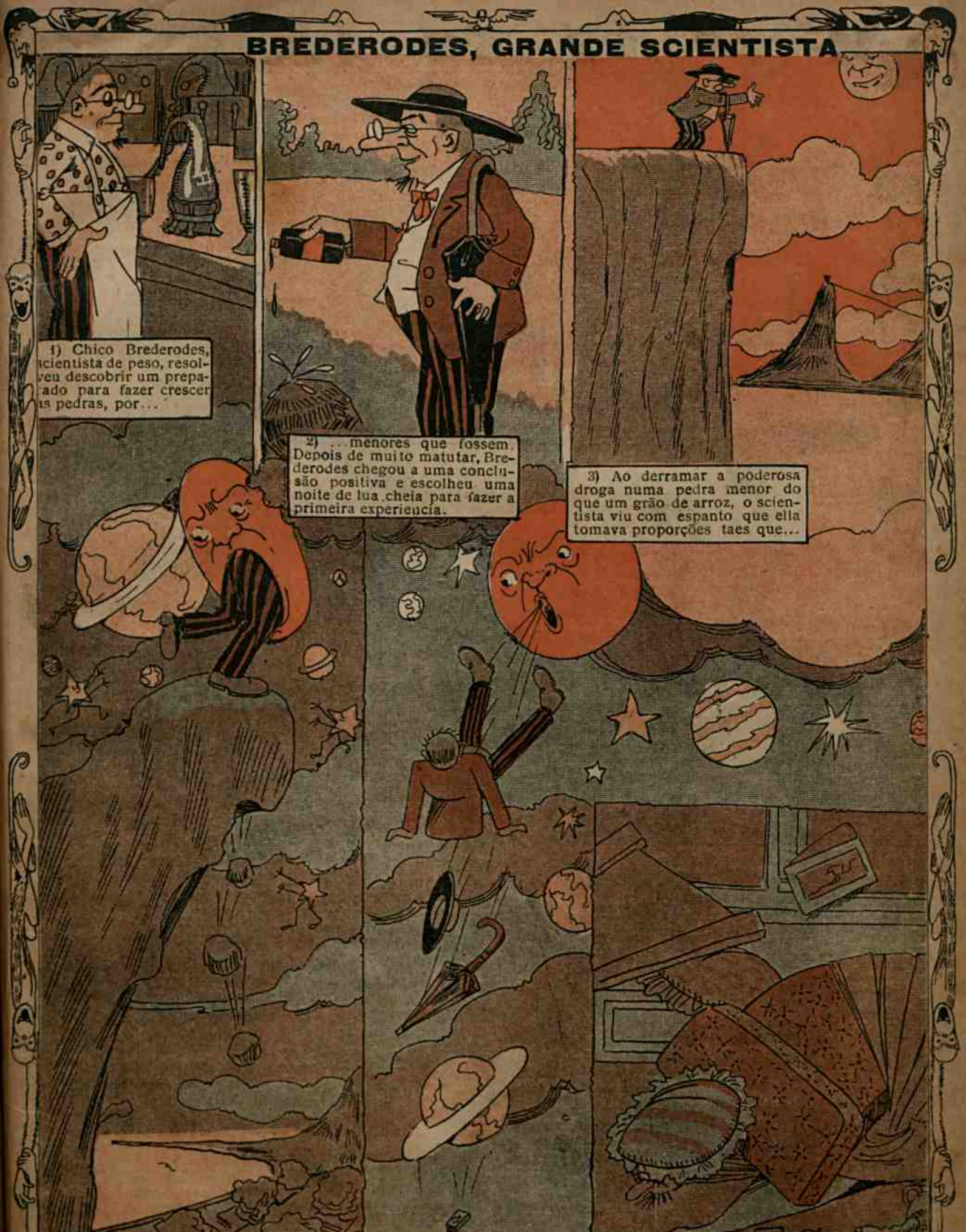
As qualidades antisepticas, detersivas, cicatrisantes antieczematosas e antiparasitarias do **SABÃO ARISTOLINO** *de Oliveira Junior têm sido demonstradas pela experiencia e pelas innumeras curas em casos de*

Manchas
Sardas
Espinhas
Rugosidades
Cravos
Vermelhidões
Comichões
Irritações
Prieiras
Feridas
Caspa
Perda do cabello
Dores
Eczemas
Darthros
Golpes
Contusões
Queimaduras
Erysipelas
Inflammações

e nos banhos geraes ou parciaes

A VENDA EM QUALQUER PARTE
DEPOSITO: ARAUJO FREITAS & C.--RIO

BREDERODES, GRANDE SCIENTISTA



NINGUEM SE CONTENTA COM SUA SORTE — Por A. Rocha

—Tu compadre, dizia o porco ao cavallo, és, o individuo mais feliz que conheço ! Comes á tripa forra, passeias...

... livre nos prados e até tens que te escove a roupa e te calce os sapato —E tu !— responde o cavallo. Viv tranquillo no teu chiqueiro, ninguem

... te incommoda, tens sempre a tina cheia, não trabalhas e vives como um capitalista. No entanto eu trabalho no arado, no trolly e na sella, e quantas vezes sou ferido...

... pelas esporas do meu senhor, sem contar com o ris que corro de morrer nos chifres de um touro ! — Sim tra lhas, retruca o porco. O trabalho faz-se para os burro dizem os homens; mas o meu fim é mais triste : Morro

... sempre esfaqueado pelo ente mais perfeito da natureza. Nunca chegamos a velhice.

— Tambem a nossa velhice é pouco invejavel. Qua chegamos á edade de nos aposentarmos, atiram-nos p os varaes de uma carroça e arrumam-nos nas costas um bom par de cangalhas. Um urubu que ia passando, terrompe o dialogo e diz: «O mais infeliz sou eu que m de velho, como vocês todos e ninguem me quer.

PROESAS DE UMA PEDRADA — Por A. Rocha

Joca, filho de um casal de lavradores, era inimigo dos livros. Passava o tempo, atirando pedradas a torto e a direito. Um dia, arranjou uma "atiradeira" e foi matar os pobres passarinhos que cantavam alegres nas terras de seus pais. Mas, acontece que atirando...

...num bemtevi, a pedrada attingiu a uns cavallos que pastavam. Os animaes, assustados dispararam e, na vertiginosa carreira, derrubaram o pobre velho, pai de Joca, que estava cuidando da plantação. Proximo, havia, um rio onde a mãi de Joca lavava as roupas. A pobre...

...senhora, vendo os animaes como loucos, precipitarem-se para ella, fugiu, e atordoada atirou-se no rio, para onde tambem iam os cavallos. A correnteza arrastava-os para o centro, mas felizmente a pobre senhora foi salva por uns pescadores que no momento alli se...

...achavam. Joca, arrependido da vida ociosa que levava e depois de pedir perdão a seus pais, prometteu-lhes...

...seguir seus conselhos e dedicar-se aos estudos. E' um gosto, vel-o agora entregue aos livros com tanto...

...ardor que até se esquece do seu inseparavel cãosinho Top.

Contra qualquer DOR o verdadeiro remedio é o producto francez EURYTHMINE BETHAN

MELHOR QUE O MESTRE (Artes de Bacalhau e Pepino)

1] «Seu Bacalhau,» vou dar-lhe uma lição de escripta, sem pena e sem lapis—Ah! ah! ah! Escrever então com que?—disse, a rir, Bacalhau. Aposto um... tostão em como não és capaz.

2) Pois vais vêr. Com esta espingarda, uma bucha e um barbante... Presta bem attenção para perderes o nickel e aprenderes a lição... E apontando para o quadro deu o tiro—Eu, não vejo senão taxinhas!—gritou Bacalhau.

3] — Justamente. Minha espingarda está carregada de taxas, mas...com este barbante vou escrever o que és. E passando o barbante pelas taxas escreveu: *Bacalhau é um abruto.*

4) «Leu?— Passe para cá o tostão». Bacalhau, pagou, mas prometteu vingar-se. E esperou que o Pepino se fosse embora. Depois pensou, e resolveu o caso. Foi lá dentro...

5] ...e voltou trazendo uma placa de zinco igual ao quadro. Com uma serrinha cortou varias letras na placa. Trouxe tambem uma lata de gomma e uma folha de papel de côr.

6] Quando acabou de cortar as letras collou por cima do zinco a folha de papel para esconder o que havia serrado e esperou. Pepino voltou com a espingarda, todo satisfeito por ter...

7] ... embrulhado o Bacalhau. — «Olá, seu Pepino, gritou Bacalhau, venha vêr como aproveitei a sua lição e até já faço melhor. Vou servir-me da sua espingarda e não preciso de...

8) ...barbante. Hi! hi! hi! Se fizeres isso, dou-te o tostão. Mas, tens que escrever tão visivel como eu. — Sim; sim, *seu* Pepino vai ser muito melhor. Dá cá a espingarda...

9] E, Bacalhau fez a mira e deu o tiro... Venha vêr, *seu* Pepino», gritou Bacalhau. Isto vai ser uma belleza melhor do que escrever com taxinhas e barbante.

10] Pepino approximou-se e com espanto viu que estava escripto, «Pepino não é um abrupto e sim um bruto». As taxas, não se puderam cravar no quadro por que este era de zinco; por isso cahiram todas...

11] ... Viu? — gritou Bacalhau. Eu não preciso de barbante! — E' verdade... Ahi tens o tostão por me haveres desgostado da minha sciencia... Ganhaste. E ao dar os 100 réis a Bacalhau, fez com que o nickel...

12] ...cahisse no chão. Quando Bacalhau ia apanhar a moeda, Pepino, furioso, gritou, dando-lhe um ponta-pé: «— Ora ahi tens para não escreveres que eu sou um bruto! E assim fazendo, Pepino confirmou que o era mesmo.

Rostos Pallidos

De Interesse Especial para as Mulheres das Americas Latinas

Observações Sobre o Engano Commum entre a Debilidade e a Robustez. A Côr de Saude é a Melhor Prova da Formosura

Ha muitas pessoas que consideram a Pallidez a côr natural do seu rosto, e dizem :—Esta menina ou esta moça é pallida por natureza. O mesmo diz o marido ás vezes de sua valente companheira, quando ella talvez occulta soffrimentos de martyr.

Em todas as pessoas a pallidez denota sempre pobreza de sangue, nem mais nem menos. E o pobre de sangue torna-se pobre de forças, de espirito, de intelligencia e de prazer na vida; dá-se-lhe então o nome de Anemico.

Com o sem numero de curas notaveis que têm feito as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, não ha jámais razão para permittir esse decahimento physico e moral. Estas Pilulas têm levantado muitos que nem esperanças tinham de tornar a gosar das glorias da vida. Moços que viam decahir as suas forças e ambições, na lutá pela existencia, voltaram com novo ardor ás trincheiras e sahiram victoriosos dos seus ardentes propositos. Moças que viam pôr-se o sol da juventude alegre e feliz, cujos dons de formosura e vivacidadee estavam quasi perdidos, têm-se tornado felizes e mais briosas do que nunca, gosando da existencia ideal da edade risonha, nos estudos ou nos affazeres domesticos e na sociedade do sexo forte, cuja admiração ellas sempre inspiram com o seu olhar vivo e as suas faces rosadas.

A mesma joven quando se casa encara o futuro com o anhelo natural e sublime da Maternidade. Ser Mãi ! Quanto não quer isto dizer ? O que são os cuidados que necessariamente apparecem, comparados com o prazer quando, no orgulho que anima a alma d'uma Mãi, faz ella essa preciosa porção do seu proprio ser, que se chama Bébé ? Muitos corpos debeis que não conheciam essas sensações celestes, têm-se tornado entes robustos e dado ao mundo esses seres que trazem a felicidade indispensavel ao lar domestico. O que é uma arvore sem fructa ? O que é uma esposa sem filhos ?

Isto, e muito mais, faz as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, sementes de vida condensada, contendo o calor suave do sol do Norte, a sensação da Primavera, a pureza d'uma fonte, e outros germens de vitalidade com que a Natureza quiz dotar a humanidade.

Aquella pessoa que cuida de sua saude em tempo, guarda dinheiro no banco do seu futuro, pois só a Saude abre o caminho, derribando escolhos e trepando no cume da capacidade humana. Quando este facto ficar bem estabelecido na mente da humanidade, estaremos bem quanto á perfeição nesta vida. Só a Saude triumpha.

NOSSO THEATRO DE BONECOS

Para aquelles dos nossos leitores que já conhecem esse genero de brinquedo, poderiamos dispensar explicações, tão claro e completo é o theatro de armar que damos neste *Almanach* e que é um lindo original de Calixto Cordeiro; mas como tambem muitos ignoram a maneira de o armar, vamos aqui ensinar como isso se faz :

O PALCO

Comecem por arranjar um caixote feito de taboas finas, mas resistentes, para fazer com elle o palco e o porão do theatro. Sobre a parte superior d'esse caixote, estando elle deitado (isto é, sobre um de seus lados maiores), risquem o palco que deve ser como está indicado na figura 1. Como se vê, ha no fundo a marcação do "panno de fundo" e segue-se depois uma fresta cortada na madeira, para, por baixo, enfiar-se o personagem que se quer fazer surgir no palco. Essa fresta chama-se *alçapão*. Depois d'esse alçapão vêem as marcações dos *bastidores* e os *rompimentos* com igual distancia do panno de fundo ao primeiro *rompimento*, d'este ao segundo e d'este ao panno de bocca. Para a collocação dos *rompimentos* e bastidores deve-se erguer primeiro o frontespicio do theatro e depois collocar-se, d'essa parte ao fundo, duas regoasinhas, uma de cada lado (5 e 6), que vão do frontespicio ao fundo; collocam-se então duas outras regoasinhas transversaes (7 e 8), e, nestas, é que se dependuram os *rompimentos* e *bastidores*. Como é natural, o ar fará balançar os *rompimentos* e os *bastidores*, por isso, para que elles não balancem, é conveniente grudar-lhes na parte de baixo um pedacinho de madeira, tanto nos *bastidores* como nos *rompimentos*, panno de bocca e panno de fundo.

ROMPIMENTOS, BASTIDORES E TRAINEIS

Chama-se *rompimento* a toda essa parte do scenario de theatro que tem os lados direito e esquerdo como que ligados á parte de cima; a essa parte de cima, dá-se o nome de *bambolinas* como ás dos lados "pernas dos rompimentos". E a essas mesmas pernas isoladas, sem as bambolinas, dá-se o nome de *bastidores*. Aos desenhos de pedras, casas, arvores, lampeões, grades, etc., que ficam soltos no meio do palco dá-se o nome de traineis.

OS PANNOS DE BOCCA E DE FUNDO

Embora as duas cousas principaes num palco se chamem panno de bocca e de fundo, não aconselhamos a nossos amiguinhos que os colloquem sobre o panno nem que adoptem o velho systema de os enrolar para fazel-os subir. O melhor é collocal-os sobre papelão e fazel-os subir e descer inteiros, sem enrolar (que é como se faz nos theatros verdadeiros).

Para isso é necessario que o theatro tenha acima e abaixo do palco, um espaço egual á altura do mesmo palco. Abaixo do palco esse espaço chama-se o *porão*, e é o nosso caso do interior do caixote. Acima do palco onde estão dependurados os scenarios, chama-se *urdimento*.

Para obter o espaço de cima — espaço indispensavel para que a pessoa que dá a representação mova os personagens, mude os scenarios, etc. — o melhor é preparar as cousas do seguinte modo :

Colloquem o theatro, no vão de uma porta. O caixote será collocado sobre uma taboa estendida sobre duas cadeiras. Depois fechem a porta com uma cortina, ou simplesmente um grande papel, tendo no centro um buraco no qual apparece sómente o frontespicio do theatro. Assim, os espectadores só vêem o frontespicio e o palco quando se levantar o panno de bocca.

E vocês, lá atraz, não precisarão estar com trabalhos complicados de machinismos. Tambem para fazer mudança de scenario, podem já ter collocado os *bastidores* e panno de fundo do novo scenario por detraz dos primeiros, se não forem maiores. Chegando a hora da mutação, será bastante suspender os scenarios que não servem mais. Perceberam ? Ora, muito bem ! Então repitam como se arma um theatrinho.

CONTRA-REGRA

CASA AMERICA E JAPAO

ARTHUR CHAVES & C.

Variado sortimento de tapetes, capachos, mobilias diversas para varandas e jardins.

❀ ❀

Grande variedade de carrinhos e velocipedes para creanças.

❀ ❀

Emporio de objectos de uso domestico para todos os tratamentos.

❀ ❀

Innumeros artigos especiaes para presentes de festas de Natal e Anno Bom.

Grande collecção de jogos, cartas, fichas, roletas e sportivos.

❀ ❀

Completo sortimento de artigos de verão como sejam, Geladeiras, urnas para aguas sorveteiras, transparentes diversos, esteirinhas para cama, leques, etc, etc.

❀ ❀

Objectos de arte para adorno e presentes.

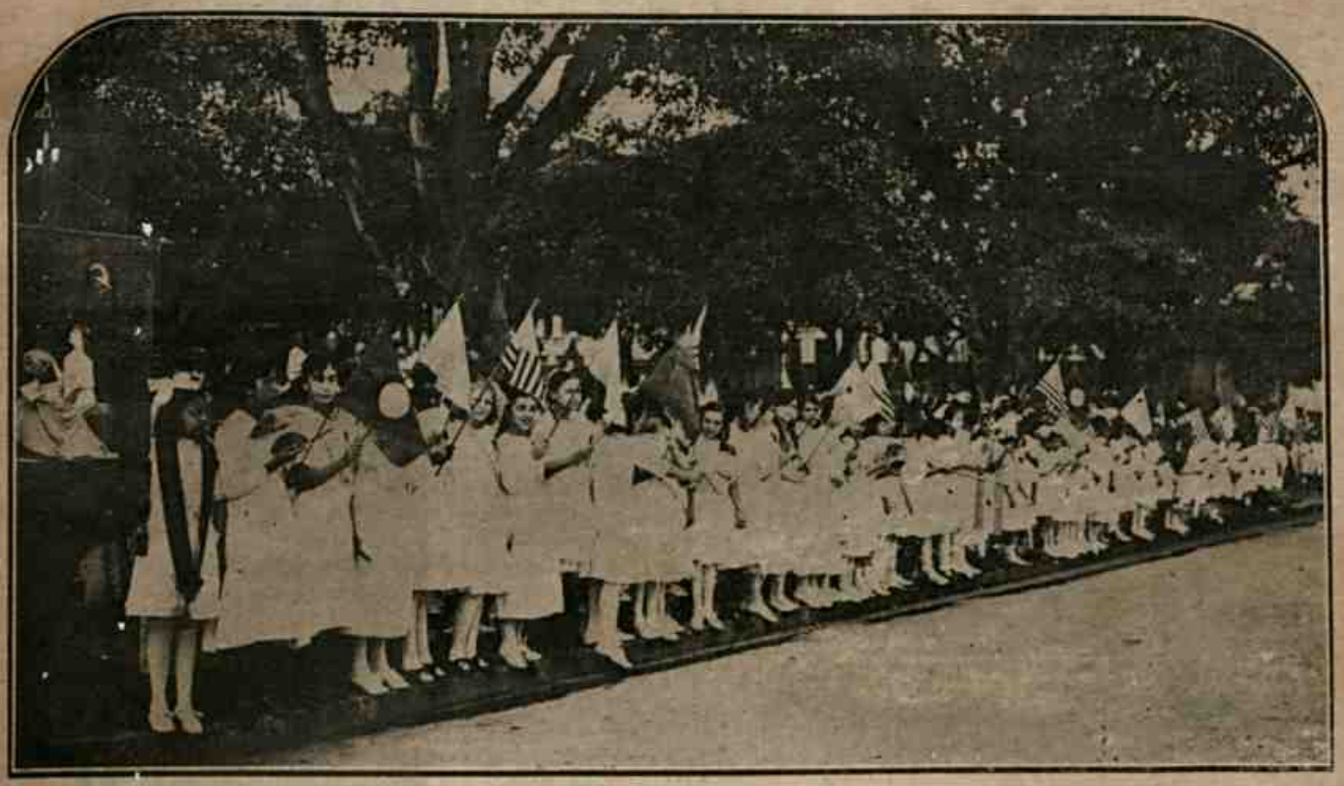
❀ ❀

Exposição permanente das ultimas novidades.

74, RUA DO OUVIDOR, 74

Telephone, 3031 Norte

RECORDAÇÃO DO «15 DE NOVEMBRO»



Meninas das escolas municipaes do Districto Federal, que, no Arsenal de Marinha, receberam com flôres e canticos a officialidade do couraçado argentino "Moreno", vindo ao Rio especialmente para saudar a data da proclamação da Republica brazileira. E foi ahi, deante d'esse quadro, que o chanceller brazileiro disse ao ministro argentino : "Vêde, S.r. ministro ! São as futuras mães brazileiras que acclamam a Argentina !"

ELOGIO MUTUO

Têm nossos indios uma planta
A que elles chamam paricá,
A quem a toma, enleva e encanta,
E tal ventura, em sonhos, dá,
Como lhe não daria tanta
A propria fôrça de Tupá.

Para tonril-a, o indio procura,
Ao som selvagem do boré,
Uma outra humana creatura
Que no remedio tenha fé.
— E' assim que ordena, da espessura
Da grande selva, o seu pagé.

Pulverisada a planta forte
Põe dois punhados o tupy
Pelo orificio e pelo córte
De fino e leve taquary;
E cada bugre, d'esta sorte,
Toma um pedaço para si.

Feito isso, cada companheiro
Põe no nariz do outro, sem dó,
O seu canniço e, traiçoeiro,
Sôpra lá dentro o negro pó.
— E dórme, assim, cada guerreiro.
E tem seu sonho de Jacob...

—

O' tú, que lês a minha historia,
Dize : em que gente pensas tú
Onde a fortuna transitoria
D'este selvagem bronzeo e nú ?
— Quantos mortaes não vão á gloria
Com dois pedaços de bambú !...

MICROMEGAS

A Verdade e a Mentira

Certa occasião perguntaram a Aristoteles, o philosopho da antiga Grecia, que é que a gente ganhava em dizer uma mentira, ao que elle promptamente replicou :

"Em ninguem nos dar credito quando falarmos a verdade."

DENTADURAS COMPLETAS

para mastigação. Articulação anatomica. Segurança perfeita em ambos os maxilares sem necessidade das incommodas e anti-hygienicas molas de espiral. Trabalho executado por processo moderno. Exito garantido--DR SA' REGO

CLINICA NOCTURNA--Das 5 ás 10 horas. Para as pessôas que não dispoem de tempo durante o dia. Preços modicos.--RUA DO CARMO 71, esquina da rua do Ouvidor.

O MALHO

A revista de maior popularidade e de maior circulação em todo o Brazil

Ha já dezeseis annos que *O Malho* illustra a nossa imprensa periodiça sempre na defeza das causas nacionaes, reflectindo, a proposito de cada assumpto, a verdadeira e legitima preferencia do povo.

Cada numero d'*O Malho* é o archivo risonho dos factos de uma semana, e a sua collecção é a historia do Brazil contada pelo lapis, pela photographia e pela penna. Os mais estimados dos nossos caricaturistas enchem de graça, benevolente ou cruel, as suas paginas. Os instantaneos dos ultimos acontecimentos, em nitidos *clichés*, fixam os aspectos de tudo o que se passa de notavel na Capital Federal e nos Estados. As notas, as chronicas, os versos, serios ou alegres, que formam o texto d'*O Malho*, guardam nas suas palavras o espirito e o sentimento de uma época.

Por essa somma de qualidades, *O Malho* é, no Brazil a publicação que mais vale a pena assignar-se. Além de tudo, ella custa pouco, pois suas assignaturas têm os preços seguintes: um anno, 15$000, seis mezes, 8$000.

As assignaturas começam em qualquer tempo, mas terminam em Março, Junho, Setembro e Dezembro.

As pessoas que desejarem assignar *O Malho* devem escrever directamente ao Sr. Antonio Agnello, da admistração d'*O Malho* (Rua do Ouvidor, n. 164-Rio), enviando ao mesmo tempo, sobre registro, a importancia correspondente a um anno ou seis mezes.

Preços de assignaturas d'O MALHO; anno, 15$; seis mezes, 8$

Transcripto d'«A Boa Nova»

A VIDA DA ENGUIA

Por suas extraordinarias particularidades, a vida d'esse curioso peixe tem despertado a attenção dos estudiosos. Durante seculos a sciencia foi impotente para penetrar nos mysterios d'essa vida e ainda hoje resta alguma cousa a pesquizar. Em todo o caso o que os naturalistas já conseguiram esclarecer é bastante para mostrar quanto póde interessar, a titulo de curiosidade, um pequeno resumo d'essas pesquizas.

Se no mappa do Atlantico Norte traçarmos um triangulo, cujos lados comprehendam as ilhas de Faroe, os Açores e as Bermudas, dentro d'esse espaço é que as enguias têm a sua principal origem.

E' nas grandes profundezas do oceano, que esse peixe começa a viver, tendo seu primeiro estado uma organisação indefinida, transparente, incolor, sem fórma, como um dos milhões de milhões de ovos que a enguia-mãi põe, morrendo em seguida.

O ovo transforma-se em larva, uma cousa quasi imperceptivel, fina como uma navalha, transparente, parecendo apenas uma condensação da propria agua; só os olhos, duas ligeiras manchas escuras, podem fazer suspeitar de que seja um animal. Aos poucos a larva vai crescendo e chega a trez pollegadas de comprimento, sem se alimentar de cousa alguma, e, sempre a mover-se, rapidamente, incessantemente, procurando as camadas mais elevadas da agua e dirigindo-se para uma região da costa. Milhas e milhas as aguas são invadidas por esses pequenos seres que partem das suas regiões nativas. Vão em bandos, de milhões e milhões, guiadas pelo instincto, e ao mesmo tempo vão soffrendo transformações completas em seu organismo.

Perdem grande parte do peso e tomam a fórma d'um pedaço de fita. Depois começam a engrossar nos lados, e ficam com uma apparencia de agulha de *crochet*.

Continuam porém incolores e sem tomar qualquer especie de alimento,

Emquanto voja a enguia vai caçando e crescendo em tamanho e força até se tornar o terror das aguas.

persistindo sempre na sua longa travessia, em direcção á terrra.

Um dia, emfim, attingem as proximidades da praia. Mas a viagem não termina: guiada sempre pelo mysterioso destino a enguia multiplica as suas diligencias á procura da fóz de algum rio. Afinal encontra-a e penetra por ella, depois de muitos mezes de travessia, sem comer e despendendo grandes energias, pois não teve um momento de repouso, viajando, viajando sempre. Com a mudança, porém, para a agua corrente o appetite desperta, e com a fome vem a côr, que começa pela cauda e vae, em manchas, amarello ouro apparecendo pelos flancos. Ao mesmo tempo attinge a sua completa formação. Nasce-lhe uma cadeia de espinhos, cobertos por uma membrana, maior na cauda. As pequenas nadadeiras surgem-lhe de junto á guelra e tomam a forma definitiva de barbatanas.

Então, parece viver exclusivamente para uma cousa: comer. A sua voracidade não encontra limites. Come os ovos dos outros peixes e ataca até os peixes de grandes dimensões, devorando-os em poucos minutos.

Calo-pé O unico remedio que tira CALOS EM TRES DIAS

Uzai e direis a todos o resultado encontrado

Vidro 1$500 Vende-se em todas as pharmacias, perfumarias e drogarias do Brazil. Deposito Drogaria Carlos Cruz. —o— Agente geral no Rio de Janeiro J. LAPENNE — Praça Tiradentes 38 — TELEP. 648 C.

COMO SE USA

Atira-se contra as pedras e remove-as para caçar os peixinhos que ali se escondem. Penetra nos buracos, procurando sempre o que comer. A' noite desenvolve ainda mais a sua actividade e emquanto caça, vae sempre caminhando, rio acima, nunca retrocedendo no seu caminho e penetrando pelos pequenos ribeiros e corregos.

A sua cabeça em forma de pá, vae sempre escavando á procura de presas, Atravessa lagos e até em terra secca— pois a enguia, tem a faculdade de viver longo tempo fóra d'agua — arrasta-se, como uma cobra, sempre a caçar.

E emquanto caça, vae crescendo e tornando-se mais forte e mais feroz até que chega a constituir-se o terror das aguas onde habita.

No fim de cinco ou seis annos, as femeas attingem ao comprimento de trez a quatro pés, e os machos um pouco menos.

Então, uma estranha cousa acontece. Como que obedecendo a um imperioso chamado, a enguia parte repentinamente do logar onde se acha para a região de onde veiu, nas mais profundas partes do oceano. Cessam então as horriveis caçadas. Cessa a enguia de se alimentar e começa a sua longa jornada de regresso atravéz das aguas. Outro phenomeno se opera : a enguia torna-se mais fina, os olhos crescem muito e adquirem um forte brilho; a sua côr amarello—ouro transforma-se num prateado escuro. As femeas levam os germens das novas gerações. Assim como vieram, voltam em grandes cardumes, todas a um tempo, batendo, velozes, as nadadeiras, os machos na frente e as femeas á rectaguarda, numa viagem directa, sem alimento, sem descanço, durante um anno.

Mesmo fóra d'agua a enguia póde viver longo tempo, movendo-se como uma cobra e continuando as caçadas...

Se se encontrar presa na epoca em que parece receber o mysterioso chamado para o logar onde nasceu, a enguia, não podendo romper o captiveiro e obedecer á ordem mysteriosa, esmorece e morre. Não lhe é possivel expellir os ovos noutra região que não seja justamente aquella que a natureza lhe destinou.

Tambem as que voltam, voltam d'uma vez, e depois de expellirem os ovos, aos milhões de milhões, morrem, cumprindo assim a sua missão.

Os sabios não conseguiram ainda penetrar nos detalhes d'este phenomeno : se as enguias vão definhando, depois de lançarem os germens da nova geração ou se morrem logo em seguida. O que é certo, porém, é que ellas só fazem uma jornada na sua vida; das profundezas do oceano aos corregos, e d'ahi ás profundezas originarias; e que, desde que nascem até que attingem a completa formação, e desde que estejam para procrear, até á morte, as enguias não se alimentam de cousa alguma; sendo, porém, no periodo intermediario das duas épocas os mais vorazes e ferozes de todos os peixes.

EXPERIMENTEM
Perfumarias "AUREUS"
Extractos, Loções, Pós de arroz, Aguas de toilette,
Brilhantinas, Oleos, Pastas, Dentifricios, etc.
Productos garantidos e finamente perfumados. Restitue-se
a importancia si no uso não agradarem
DEPOSITARIO:
F. FAULHABER
119, RUA MARECHAL FLORIANO, 119
RIO DE JANEIRO

O pequeno Abrahão e um grande exemplo de amor filial

Os retratos que os nossos leitoresinhos aqui vêem são do pequeno Abrahão, de doze annos, e sua mãi, a viuva Rita de Oliveira.

Rita, desde que perdera o marido, era obrigada, apezar de fraca e doente, a trabalhar o dia inteiro, como lavadeira, mal ganhando para comer e sustentar o filho, seu companheirinho meigo, o alivio das lagrimas de seu infortunio.

Moravam ambos, este anno, num rancho miseravel, dos muitos armados no morro de S. Carlos, aqui no Rio, nos quaes se accumula gente de toda a especie, havendo no meio de pobres honestos homens e mulheres capazes de todos os crimes. Não podendo pagar os alugueis que em outros pontos da cidade são cobrados, Rita sujeitou-se a viver alli.

Um dia, que estava no seu serviço, debruçada sobre a tina, a lavadeira começou a ser provocada por uma preta, desordeira conhecida que era temida por todos. Ficou calada, suppondo assim acalmar a perversa. Esta porém, excitada com as proprias palavras, olhos avermelhados pelo alcool, avançou sobre a infeliz creatura, empurrou-a ao chão e começou a bater-lhe furiosamente.

Abrahão, que estava ao lado, poz-se a gritar por soccorro. Vieram varias pessoas, mas, receiosas, não intervieram. O pequeno, desesperado, pedia pelo amôr de Deus que livrassem sua mãi

O menino Abrahão e sua mãi

da criminosa. Ninguem o attendia. De repente a enfurecida agarrou o pescoço de Rita e ia estrangulal-a.

O pequeno, não podendo dominar com os franzinos braços a possante mulher, não hesitou, entretanto, deante do enorme perigo: tomou um grande páu que estava proximo e com elle, correndo, deu uma pancada tão forte na cabeça da preta, que esta cahiu, soltando a victima. Abrahão salvara a mãizinha.

O gesto d'esse bom menino, defendendo sua mãi, commoveu todo o Rio de Janeiro, como a todos commoveram as suas phrases, quando foi levado á policia.

— O senhor acha que fiz mal ? disse elle a alguem, na delegacia. E' porque o senhor não tem mãi. Que seria de mim sem minha mãi, que é tão bôa, coitada !

E' um exemplo dos mais lindos.

— Os allemães são muito máus para os filhos.

— Por que ?

—Obrigam os coitadinhos a aprender uma lingua tão difficil...

Calçados finos
Casa Lord
Tel. 1799
R. da Carioca, 30

OS POSTIÇOS DA
CASA Eritis
SÃO OS QUE MAIS IMITAM A NATUREZA
OS NOSSOS PREÇOS SÃO MODERADOS
Salões reservados para os experimentar gratuitamente
COIFFEUR DES DAMES
Tinturas — Ondulações — Productos de Belleza Eritis — Pentes de Fantazia —
Para conservar a cor dos cabellos uzar só
BRILHANTINA ERITIS
Esta casa não tem imitação, só trabalha com cabellos naturaes.
Serviço especial em cortes de cabellos de creança.
A 2$000
Satisfazem-se pedidos de catalogos
78--RUA DA URUGUAYANA--78
Telephone 1313 Central RIO DE JANEIRO

ENVELOPPEUR A
60$000 80$000 100$000

BAZAR AMERICA

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE ARTIGOS JAPONEZES

Porcellanas, Crystaes e Louças

Artigos de fantasia para presentes

Trem de cozinha, Talheres de christofle, etc., etc.

ENDEREÇO TELEG.:
Wester Nacional
BAZAR
Cod. Bras. Universal

BAPTISTA & FONSECA

38, Rua Uruguayana, 40

Telephone 827 Central — Rio de Janeiro

NEVAL

SABONETE DE LUXO

PRODUCTO AMERICANO

A VERDADEIRA HYGIENE DA PELLE

Para uso no toilette das damas e especialmente no banho das creanças

O **Sabonete NEVAL** é de acção benefica e de agradibilissimo perfume. Sua manipulação escrupulosamente feita, contém productos medicinaes e essencias naturaes

Dentre os seus similares elle suplanta, pois além de suas propriedades antisepticas e medicamentos tem o poder de aformosear dando a pelle um *tom de belleza*.

Seu uso no banho

No banho pela sua acção medicamentosa, extingue todas as irritações e inflamações cutaneas, renova a elasticidade da pelle e dá um aveludado ideal. E' um verdadeiro calmante.

Seu uso para a barba

Todos aquelles que fazem a barba a si proprio, devem preferil-o, pois produz uma espuma abundante, muito perfumosa, ao mesmo tempo cura qualquer irritação e previne outras outras affecções desagradaveis.

Seu uso no banho das creanças

Seu emprego, especialmente no banho das creanças é como um especifico curador e grande antiseptico. Devem as mães, as mais zelosas, usal-o em abundancia, prevenindo assim grandes males aos seus innocentes filhinhos.

Seu uso como correctivo do suor

Quando apos esforços transpirar-se, e o suor tornar-se encommodativo, applica-se o **Sabonete NEVAL** que faz desapparecer por completo este mal. Elle cura qualquer vicio da pelle que produza o suor desagradavel.

E' uma recommendação o uso do **Sabonete NEVAL**, que reclama muita attenção dos senhores viajantes, como preservativo de molestias contagiosas.

VENDE-SE EM TODO O BRAZIL

Nas Perfumarias. Pharmacias e Drogarias

DEPOSITO: ARMAZENS **GASPAR**

PRAÇA TIRADENTES, 18 e 20—RIO

AGUA BRANCA NEVAL

O X da belleza ou o sonho das damas elegantes

Moça, olha "O Malho"!

E realmente, a moça o olhou, comprou e leu, verificando ser «O Malho» o «leader» dos semanarios illustrados do Brasil, cheio de tradições gloriosas, que de semana em semana remoça na graça satyrica das suas «charges», na apresentação da mais completa reportagem photographica nas diversas secções, commentando os casos da actualidade. Todos os sabbados "O Malho" offerece aos seus milhares de leitores os acontecimentos dos ultimos dias, em nitidos "clichés"; caricaturas de J. Carlos, Luiz Peixoto e outros notaveis artistas; um artigo sobre o momento politico, notas da semana, critica theatral, dados a respeito da avicultura e pecuaria; retratos graphologicos, charadas, xadrez, musica; a Caixa d'"O Malho", collaboração dos poetas novos, etc., etc., etc. Sempre na defesa das classes populares, a velha revista vive do povo para o povo!

BIOTONICO
FONTOURA

O PROTECTOR DA SAUDE

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE